

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Escola de Engenharia  
Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil

Qualificação de Espaços Abertos em Instituições de Longa Permanência  
para Idosos

Sérgio Luiz Valente Tomasini

Porto Alegre  
2008

Sérgio Luiz Valente Tomasini

**QUALIFICAÇÃO DE ESPAÇOS ABERTOS EM INSTITUIÇÕES  
DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

TESE APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ENGENHARIA CIVIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE DO SUL, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA  
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM ENGENHARIA.  
ORIENTAÇÃO: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. BEATRIZ FEDRIZZI.  
CO-ORIENTAÇÃO: PROF. DR. JOHANNES DOLL

Porto Alegre  
2008

T655q Tomasini, Sérgio Luiz Valente

Qualificação de espaços abertos em instituições de longa permanência para idosos / Sérgio Luiz Valente Tomasini. – 2008.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil. Porto Alegre, BR-RS, 2008.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Maria Fedrizzi

Co-Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

1. Instituições de longa permanência para idosos. 2. Construção civil – Espaços abertos. 3. Construção civil – Planejamento. 4. Design social. I. Fedrizzi, Beatriz Maria, orient. II. Doll, Johannes, co-orient. III. Título.

CDU-69:658(043)

SÉRGIO LUIZ VALENTE TOMASINI

**QUALIFICAÇÃO DE ESPAÇOS ABERTOS EM INSTITUIÇÕES  
DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

Esta tese de doutorado foi julgada adequada para a obtenção do título de DOUTOR EM ENGENHARIA, Área de Construção, e aprovada em sua forma final pelo professor orientador e pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, dezembro de 2008

**Profa. Beatriz Maria Fedrizzi**  
PhD., Swedish Univ. of Agricultural  
Sciences, SLU/ALNARP, Suécia  
Orientadora

**Prof. Johannes Doll**  
PhD., Universität Koblenz Landau, U.K.L.,  
Alemanha.  
Co-orientador

**Prof. Fernando Schnaid**  
PhD., University of Oxford, Grã Bretanha  
Coordenador do PPGEC/UFRGS

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Maria Lúcia Tiellet Nunes (PUC/RS)**  
Dra., Instit. Psicológico da Univ. Livre de  
Berlim, Alemanha

**Prof. Carlos Torres Formoso (UFRGS)**  
Ph.D. Salford University, Grã Bretanha

**Profa. Cláudia Petry (UPF/RS)**  
Dra., Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne),  
França

**Prof. Sergio Antonio Carlos (UFRGS)**  
Dr., Pontifícia Universidade Católica/SP

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas que vivem em Instituições de Longa Permanência para Idosos e a todos aqueles que trabalham, de forma direta ou indireta, para tornar esses lugares melhores e mais dignos para se viver.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço ao Lar Otília Chaves por ter aceitado participar desta pesquisa. Obrigado pela confiança e pela abertura necessária ao desenvolvimento da mesma. Agradeço ao Conselho Diretor da casa e a todos os funcionários, que sempre se mostraram dispostos a ajudar no que fosse preciso. Por fim, e principalmente, obrigado a todas às senhoras residentes nessa instituição. Àquelas que abraçaram de forma surpreendente essa pesquisa, participando com afinco das atividades, e também àquelas que não participaram diretamente, mas sempre demonstraram interesse no “que estava acontecendo” na casa. Obrigado pelo seu envolvimento, seu apoio, seu carinho e pelo compartilhamento de suas experiências de vida.

Agradeço à minha orientadora, Beatriz Fedrizzi, em primeiro lugar, pela sua confiança e pela sua crença no potencial desta pesquisa e na minha capacidade de desenvolvê-la. Obrigado pelo apoio, pelo conhecimento transmitido e pela sua infinita paciência.

Ao meu co-orientador Johannes Doll por me apresentar a gerontologia e as possibilidades de conexão dessa área de conhecimento com o planejamento do ambiente construído, através da sub-área da gerontologia ambiental. Obrigado pela sua amizade, por sua recepção e encaminhamento até a Universidade de Heidelberg, bem como pelos importantes contatos com os pesquisadores dessa Universidade (Profs. Hans-Werner Wahl e Michael Doh).

Às colegas e amigas Simone Alves e Vera Rojas, que trabalharam em conjunto com este pesquisador durante a etapa de campo da pesquisa, sempre dispostas a participar de todas as atividades desenvolvidas na instituição participante, bem como nas reuniões de avaliação e reflexão sobre as etapas da investigação. Obrigado pela sua paciência, pelo seu envolvimento e pelo seu altruísmo, ao se dedicar a um trabalho tão longo sem receber qualquer remuneração financeira.

Aos pesquisadores que fizeram parte dos seminários interdisciplinares que apoiaram o desenvolvimento desta pesquisa em seu nível reflexivo: Prof<sup>a</sup> Odair Perugini de Castro (UNITI/UFRGS), Professor Sergio Antônio Carlos (PPGP/UFRGS) e Lucas Graeff, então

mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS. Além dos já citados orientador e co-orientador desta pesquisa, respectivamente, Prof<sup>ª</sup> Beatriz Fedrizzi e Prof. Johannes Doll, e das pesquisadoras que participaram da equipe de campo da pesquisa: Vera Rojas e Simone Alves.

Ao professor Carlos Torres Formoso, pelo seu conhecimento compartilhado na disciplina de Métodos Qualitativos de Pesquisa. A seriedade e a clareza de suas idéias sobre pesquisa qualitativa transformaram irreversivelmente minha visão e meu julgamento sobre a essência do conhecimento científico.

À professora Maria Lúcia Tiellet Nunes, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-RS, por ter se disposto a intermediar os primeiros contatos com os membros da comunidade metodista de Porto Alegre a fim de buscar aprovação para a realização da pesquisa no Lar Otília Chaves.

Ao CNPq, pelo auxílio financeiro prestado nos primeiros anos do doutorado, sem o qual não teria sido possível iniciar esta empreitada.

Aos colegas e amigos do NORIE pela sua amizade, companheirismo e pelas férteis discussões intelectuais, dentro e fora da Universidade, sempre tão características entre os grupos de alunos que passam pelo prédio “Castelinho”.

Aos colegas e amigos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, com os quais cursei duas disciplinas relacionadas ao envelhecimento humano. Obrigado pela sua amizade e pelo compartilhamento de visões e de experiências tão distintas (e ao mesmo tempo complementares) sobre esse fenômeno tão complexo e instigante.

À Floricultura Winge por ter recebido as idosas e a equipe de campo da pesquisa em suas instalações, proporcionando uma atividade tão prazerosa e didática para o grupo. Obrigado também pela sua gentileza em se dispor a ceder parte das mudas para a execução do projeto para melhoria dos espaços abertos da instituição, posteriormente ao desenvolvimento da pesquisa.

À Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Porto Alegre e, em especial, à gerente técnica da Zonal Centro, Regina Patrocínio, e ao Diretor da Divisão de Administração de Parques, Praças e Jardins, Márcio Del Pino, pela compreensão e apoio imprescindíveis à finalização desta tese.

À Cláudia Petry, que sempre estará presente em todos os agradecimentos que eu fizer relacionados à minha vida profissional e acadêmica, por ter sido minha primeira orientadora e por ter sempre me incentivado no desenvolvimento de meu trabalho, seja através de seus exemplos, seja através de suas palavras.

Ao Professor Michael Doh da Universidade de Heidelberg, por ter me recebido tão gentilmente nessa universidade e ter me dado acesso ao preciosíssimo e completo acervo da biblioteca especializada em gerontologia dessa instituição.

À minha família, sempre amorosa, compreensiva, presente e próxima, apesar da distância.

Ao amor da minha vida, Luciane Campana, por ter um dia cruzado meu caminho e ter decidido não sair mais dele. Seu amor, seu companheirismo e sua presença incondicional ao meu lado em todas as situações e circunstâncias, são e sempre serão indispensáveis para qualquer conquista em minha vida.



Por acaso, surpreendo-me no espelho:  
Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu?  
Porém, seu rosto ... é cada vez menos estranho ...  
Meu Deus, meu Deus ...  
Parece meu velho pai - que já morreu!  
Como pude, ficamos assim  
Nosso olhar duro interroga:  
"O que fizeste de mim?" Eu pai? Tu é que me invadiste.  
Lentamente, ruga a ruga... Que importa!  
Eu sou ainda aquele mesmo menino teimoso de sempre  
E os teus planos enfim lá se foram por terra,  
Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra!  
Vi sorrir nesses cansados olhos um orgulho triste...

*Mário Quintana*

## RESUMO

TOMASINI, S.L.V. *Qualificação de Espaços Abertos em Instituições de Longa Permanência para Idosos*

O envelhecimento populacional é hoje um fenômeno observado mundialmente. Dentre as preocupações em oferecer qualidade de vida a essa crescente população, destaca-se a necessidade de ambientes de moradia mais adequados às necessidades dos idosos. Nesse contexto, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), constituem uma importante alternativa de habitação para idosos em condições de vulnerabilidade social. A legislação brasileira tem avançado no sentido de exigir a qualificação dos ambientes físicos dessas instituições, estando, porém, ainda muito limitada ao estabelecimento de normas técnicas para as edificações que as abrigam. As áreas externas ou espaços abertos, apesar da sua importância para a qualidade de vida do idoso, permanecem pouco atendidos pela legislação vigente e quase inexplorados no âmbito das pesquisas envolvendo o ambiente construído. Observa-se também, na pesquisa em ambiente construído, pouca articulação com as contribuições teóricas dos estudos sobre o envelhecimento humano, as quais podem auxiliar na compreensão das necessidades desse grupo de usuários sobre seus ambientes físicos. Esta pesquisa se dedica, portanto, a investigar o tema dos espaços abertos junto às ILPIs, a fim de contribuir para melhor informar a pesquisa e a prática voltadas à qualificação das instituições desta natureza. Foca-se o processo de planejamento como um meio para produção de espaços abertos mais congruentes com as necessidades do usuário idoso, através da articulação com o referencial teórico dos estudos sobre o envelhecimento. Com o objetivo de gerar subsídios para o processo de planejamento nesse sentido, foi realizada uma pesquisa-ação em uma ILPI localizada no município de Porto Alegre- RS, a qual foi composta de três ciclos: O primeiro ciclo consistiu na preparação do pesquisador para trabalhar com o tema do envelhecimento humano e na estruturação de um grupo interdisciplinar de pesquisadores que apoiaram a pesquisa em seus procedimentos reflexivo e prático. O segundo e terceiro ciclo corresponderam, respectivamente, à adaptação e à aplicação do conceito de *design* social ao planejamento dos espaços abertos dessa instituição. Esse

conceito, proposto como uma ligação entre o planejamento do ambiente construído e as ciências comportamentais, pressupõe o envolvimento direto dos usuários no processo de projeto a fim de produzir ambientes mais congruentes com suas necessidades. No segundo ciclo, estudou-se a adaptação de diferentes métodos de coleta de dados e técnicas de envolvimento dos usuários relacionados ao conceito de *design* social. A análise dos dados desse ciclo resultaram na proposição de um método participativo de planejamento adaptado à realidade das ILPIs. O último ciclo consistiu na aplicação do método proposto para o planejamento dos espaços abertos da ILPI participante da pesquisa. Ao término desse ciclo, foi realizada a avaliação da pesquisa pelos seus participantes. Os resultados da pesquisa apontam o planejamento de espaços abertos de ILPIs, através da aplicação do conceito de *design* social, como uma estratégia que pode melhorar as relações dos idosos com os ambientes institucionais, ao atuar positivamente tanto na dimensão ambiental quando na dimensão pessoal dessa relação.

**Palavras-chave:** Planejamento do Ambiente Construído; *Design* Social; Espaços Abertos; Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs)

## ABSTRACT

TOMASINI, S.L.V. *Improving Open Spaces at Long Term Stay Institutions for the Elderly (ILPI-Instituições de Longa Permanência para Idosos)*

An aging population is now a worldwide phenomenon. Outstanding among the concerns in offering quality of life to this growing population is the need for living environments that are more appropriate to the needs of the elderly. In this context, the Long Term Stay Institutions for the Elderly (ILPIs - Instituições de Longa Permanência para Idosos) are an important alternative for housing elderly people in a situation of social vulnerability. Brazilian legislation has advanced in requiring the physical qualification of these institutions, but it is still mainly limited to the technical standards for the buildings that house these facilities. Despite their importance for the quality of life of the aged the outdoor areas or open spaces are not taken into account much by current legislation, and are almost unexplored within the scope of research involving the built environment. In the research on the constructed environment, little articulation is found with the theoretical contributions of studies on human aging, which might help understand the needs of this group of users regarding their physical environments. This research is therefore dedicated to investigating the subject of open spaces at ILPIs, in order to inform research and practice for the qualification of this kind of institution. The planning process is looked at as a means to produce open spaces that are more congruent with the need of the elderly user, by articulating with the theoretical referents of studies on aging. In order to generate further information for the planning process, action-research was performed at an ILPI in the municipality of Porto Alegre-RS, consisting of three cycles: The first cycle consisted of preparing the researcher to work on the topic of human aging and in structuring an interdisciplinary group of researchers who supported the reflexive and practical procedures of the study. The second and third cycle corresponded, respectively, to the adaptation and implementation of the concept of social design to planning the open spaces of this institution. This concept, proposed as a connection between planning the constructed environment and behavioral sciences, presupposes the direct involvement of users in the project processes, in order to produce environments that are more appropriate to their needs.

During the second cycle, the adaptation of different methods of data collection and techniques to involve the users was studied, involving the concept of social design. Analysis of the data of this cycle led to proposing a participatory planning method adapted to the realities of the ILPIs. The last cycle consisted in applying the method proposed to planning the open spaces at the ILPI that participated in the study. At the end of this cycle the research was evaluated by the participants. The results of the study indicate planning the open spaces of ILPIs by applying the concept of social design as a strategy that could improve relations between the elderly and the institutional environments, acting positively both on the environmental dimension and on the personal dimension of this relationship.

**Key words:** Planning the Built Environment; Social Design; Open Spaces; Long Term Stay Institutions for the Elderly (ILPIs- Instituições de Longa Permanência para Idosos)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	28
2.1 O AMBIENTE CONSTRUÍDO E O USUÁRIO IDOSO.....	28
2.1.1. Gerontologia Ambiental.....	30
2.1.1.1 Teorias em gerontologia ambiental.....	32
2.1.2 A instituição como habitação.....	35
2.1.2.1 Qualificação de ambientes em instituições.....	38
2.2 OS ESPAÇOS ABERTOS COMO UM RECURSO.....	43
2.2.1 Qualificação dos espaços abertos.....	48
2.3 PROJETO E PARTICIPAÇÃO DOS USUÁRIOS.....	53
<b>3 MÉTODOS DE PESQUISA</b> .....	58
3.1 ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA E ESTRATÉGIA DE PESQUISA.....	59
3.2 JUSTIFICANDO AS OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	68
3.3 ESTRUTURA E DETALHAMENTO DOS CICLOS DA PESQUISA.....	74
3.3.1 Primeiro ciclo: Preparação do pesquisador.....	76
3.3.2 Segundo ciclo: adaptação do conceito de <i>design</i> social.....	82
3.3.3 Terceiro ciclo: aplicação do conceito de <i>design</i> social.....	88
3.3.4 Espiral de Aprendizagem do Pesquisador.....	90
3.4 CUIDADOS COM VALIDADE E RIGOR.....	93
3.5 CUIDADOS ÉTICOS.....	96
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	99
4.1 PREPARAÇÃO DO PESQUISADOR.....	102
4.1.1 Familiarização com o tema do envelhecimento e integração com pesquisadores e profissionais de outras áreas.....	104
4.1.2 Primeiro seminário interdisciplinar: formação do grupo de trabalho e seleção da instituição.....	112

4.1.3	Resumo do primeiro ciclo.....	120
4.2	ADAPTAÇÃO DO CONCEITO DE <i>DESIGN SOCIAL</i> .....	121
4.2.1	Aprovação da pesquisa pela instituição.....	123
4.2.2	Descrição da instituição.....	124
4.2.2.1	Aspectos gerais.....	124
4.2.2.2	Instalações físicas.....	126
4.2.3	Estudo de necessidades.....	135
4.2.3.1	Relações passadas com jardins e plantas.....	137
4.2.3.2	Comportamento em relação às áreas externas da instituição.....	144
4.2.3.3	Necessidades e preferências em relação às áreas externas da instituição.....	156
4.2.4	Envolvimento dos usuários.....	163
4.2.4.1	Reunião geral com as residentes.....	166
4.2.4.2	Reunião com os funcionários.....	168
4.2.4.3	Plantio em homenagem ao “Dia da Árvore”.....	168
4.2.4.4	Atividade com fotografias e excursão pelas áreas externas da instituição.....	171
4.2.4.5	Segundo seminário interdisciplinar.....	176
4.2.4.6	Atividade com livros e revistas de paisagismo.....	181
4.2.4.7	Visita à Floricultura.....	186
4.2.5	Diretrizes de projeto.....	188
4.2.5.1	Apresentação da maquete da instituição e imagens sobre possibilidades de projeto.....	192
4.2.5.2	Reconhecimento dos locais sugeridos.....	194
4.2.5.3	Eleição da área a ser trabalhada.....	196
4.2.6	Resumo do segundo ciclo.....	199
4.3	APLICAÇÃO DO CONCEITO DE <i>DESIGN SOCIAL</i> .....	201
4.3.1	Um jardim para o Lar.....	204
4.3.1.1	Ajustando os requisitos de projeto à área escolhida.....	205
4.3.1.2	Elaboração da proposta.....	206
4.3.1.3	Apresentação da proposta.....	211
4.3.1.4	Detalhamento da proposta.....	213
4.3.1.5	“Feira de Natal”.....	215

4.3.1.6 Plantio da floreira.....	217
4.3.1.7 Confraternização e encerramento das atividades.....	218
4.3.2 Avaliação da pesquisa pelos participantes.....	221
4.3.2.1 Entrevistas com idosas.....	221
4.3.2.2 Diálogos com a equipe de campo.....	226
4.3.2.3 Terceiro seminário interdisciplinar.....	229
4.3.3 Conectando teorias.....	231
4.3.4 Resumo do terceiro ciclo.....	238
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>241</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>248</b>
<b>7 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....</b>	<b>256</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>259</b>
<b>Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>260</b>
<b>Apêndice 2 – Roteiro de entrevista com usuários.....</b>	<b>263</b>
<b>Apêndice 3 – Sistematização dos conteúdos dos seminários interdisciplinares.....</b>	<b>265</b>
<b>Apêndice 4 – Imagens feitas a partir das áreas externas da instituição (usadas em atividade com idosas).....</b>	<b>268</b>
<b>Apêndice 5 – Imagens relacionadas às características que definem a utilização das áreas externas (usadas em atividade com idosas).....</b>	<b>271</b>
<b>Apêndice 6 – Solicitação de autorização para realização de atividade externa.....</b>	<b>276</b>
<b>Apêndice 7 – Cédula de votação para escolha do espaço aberto a ser trabalhado e localização dos espaços.....</b>	<b>278</b>
<b>Apêndice 8 – Texto utilizado para solicitar doações para o projeto.....</b>	<b>280</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>282</b>
<b>Anexo 1 – Artigo publicado: “Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar” .....</b>	<b>283</b>
<b>Anexo 2 – Artigo publicado: “Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência”.....</b>	<b>297</b>
<b>Anexo 3 – Artigo submetido à avaliação para publicação: “Design social de áreas externas em instituições para idosos: uma proposta de aplicação em gerontologia ambiental”.....</b>	<b>313</b>



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Processo de refinamento da pesquisa-ação através de seus diferentes ciclos..	23
<b>Figura 2:</b> Representação esquemática do modelo de qualidade de vida na velhice.....	29
<b>Figura 3:</b> Modelo da Pressão-Competência.....	33
<b>Figura 4 :</b> Recomendações para o planejamento de espaços abertos junto a instituições para idosos em função de características a serem atendidas.....	51
<b>Figura 5:</b> Modelo sobre o estereótipo do atendimento do profissional frente ao idoso contrapondo-se com a atitude mais desejável.....	56
<b>Figura 6:</b> Características-chave dos paradigmas positivista e fenomenológico.....	63
<b>Figura 7:</b> Desenho da pesquisa a partir dos ciclos de aprendizado do pesquisador.....	75
<b>Figura 8:</b> Representação da pesquisa-ação em relação à evolução dos ciclos de aprendizagem do pesquisador.....	90
<b>Figura 9:</b> Objetivos e critérios de validade para pesquisa-ação.....	93
<b>Figura 10:</b> Níveis de reflexão da pesquisa e suas interações.....	95
<b>Figura 11:</b> Espaços abertos juntos à instituição.....	127
<b>Figura 12:</b> Entrada principal e fachada da edificação principal.....	128
<b>Figura 13:</b> Recepção utilizada como área de estar.....	128
<b>Figura 14:</b> Sala de estar junto ao refeitório.....	128
<b>Figura 15:</b> Corrimãos e piso antiderrapante no corredor de acesso aos dormitórios.....	129
<b>Figura 16:</b> Vista para área externa a partir de área de estar e televisão.....	130
<b>Figura 17:</b> Vista a partir de dormitório com orientação oeste.....	130
<b>Figura 18:</b> Vista a partir de dormitório com orientação leste.....	131
<b>Figura 19:</b> Predominância de espécies de grande porte, como o guapuruvú ( <i>Schizolobium parahyba</i> ), na frente do lote.....	132
<b>Figura 20:</b> Vista da vegetação aos fundos do lote.....	133
<b>Figura 21:</b> Gradil e portão de acesso aos fundos do lote.....	134
<b>Figura 22:</b> Mapa comportamental para 11 períodos de observação (de julho de 2005 a junho de 2006).....	146
<b>Figura 23:</b> Bancos e cadeiras junto à entrada da edificação.....	152
<b>Figura 24:</b> Bancos localizado no jardim da frente, em área gramada.....	152
<b>Figura 25:</b> Características relacionadas às frequências de utilização de áreas externas para duas ILPIs localizadas em Porto Alegre-RS.....	154
<b>Figura 26:</b> Moradora realizando a primeira rega da muda.....	170

<b>Figura 27:</b> Atividade com fotografias durante sessão com um dos grupos.....	173
<b>Figura 28:</b> Lagarto visualizado durante excursão pelas áreas externas (área circunscrita).....	174
<b>Figura 29:</b> Residentes em atividade com livros e revistas.....	184
<b>Figura 30:</b> Participantes do passeio junto a bandejas de mudas de flores.....	187
<b>Figura 31:</b> Áreas identificadas como opções para serem trabalhadas com as idosas.....	191
<b>Figura 32:</b> Maquete da instituição com figura humana na mesma escala em uma das áreas sugeridas.....	193
<b>Figura 33:</b> Imagem mostrada às idosas, ilustrando o uso de canteiros elevados.....	195
<b>Figura 34:</b> Floreira de concreto identificada pelas idosas na área ao lado dos dormitórios.....	196
<b>Figura 35:</b> Residente da instituição durante a votação.....	197
<b>Figura 36:</b> Atividade realizada no local escolhido pelas idosas.....	205
<b>Figura 37:</b> Localização da proposta em relação à área total da instituição.....	207
<b>Figura 38:</b> Proposta para o paisagismo da área escolhida pelas idosas.....	207
<b>Figura 39:</b> Canteiros elevados.....	209
<b>Figura 40:</b> Aspecto geral da “Feira de Natal”.....	216
<b>Figura 41:</b> Estande montado pelo grupo.....	216
<b>Figura 42:</b> Idosas participando do plantio da floreira.....	217
<b>Figura 43:</b> Floreira, banco e muro pintados de branco.....	220
<b>Figura 44:</b> Canteiro elevado construído com sobras de tijolos.....	220
<b>Figura 45:</b> Efeito hipotético do acesso a espaços abertos planejados sobre as relações idoso-ambiente.....	234

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Participação dos diferentes atores em relação aos componentes da pesquisa-ação durante os ciclos da pesquisa.....	80
<b>Tabela 2:</b> Artigos publicados e suas principais discussões.....	108
<b>Tabela 3:</b> Temas e principais discussões do primeiro seminário interdisciplinar.....	115
<b>Tabela 4:</b> Temas relacionados a experiências passadas com jardins e com a vegetação	139
<b>Tabela 5:</b> Temas relacionados a características das áreas externas que influenciam a sua utilização pelas idosas.....	148
<b>Tabela 6:</b> Temas associados a preferências das idosas em relação às áreas externas.....	160
<b>Tabela 7:</b> Ações relacionadas à adaptação da etapa de envolvimento dos usuários.....	165
<b>Tabela 8:</b> Temas e principais discussões do segundo seminário interdisciplinar.....	177
<b>Tabela 9:</b> Ações relacionadas à adaptação da etapa de estabelecimento de diretrizes de projeto.....	192
<b>Tabela 10:</b> Ações relacionadas à elaboração do projeto.....	204
<b>Tabela 11:</b> Temas relacionados à avaliação final da pesquisa pelas idosas.....	222
<b>Tabela 12:</b> Tema e sub-temas relacionados à avaliação final da pesquisa pela equipe de campo.....	227
<b>Tabela 13:</b> Tema central e principais discussões do terceiro seminário interdisciplinar.	229
<b>Tabela 14:</b> Artigo encaminhado para publicação e suas principais discussões.....	232

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

<b>ANVISA</b> -	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
<b>ANTAC</b> -	Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído
<b>AVC</b> -	Acidente Vascular Cerebral
<b>AVD</b> -	Atividades da Vida Diária
<b>IAPS</b> -	<i>International Association for People-Environment Studies</i>
<b>ILPI</b> -	Instituições de Longa Permanência para Idosos
<b>IPA</b> -	Instituto Porto Alegre
<b>IPEA</b> -	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
<b>NORIE</b> -	Núcleo Orientado para a Inovação da Edificação
<b>OMS</b> -	Organização Mundial da Saúde
<b>ONU</b> -	Organização das Nações Unidas
<b>UFRGS</b> -	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UNITI</b> -	Universidade da Terceira Idade

## 1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é hoje um fenômeno observado mundialmente. Segundo Freitas (2004 p.19-20), no final do século passado, eram estimados, no mundo, 590 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Para o ano de 2025, estima-se que a população nessa faixa etária atinja 1,2 bilhão e, em 2050, 2 bilhões de pessoas. Nesse último ano, pela primeira vez na história da humanidade, a população mundial com 60 anos ou mais deverá superar a população entre 0 e 14 anos (FREITAS, 2004).

Tal fenômeno teve início nos países desenvolvidos ainda no começo do século 20. De fato, dados da ONU (1999 apud. FREITAS, 2004 p.22) revelam que, no final do século passado, a inversão da pirâmide etária da população (mais idosos do que crianças) já podia ser observada em países como Alemanha, Japão e Espanha. Nos países em desenvolvimento, o envelhecimento da população começa a ser observado de forma mais marcante somente a partir de 1950, porém em um ritmo bem mais acelerado. Em números percentuais (número de idosos em relação à população total), os países desenvolvidos ainda apresentam uma população bem mais envelhecida do que os países em desenvolvimento; porém, em números absolutos, a população total de idosos concentrada nesses últimos já é bastante superior. Assim, de acordo com Freitas (2004 p.20), atualmente, cerca de 60% das pessoas com 60 anos ou mais vivem em países em desenvolvimento, devendo atingir 75% em 2025.

Essa situação é bastante preocupante quando se pensa sobre o despreparo das estruturas econômicas, sociais e políticas desses países para lidar com os impactos dessa transição demográfica, de forma a garantir uma qualidade de vida adequada à crescente população de idosos. Freitas (2004 p.20) lembra que, nos países em desenvolvimento, os fatores mais determinantes para a mudança do perfil demográfico foram os avanços tecnológicos aplicados à medicina e não o aumento do nível de qualidade de vida da população.

Em nível mundial, o Brasil se destaca como um país bastante populoso em número de pessoas com 60 anos ou mais. Projeções da ONU mostram que, em 2002, o Brasil já apresentava a 7ª

maior população de idosos do mundo em números absolutos, com 14,1 milhões de pessoas. Em 2025, deverá subir para a 6ª colocação, com 33,4 milhões de indivíduos, ficando abaixo apenas de China, Índia, Estados Unidos, Japão e Indonésia, nessa ordem (WHO, 2002 apud FREITAS, 2004 p.23-24).

Com base no Censo Demográfico de 2000, estima-se que a população brasileira com idade acima de 60 anos, no ano de 2006, era de 17,6 milhões de habitantes. A participação da população idosa no total da população nacional mais do que dobrou nos últimos 50 anos: passou de 4% em 1940 para 8,6% em 2000. Projeções recentes indicam que esse segmento poderá ser responsável por aproximadamente 15% da população brasileira no ano 2020 (BELTRÃO, CAMARANO e CANSO, 2004 apud CAMARANO, 2006 p.90).

As proporções da população brasileira “muito idosa”, ou seja, acima de 80 anos, também estão aumentando, e em ritmo bastante acelerado. Esse tem sido o segmento populacional que mais cresce, embora ainda apresente um contingente pequeno. De 166 mil pessoas em 1940, o contingente de pessoas com idade igual ou maior que 80 anos passou para quase 1,8 milhão em 2000. Representava 12,8% da população idosa em 2000 e 1,1% da população total (CAMARANO, 2006 p.90).

Dentre as inúmeras preocupações relacionadas ao desafio de proporcionar qualidade de vida adequada a essa crescente população, destaca-se o oferecimento de ambientes de moradia mais adequados às necessidades dos idosos. Em um estudo publicado em 1974, a Organização Mundial da Saúde (OMS), já afirmava que, entre os grupos de idosos mais expostos a riscos quanto a sua saúde ou sua situação econômica e social, se encontram em lugar de destaque os idosos residentes em instituições. A este respeito, Bastian (1979) defende que a maior vulnerabilidade do idoso institucionalizado e, em muitos casos, a precariedade das instituições para idosos, chamam a atenção para a conveniência do estudo das condições em que funcionam estes estabelecimentos.

Sabe-se que a institucionalização traz consigo uma série de prejuízos à identidade e à autonomia do indivíduo (LAWTON, 1986; GOFFMAN, 1996; CUPERTINO, 1996; HERÉDIA et al, 2004). De acordo com Stevens-Long (1979 apud CUPERTINO, 1996), instituições para idosos apresentam três características distintas que se combinam de diferentes maneiras: a segregação (isolamento físico e uma política segregadora), tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes (política congregadora) e um grau acentuado de controle (limitação do grau de autonomia permitido). A institucionalização implica um processo de adaptação a um novo ambiente, em que existem regras e normas a serem cumpridas, além da limitação física implícita (CUPERTINO, 1996).

A preocupação com os prejuízos que a institucionalização pode acarretar aos idosos se reflete nas políticas públicas recentes, que procuram, cada vez mais, estimular a permanência dessas pessoas junto à família. Essa postura está claramente explícita na Política Nacional do Idoso (Brasil, 1994) e, mais, recentemente, no Estatuto do Idoso (Brasil, 2003). Esse último, ao tratar dos deveres da sociedade e do Poder Público com o idoso, no artigo 3º, determina a “priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência” (BRASIL, 2003).

Embora as Portarias MS 810/89 (BRASIL, 1989), SAS 73/01 (BRASIL, 2001) e, mais recentemente, a Resolução RDC/ANVISA nº283 (BRASIL, 2005), tenham representado um grande avanço ao normatizar o funcionamento de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs)<sup>1</sup> no Brasil, infelizmente, observa-se ainda um panorama predominantemente negativo, frequentemente associado ao tão criticado modelo asilar de atendimento ao idoso. Como afirmam Born e Boechat (2006, p.1131), “não se pode falar de idosos institucionalizados sem antes fazer referências a imagens negativas frequentemente associadas a entidades que os abrigam, para as quais a denominação popular *asilo* continua a prevalecer”.

---

<sup>1</sup> Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) - instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinada a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania (BRASIL, 2005).

Atualmente, observa-se que algumas instituições têm passado por modificações expressivas, começando a se organizar por equipes de profissionais de diferentes áreas do conhecimento que interagem de forma interdisciplinar, incluindo: médicos, assistentes sociais, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, entre outros. No entanto, essas mudanças têm sido muito lentas, enquanto casas clandestinas, conhecidas como “depósito de velhos”, aumentam significativamente (LAFIN, 2004 p.112).

A permanência do idoso em sua própria casa ou apartamento, ou junto à família, corresponde à melhor alternativa de moradia no sentido de se estimular a continuação de uma vida saudável, ativa e independente na terceira idade. Medidas que visem estimular esta condição, no entanto, não anulam a necessidade da existência de instituições capazes de acolher aqueles idosos que não atendem os requisitos necessários à permanência em seus próprios lares. Ao contrário, tomando por base as projeções estatísticas quanto ao envelhecimento e aumento da longevidade da população brasileira (CAMARANO, 2006 p.90), a demanda por instituições para idosos só tende a aumentar nas próximas décadas.

Mediante essa realidade, Born e Boechat (2006, p. 1132), fazem as seguintes considerações quanto à necessidade de se qualificar as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) no Brasil:

Até hoje não se conhecem dados exatos sobre o número de idosos institucionalizados, nem estudos prospectivos sobre a demanda futura, mas não há nenhum indício de que irão diminuir os pedidos de institucionalização. Portanto, é preciso rever nossos conceitos sobre a institucionalização para idosos: ela deve seguir indicação criteriosa, precedida de avaliação médica e social. A Instituição de Longa Permanência para Idosos não deve ser o espaço, fora dos muros da cidade, para onde são encaminhadas pessoas de várias faixas etárias, juntamente com idosos, devido à ausência, na comunidade, de rede social e de saúde.

Esta perspectiva leva à reflexão sobre os novos papéis a serem desenvolvidos pelas ILPIs, não apenas no sentido de reduzir os prejuízos causados pela institucionalização (tais como a perda de autonomia e a segregação geracional), mas também de promover a qualidade de vida e o crescimento pessoal de seus residentes. Dentre os muitos desafios que se colocam nesse sentido,



destaca-se aqui a necessidade de se oferecer um ambiente de moradia capaz de dar suporte a uma vida mais saudável e com maior autonomia e independência nessas instituições.

Recentemente, tem-se observado uma preocupação crescente com o desenvolvimento de adaptações no espaço construído a fim de melhor atender as necessidades específicas dos idosos. De acordo com Stoneham e Thoday (1994), no entanto, os maiores esforços neste sentido estão direcionados às edificações, sendo ainda muito pouco exploradas questões relacionadas aos espaços externos e sua adaptação para melhor atender usuários idosos dentro de suas necessidades peculiares (STONENHAM; THODAY, 1994).

Assim, o primeiro pressuposto da presente pesquisa é que as áreas externas de uma instituição podem representar um importante recurso para elevar a qualidade de vida dos idosos. Sua colaboração está relacionada a benefícios diretos, de ordem física e psicológica (STONENHAM; THODAY, 1994; KÜLLER et al, 1990; BRAWLEY, 2001; GRAHN, 1994; ULRICH, 1995), que os usuários idosos podem colher através do acesso a espaços abertos, além de benefícios indiretos, através de interações positivas destes espaços com as edificações (melhorando suas condições de conforto térmico, por exemplo), através da disponibilização de recursos que podem auxiliar na viabilidade econômica das instituições (através de cultivo de frutas e verduras nestes espaços, por exemplo) e, ainda, servindo como um atrativo para a comunidade local (DUENWALD, 1999) (o que pode diminuir o isolamento dos idosos em relação ao mundo exterior à instituição). Outro importante argumento no sentido de justificar a importância da presença de espaços abertos junto a instituições para idosos, assenta-se no fato de que os idosos institucionalizados gradativamente passam a ter menos contato com outros espaços dessa natureza fora da instituição em que vivem (como parques e praças, por exemplo). De acordo com Petterson (1978 apud STONENHAM; THODAY, 1994), os idosos geralmente apresentam um maior vínculo com o ambiente em torno do lugar onde moram. Eles dependem mais de serviços locais e gastam menos tempo longe de seus ambientes mais imediatos do que indivíduos mais jovens.

A importância das áreas externas para o idoso institucionalizado, no entanto, ainda parece ser pouco reconhecida quando se pensa no ambiente físico dessas instituições. Um estudo anterior

realizado por este autor sobre os espaços abertos de 12 instituições para idosos localizadas no município de Porto Alegre, observou a ausência de planejamento paisagístico para todas as instituições estudadas, resultando em espaços de baixa qualidade e pouco funcionais (TOMASINI, 2002). Analisando-se, ainda, os já citados documentos legais que normatizam o funcionamento das ILPIs no Brasil (Portarias MS 810/89 e SAS 73/01, e Resolução nº 283 da ANVISA), observa-se um grande grau de detalhamento no que diz respeito aos padrões a serem atendidos pelas edificações que abrigam essas instituições, enquanto as áreas externas são claramente colocadas em segundo plano, sendo apenas citadas ou vagamente descritas.

A presente pesquisa se concentra, portanto, na necessidade de se investigar o tema dos espaços abertos junto às ILPIs, a fim de gerar subsídios para melhor informar a pesquisa e a prática, incluindo as políticas públicas, voltadas à qualificação das instituições desta natureza. Além da preocupação com a lacuna de conhecimento em relação a esse tema no Brasil, até onde se sabe, somente explorado pelo trabalho de Tomasini (2002), constitui motivação para a escolha do mesmo a necessidade de organizar e transferir o conhecimento já existente para o campo da prática. Pretende-se, dessa forma, dar continuidade a pesquisa de mestrado desenvolvida por Tomasini (2002), que, em suas recomendações para pesquisas futuras, sugere a realização de um trabalho empírico relativo às reações dos idosos em relação a mudanças nos espaços abertos das ILPIs (p.168-169).

Um segundo pressuposto aqui assumido é que o processo de envelhecimento incorre em importantes alterações nas relações entre as pessoas e seus ambientes, as quais devem ser compreendidas para que se possa planejar ambientes mais adequados às necessidades de pessoas idosas. O envelhecimento, porém, é um fenômeno de grande complexidade, que ocorre de forma multidimensional (DUARTE, 1999), sendo que a pesquisa e a prática relacionada a essa temática, portanto, devem ser orientadas por uma visão essencialmente interdisciplinar.

A gerontologia é reconhecida como o campo interdisciplinar do conhecimento que se dedica ao estudo do fenômeno do envelhecimento humano em suas muitas dimensões (biológica, social, psicológica, ambiental, etc.). Uma de suas linhas de pesquisa, conhecida como gerontologia ambiental, tem gerado um grande volume de teorias e estudos empíricos sobre as relações entre

os idosos e seus ambientes sócio-físicos, desde a década de 60. Este conhecimento, embora de grande valor para o trabalho de planejamento de ambientes para idosos, no entanto, ainda é muito pouco conhecido e utilizado por aqueles que planejam o ambiente construído. Ainda existe muito pouca articulação entre as áreas de conhecimento ligadas ao planejamento do ambiente construído (como arquitetura, paisagismo e engenharia) e o campo interdisciplinar da gerontologia. Isto ficou claro por ocasião da realização de um dos maiores e mais importantes eventos internacionais da gerontologia, em 2005, no Rio de Janeiro, no qual se observou uma participação muito pequena de pesquisadores brasileiros da área do ambiente construído, tanto nas conferências como na apresentação de trabalhos envolvendo as relações idoso-ambiente (INTERNACIONAL ASSOCIATION OF GERONTOLOGY, 2005).

A falta de conexão entre a teoria existente sobre as relações idoso-ambiente e a prática voltada às melhorias no ambiente construído para o idoso, permitem considerar o terceiro e último pressuposto desta pesquisa: - os recursos instrumentais adequados para promover a articulação entre pesquisa e prática podem ser encontrados nos estudos das relações pessoas-ambiente, dos quais a gerontologia ambiental pode ser considerada uma linha relacionada.

O termo “estudos das relações pessoa-ambiente” é utilizado por muitos autores e por associações de pesquisadores e profissionais (tal como a *International Association for People-Environment Studies-IAPS*<sup>2</sup>) para se referir ao conjunto de pesquisas e práticas voltadas, em última análise, à melhoria das relações das pessoas com os ambientes naturais ou construídos. Fundamentalmente, portanto, os estudos das relações pessoas-ambiente pressupõem um foco tanto nos usuários como nos próprios ambientes a eles destinados. Isto implica no envolvimento e no inter-relacionamento de um grande número de disciplinas ligadas tanto ao *design* e ao planejamento quanto às ciências sociais (MOSER, 2005).

No âmbito dos estudos das relações pessoa-ambiente, Sommer (1983) propôs a utilização do termo *design* social para se referir à combinação de métodos participativos de planejamento do ambiente construído com métodos e conceitos utilizados pelas ciências sociais. Através de sua obra “*Social Design: creating buildings with people in mind*”, o referido autor sugere, passo a

---

<sup>2</sup> Para maiores informações, visitar a página do IAPS no endereço: <http://www.iaps-association.org>

passo, um método de trabalho, no qual os usuários são envolvidos em todas as etapas do planejamento dos ambientes a eles destinados.

Com base nos três pressupostos acima apresentados (os espaços abertos como um recurso importante nas ILPIs, o campo interdisciplinar da gerontologia como aporte teórico à compreensão do fenômeno complexo do envelhecimento, e a disponibilidade dos instrumentos necessários à articulação entre teoria e prática nos estudos das relações pessoas-ambiente), portanto, o problema da pesquisa está na necessidade de se buscar formas de melhorar as relações dos idosos residentes em ILPIs com os ambientes dessas instituições, através da qualificação dos espaços abertos das mesmas. O foco da pesquisa está no processo de planejamento desses espaços como meio para melhorar essas relações, e na investigação de como a teoria disponível junto ao campo interdisciplinar da gerontologia pode ser articulada com essa prática.

Esse problema pode ser sintetizado pela seguinte questão de pesquisa:

- Como o *design* social, adaptado ao planejamento de espaços abertos em ILPIs, pode contribuir para melhorar as relações idoso-ambiente, de acordo com a teoria em gerontologia ambiental?

Para responder essa questão, propôs-se, através da presente tese, a investigação da seguinte proposição:

- O *design* social, aplicado ao planejamento de espaços abertos em ILPIs, pode melhorar as relações dos idosos com esses espaços, à medida em que pode auxiliar na produção de projetos mais congruentes com as necessidades dos idosos e auxiliar no fortalecimento das suas competências pessoais, através de seu envolvimento direto no processo de planejamento.

Para se investigar essa proposição, propôs-se a realização de uma pesquisa-ação em uma ILPI localizada no município de Porto Alegre –RS. Essa pesquisa-ação consistiu na adaptação e na aplicação do conceito de *design* social (SOMMER, 1983) ao planejamento dos espaços abertos dessa instituição. O *design* social, como será discutido em mais profundidade no capítulo de métodos de pesquisa desta tese (capítulo 3), por sua natureza ao mesmo tempo investigativa e

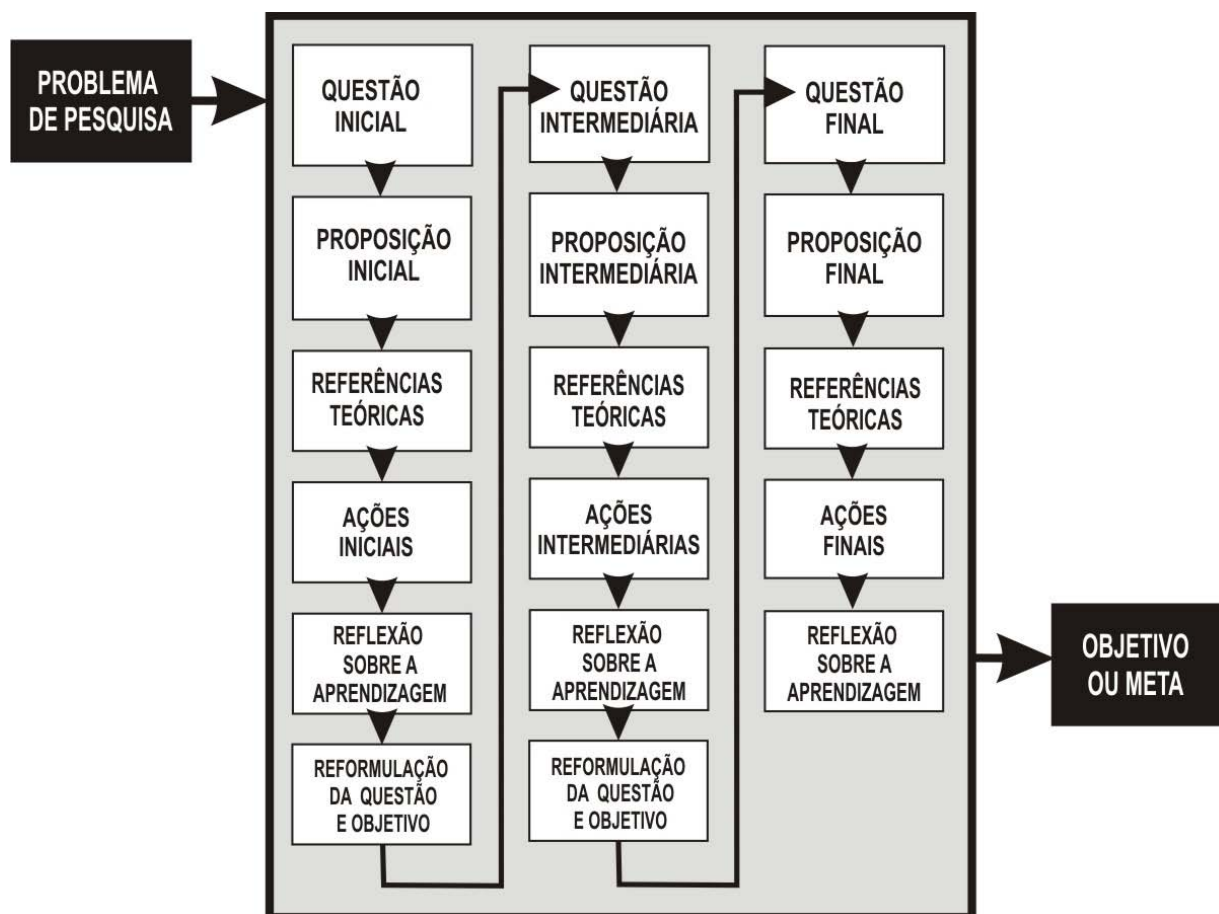
prática, converge em muitos aspectos com a estratégia da pesquisa-ação, motivo pelo qual essa última foi utilizada como estratégia de pesquisa.

Como também será discutido no capítulo de métodos, no entanto, a elaboração da questão e da proposição de investigação, nas formas acima apresentadas, resultaram de um processo de refinamento da pesquisa. Esse processo, por sua vez, baseou-se no aprendizado construído entre o pesquisador e os demais participantes da pesquisa, ao longo de ciclos compostos de planejamento, ação, observação e reflexão, que fazem parte da natureza intrínseca da pesquisa-ação.

O desenvolvimento da pesquisa está estruturado em três ciclos, ao longo dos quais as suas questões e proposições foram sendo refinadas. Este processo de refinamento<sup>3</sup> pode ser visualizado de forma simplificada no esquema apresentado na Figura 1, o qual mostra como as questões e as proposições, bem como o referencial teórico da pesquisa, foram sendo refinados pelas reflexões sobre o aprendizado construído em cada ciclo da pesquisa. Tendo em vista esta natureza cíclica da pesquisa-ação, é importante salientar que, mesmo os pressupostos da pesquisa, na forma como foram apresentados anteriormente, também são resultado da evolução dos ciclos que a compõem e de suas reflexões subseqüentes.

---

<sup>3</sup> A visualização e a organização da pesquisa a partir desta estrutura foram baseadas na forma como Hirota (2001) organizou sua tese de doutorado envolvendo uma pesquisa-ação centrada no tema do desenvolvimento de competências para a introdução de mudanças gerenciais na construção civil através da aprendizagem na ação.



**Figura 1:** Processo de refinamento da pesquisa-ação através de seus diferentes ciclos (baseado em HIROTA, 2001).

Essencialmente, esses três ciclos se desenvolveram a partir dos seguintes conjuntos de ações: a) preparação do pesquisador; b) adaptação do conceito de *design* social; e c) aplicação do conceito de *design* social. O primeiro ciclo consistiu de uma fase de preparação do pesquisador para o desenvolvimento dos ciclos subseqüentes da pesquisa, na qual se buscou a familiarização com o aporte teórico da gerontologia e a integração com os meios acadêmico e profissional envolvidos com este campo de conhecimento. O segundo ciclo consistiu de uma série de atividades desenvolvidas na instituição participante da pesquisa, a fim de investigar como o conceito de *design* social poderia ser adaptado ao planejamento dos espaços abertos da mesma. Essas ações envolveram, além dos idosos residentes na instituição, a participação de duas pesquisadoras de diferentes formações e familiarizadas com a abordagem gerontológica sobre o envelhecimento. Com base nos aprendizados gerados nos dois primeiros ciclos, foi construído um método de

trabalho para ser utilizado nas ações do ciclo final da pesquisa. O terceiro ciclo consistiu, portanto, na aplicação desse método para o planejamento de uma área externa da instituição, e na avaliação desse processo pelos participantes da pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa, resultante do processo de refinamento acima descrito pode ser formulado da seguinte maneira:

- Produzir, sob um enfoque gerontológico, subsídios para o processo de planejamento de espaços abertos em ILPIs.

Como objetivos secundários, pretendeu-se, através da pesquisa:

- Desenvolver um método participativo de planejamento, a partir da adaptação do conceito de *design* social, que possa ser utilizado em intervenções que visem a qualificar os ambientes físicos de ILPIs.
- Expandir o conhecimento disponível sobre as relações dos idosos com os espaços abertos existentes em ILPIs, através da articulação da teoria existente em gerontologia ambiental com a prática de projeto.
- Produzir, ao longo do processo de pesquisa, novos conhecimentos que possam orientar a formulação de requisitos de projeto para o planejamento de espaços abertos em ILPIs.

Como foi salientado anteriormente, a presente pesquisa está focada sobre o planejamento paisagístico das áreas externas de ILPIs. Pretende-se que seus resultados possam ser utilizados tanto para auxiliar no desenvolvimento de pesquisas futuras sobre o tema, como para orientar a prática de projeto voltada ao melhoramento das áreas externas de instituições dessa natureza. Assume-se desde já, no entanto, algumas limitações dos resultados produzidos pela mesma.

Em primeiro lugar, é importante salientar as limitações associadas ao perfil da instituição que participou da pesquisa-ação. Como será detalhado nos capítulos 3 e 4, a instituição participante da pesquisa trabalha apenas com idosos sem graves limitações em suas capacidades físicas e cognitivas. Outras instituições que trabalham com idosos com alto grau de dependência, por suas

características específicas, provavelmente, levariam a resultados diferentes e necessitariam de métodos diferenciados que levassem em conta suas particularidades. Também existe uma limitação relacionada ao gênero dos residentes da instituição participante da pesquisa, uma vez que a mesma trabalha apenas com mulheres. Pressupõe-se que questões como conflitos de interesses e elementos culturais presentes em uma instituição mista, por exemplo, podem ter influência não só nas necessidades identificadas em relação às áreas externas, mas também em relação à própria implementação do método de planejamento desses ambientes envolvendo seus usuários. Essas influências podem ainda ser estendidas ao nível sócio-econômico do público-alvo da instituição, principalmente em relação às soluções de projeto que foram desenvolvidas, já que a mesma trabalha com idosas de baixo poder aquisitivo.

Em segundo lugar, devido a limitações de recursos financeiros da instituição participante e de tempo hábil para finalização e defesa da tese, a pesquisa-ação que faz parte da presente pesquisa, concentrou-se sobre o processo de desenvolvimento de um projeto para a instituição; a execução desse projeto e a avaliação do mesmo depois de implementado são etapas que não fazem parte do escopo desta pesquisa. Embora no momento em que esta tese foi finalizada, a execução de algumas propostas contidas no projeto já tivesse iniciado, os participantes da pesquisa consideraram a possibilidade da não concretização do projeto.

A forma de apresentação da tese foi um problema à parte a ser resolvido pelo pesquisador. Alguns autores defendem a idéia que teses baseadas na pesquisa-ação como estratégia de investigação deveriam romper com o modelo tradicional de apresentação, estruturado em cinco capítulos básicos (introdução, revisão bibliográfica, métodos de pesquisa, resultados e conclusões). De acordo com esses autores, deve-se buscar novas formas de apresentação, mais congruentes com os pressupostos epistemológicos, metodológicos e éticos da pesquisa-ação (FISHER e PHELPS, 2006; DAVIS, 2007). Por outro lado, outros autores, como Stringer (2007), mesmo sugerindo formas alternativas de apresentação, reconhecem a importância de se cumprir os requisitos de formalidade exigidos pelo meio acadêmico e sugerem formas de adaptação da pesquisa-ação ao modelo tradicional de apresentação de teses.



Embora se esteja ciente dessas discussões e das formas alternativas de apresentação sugeridas no âmbito das discussões metodológicas da pesquisa-ação, optou-se em apresentar a presente tese na forma tradicional, conforme sugerido por Stringer (2007). Esta decisão foi tomada tendo em vista que, apesar do caráter interdisciplinar da pesquisa e da relevância de seus resultados para outras áreas de conhecimento, ela foi desenvolvida a partir de um programa de pós-graduação centrado na investigação de questões relacionadas ao ambiente construído, onde o método tradicional de apresentação de teses é uma prática mais comum e, portanto, mais aceita.

A tese, a seguir, portanto, será apresentada de acordo com a seguinte estrutura: - Após o presente capítulo de introdução (capítulo 1), apresenta-se o capítulo de revisão bibliográfica (capítulo 2), seguido dos capítulos de métodos de pesquisa (capítulo 3), resultados (capítulo 4), conclusões (capítulo 5) e referências bibliográficas. No final da tese, ainda são apresentados os elementos pós-textuais, compostos pelos apêndices e anexos.

No capítulo 2, são abordados os referenciais teóricos e práticos que fundamentam esta pesquisa, levantados e organizados a partir de uma ampla pesquisa bibliográfica. Embora a pesquisa bibliográfica tenha permeado todas as etapas da pesquisa, acompanhando os seus movimentos cíclicos, conforme mostrado anteriormente junto à figura 1, seus resultados estão compilados nesse capítulo, a fim de preparar o leitor para a melhor compreensão dos capítulos seguintes, que dizem respeito aos procedimentos metodológicos da pesquisa e aos seus resultados. A primeira parte do capítulo aborda as relações entre os idosos e seus ambientes físicos, apresentando-se a gerontologia ambiental como o sub-campo da gerontologia dedicado ao estudo dessas relações, bem como uma síntese de suas principais contribuições nesse sentido. Também são abordadas a problemática das ILPIs enquanto ambientes específicos de moradia e as influências de suas especificidades sobre as relações idoso-ambiente nesse tipo de cenário. A segunda parte do capítulo é dedicada a explorar o potencial dos espaços abertos das ILPIs como um recurso capaz de melhorar as relações idoso-ambiente em instituições dessa natureza. São abordadas teorias que procuram explicar como esses espaços podem melhorar essas relações, bem como as implicações práticas dessas teorias para orientações de projeto. A terceira e última parte do capítulo é dedicada a explorar a participação dos usuários no processo de projeto. Identifica-se, dentro dos estudos das relações pessoa-ambiente, os recursos instrumentais necessários para conectar a

teoria existente em gerontologia ambiental com o planejamento do ambiente construído, através do conceito de *design social*.

No capítulo 3, são abordados os métodos de pesquisa utilizados na tese. O capítulo inicia situando os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, dentro dos níveis filosófico e estratégico, discutindo seus pressupostos e conseqüências epistemológicas. Na segunda parte do capítulo, são apresentados os argumentos que orientaram o pesquisador nas escolhas dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Na seqüência, na terceira parte, apresenta-se a estrutura de desenvolvimento da pesquisa, a partir dos ciclos de aprendizagem da estratégia de pesquisa-ação. As duas últimas divisões do capítulo apresentam, respectivamente, os cuidados com o rigor e a validade da pesquisa e os cuidados éticos observados no desenvolvimento da mesma.

No capítulo 4, são apresentados os resultados de cada ciclo da pesquisa, observando-se a seqüência do processo cíclico da pesquisa-ação anteriormente referido. A apresentação dos resultados de cada etapa é finalizada com o resumo dos principais aprendizados construídos ao longo de cada um dos ciclos de planejamento, ação, observação e reflexão da pesquisa.

Por fim, no capítulo 5 são apresentadas as conclusões com base nos resultados obtidos no desenvolvimento da pesquisa. São consideradas as implicações práticas e teóricas desses resultados, bem como são realizadas sugestões para o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre o tema.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, apresenta-se o produto da pesquisa bibliográfica baseada nos tópicos que compõem o marco teórico da pesquisa, a qual foi desenvolvida ao longo do desenvolvimento da tese.

A primeira seção do capítulo apresenta uma revisão sobre as relações do idoso com seu ambiente físico. Dado o pouco conhecimento da gerontologia ambiental no Brasil, ela recebe uma especial ênfase nesta revisão, sendo apresentado o seu conceito, um pouco do seu histórico e sua área de abrangência. Também são apresentadas e discutidas as principais teorias que compõem o corpo teórico da gerontologia ambiental e que têm relevância para a presente pesquisa.

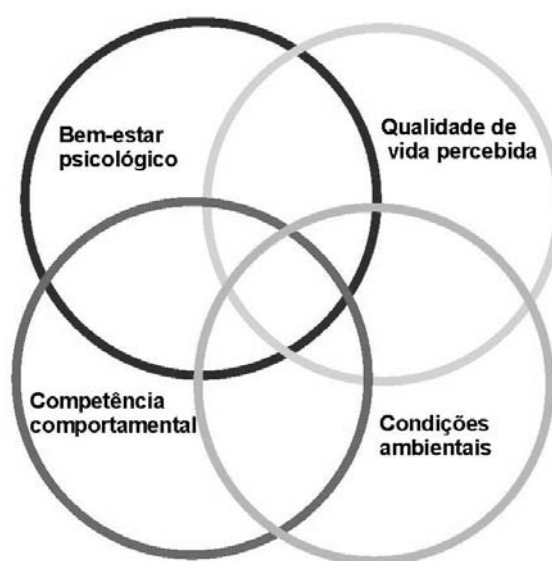
Na segunda seção do capítulo, revisa-se os principais benefícios que os espaços abertos podem exercer sobre os idosos. São abordados benefícios sobre a sua saúde física e psicológica e outros benefícios que os mesmos podem exercer indiretamente. Visa-se com essa revisão, ampliar a compreensão das possibilidades de utilização do projeto de paisagismo para garantir uma maior qualidade de vida em instituições de longa permanência.

Por fim, na última seção da revisão, aborda-se a importância da participação dos usuários no desenvolvimento de projetos, bem como são revisados os conceitos de *design* social e seu histórico.

### 2.1 O AMBIENTE CONSTRUÍDO E O USUÁRIO IDOSO

De acordo com Neri (2000), um dos modelos mais explicativos na literatura gerontológica internacional sobre qualidade de vida na velhice foi proposto por Lawton (1991 apud NERI, 2000). A qualidade de vida na velhice, de acordo com esse modelo, depende de muitos elementos em interação ao longo da vida do indivíduo. Estes elementos estariam relacionados a condições objetivas (como condições físicas do ambiente; condições oferecidas pela sociedade; rede de relações de amizade e parentesco; e condições biológicas), que podem ser verificadas externamente, e a condições subjetivas, que dependem das opiniões das pessoas sobre as

condições objetivas de que dispõem e dos efeitos delas sobre o seu bem-estar. Assim é possível encontrar pessoas que vivem em ambientes bem adversos, como asilos com condições físicas precárias, mas que dizem que estão satisfeitas com sua vida, ou, ao contrário, pessoas vivendo em ambientes muito bons insatisfeitas com sua vida. Segundo o modelo, a avaliação da qualidade de vida incide sobre quatro áreas sobrepostas e inter-relacionadas, das quais depende a funcionalidade do idoso: competência comportamental, condições ambientais, qualidade de vida percebida e bem-estar psicológico (Figura 2).



**Figura 2:** Representação esquemática do modelo de qualidade de vida na velhice (Lawton 1991 apud NERI, 2000).

A qualidade de vida na velhice tem relação direta com a existência de condições ambientais que permitam aos idosos desempenhar comportamentos biológicos e psicológicos adaptativos. Guardam relação direta com o bem-estar percebido. Para que as pessoas sintam-se adaptadas ao ambiente, é necessário que seus atributos sejam compatíveis com as capacidades físicas e as competências comportamentais dos idosos (NERI, 2000 p.39).

Desta forma, o ambiente físico pode exercer um papel especialmente importante na velhice para a obtenção de uma qualidade de vida adequada. Para Lehr (1999 p. 24), com a diminuição do preparo físico, o meio ambiente passa a determinar o comportamento dos indivíduos. O meio ambiente físico pode contribuir para a dependência e restrição do espaço de vida ou pode ser

favorável e adaptável, estimulando atividades e aumentando as competências existentes assim como os recursos pessoais.

Entre as providências que a sociedade deveria tomar para que os idosos pudessem atingir uma velhice mais satisfatória, Neri (2000) aponta o oferecimento de condições ambientais adaptadas às condições dos idosos, tanto para os que envelhecem sem doenças quanto para os que, por qualquer motivo, tornam-se frágeis e dependentes, para que possam funcionar no ambiente físico e social. Como salienta a autora:- “Permitir que os idosos interajam com o ambiente, dentro dos limites de suas potencialidades, permite que desenvolvam um senso de eficácia pessoal e que se sintam envolvidos, condições essas que têm efeitos positivos sobre sua adaptação global” (NERI, 2000, p.44).

### 2.1.1. Gerontologia Ambiental

A gerontologia ambiental é a área da gerontologia que se concentra sobre a descrição, explicação e modificação (ou otimização) das relações entre idosos e seus contextos sócio-espaciais. Desta forma, desempenha um importante papel dentro do empreendimento gerontológico, ao introduzir considerações do ambiente sócio-físico<sup>4</sup> na teoria e pesquisa sobre envelhecimento (WAHL e WEISMAN, 2003).

O termo gerontologia ambiental é empregado para todos aqueles esforços de pesquisa que estabelecem como objetivo, investigar o papel das condições ambientais sócio-espaciais para um “bom” envelhecimento, seja no sentido de um envelhecimento normal ou de um envelhecimento com graves limitações físico-psíquicas. Um dos domínios mais substanciais da gerontologia ambiental ocupa-se com a questão da moradia na velhice, à qual também compete uma alta importância na gerontologia social (preocupa-se apenas com a moradia em instituições). De diferentes áreas também aparece a temática da habitação privada bem adaptada, em torno da investigação do desenvolvimento geral na gerontologia e na gerontologia social. Então trata-se a moradia como um dos domínios da vida diária mais importantes do envelhecimento humano. Em

---

<sup>4</sup> Ambiente sócio-físico trata-se de um termo sugerido pela Psicologia Ambiental, a fim de procurar abranger toda a complexidade envolvida nas interrelações entre os ambientes físico, social, organizacional e cultural (WAHL e WEISMAN, 2003).

média, o idoso, e sobretudo o idoso mais velho, passa a maior parte do tempo do seu dia-a-dia em sua moradia (por exemplo, em SAUP, 1993 apud WAHL, 2005 p.128) e, por isso, a vivência (experiência) e comportamento na idade mais avançada como o bem-estar, autonomia e convívio social permanecem em conexão particularmente estreita com a habitação (WAHL, 2005 p. 128).

Pode-se dizer que, dentro da evolução da gerontologia, a gerontologia ambiental teve seu nascimento em 1959, através da publicação do *Handbook of Aging and the Individual*, onde um dos capítulos, escrito por Kleeimer (1959 apud WAHL e WEISMAN, 2003, p. 618), trata especificamente das questões que envolvem as relações entre o comportamento de idosos e os seus ambientes. Durante as décadas de 60 e 70 do século XX, a gerontologia ambiental passa por uma intensa atividade em termos de produção teórica. Assim, em 1973, Lawton e Nahemow apresentam o Modelo da Pressão-Competência, que se tornou um marco para os trabalhos desenvolvidos na área. Esta atividade teórica atinge seu auge na década de 80, quando Lawton, Windley e Byerts (1982 apud WAHL e WEISMAN, 2003) publicam o livro *Aging and the Environment: Theoretical Approaches*. Neste mesmo período, Lawton (1980 apud WAHL e WEISMAN, 2003) produz uma série de traduções das principais descobertas da gerontologia para a aplicação ao planejamento e ao *design* do espaço construído.

Ao procurar delimitar o campo de trabalho da gerontologia ambiental, Wahl e Weisman (2003, p.617), apontam os seguintes tópicos de interesse da área:

- possibilidades de moradia para idosos em termos de composição da habitação, propriedade, padrões de moradia, tempo de residência e satisfação residencial.
- a natureza e o impacto de modificações no lar, incluindo tanto modelos teóricos e diretrizes de planejamento necessários para reformular os lares; bem como o escopo da institucionalização da velhice, desde aspectos como relocação até o *design* de unidades para idosos com demência ou outros cenários especializados.
- papel das vizinhanças e suas influências nas oportunidades e limitações para seus residentes; e também o lugar do envelhecimento dentro de uma ampla perspectiva social e política.

Como conseqüência desta diversidade de interesses, abordagens teóricas e estratégias de pesquisa empírica em gerontologia ambiental são desafiadas a trabalhar em níveis de análise muito

diferentes, tanto em relação ao tipo de lugar e escala de agregação social (do lar à vizinhança, à cidade e à região rural; bem como do indivíduo ao grupo, à organização), como ao tipo de processo envolvido (tais como perceptivo, afetivo ou cognitivo) (WAHL e WEISMAN, 2003).

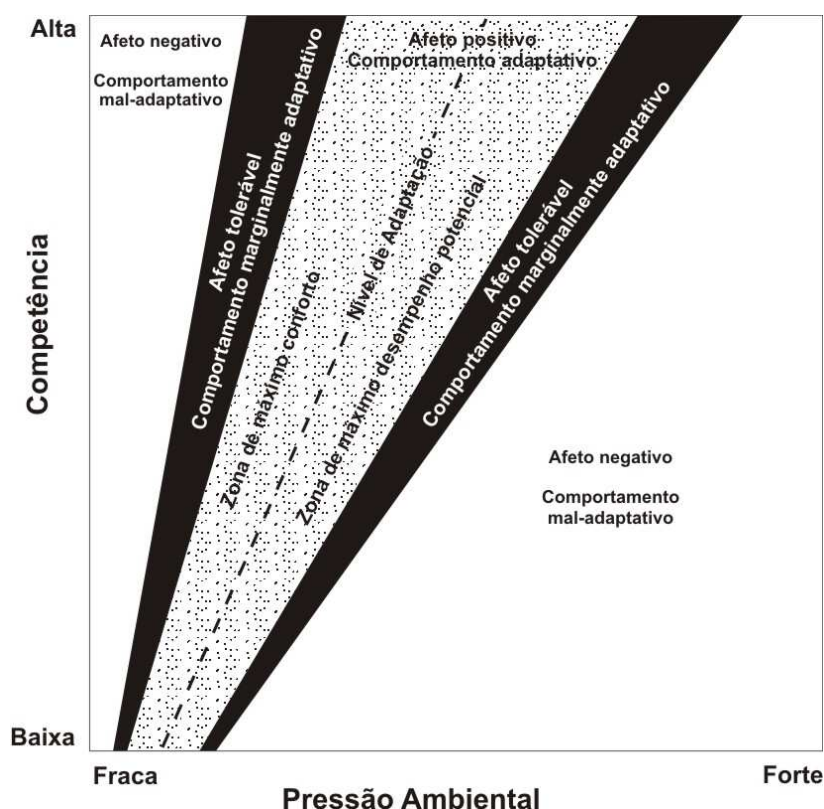
### **2.1.1.1 Teorias em gerontologia ambiental**

Diversos modelos teóricos têm sido desenvolvidos com o intuito de explicar as relações dos idosos com o ambiente. Dentre estes modelos, destaca-se o modelo da pressão-competência, também conhecido como modelo ecológico (LAWTON e NAHEMOW, 1973), e o modelo da congruência entre o idoso e o ambiente (CARP e CARP, 1984). Ambos partem do princípio comum que na idade avançada o ambiente deve servir como facilitador, amortecedor e atenuador das dificuldades encontradas, propiciando as adaptações necessárias para a continuidade de uma vida independente e satisfatória.

De acordo com o modelo da pressão-competência, à medida que as pessoas envelhecem e têm suas competências reduzidas, os ambientes passam a exercer uma pressão maior sobre seu comportamento. Segundo o modelo, ainda, cada indivíduo tem um nível ou zona de demanda ambiental, que sendo atendida, poderia conduzir ao alcance de níveis ideais de ajustamento, conforto e desempenho. Caso contrário, quando a demanda sai do ideal, seja para mais ou para menos, aconteceria o comportamento menos eficiente. Desta forma, os idosos mais debilitados se adaptariam a uma menor variedade de ambientes, enquanto o oposto aconteceria com aqueles com capacidade funcional mais intacta (LAWTON, 1990 apud CUPERTINO, 1996).

O modelo da pressão-competência, apresentado na forma gráfica junto à Figura 3, apresenta, portanto, o problema do funcionamento do idoso como o encaixe entre o desempenho do indivíduo e o cenário mais adequado às suas competências. O conceito central da teoria é o nível de adaptação, mediado entre a competência do indivíduo e a pressão exercida pelo ambiente sobre o indivíduo (SCHWARZ, 2003 p.13). Então, para um indivíduo com um dado nível de competência, o ambiente pode provocar um comportamento mal-adaptativo, marginalmente

adaptativo ou adaptativo. O ambiente poderia ainda garantir o desempenho de um indivíduo ao atuar como um auxílio protético (MOORE et al, 2003).



**Figura 3:** Modelo da Pressão-Competência (LAWTON, 1982 apud WEISMAN e MOORE, 2003)

Duas implicações importantes desta teoria seriam a docilidade ambiental e a pró-atividade do ambiente. A *docilidade* do ambiente diz respeito aos benefícios que idosos com déficits diversos podem ter em seus resultados adaptativos a medida em que o ambiente atua como auxílio protético. Porém, embora o ambiente deva compensar as perdas advindas do envelhecimento, ele pode ser igualmente prejudicial quando ignora as capacidades do indivíduo e oferece mais auxílio do que o necessário, simplesmente partindo do pressuposto da dependência. A *pró-atividade* do ambiente, portanto, significa que este deve ser também estimulante, incentivando o idoso a manter sua capacidade funcional tanto quanto possível. Isso também implica que, a medida em que o idoso é fortalecido em sua capacidade de desempenho, a possibilidade de que este o utilize para atender às suas necessidades pode igualmente aumentar.



O modelo da congruência, proposto por Carp e Carp (1984, p. 279-336) está fortemente baseado no modelo da pressão-competência de Lawton e Nahemow (1973), e é apresentado em duas partes, diferenciadas de acordo com o nível de necessidade ou tipo de congruência entre o idoso e o ambiente.

A primeira parte do modelo concentra-se sobre as necessidades de ordem básica ou de manutenção da vida. Neste nível, as características da pessoa e do ambiente facilitam, permitem ou inibem a satisfação das necessidades básicas através do desempenho adequado ou não das atividades da vida diária necessárias para a continuidade de uma vida independente. Em outras palavras, constituem as competências pessoais e os recursos/barreiras do ambiente relevantes para o desempenho das atividades da vida diária. Neste caso, a congruência é o grau de **complementaridade** entre as competências pessoais e os recursos/barreiras do ambiente relevantes para o desempenho das atividades da vida diária. Por exemplo, quando as competências pessoais são muito limitadas, pode ser necessário auxílio protético para atingir um nível adequado de complementaridade com o ambiente. Nesta parte do modelo, tanto pessoa como ambiente são variáveis que afetam diretamente os resultados de congruência esperados. Isto é, algumas pessoas são capazes de se adaptar a uma grande variedade de ambientes diferentes, enquanto outras somente se adaptam a poucos ambientes. Da mesma forma, alguns ambientes podem facilitar o desenvolvimento normal das atividades diárias para uma grande gama de pessoas com necessidades diferentes, enquanto outros incluem demandas ou barreiras que somente se adequam às capacidades de poucas pessoas (CARP e CARP, 1984 p. 281-282).

A segunda parte do modelo trata das necessidades pessoais de ordem mais elevada (*higher order needs*) e as características do ambiente que facilitam, permitem ou inibem a satisfação destas necessidades. O conceito de congruência neste nível difere do nível anterior e corresponde à **similaridade** entre o grau de necessidade em relação a um fator ambiental e o suporte oferecido pelo ambiente. Aqui, as variáveis pessoa e ambiente não são positivas e nem negativas do ponto de vista adaptativo. Por exemplo, não é melhor nem pior para uma pessoa ter maior ou menor necessidade de privacidade, ou para um ambiente proporcionar mais ou menos condições neste sentido. O melhor encaixe entre pessoa e ambiente se dá pela similaridade entre uma necessidade

e o suporte oferecido pelo ambiente (um ambiente que proporcione um alto grau de privacidade para uma pessoa que tenha uma alta necessidade neste sentido) (CARP e CARP, 1984 p.281).

Em suma, o modelo da congruência assume que o bem-estar é influenciado pela extensão com que as competências pessoais encontram as demandas ambientais necessárias para a continuação de uma vida independente e, ainda, pela extensão com que os recursos do ambiente encontram as necessidades pessoais, não somente aquelas necessárias à sobrevivência, mas também aquelas mais subjetivas como socialização, privacidade e experiência estética.

Embora a gerontologia ambiental tenha atingido muitos avanços no sentido de buscar a melhor compreensão das relações idoso-ambiente, para Windley e Weisman (2003, p. 334), o problema da transferência do referencial teórico da gerontologia ambiental para o campo da prática é um tema tão antigo quanto a própria origem desta linha de pesquisa. De acordo com os autores, pouco avanço tem sido verificado neste sentido desde então, fazendo com que esta preocupação continue a ocupar uma posição bastante central nas discussões entre os pesquisadores da área. Assim, a ligação entre pesquisa e prática permanece sendo um desafio fundamental para a gerontologia ambiental, bem como para o domínio mais amplo dos estudos ambiente-comportamento. Ainda segundo os referidos autores, o problema está enraizado na separação institucionalizada da pesquisa e prática com alguma variante de pesquisa-ação comumente proposta como meio de resolução.

### 2.1.2 A instituição como habitação

A influência do ambiente físico é particularmente crítica quando se pensa nos idosos que vivem no ambiente restrito das instituições de longa permanência. Segundo Lawton (1986, p. 106), as instituições abrigam o segmento mais vulnerável da população de idosos e constituem ambientes que diferem radicalmente daqueles experienciados pela maioria dos idosos antes de sua admissão. Esses ambientes, normalmente, são caracterizados por oferecerem demandas muito altas e demandas muito baixas para o indivíduo.

Baltes e Silverberg (1994 apud CUPERTINO, 1996 p. 14) destacam o quanto o arranjo do ambiente físico e político poderiam conduzir a resultados adaptativos mais satisfatórios para um envelhecimento bem-sucedido. No entanto, os autores compreendem a instituição de idosos como fomentadora e, sobretudo, mantenedora da dependência entre seus residentes, dado o tipo de planejamento que suas estruturas conformam. O ambiente é planejado com a premissa de que o idoso é incompetente em todas as áreas de seu funcionamento. A concepção da superproteção dos ambientes de idosos que pouco exigem destes, esperam a incapacidade do idoso como comportamento esperado e conseqüência imediata do envelhecimento.

De acordo com Kalish (1981 apud CUPERTINO, 1996 p.15), a inflexibilidade do arranjo do ambiente da instituição, a exemplo de quando o idoso é impedido de trazer sua própria mobília, intensifica o senso de desamparo e impotência dos residentes. Ou seja, a impossibilidade de demarcar e personalizar o território mais imediato do idoso, diminui o seu controle sobre a sua privacidade e identidade, assim como estes perdem o domínio do espaço.

De acordo com Goffman (1996), toda a instituição tem tendências de “fechamento”. Algumas instituições, no entanto, são muito mais “fechadas” do que as demais. O caráter de “fechamento” destas instituições, que denomina de “instituições totais” (e dentre as quais situa, inclusive, as instituições para idosos), é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo. Em resumo, um dos preceitos básicos da existência e manutenção de uma instituição total é a substituição das regras do indivíduo pelas regras da instituição. Isto ocorre em maior ou menor grau dependendo da natureza da instituição, mas o resultado é sempre nocivo para a preservação da individualidade e da autodeterminação dos indivíduos do grupo dos internados.

Robert Kleemeier (1959 apud LAWTON, 1986, p. 114) sugeriu que as maiores dimensões do ambiente institucional são suas qualidades de segregação, congregação e controle. A qualidade de *segregação* é a extensão com que membros são diferenciados de não-membros (residentes versus *staff* ou pessoas que vivem na comunidade). A dimensão de *congregação* se refere à extensão com que todos os membros fazem as mesmas coisas ao mesmo tempo, tal como fazer as refeições juntos, desfrutarem dos mesmos entretenimentos, ou receber tratamento médico de acordo com uma programação. A perda geral de privacidade é um componente essencial da

qualidade de congregação. *Controle* é a extensão com que administração e *staff* determinam o comportamento dos residentes, em contraste com a auto-determinação dos residentes. O conceito de Goffman (1961 apud LAWTON, 1986, p. 114) envolve aspectos de cada uma dessas três dimensões.

Kahana (1980 apud LAWTON, 1986, p. 114-115), através de numerosos anos de pesquisa sobre a vida institucional, elaborou as dimensões de Kleemeier e adicionou outras, sugerindo a seguinte classificação da pressão ambiental que caracteriza a instituição:

- Dimensão segregadora
  - Homogeneidade versus heterogeneidade de residentes, *staff* e *design* físico.
  - Variabilidade versus rotina de atividades, estímulo, pessoas.
  - Continuidade versus descontinuidade com o passado em relação a atividades, posses, contatos sociais.
- Dimensão congregadora
  - Qualidade do comportamento privado versus público.
  - Tratamento ou aplicação de regras de forma individual versus categórica.
  - Qualidade das atividades individuais versus do grupo.
- Dimensão controle institucional
  - Controle do *staff* versus do indivíduo sobre o comportamento.
  - Valorização de conformidade versus individualidade em normas institucionais.
  - Dependência versus independência.
- Dimensão estrutura

- Tolerância versus intolerância de ambigüidades.
- Ordem versus tolerância por desordem.
- Dimensão estímulo
  - Simplicidade versus complexidade do ambiente sensorial e social.
  - Encorajamento de atividade versus passividade.
- Dimensão afeto
  - Encorajamento versus desencorajamento da expressão de afeto.
  - Nível de estimulação afetiva no ambiente institucional.
- Dimensão controle de impulso
  - Controle motor versus descarga de tensão.
  - Necessidade de gratificação imediata versus tardia.
  - Impulsividade versus deliberação.

#### **2.1.2.1 Qualificação de ambientes em instituições**

Um interessante estudo empírico sobre a influência da qualidade do ambiente físico sobre resultados adaptativos de idosos institucionalizados foi realizado por Imamoglu & Kiliç (1999), através da comparação de instituições de baixa e alta qualidade na Turquia. Para diferenciar instituições de alta qualidade de instituições de baixa qualidade, os autores basearam-se em critérios ligados a características físicas dos ambientes que proporcionam independência, autonomia e privacidade aos residentes. Os resultados desta pesquisa demonstraram que em instituições de maior qualidade os idosos apresentavam maior satisfação em relação à instituição, maior satisfação de vida e maior controle pessoal, além de uma maior relocação voluntária (ou seja, um maior número de idosos afirmou ter escolhido viver na instituição por sua própria vontade).

Lawton (1989 apud WAHL e WEISMAN, 2003) aponta três funções básicas de ambientes destinados a idosos: manutenção, estimulação e suporte. A função de *manutenção* diz respeito ao papel de constância e previsibilidade que o ambiente deve cumprir (por exemplo, conferindo identidade aos ambientes e preservando os significados cognitivos e afetivos do lar). A função de *estimulação* significa sair do usual para trazer novos arranjos de estímulos que possam levar a novos comportamentos de lazer e relações sociais. Por fim, a função de *suporte* significa compensar a redução ou a perda de competências (através da eliminação de barreiras físicas, por exemplo, ou da garantia de acessibilidade nos ambientes).

Regnier e Pynoos (1992 apud NERI, 2000), fazem as seguintes recomendações sobre a adaptação do ambiente físico para o idoso, incluindo as instituições: 1) assegurar a privacidade; 2) dar oportunidade para a interação social; 3) dar oportunidades para o exercício de controle pessoal, liberdade de escolha e autonomia; 4) facilitar a orientação espacial; 5) assegurar a segurança física; 6) facilitar o acesso a equipamentos da vida diária; 7) propiciar um ambiente estimulador e desafiador; 8) facilitar a discriminação de estímulos visuais, táteis e olfativos, permitindo às pessoas orientar-se; 9) incluir objetos e referências da história passada dos idosos, de modo a aumentar a sua familiaridade com ele; 10) planejar ambientes na medida do possível bonitos, que não tenham a aparência de asilos; 11) dar oportunidades para a personalização de objetos e locais; e 12) tornar o ambiente flexível para o atendimento de novas necessidades.

Lawton (1986, p. 125-133), faz algumas considerações sobre os seguintes aspectos do *design* físico que podem melhorar a qualidade das instituições.

- **Segurança** é uma consideração básica a talvez a mais fácil de atualizar; muitas características de design que induzem a segurança aparecem em códigos existentes, tal como o *Life Safety-Code*. Infelizmente, algumas previsões destes códigos agem em oposição direta à conquista de uma qualidade ligada ao sentimento de lar na instituição ou a designs que alcançariam algum objetivo social importante. Muito frequentemente o design institucional é baseado em um inapropriado modelo hospitalar.

- **Acessibilidade** é também relativamente fácil de se conseguir uma vez que os projetistas, normalmente, estão sensíveis a esse aspecto. Acesso a cadeiras-de-rodas para as áreas externas e para os espaços funcionais internos, por exemplo, é obrigatório pela legislação. Entretanto, a acessibilidade tem muitos aspectos sutis que não podem ser tão facilmente prescritos. O espaço para as refeições, por exemplo, é quase sempre subestimado; cadeiras-de-rodas e andadores inevitavelmente necessitam de mais espaço livre do que regras padrão prescrevem. Iluminação é um aspecto frequentemente negligenciado de acessibilidade. O nível adequado de iluminação é somente o primeiro elemento. O reflexo das luzes de teto sobre um piso encerado ou o brilho de uma janela sem cortinas pode deixar o usuário inseguro em sua caminhada, assim como a falta de um contraste claro entre parede e piso ou entre desníveis. Carpetes proporcionam calor ao apelo visual de uma área, mas muitas texturas irão constituir perigo para pessoas que caminham com insegurança e uma superfície difícil para o movimento de cadeiras-de-rodas.
- **Orientação**, mesmo para os mentalmente intactos, é frequentemente abalada pelo típico *design* institucional, sem falar nos problemas que tal *design* pode causar naqueles mentalmente confusos. Em nome de interesses como economia de construção e facilidade de manutenção, o *design* de instituições é frequentemente tão padronizado que todas as áreas parecem a mesma. Deve-se estar atento a preocupações envolvendo a variedade dos ambientes, como através de pinturas de paredes com diferentes cores para diferentes áreas, decorações diversificadas para quartos de diferentes residentes, mudanças na textura do piso quando se passa de uma área para outra, e assim por diante. Um relógio grande, um calendário, e decorações em homenagem e referência a diferentes datas comemorativas podem ajudar a manter vivo um sentido de tempo. Sinais são muito importantes, tanto para indicar o número de um andar, o nome de um edifício, a direção do escritório do administrador ou do médico, o ocupante de algum escritório ou o número do quarto de um residente. A exposição de menus (impressos em grande formato) pode ajudar a diferenciar os períodos do dia, bem como criar interesse pela próxima refeição.
- **Autonomia** é um aspecto difícil de atingir em uma instituição, uma vez que algum grau de independência é necessariamente sacrificado em favor da vigilância, tratamento médico, vida em grupo e conveniência administrativa. Entretanto, o pressuposto que toda

autonomia deve ser sacrificada é talvez o aspecto mais destrutivo da instituição. A necessidade por privacidade é frequentemente negligenciada por projetistas e administradores, e sua importância deverá aumentar para as próximas gerações de idosos.

- **Personalização** está intimamente associada com autonomia. Muitas formas de exercitar preferências pessoais de alguém podem ser removidas por regulamentos; por exemplo, não podendo trazer a própria cama para a instituição.
- **Integração social** pode ser atingida diretamente pela estrutura e mobiliário da área institucional. Áreas de alta atividade têm uma forte atração para os residentes de uma instituição. Muito da arquitetura institucional do passado e, infelizmente, parte do *design* institucional contemporâneo tem parecido quase deliberado em sua frustração de tais demandas sociais. Uma alta proporção do espaço comum de muitas instituições está nos corredores, e muitos espaços designados para um uso social estão localizados nos finais de corredores ou em outras áreas “silenciosas” onde não existem atividades. Em contraste, onde os residentes estiverem aptos a escolher, eles irão sentar próximo das entradas das edificações, áreas de refeições, escritórios da equipe de funcionários ou estações de enfermeiros. – frequentemente aqueles lugares que causam incômodo à equipe de trabalho (*staff*), sem falar do congestionamento e das situações de risco causadas pelo acúmulo de pessoas em pequenos espaços que não foram planejados para este tipo de uso. Observações têm tornado claro que olhar o comportamento de outras pessoas é uma ocupação favorita para o residente institucional. O que quer que seja feito para maximizar esta oportunidade representa um esforço que merece ser empreendido. Localizar lugares para sentar próximo de pontos de atividades é mais fácil quando se desenha uma nova edificação. No entanto, muito pode ser feito ao se adaptar as edificações existentes para este propósito. Por exemplo, a maioria das estações de enfermeiros está próxima dos quartos de um ou mais pacientes. Um destes quartos pode usualmente ser aberto para o *hall* e convertido em uma área para sentar ou para o desenvolvimento de atividades, de onde a “ação” possa ser vista. Além do prazer em observar o comportamento de pessoas em atividade, alguns observadores podem ser estimulados quando eles podem ver outros engajados em atividades. Onde o espaço permite, a simples disposição de assentos pode servir como um convite para as pessoas usarem uma área. A orientação do assento pode



ter uma grande influência para a ocorrência da interação social. Sommer e Ross (1958 apud LAWTON, 1986 p.132) simplesmente mudaram a localização de cadeiras dispostas em torno de uma sala para um padrão de quatro cadeiras em torno de pequenas mesas e conseguiram um incremento no comportamento social. A mobília mais pesada ou localizada de forma permanente (tal como bancos em áreas externas) deveria garantir uma variedade de escolhas para o usuário. Arranjos de bancos frente-a-frente são confortáveis para uma conversação entre duas pessoas, mas para grupos maiores, bancos com três lados ou a disponibilização de cadeiras podem ser necessários. Sentar-se face-a-face força o contato dos olhos, podendo deixar as pessoas desconfortáveis. Arranjos de bancos em “L” permitem a escolha do contato dos olhos ou não. Sofás para três pessoas podem ser considerados um desperdício de mobiliário, uma vez que a interação é amplamente limitada a duas pessoas adjacentes quando todas estão voltadas para a mesma direção. Para pessoas que desejam estar “sozinhas na multidão” alguns assentos solitários são desejáveis. Cantos são preferidos, e para muitas pessoas uma parede atrás do seu assento lhes dá uma sensação de segurança.

- **Considerações estéticas** deveriam ser mais observadas nas decisões de projeto. Necessidades de limpeza, eficiência, e segurança, frequentemente, incorrem em prejuízos para as qualidades de aconchego e sensação de “lar” nas instituições. Parte dessa dificuldade estaria relacionada à tendência dos projetistas em associarem o projeto de lares de idosos ao projeto de escritórios e hospitais. Embora a decoração desses ambientes deva estar atenta à existência de regulamentos, muito da humanização desses espaços poderia ser conquistada insistindo-se para que os membros da equipe de trabalho (*staff*), familiares, ou ainda gerontologistas trabalhassem com os arquitetos e suas equipes na escolha do mobiliário e materiais do interior.

Em relação à localização de instituições para idosos, Regnier (2002 apud WINDLEY e WEISMAN, 2003 p.349), utilizando abordagens de observação e de avaliação pós-ocupação para levantar dados sobre 100 instituições para idosos no norte da Europa, concluiu que os lugares das habitações deveriam (a) adequar-se ao mapa cognitivo de uma comunidade, que irá promover conexão com a comunidade e identidade com o lugar, (b) servir os idosos residentes na vizinhança do entorno ao oferecer uma massa crítica de serviços úteis a todos os idosos na área,

(c) empregar modelos de uso misto do lugar para promover diversidade social e vitalidade econômica na vizinhança local, (d) capturar vistas além da habitação e lugar para garantir orientação espacial e facilitar o envolvimento dos residentes através da observação de atividades, e (e) criar pátios para capturar vistas, assegurar a privacidade e garantir a interação social.

## 2.2 OS ESPAÇOS ABERTOS COMO UM RECURSO

O conhecimento e a consciência de que um bom *design* ou um *design* ruim pode influenciar o bem-estar das pessoas tem aumentado entre arquitetos, decoradores de interior e paisagistas. Uma expressão da ligação entre *design* e saúde no paisagismo pode ser encontrada no movimento em torno dos chamados *healing gardens*, ou seja, jardins que poderiam de várias formas influenciar positivamente seus visitantes (COOPER MARCUS e BARNES, 1999 apud STIGSDOTTER e GRAHN, 2002).

Um dos argumentos mais relevantes no sentido de justificar a importância de espaços abertos junto a instituições para idosos, assenta-se no fato de que os idosos institucionalizados gradativamente passam a ter menos contato com outros espaços desta natureza fora da instituição em que vivem (como parques e praças, por exemplo) (STONENHAM; THODAY, 1994).

De acordo com Stigsdotter e Grahn (2002, p.67), as teorias que procuram explicar os efeitos do *healing garden* sobre a saúde das pessoas advém de diferentes profissões e disciplinas de pesquisa. Os autores dividem essas teorias em três diferentes escolas: 1) A escola do *healing garden*, onde os efeitos sobre a saúde derivam, acima de tudo da experiência do contato com o jardim em si, bem como de seu *design* e conteúdo; 2) A escola da terapia horticultural, onde os efeitos sobre a saúde derivam principalmente das atividades desenvolvidas no jardim; 3) a escola cognitiva, onde os efeitos do jardim se devem tanto à experiência do jardim em si, como das atividades nele desenvolvidas.

Tomando-se por base o modelo de qualidade de vida na velhice de Lawton (1991 apud NERI, 2000), discutido anteriormente (item 2.1), os espaços abertos junto às instituições de longa

permanência, desde que convenientemente planejados, poderiam constituir um importante recurso no sentido de elevar a qualidade de vida do idoso institucionalizado, tanto objetiva como subjetivamente. As contribuições desses espaços poderiam se dar de forma direta, através de efeitos benéficos sobre a saúde e bem-estar dos idosos que utilizam estes espaços, ou de forma indireta, através das interações entre estes espaços e as edificações, através do reaproveitamento e geração de recursos que podem auxiliar a viabilidade econômica da instituição, e, por fim, diminuindo o isolamento dos idosos em relação a outras gerações ao servir como um atrativo para a comunidade local.

Para Brawley (2001), a exposição à luz natural é fundamental para a síntese da vitamina D e, conseqüentemente, para a absorção do cálcio nos ossos. A inadequada exposição à luz natural, por outro lado, resulta no enfraquecimento dos ossos e aumenta o risco de fraturas ocasionadas por eventuais quedas. Quando as pessoas se privam da exposição aos ciclos de luz e escuro que caracterizam o dia, também ocorrem conseqüências negativas sobre seu relógio interno ou biológico, trazendo distúrbios ao sono.

Um estudo realizado por Küller et al (1990), envolvendo idosos residentes na Suécia e na Turquia, revelou que os idosos de ambos países que dedicavam mais horas de suas vidas a atividades ao ar livre, ou simplesmente a "tomar sol", necessitavam ir menos vezes ao médico, apresentavam melhor saúde, melhores níveis hormonais e melhor qualidade de sono. Os indivíduos pesquisados que passavam mais horas do dia expostos ao ar livre e à luz natural ainda se mantinham mais alertas, mais tranquilos, com melhor senso de orientação e com menor ocorrência de estados de depressão.

Outro aspecto importante que reforça a importância do acesso de idosos a áreas abertas é a possibilidade que estes locais apresentam de oferecer condições para a realização de atividades físicas. De acordo com Berg (1980 apud GRAHN, 1994), a realização de exercícios físicos acelera a regeneração dos ossos e fortalece músculos, cartilagens, ligamentos e tendões. Atividades físicas também aumentam a taxa de metabolismo nas juntas, em particular nos ligamentos, e ajudam a combater a descalcificação da estrutura óssea (IDROTT OCH MOTION I SVERIGE, 1989 apud GRAHN, 1994). Conseqüentemente, a atividade física reduz o risco de

vários tipos de quedas e de fraturas comuns à população de idosos (GRAHN, 1994; CAMPBELL et al, 1999 apud RITZEL et al, 2001).

A possibilidade de respirar ar fresco também é um fator importante ligado aos espaços abertos, principalmente quando as edificações não dispõem de condições adequadas de ventilação. Além disso, quando associados à presença de vegetação, espaços abertos podem apresentar outros benefícios em relação à qualidade do ar. O ar das grandes cidades, contaminado por compostos químicos produzidos pela queima de combustíveis fósseis por veículos e indústrias e com altas concentrações de poeira e material particulado, pode causar uma série de danos para a saúde (GRAHN, 1994). A vegetação retém em suas folhas parte da poeira que se encontra em suspensão no ar e ainda absorve alguns dos gases poluentes, auxiliando, assim na melhoria da qualidade do ar (GRAHN, 1994; MILANO, 1994).

Para Stoneham & Thoday (1994), espaços abertos bem projetados podem contribuir para uma melhor qualidade de vida dos idosos ao aumentar as oportunidades de atividades e interesses, ampliando os horizontes sociais e reduzindo sentimentos de isolamento para com o mundo exterior. Sentar-se em um banco ao ar livre ou caminhar através dos espaços externos pode proporcionar o contato com plantas e uma oportunidade para coletar materiais para *hobbies* como o preparo de arranjo de flores ou o preparo de alimentos. O jardim pode também ser importante ao proporcionar locais adicionais de privacidade em relação à casa.

Atividades que envolvem o contato com as plantas e com o solo também são outras possibilidades oferecidas pelo acesso a espaços abertos que parecem exercer um efeito terapêutico sobre as pessoas. Kaplan (1973 apud FEDRIZZI, 1998), demonstrou através de suas pesquisas que as atividades de jardinagem e horticultura produzem uma grande satisfação e tranquilidade no ser humano. Observaram, ainda, que o ser humano demonstra grande prazer em cultivar seu próprio alimento, em dividir a colheita com outras pessoas, em trocar informações sobre o assunto e observar o crescimento das plantas. Identificou, também, que pessoas que perdem o controle das suas vidas, quando se dedicam a essas atividades, de alguma forma, em maior ou menor grau, recuperam o controle.

Sobre os efeitos terapêuticos do jardim e das atividades que envolvem o cultivo de plantas, têm-se observado, principalmente na Europa e Estados Unidos, o crescimento e consolidação de uma nova área de conhecimento aplicado: a terapia horticultural. De acordo com Flagler (2002), a terapia horticultural, na verdade, não é um novo conceito, estando sua origem relacionada ao antigo Egito, onde, durante séculos, a jardinagem e o cultivo de plantas eram prescritos para pessoas que sofriam de algum mal ou limitação. Para Epstein (1998), a premissa básica do *design* de paisagens terapêuticas e da terapia horticultural é que as pessoas se relacionam com as plantas. Segundo o autor, jardins terapêuticos são desenhados para crianças, para aqueles com deficiências físicas permanentes ou temporárias, para pacientes com doença de Alzheimer, para idosos, para aqueles com doenças terminais e suas famílias e para presidiários.

Os espaços abertos também podem constituir um local que permita a criação de animais de estimação e o contato dos idosos com os mesmos. Para Hart (2002), os benefícios de contatos com animais de estimação sobre a saúde dos idosos estão ligados a vários fatores, entre eles: podem exercer efeitos de socialização no comportamento dos idosos; podem conferir um papel ou uma identidade individual a alguns idosos; auxiliam a reduzir o estresse em pessoas idosas, especialmente quando este é decorrente da perda de pessoas muito importantes como o cônjuge, por exemplo; e, por fim, os animais de estimação podem ainda constituir um estímulo à participação dos idosos em atividades. Siegel (1990), após acompanhar durante 1 ano a utilização de serviços médicos de 983 matrículas de idosos no serviço público de saúde dos Estados Unidos, constatou que idosos que possuíam animais de estimação recorriam muito menos aos médicos do que aqueles que não possuíam.

A presença de vegetação nos espaços abertos pode ainda beneficiar o idoso institucionalizado pelo simples acesso visual a estes locais. Segundo Ulrich (1995), o efeito visual de paisagens naturais é especialmente importante e benéfico em situações nas quais indivíduos submetidos a consideráveis condições de estresse necessitam passar longos períodos em um cenário confinado. Neste tipo de cenário, o contato visual prolongado com a natureza pode ter efeitos positivos sobre os componentes psicológico, fisiológico e comportamental do estresse. A este respeito, um famoso estudo publicado na revista *Science*, realizado por Ulrich (1984), mostrou que o *design* de hospitais tem efeito sobre a recuperação de pacientes. Observando pacientes que se recuperavam

de cirurgias, verificou que aqueles que dispunham de vistas para um parque a partir de seus quartos conseguiam se recuperar em média um dia antes do que aqueles que não tinham vistas para estes locais. Robson et al (1997) e Stoneham & Thoday (1994) chamam a atenção para a necessidade de se prever visões atrativas do interior das edificações para os espaços externos ao se proceder no design de instituições para idosos, tendo em vista a que muitas pessoas poderão vir a permanecer quase todo tempo no interior da edificação.

Sob o ponto de vista do conforto físico no interior das edificações, as interações positivas com os espaços abertos estão relacionadas, principalmente, aos benefícios térmicos da presença de vegetação nestes locais. Segundo Cantuaria (1995), a cuidadosa disposição da vegetação no entorno de edificações tem sido reconhecida há muito tempo como uma forma de melhorar as condições térmicas das habitações. A vegetação influencia o ganho de calor pelas edificações através de processos que envolvem a interceptação dos raios solares (sombreamento), proteção contra infiltrações de ar e a criação de microclimas resfriados ao redor das edificações (CANTUARIA, 1995; RIVERO, 1986). Sattler (1987) chama a atenção, ainda, para a questão econômica dos benefícios térmicos da vegetação. Segundo o autor, a utilização de vegetação pode ser uma importante alternativa no sentido de se diminuir os ganhos térmicos das edificações e, desta forma, reduzir o consumo de energia para o resfriamento do ar interno durante os períodos quentes do ano.

Os espaços abertos de uma instituição de longa permanência, desde que adequadamente planejados, poderiam ainda atuar como um recurso para reduzir o isolamento social do idoso institucionalizado, ao servir como um atrativo para a comunidade local. Duenwald (1999), analisando formas alternativas de habitação para idosos, defende que um dos aspectos mais importantes a ser considerado é o incentivo a interações positivas entre os idosos e as gerações mais jovens. Assim, ao invés de separar os idosos do resto da comunidade, ao focar apenas formas de se atingir suas necessidades, deveria se ter em mente as exigências da comunidade como um todo. A alternativa de habitação proposta pelo autor prevê a combinação de vários serviços e programas na mesma área, a fim de aumentar as interações entre indivíduos idosos e indivíduos de gerações mais jovens. Entre as facilidades previstas em sua proposta, o autor dá grande ênfase à presença de espaços abertos que contemplem diversas formas de lazer, como uma

forma de atrair a comunidade para esta área, aumentando o convívio entre idosos e outras gerações.

Outro benefício indireto da presença de espaços abertos junto a instituições para idosos reside na possibilidade de transformar parte destes locais em áreas produtivas. Conforme comentado anteriormente, a jardinagem e a horticultura podem exercer efeito terapêutico sobre as pessoas. Este tipo de atividade pode ainda contribuir com a produção de alimentos *in natura* (principalmente frutas, verduras e legumes) ou beneficiados (como compotas, por exemplo), que podem ser utilizados nos refeitórios das instituições, auxiliando a reduzir as despesas com a manutenção da casa, o que é particularmente interessante, tendo em vista as dificuldades enfrentadas por instituições dessa natureza. Eventualmente, pode-se, ainda, gerar uma renda complementar para a instituição através da comercialização dos excedentes produzidos.

### 2.2.1 Qualificação dos espaços abertos

Carstens (1993) forneceu uma excelente revisão de pesquisa relacionada a questões de projeto para espaços abertos destinados a pessoas idosas vivendo em cenários residenciais, variando de habitações congregadas (*congregate housing*) até instituições (*nursing homes*). Seu guia de projeto está baseado em uma perspectiva comportamental e ambiental com um foco especial em (a) uma abordagem protética de projeto (b) a necessidade por variedade e escolha, (c) garantia de autonomia e independência, (d) proporcionar personalização e controle, (e) promover a adaptabilidade ambiental, (f) melhorar a acessibilidade, e (g) propor políticas de gerenciamento dos recursos.

Também no espírito de produzir recomendações de planejamento e projeto, Cooper-Marcus e Barnes (1999) apresentam um amplo conjunto de resultados de pesquisas relacionadas ao conceito de “*healing gardens*”. Partindo da premissa básica de que a natureza tem poderes restauradores que promovem a saúde, a cura e, sobretudo, o bem-estar, os fundamentos conceituais desta noção residem no controle do *stress* através de mecanismos de *coping* estimulados pelo ambiente natural. A maior parte da pesquisa compilada por Cooper-Marcus e

Barnes foi conduzida em instituições de serviços de saúde e frequentemente incluía pessoas idosas como sujeitos. Essas pesquisas, especificamente, relacionam-se a hospitais, hospitais psiquiátricos, *healing gardens* para crianças e instituições para idosos, incluindo instituições para pacientes portadores da doença de Alzheimer. Entre as recomendações mais importantes compiladas pelos autores estão: a) planejar os jardins no início do processo de planejamento das edificações, criando uma variedade de espaços externos que tirem vantagem de vistas interessantes, permitam a reclusão e, ao mesmo tempo, o controle jurisdicional; b) criar uma consciência da disponibilidade desses espaços externos ao indicar suas direções e proporcionar informações aos usuários sobre a existência dos mesmos; c) garantir vistas interessantes para as áreas externas através da localização apropriada de janelas e sacadas e prever itens que atraíam a vida selvagem para esses jardins; d) criar fácil acesso aos espaços externos através da proximidade aos potenciais usuários, do uso de portas automáticas, de superfícies de piso que facilitem a movimentação e de corrimãos e, ainda prevendo arranjos variáveis desse tipo de recurso que permitam contemplar pessoas com diferentes habilidades; e) planejar o jardim para ser em si mesmo um foco central de atenção, criando limites bem definidos e, ao mesmo, tempo subdivisões em espaços maiores e menores; f) desenvolver políticas administrativas para a educação de empregados e voluntários sobre os efeitos terapêuticos dos jardins.

Um interessante trabalho desenvolvido por Alves et al (2005), chama atenção, ainda, para a consideração de diferenças culturais no desenvolvimento de projetos de espaços externos para idosos. Em uma pesquisa com idosos residentes em instituições de longa permanência nos Estados Unidos, a autora identificou diferenças entre as preferências de idosos hispânicos e idosos anglo-americanos em relação às áreas externas. Os resultados da pesquisa mostraram que os idosos hispânicos acham cenários externos mobiliados, mais compatíveis com suas atividades preferidas tais como a socialização orientada pela formação de grupos. Idosos anglo-americanos, por outro lado mostraram preferências orientadas a cenários mais naturais, adequados às suas necessidades de quietude e reflexão.

Tomasini (2002) realizou um estudo de caso comparativo envolvendo duas instituições de idosos com diferentes condições de disponibilidade de espaços abertos. A partir dos resultados de entrevistas e observações realizadas com idosos e funcionários, o autor identificou uma série de



características que devem ser atendidas no planejamento de espaços dessa natureza. Com base nessas características e nos resultados de uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema, propõe recomendações para o planejamento de espaços abertos para idosos, os quais podem ser visualizados de forma compilada na Figura 4.

<b>Características dos espaços abertos a serem atendidas</b>	<b>Recomendações</b>
acessibilidade e segurança	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Áreas externas destinadas à utilização mais intensiva, como terraços, por exemplo, devem ser facilmente acessadas a partir do interior das edificações. Idealmente, o nível do piso do lado exterior da edificação deve encontrar o nível de seu interior.</li> <li>• Sempre que possível, oferecer ao usuário a escolha entre rampa e degraus.</li> <li>• Portas de acesso para o exterior devem apresentar largura suficiente (mínimo de 85 cm) para a passagem de cadeiras-de-roda e serem fáceis de abrir.</li> <li>• Disponibilizar corrimãos em acessos e caminhos sempre que possível (para facilitar sua visualização, devem apresentar cores que proporcionem contrastes marcantes com o fundo de onde estão inseridos).</li> <li>• Caminhos que percorrem o jardim devem ser largos o suficiente para permitir que duas pessoas utilizando cadeiras-de-roda ou andadores possam passar ao mesmo tempo (idealmente 1,8 m).</li> <li>• Caminhos devem apresentar superfícies firmes, semi-porosas e antiderrapantes.</li> <li>• Bordas e limites devem ser marcados com ladrilhos ou pavimentações de cores fortes.</li> <li>• Perigos ou alterações no trajeto devem ser indicados com ranhuras na superfície para auxiliar pessoas cegas com bengalas.</li> <li>• Galerias de drenagem e grades devem ser cuidadosamente protegidas.</li> </ul>
proximidade aos acessos das edificações	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dedicar especial atenção ao tratamento das áreas mais próximas às edificações e seus acessos, pois essas, certamente, serão as mais utilizadas pelos idosos. A qualidade destas áreas é especialmente importante para os idosos que apresentam maior fragilidade, cuja dificuldade de locomoção limita ainda mais a utilização de locais mais distantes.</li> </ul>
liberdade de acesso	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Deve haver uma clara política da administração da instituição no sentido de incentivar a maior apropriação possível do pátio por seus residentes. Para que este incentivo seja possível, no entanto, os espaços abertos devem ser adequadamente planejados e oferecer infra-estrutura física que permita a utilização da máxima área possível pelos idosos com o mínimo de riscos para a sua integridade física e sem que haja conflito com possíveis funções de serviço a serem desenvolvidas nas áreas externas.</li> </ul>
limpeza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dedicar especial atenção à adequada manutenção dos espaços abertos em instituições para idosos, tanto em relação à infra-estrutura disponível, como também em relação aos cuidados com a vegetação. O aspecto de abandono das áreas, pode transmitir idéias de desorganização e sujeira, acompanhadas por uma sensação de risco que desestimula sua utilização pelos idosos. Deve-se tomar cuidado, no entanto, para não conferir aos espaços abertos um aspecto demasiadamente “arrumado”, a ponto de terem sua utilização restrita, desestimulando sua apropriação pelos idosos.</li> </ul>
conforto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Oferecer tanto áreas de sombra como áreas ensolaradas nos espaços abertos da instituição, permitindo aos idosos optar entre ambas as situações de acordo com as condições do clima.</li> <li>• Os locais destinados à permanência mais prolongada dos idosos (como locais para sentar) devem ser protegidos contra a incidência de ventos.</li> <li>• Ter particular cuidado ao selecionar materiais de superfícies de pisos ou mobiliário a serem utilizados nos espaços abertos a fim de reduzir o desconforto causado aos idosos e evitar eventuais riscos de queda devido ao ofuscamento da visão.</li> <li>• Prever bancos em quantidades adequadas, construídos de forma ergonomicamente adequada para as necessidades dos idosos e colocados em intervalos de espaço adequados ao longo do pátio (de maneira a estimular o idoso a percorrer os espaços disponíveis, ao certificar-lhes de que encontrarão locais de descanso ao longo do percurso). Também é importante, sempre que possível, a presença de locais pavimentados, próximos às edificações até onde os idosos (ou seus cuidadores) possam carregar sem dificuldades o mobiliário móvel necessário (como cadeiras de armar, guarda sóis, etc.) e ali instalá-lo de acordo com sua escolha.</li> </ul>
**** CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE****	

***** CONTINUAÇÃO***	
Características dos espaços abertos a serem atendidas	Recomendações
elementos de interesse	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proporcionar paisagens altamente interessantes, que apresentem um estilo doméstico e que contemplem espécies de plantas pelas quais as pessoas manifestam preferências. As variações sazonais da vegetação são especialmente importantes para os idosos que gozam de pouca mobilidade, cujo maior aproveitamento do pátio se dá por meio visual, seja a partir de áreas externas mais próximas à edificação, seja a partir do interior da edificação, através da vista de janelas.</li> <li>• Deve-se prever no planejamento da área, a utilização de plantas que possam ser coletadas pelos idosos, tanto para consumo, como para o desenvolvimento de <i>hobbies</i> no interior da edificação.</li> <li>• Especialmente para idosos cegos, é fundamental que o jardim seja uma fonte de estímulo a outras sensações como o olfato e o tato. Para isso é importante utilizar plantas aromáticas pelo jardim, bem como planejar arranjos de vegetação que permitam ao idoso sentir, através do tato, diferentes contrastes de texturas. Estes arranjos devem estar ao alcance das mãos do deficiente visual, devendo ser priorizada, com este objetivo, a utilização de plantas de crescimento predominantemente vertical.</li> <li>• Utilizar, sempre que possível, plantas que exaltem boas lembranças aos residentes; muitas espécies de plantas podem estar associadas a períodos significativos e felizes da vida das pessoas.</li> <li>• Se possível, contar com a presença de animais domésticos da preferência dos idosos. Onde não é possível a presença destes animais, deve-se dedicar maior atenção à atração de animais silvestres que venham a visitar o jardim. A atração destes animais pode ser incrementada pelo planejamento paisagístico das áreas externas através da: presença de água, utilização de espécies arbóreas que sirvam de abrigo, utilização de espécies atrativas (frutíferas nativas ou espécies floríferas que atraem beija-flores e borboletas, por exemplo) ou pela utilização de abrigos ou alimentadores artificiais.</li> <li>• Possibilitar a observação da movimentação de pessoas, tanto dentro da área da instituição como além de seus limites (que auxilia a manter o “contato com o mundo exterior à instituição”). Sempre que possível, dedicar particular atenção a áreas localizadas em frente à instituição e/ou junto às rotas de acesso à casa.</li> </ul>
atividades	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os espaços abertos devem possuir locais e infra-estrutura adequada para a realização de tarefas domésticas pelos idosos que desejam continuar responsáveis pelas mesmas (como, por exemplo, tanques para a lavagem e varais para a secagem de roupas).</li> <li>• Áreas para a realização de caminhadas são muito importantes em instituições para idosos, tanto ao representar uma forma de atividade física como ao constituir um atrativo para que as idosas saiam da edificação e aproveitem outros benefícios do pátio (como apanhar sol, respirar ar fresco e observar a vegetação). Devem ser previstas no planejamento de espaços abertos de instituições desta natureza sempre que possível, observadas as condições de acessibilidade e segurança que permitam sua utilização mesmo pelos idosos que apresentam maior fragilidade.</li> <li>• Oferecer locais que permitam o cultivo de plantas (ornamentais, comestíveis e medicinais). Uma alternativa que pode facilitar o cultivo de plantas por idosos é o uso de canteiros elevados. O princípio dos canteiros elevados consiste em elevar o nível do solo de cultivo a uma altura mais confortável para o jardineiro, o que pode ser conseguido através da construção de caixas ou reservatórios, ou através da construção de terraços ou paredes de contenção (quando se dispõe de terrenos mais íngremes).</li> </ul>
privacidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A possibilidade de encontrar nos espaços abertos locais que permitam “ficar em silêncio” e “poder meditar” é especialmente importante onde as pessoas não encontram espaços privativos no interior da edificação. Deve-se prever, portanto, a colocação de alguns bancos longe das mesmas a fim de oportunizar aos idosos a possibilidade de encontrar privacidade. A disponibilidade de bancos mais afastados também proporciona aos residentes a privacidade necessária quando estes recebem familiares ou amigos na instituição.</li> <li>• Recomendam ainda, onde é possível, que cada apartamento ou dormitório tenha uma área própria que permita às pessoas sentarem do lado de fora, ou que pelo menos dê a impressão de ser seu próprio espaço privativo.</li> </ul>

**Figura 4 :** Recomendações para espaços abertos de instituições para idosos em função de características a serem atendidas (TOMASINI, 2002)

## 2.3 PROCESSO DE PROJETO E PARTICIPAÇÃO DOS USUÁRIOS

O *design* participativo tem sido discutido pelo menos desde a década de 60 (CROSS, 1972 apud REICH et al, 1996; SANOFF, 1990 apud REICH et al, 1996). Desde então, tem-se demonstrado um campo de pesquisa bastante ativo, representando um reconhecimento de que o envolvimento direto do usuário no *design* e processo de tomada de decisão tem uma influência positiva, e que sua investigação leva a um processo continuado de *insight* e geração de conhecimento. O amadurecimento deste campo, durante esse tempo, tem levado ao reconhecimento do *design* participativo como um processo de muitas abordagens e técnicas (LUCK, 2003).

Segundo Luck (2003), as abordagens de *design* participativo são reconhecidas por admitirem o *design* como um processo social, ilustrando que a esfera da atividade de *design* se estende além do projetista. As pessoas que participam de uma oficina de *design* são parte do processo social de *design* e desempenham um papel ativo no levantamento dos problemas e questões, na discussão e nos processos de tomada de decisão que fazem parte dos estágios anteriores de um projeto. As pessoas, conhecidas comumente como usuários, são participantes no processo de *design*, o que torna menos definidos os limites entre projetistas e usuários.

Do ponto de vista comportamental, Matthies e Krömker (2000) colocam que o planejamento de intervenções que utiliza estratégias participativas parece especialmente eficiente a longo prazo em relação a mudanças de comportamento. Uma explicação para isso é que essas estratégias facilitariam a ativação de regras implícitas e de uma motivação intrínseca, enquanto estratégias não-participativas poderiam estar substituindo objetivos implícitos por um controle externo, restrito ao comportamento-alvo da intervenção. A título de exemplo, os autores citam um estudo de intervenção utilizando estratégias participativas, realizado por Ludwig e Geller (1997 apud MATTHIES E KRÖMKER, 2000), sobre o controle de acidentes entre entregadores de pizza. Os pesquisadores observaram que os membros do grupo que participaram do processo de estabelecimento de programa de intervenção, melhoraram não somente o comportamento-alvo da intervenção (parar o veículo nos cruzamentos), mas também melhoraram comportamentos relevantes que não faziam parte do programa (como sinalizar a mudança de direção do veículo e usar cinto de segurança).

Sommer (1983) denomina a ligação entre *design* e ciências comportamentais como *design* social. Para esse autor o *design* social difere de outras abordagens de *design* participativo ao estar baseado não somente na participação dos usuários, mas também na utilização de métodos e conceitos próprios das ciências sociais.

De acordo com Sommer (1983), o *design* social tem sua origem em um amplo movimento para humanizar o processo pelo qual o ambiente construído era planejado. Suas raízes podem ser relacionadas a Lewis Mumford, Richard Neutra, Jane Jacobs, e Paul e Percival Goodman na Arquitetura e Planejamento Urbano; e Roger Barker, James J. Gibson, e Kurt Lewin na Psicologia. Esse movimento não estava associado com um estilo ou estética em particular; sua ênfase estava mais sobre o processo, ou seja, identificar os valores dos usuários e trazê-los para o processo de planejamento, do que sobre uma forma específica ou um produto arquitetônico.

O *design* social fez parte de uma preocupação mundial com os direitos humanos, baseados na suposição de que condições degradantes como pobreza, má-nutrição, doença e condições de sub-habitação não eram inevitáveis e que poderiam ser erradicadas se suficiente atenção e disponibilização de recursos fosse direcionada para a sua solução. O reconhecimento de que uma vida melhor era possível para toda a humanidade e não apenas um privilégio de poucos, não era uma nova doutrina filosófica, já que sua origem advém de pensadores de períodos muito anteriores da História, mas na década de 60 isto começou a se tornar praticamente uma realidade para muitos segmentos sociais anteriormente excluídos do poder. Nas nações em desenvolvimento a batalha estava centrada sobre o colonialismo e a justiça econômica, e entre os países desenvolvidos mais ricos as questões eram os direitos das minorias, questões gerais sobre qualidade ambiental e direitos do consumidor. O *design* social foi um meio pelo qual aqueles preocupados com o ambiente construído poderiam tomar parte ou responder como profissionais ao movimento pelos direitos humanos (Sommer, 1983).

Sommer (1983, p.7), caracteriza o *design* social da seguinte forma:

*Design* social significa trabalhar com as pessoas ao invés de trabalhar para elas; envolver as pessoas no planejamento e manejo dos espaços nos quais estão inseridas; educá-las para utilizar o ambiente de forma sensata e criativa para atingir um balanço harmonioso entre ambiente social, físico e natural; desenvolver uma consciência de beleza e um senso de responsabilidade para com o ambiente do planeta e para com outras criaturas vivas; gerar, compilar e tornar disponíveis informações sobre os efeitos de atividades

humanas sobre o ambiente físico e natural, incluindo os efeitos do ambiente construído sobre seres humanos. *Designers* sociais não podem atingir estes objetivos sozinhos e sim com a participação de estruturas de organizações maiores, que incluem as pessoas para quem o projeto está sendo desenvolvido.

Sommer (1983) propõe que em um processo de *design* social, os usuários podem ser envolvidos em todas as etapas de planejamento, execução e avaliação do projeto. Isto permite que haja uma troca de informações entre o projetista e os usuários durante todo o planejamento, resultando na construção de novos conceitos e diretrizes para o projeto dos espaços a serem trabalhados. Além disso, o maior envolvimento no processo de planejamento daqueles que irão de fato utilizar o ambiente que está sendo projetado resulta em uma maior divisão de responsabilidades entre o projetista e os usuários, gerando um maior senso de propriedade e uma utilização mais efetiva dos ambientes por estes últimos.

Para Gifford (1997), o *design* social pode ser considerado uma forma de aplicação prática da psicologia ambiental, uma vez que pode orientar o planejamento de ambientes físicos mais adequados às necessidades das pessoas. Zeisel (1997) descreve o *design* como um processo composto de cinco fases: programação, projeto, construção, uso e adaptação, e avaliação. Para Gifford (1997), seguindo uma abordagem baseada no conceito de *design* social, o pesquisador social pode desempenhar um papel importante em cada um dos estágios deste processo, principalmente nas fases de programação e avaliação.

Em um processo de design baseado nesse conceito, a fase de programação consistiria de três etapas: **estudo das necessidades dos usuários, envolvimento dos usuários nas possibilidades de projeto, e tradução de suas necessidades em orientações de projeto.** A primeira etapa envolveria o discernimento das necessidades dos usuários através de instrumentos como levantamentos e entrevistas, observações de seus comportamentos e estudo de traços físicos deixados pelas pessoas. A segunda etapa envolveria a participação direta do usuário no processo de projeto, incluindo a motivação, o acionamento e a educação desses usuários. Por fim, a terceira etapa consistiria do estabelecimento de diretrizes específicas para o projeto de ambientes (Gifford, 1997).

Na fase de projeto propriamente dita, as orientações de projeto são transformadas em planos (desenhos, especificações técnicas, etc.) para os ambientes. Após a construção e a ocupação desses ambientes, o pesquisador social retorna ao local para avaliar o comportamento dos usuários e as possíveis alterações que esses possam ter realizado sobre os ambientes construídos (levadas a cabo na fase de uso e adaptação). Nesta fase, conhecida como avaliação pós-ocupação, examina-se a eficácia da programação e do design, usando, para isso, uma série de ferramentas ligadas às ciências sociais (Gifford, 1997).

O processo de design social, conduzido desta forma, permitiria constantes evoluções sobre os projetos, com a avaliação pós-ocupação funcionando como um mecanismo de realimentação da fase de programação de projetos futuros. O movimento cíclico formado por este processo de progressivas melhorias sobre os projetos produzidos, visualizado ao longo de uma linha de tempo, poderia ser comparado a uma espiral, tal como na “metáfora da espiral” proposta por Zeisel (1997). Esta espiral de evolução do processo de design estaria baseada na dinâmica de cooperação entre design e pesquisa. Assim, enquanto a atividade de design utiliza o conhecimento disponibilizado pela pesquisa em ambiente-comportamento para produzir soluções de projeto para determinados tipos de ambiente, a atividade de pesquisa utiliza a aplicação dessas soluções para testar teorias e formular novas hipóteses a partir do estudo de cenários e situações reais.

Refletindo-se sobre a aplicação do método de *design* social para o planejamento de ambientes destinados a idosos, pode-se pressupor uma série de resultados positivos no sentido de produzir ambientes mais congruentes com as necessidades desse grupo de usuários.

A participação dos usuários em todas as fases do processo, especialmente durante o envolvimento dos mesmos na determinação das possibilidades de *design*, representa uma oportunidade de educar os idosos para as novas relações com os espaços físicos que ocorrem em função do envelhecimento. Trabalhos realizados com esse objetivo poderiam auxiliar o idoso a compreender como utilizar e adaptar o espaço para suas novas necessidades, possibilitando-lhe aumentar suas competências pessoais em relação aos seus ambientes.

Por outro lado, a participação do idoso no processo de planejamento dos espaços a ele destinados também exige uma mudança de postura do projetista, que está relacionada à própria imagem estereotipada que a sociedade faz da velhice, a qual pressupõe a dependência e a incapacidade do idoso de se autodeterminar. A este respeito, é interessante citar as discussões apresentadas no trabalho de Domingues e Queiroz (2000), sobre a tendência dos profissionais da área da saúde em adotar uma postura semelhante neste sentido. Assim, as referidas autoras procuram refletir sobre como deveria ser a atitude destes profissionais, em contraste com a atitude estereotipada comumente adotada no trabalho com idosos, baseando-se no modelo proposto por Brower (1996 apud DOMINGUES; QUEIROZ, 2000) (Figura 5). Este modelo poderia ser transferido também para o trabalho do projetista, quando se pensa no projeto do ambiente construído como uma intervenção que visa a aumentar a qualidade de vida do idoso (especialmente daquele que reside em uma instituição de longa permanência ou se encontra em situação de maior fragilidade).

<b>Atitude Estereotipada</b>		<b>Atitude Desejável</b>	
<b>Idoso</b>	<b>Profissional</b>	<b>Idoso</b>	<b>Profissional, Família e Apoio Comunitário</b>
O profissional age por mim	Sou responsável pelo idoso	O profissional age comigo, e com minha família e apoio comunitário	Somos co-responsáveis pelo tratamento e intervenção
O profissional acha que sou incapaz de agir sozinho	É triste vê-lo tão desprotegido, vou ajudá-lo	O profissional avalia minhas capacidades, e juntos veremos o que sozinho posso fazer	Sensibiliza, agrega familiares, dá apoio comunitário e, juntos, constroem uma relação de ajuda
Sinto-me impotente e incapaz	O cliente é incapaz e impotente face à situação	Sinto-me respeitado pelo que sou e valorizo meu potencial	O cliente conta com o respaldo familiar e, juntos são potentes para resolver situações-problema

**Figura 5:** Modelo sobre o estereótipo do atendimento do profissional frente ao idoso contrapondo-se com a atitude mais desejável (BROWER, 1996 apud DOMINGUES; QUEIROZ, 2000).

Um novo olhar sobre o idoso aplicado ao processo de planejamento pode, também, produzir importantes resultados sobre a geração e acúmulo do conhecimento destinado a orientar futuros projetos para este mesmo tipo de público. Seguindo este raciocínio, os idosos são quem melhor conhecem o processo de envelhecimento e como este tem impacto sobre as suas relações com o ambiente construído. Portanto, são eles que orientam o trabalho do projetista, podendo lhe

fornecer importantes *insights* e até mesmo lhe apresentar soluções de projeto que lhe seriam impossíveis de conceber sozinho.



### 3 MÉTODO DE PESQUISA

Este capítulo trata, fundamentalmente, dos procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da tese.

Diversos autores defendem a idéia de que teses baseadas em métodos qualitativos devem dedicar uma parte do capítulo que apresenta seus procedimentos metodológicos a situar a pesquisa em níveis mais amplos, tais como os pressupostos epistemológicos e as questões filosóficas que a norteiam. Esses autores argumentam que, ao optarem pelo uso desses métodos, os pesquisadores devem estar cientes que podem enfrentar dificuldades para serem compreendidos entre o público acadêmico, o qual, predominantemente, ainda está mais familiarizado com os conceitos de pesquisa baseados em método quantitativos e orientados por uma visão positivista sobre o conhecimento científico (STRINGER, 2007; THIOLLANT, 2003; MAC NIFF et al 2001; GIBBON, 2002; DICK, 1993).

Como já mencionado, a estratégia de pesquisa utilizada para investigar o problema proposto por esta tese foi a pesquisa-ação. Essa estratégia, embora possa incluir o uso de métodos quantitativos de coleta e análise de dados, possui natureza reconhecidamente interpretativa e, normalmente, envolve o uso de métodos qualitativos de pesquisa. No nível filosófico, portanto, esta estratégia está alinhada com a visão fenomenológica que difere do paradigma positivista da ciência.

Dessa forma, o capítulo apresenta, na primeira seção, algumas considerações sobre as orientações epistemológicas dos procedimentos adotados em seus níveis filosófico e estratégico. Discute-se a evolução da pesquisa científica a partir do positivismo e sua transição para as abordagens interpretativas no que tange ao estudo dos fenômenos sociais, tais como a fenomenologia. Apresenta-se, ainda, a pesquisa-ação como estratégia de conhecimento utilizada no desenvolvimento da tese, bem como seus conceitos, principais características e limitações.

Com base nessas reflexões iniciais, o capítulo aborda, na segunda seção, a problemática das opções metodológicas da pesquisa, ou seja, como e porque o pesquisador adotou uma orientação

filosófica alinhada com a fenomenologia e com a pesquisa qualitativa e porque optou pela pesquisa-ação como estratégia de pesquisa.

Na terceira seção do capítulo, apresenta-se o detalhamento dos métodos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Apresenta-se, primeiro, a estrutura ou/desenho do processo de desenvolvimento e refinamento da pesquisa, a partir de seus diferentes ciclos, bem como são detalhados os métodos e as técnicas de coleta de dados utilizadas em cada um desses ciclos.

Na quarta seção, são tratados as questões de rigor e os critérios de validade observados no desenvolvimento da pesquisa. Por fim, na quinta e última seção do capítulo, aborda-se os cuidados éticos tomados pelo pesquisador no desenvolvimento da tese.

### 3.1 ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA E ESTRATÉGIA DE PESQUISA

As decisões metodológicas tomadas pelo pesquisador em relação a sua pesquisa ocorrem em dois níveis hierárquicos e interdependentes. No nível mais alto desta hierarquia, está a questão filosófica, que expressa a forma como a realidade é percebida, e, abaixo, o nível estratégico, cuja escolha é influenciada pela opção no nível filosófico. A estratégia consiste de métodos de abordagem do problema que são apoiados por ferramentas de coleta e análise de dados qualitativos ou quantitativos (LOOSEMORE, 1999 apud HIROTA, 2001 p. 58-59).

Antes de se considerar a estratégia utilizada no desenvolvimento da pesquisa, portanto, será abordada a orientação filosófica com a qual está alinhada. Conforme já mencionado, identifica-se a fenomenologia como a orientação filosófica desta pesquisa. Como será aprofundado na sequência desta seção, a fenomenologia constitui uma oposição ao paradigma do positivismo. Para que se possa compreender os argumentos que levaram ao seu surgimento, a partir dessa relação de oposição, bem como seus pressupostos, é importante fazer algumas considerações sobre a visão positivista a cerca do conhecimento científico, a qual antecede à fenomenologia e predomina até hoje em muitas áreas do conhecimento.

O termo “positivismo” foi cunhado pelo filósofo francês Auguste Comte (1853 apud JOHNSON E DUBERLEY, 2000 p. 20) para separar a ciência daquilo que ele via como dogma. Ele colocou a ciência como uma terceira etapa da evolução do conhecimento humano, antecedida pelo conhecimento teológico e pela metafísica (JOHNSON E DUBERLEY, 2000 p. 20; PÁDUA, 1997, p.22-23).

O positivismo defende a idéia de que os processos do mundo externo e suas propriedades podem ser objetivamente observados, ao invés de subjetivamente inferidos através de sensações, reflexões e intuições (EASTERBY-SMITH et al, 1991 p.22). Assim, para a ciência positivista, a observação do mundo empírico através dos nossos sentidos constitui a única base para o verdadeiro conhecimento. Pressupõe-se que o pesquisador pode assumir uma posição neutra neste processo, de onde possa observar o mundo objetivamente, livre de julgamentos de valor. A ciência deve se preocupar apenas com a geração de conhecimento baseado em fatos, ou seja, com aquilo que pode ser confirmado através da observação empírica. Então, a postulação de mecanismos não observáveis (tais como o subjetivo e o inconsciente) é rejeitada como especulação metafísica e como algo que estaria além do domínio da ciência (JOHNSON E DUBERLEY, 2000).

A exclusão da metafísica do domínio da ciência tem implicações para como se entende o domínio legítimo das ciências sociais, uma vez que isso pode ser usado para justificar o que se chama de “naturalismo científico”. Este último coloca uma visão na qual, uma vez que a postulação de mecanismos e entidades não observáveis constitui especulação metafísica, é necessário excluir do conhecimento científico o domínio da subjetividade humana na explicação das ações humanas (JOHNSON E DUBERLEY, 2000 p. 25).

Para Comte, tanto a ciência natural quanto a social estavam limitadas e unidas pela observação livre de valores, descrição, explicação e predição do mundo externo. O objetivo compartilhado das ciências era gerar indutivamente o estabelecimento de leis universais que estabelecessem relações causais entre os fenômenos sociais ou naturais. A descoberta de leis, em uma forma causal e preditiva, permitiria intervenções para alterar as condições sociais e, portanto, trazê-las para estados desejáveis. Comte achava que somente uma ciência social positiva teria acesso ao

conhecimento factual que poderia então ser aplicado para a administração e reforma das instituições da sociedade (JOHNSON E DUBERLEY, 2000 p. 20, PÁDUA, 1997, p.22-23).

O positivismo trouxe para a análise das ciências sociais o método utilizado até então pelas ciências naturais, pressupondo que a realidade social estaria sujeita às mesmas leis invariáveis que regem os fenômenos físicos, fisiológicos, químicos etc. (PÁDUA, 1997, p.22). Segunda essa visão, portanto, não deveriam existir diferenças metodológicas entre ciências naturais e sociais. Essa unidade metodológica da ciência, conhecida como “cientificismo” ou “monismo metodológico”, é geralmente expressa através da implantação da lógica experimental na ciência social, onde o comportamento humano é conceituado como sendo o resultado de respostas automáticas e mensuráveis aos estímulos externos. Esses estímulos poderiam então ser administrados pelo pesquisador ou codificados em questionários *pro forma*, com o objetivo de procurar estabelecer relações de causa e efeito sobre o comportamento das pessoas.

Para Shotter (1975 apud JOHNSON E DUBERLEY, 2000 p. 26), o resultado dessa posição epistemológica, aplicada às ciências sociais, é um determinismo que trata os seres humanos como se eles fossem semelhantes a entidades inanimadas, tais como um átomo, à mercê de estímulos causais externos. Isso porque os mecanismos causais não observáveis empiricamente, relacionados aos entendimentos interpretativos ou subjetivos dos atores sobre sua situação, estariam excluídos dessa epistemologia da ciência.

A negligência determinística da subjetividade humana levou a emergência de críticas maiores ao positivismo e sua influência sobre a metodologia da pesquisa (JOHNSON E DUBERLEY, 2000 p. 26). De acordo com Easterby-Smith et al (1991), o novo paradigma que surge durante a segunda metade do século XX, em clara oposição ao positivismo, baseia-se na visão de que o mundo e a realidade não são objetivos e exteriores, mas são socialmente construídos e possuem significados para as pessoas. As ações humanas, portanto, provêm do julgamento que as pessoas fazem de diferentes situações e não de respostas diretas a partir de estímulos externos.

Segundo Easterby-Smith et al (1991), existe um longo e amplo debate sobre a posição filosófica mais apropriada a partir da qual os métodos e pesquisa deveriam ser derivados. Os autores

procuram simplificar esse debate, apontando o positivismo e a fenomenologia como estando localizadas nos dois extremos dessas posições. Para os autores, embora muitas variações sobre a epistemologia da ciência possam ser encontradas nos movimentos pós-positivistas, todas se aproximam em maior ou menor grau com a orientação filosófica da fenomenologia.

Para Ladkin (2005 p.111), a origem da fenomenologia, enquanto movimento filosófico, pode ser atribuída ao trabalho do filósofo alemão Edmund Husserl. Como o próprio termo indica, a fenomenologia é fundamentalmente uma filosofia direcionada aos fenômenos. Uma das posições mais radicais da fenomenologia é o reconhecimento da característica relacional da consciência. Segundo essa orientação filosófica, fundamentalmente, a consciência é sempre dirigida, ou seja, é sempre a consciência “de alguma coisa”. Através desse reconhecimento, afirma-se a primazia das coisas para as quais a consciência é dirigida. Em outras palavras, a fenomenologia defende que a consciência não pode funcionar independente das “coisas” para estar consciente de alguma coisa. Os fenomenologistas consideram “coisas” tanto a matéria (tais como plantas, objetos ou animais) como o imaterial (tal como conceitos, sonhos, emoções e pensamentos) (LADKIN, 2005 p. 111).

Essa visão apresenta uma diferença fundamental com a filosofia ocidental desde Descartes, cuja estrutura foi construída sobre a noção de consciência como uma capacidade humana orientada internamente, separada do mundo externo e incapaz de conhecer a verdade do mesmo fora de suas próprias percepções auto-geradas. A fenomenologia, em oposição a essa visão, defende a necessidade de retornar às “coisas em si mesmas”, e muito do método fenomenológico é uma tentativa de descrever essas “coisas” como elas se revelam às pessoas através de sua consciência. Assim, uma questão central para fenomenologia é o papel que a experiência subjetiva exerce no processo de conhecer o mundo dos fenômenos (LADKIN, 2005 p. 111).

Uma outra forma pela qual a fenomenologia difere da tradição filosófica ocidental é a sua intenção de “revigorar a filosofia ao retornar à vida dos seres humanos” (MORAN, 2000 apud LADKIN, 2005 p. 112). Esta preocupação era a base para a noção de “mundo-vivo” (*Lebenswelt*), proposta por Husserl para se referir ao mundo da vida diária, da prática, da experiência vivida. Husserl argumentava que a ciência natural tentava explicar o mundo em termos de relações

matemáticas abstratas, as quais, embora úteis em determinados contextos, não revelavam a completa realidade das coisas e seus significados no dia-a-dia das pessoas. Com isso, Husserl não estava desmerecendo o tipo de conhecimento gerado pela ciência positivista, mas estava argumentando que havia outras formas de conhecimento capazes de complementar a verdade positivista (LADKIN, 2005 p. 112).

Easterby-Smith et al. (1991) procuram apresentar as principais diferenças entre os paradigmas positivista e fenomenológico, comparando os mesmos a partir: - das crenças em que estão baseados, das ações desenvolvidas pelo pesquisador no processo de investigação e das características dos métodos de pesquisa preferencialmente utilizados em cada um desses paradigmas (Figura 6).

	<b>Paradigma positivista</b>	<b>Paradigma fenomenológico</b>
<b>Crenças básicas</b>	O mundo é externo e objetivo  O observador é independente	O mundo é socialmente construído e é subjetivo  O observador é parte do que é observado  A ciência é influenciada pelos interesses humanos
<b>O pesquisador deve</b>	Focar em fatos  Procurar causas e leis fundamentais  Simplificar o fenômeno, reduzindo a elementos os mais simples possíveis  Formular hipóteses e testá-las	Focar em significados  Tentar entender o que está acontecendo  Olhar para a totalidade de cada situação  Desenvolver idéias através da indução a partir dos dados
<b>Os métodos preferidos incluem</b>	Operacionalização de conceitos de forma que eles possam ser medidos  Trabalho com amostras representativas	Uso de métodos múltiplos para estabelecer diferentes pontos de vista do fenômeno  Número reduzido de casos investigados em profundidade ou ao longo do tempo.

**Figura 6:** Características-chave dos paradigmas positivista e fenomenológico

Fonte : Easterby-Smith et al. (1991)

A observação das características dos métodos preferidos em cada um dos paradigmas, permite compreender porque os métodos quantitativos e qualitativos são frequentemente associados aos paradigmas positivista e fenomenológico, respectivamente. Embora não se possa dizer que essa associação esteja errada, ela não deve ser feita de forma direta e exclusivamente, como se cada paradigma fosse sinônimo de um ou de outro tipo de método de pesquisa. Como alerta Loosemore (1999 apud HIROTA, 2001 p.61), as categorias qualitativa e quantitativa estão relacionadas às ferramentas de coleta de dados, que podem ser aplicadas tanto em pesquisas da corrente fenomenológica como positivista. Assim, a opção pela linha fenomenológica não implica na exclusão de coleta de evidências quantitativas, e muitas pesquisas positivistas utilizam evidências qualitativas para comprovação de hipóteses.

Conforme Denzin e Lincoln (2000, p. 8), a palavra “qualitativo” implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades observadas e sobre os processos e significados que não são experimentalmente examinados ou medidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência. Em contraste, métodos quantitativos enfatizam a mensuração e a análise de relações causais entre variáveis e pretendem uma abordagem livre de valores. Conseqüentemente, o tipo de dado utilizado pelas metodologias quantitativas e qualitativas também difere. Assim, enquanto as primeiras trabalham com análises estatísticas baseadas em valores numéricos, a maioria das análises em pesquisa qualitativa é feita com palavras e não com números (MILES & HUBERMAN, 1994 p 7).

A relação da fenomenologia com a pesquisa qualitativa pode ser observada tanto na natureza dos métodos de investigação normalmente utilizados dentro deste paradigma, como na maneira como esses métodos são relacionados na condução da pesquisa. Assim, de acordo com Denzin & Lincoln (2000 p.3), pesquisas qualitativas são compostas de um conjunto de práticas materiais e interpretativas que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversações, fotografias, gravações, e memórias pessoais. Neste nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo. Isto significa que pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seus cenários naturais, procurando dar sentido ou interpretar os fenômenos em termos de significados que as pessoas atribuem a eles.

Os pesquisadores qualitativos empregam uma ampla gama de práticas interpretativas, esperando sempre conseguir um melhor entendimento do sujeito em questão. Entende-se, no entanto, que cada prática torna o mundo visível de uma forma diferente. Por isso, frequentemente existe um acordo de que se deve usar mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN e LINCOLN, 2000 p.3-4).

Tendo em vista os métodos de investigação que foram utilizados pela presente pesquisa, os quais serão detalhados mais adiante, bem como a sua orientação filosófica, já identificada com a fenomenologia, a mesma pode ser classificada como uma pesquisa essencialmente qualitativa. Essas considerações iniciais sobre a orientação filosófica fenomenológica e sobre a natureza dos métodos qualitativos de investigação permitem abordar agora o nível estratégico da presente pesquisa.

Uma estratégia de pesquisa compreende o conjunto de técnicas, pressupostos e práticas que o pesquisador emprega à medida que ele se move do paradigma para o mundo empírico. Estratégias de pesquisa colocam paradigmas de interpretação em movimento. Ao mesmo tempo, estratégias de pesquisa também conectam o pesquisador a métodos específicos de coleta e análise de materiais empíricos (DENZIN e LINCOLN, 2000 p.22).

A estratégia de pesquisa utilizada no desenvolvimento da tese foi a pesquisa-ação. A maioria dos autores atribui a origem do termo pesquisa-ação ao trabalho desenvolvido pelo psicólogo social Kurt Lewin durante a década de 40 do século XX (MASTERS, 1995; GIFFORD, 1997; MELROSE, 2001; OTTOSSON, 2003). Kurt Lewin teria utilizado este termo para se referir a um procedimento de investigação que poderia ser visualizado como uma espiral composta por sucessivos ciclos de planejamento, ação e avaliação dos resultados da ação. Os objetivos desse processo seriam a compreensão e a modificação de certas práticas sociais, através da inclusão dos sujeitos em todas as fases da investigação e a partir do mundo real (MASTERS, 1995).

Para Brydon-Miller et al (2003), a pesquisa-ação tem uma história complexa, porque não se trata de uma simples disciplina acadêmica, mas de uma abordagem para a pesquisa que emergiu ao



longo do tempo, a partir de uma ampla gama de áreas de conhecimento. A complexidade desta história se reflete nas diferentes nomenclaturas utilizadas hoje pelas diferentes abordagens relacionadas ao conceito da pesquisa-ação, tais como: pesquisa participante, pesquisa-ação crítica, ciência-ação, abordagem do tipo *soft systems* e pesquisa-ação industrial (KEMMIS e McTAGGART, 2000). Apesar das divergências entre as diferentes abordagens, Kemmis e McTaggart (2000) afirmam que elas dividem muitos princípios comuns e sugerem o termo pesquisa-ação participante para contemplar essas diferenças sob uma mesma rubrica.

A ligação dos termos ação e pesquisa ressalta a característica essencial desta estratégia, que é testar idéias na prática como meio de atingir melhorias e como meio de ampliar o conhecimento (KEMMIS e MC TAGGART, 1982 apud MC NIFF et al 2001 p. 9). Melrose (2001, p.161) coloca que a pesquisa-ação envolve a ação para a mudança e produção de melhorias por um grupo, mas também deve envolver pesquisa. Isto inclui a coleta de dados para informar o grupo sobre o contexto da prática presente; a geração de teorias sobre e a partir da área da prática; a conexão entre a teoria emergente com as teorias prévias naquela área; e a disseminação dessa teoria para que outros possam dela se beneficiar. De acordo com o autor, sem pesquisa, a pesquisa-ação torna-se meramente ação para resolver problemas percebidos pelo grupo.

De acordo com Thiollent (2003 p. 16), algumas das principais características da pesquisa-ação, enquanto estratégia de conhecimento são:

- a) ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) o objeto da investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda atividade intencional dos atores da situação;

- f) a pesquisa-ação não se limita a uma forma de ação: pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

Ladkin (2005 p. 112) destaca três tópicos comuns da fenomenologia, os quais considera ter particular relevância para a pesquisa-ação:

- A importância dada ao mundo do dia-a-dia no qual as pessoas vivem, ao invés do mundo abstrato das medidas e princípios científicos;
- A importância do fazer no desenvolvimento do saber – a posição de que existem certas coisas que somente podem ser conhecidas através de seu andamento.
- A meta de apreender o mundo de uma forma que revele a sua verdade, e reconhecendo o caminho pelo qual a subjetividade humana contribui para essa verdade.

A pesquisa-ação diverge do modelo positivista, uma vez que, nesta última, as preocupações com o rigor estão marcadas pelo controle: - controle sobre o ambiente, sobre os participantes e sobre o processo de pesquisa. O rigor é alcançado por uma relação entre o pesquisador e os participantes, que é temporária, separada, sem envolvimento e objetiva. Na pesquisa-ação, espera-se que o pesquisador abandone seu papel de *expert* e adote o papel de agente de mudança, facilitador, consultor, co-investigador ou parceiro. Os julgamentos de valores feitos pelo pesquisador se tornam uma parte do processo, especialmente quando uma parceria entre pesquisadores e participantes é criada (DETARDO-BORA, 2004 p.242).

Para Thiollent (2003 p.21-22), no entanto, embora a pesquisa-ação seja incompatível com a estratégia de experimentação em laboratório e com os pressupostos do experimentalismo (neutralidade e não interferência do observador, isolamento de variáveis, etc.), ela não deixa de ser uma experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo. Além disso, na pesquisa em situação real, as variáveis não são isoláveis. Todas elas interferem no que está sendo observado. Mesmo assim, para o autor, a pesquisa-ação pode ser reconhecida como uma forma de experimentação, na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela

evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento.

Segundo Thiollent (2003, p.41), são objetivos de conhecimento potencialmente alcançáveis em pesquisa-ação:

- a) A coleta de informação original acerca de situações ou de atores em movimento;
- b) A concretização de conhecimentos teóricos, obtida de modo dialogado na relação entre pesquisadores e membros representativos das situações ou problemas investigados;
- c) A comparação das representações próprias aos vários interlocutores, com aspecto de cotejo entre saber formal e saber informal acerca da resolução de diversas categorias de problemas.
- d) A produção de guias ou de regras práticas para resolver os problemas e planejar as correspondentes ações.
- e) Os ensinamentos positivos ou negativos quanto à conduta da ação e suas condições de êxito.
- f) Possíveis generalizações estabelecidas a partir de várias pesquisas semelhantes e com o aprimoramento da experiência dos pesquisadores.

### 3.2 JUSTIFICANDO AS OPÇÕES METODOLÓGICAS

De acordo com Strauss e Corbin (1998, p.11), existem muitas razões válidas para se fazer pesquisa utilizando metodologias qualitativas. Uma razão estaria fundamentada nas preferências ou experiências dos pesquisadores. Algumas pessoas são mais orientadas e mais adaptadas temperamentalmente para este tipo de trabalho. Alguns pesquisadores vêm de disciplinas (a exemplo da antropologia) ou têm orientações filosóficas (a exemplo da fenomenologia) que tradicionalmente fazem uso de métodos qualitativos. Outra razão, provavelmente a mais válida, para se escolher métodos qualitativos é a natureza do problema de pesquisa.

Como será discutido na seqüência, a opção pelo uso de uma metodologia qualitativa no desenvolvimento desta tese, baseou-se, fundamentalmente na natureza do problema de pesquisa

que se desejava investigar. Toda a formação acadêmica anterior do pesquisador foi essencialmente ligada a métodos quantitativos, e, em particular à pesquisa experimental. O emprego de métodos qualitativos foi, portanto, muito mais uma necessidade desafiadora apresentada pelo problema da pesquisa do que uma escolha natural, e exigiu um grande esforço para a compreensão e a adaptação ao paradigma fenomenológico por parte do pesquisador.

Falar da natureza do problema desta pesquisa e das escolhas metodológicas que orientaram o seu desenvolvimento, no entanto, implica retomar reflexões que surgiram em consequência de uma pesquisa anterior, desenvolvida por este mesmo pesquisador, por ocasião da elaboração de sua dissertação de mestrado (TOMASINI, 2002).

Naquela ocasião, surgiram os primeiros conflitos e dificuldades do pesquisador entre a tentativa de ajustar o problema de pesquisa identificado aos métodos de pesquisa essencialmente quantitativos (basicamente, a pesquisa experimental) com os quais estava familiarizado pela sua formação acadêmica como engenheiro agrônomo. Trabalhando sobre o mesmo tema dos espaços abertos em ambientes destinados a pessoas idosas, o pesquisador desejava conhecer a realidade das ILPIs em termos de como suas áreas externas eram tratadas e organizadas, como as pessoas as utilizavam e como elas as percebiam, a fim de traçar diretrizes de projeto para qualificar essas áreas. Logo no início da tarefa de estruturar um método para investigar esta questão, ficou muito claro que os recursos metodológicos até então conhecidos não dariam conta de captar informações relevantes para a pesquisa em cenários onde o pesquisador não poderia exercer qualquer tipo de controle. Também ficou evidente que a investigação do problema de pesquisa exigia uma familiarização, por parte do pesquisador, com outras disciplinas bem diversas de sua formação acadêmica de origem.

O problema de pesquisa que se tinha em mãos e as dificuldades encontradas no sentido de investigar o mesmo, levaram o pesquisador a buscar referências que pudessem trazer novas possibilidades metodológicas para a concepção e execução da pesquisa. Essa busca o levou a encontrar soluções nas linhas de pesquisa que se dedicam a estudar as relações entre as pessoas e seus ambientes.

De acordo com Gifford (1997), o estudo das relações pessoas-ambiente envolve a pesquisa e a prática dirigidas à produção de edificações mais humanas e ao melhoramento de nosso relacionamento com o ambiente natural. Diversos autores que procuram definir essa área do conhecimento salientam a sua essência interdisciplinar e multimetodológica (GÜNTHER & ROZENSTRATEN,1992; MELO, 1991; BONNES; SECCHIAROLI, 1995; GIFFORD, 1997; MACHADO, 1998; OMBRETTA, 2005). Entre as disciplinas que colaboram com essa área pode-se citar, dentre outras: psicologia, medicina, geografia, sociologia, antropologia, engenharia, arquitetura, paisagismo, biologia e direito (GÜNTHER & ROZENSTRATEN,1992; MELO, 1991; BONNES; SECCHIAROLI, 1995; MACHADO, 1998).

Um aspecto característico das relações pessoas-ambiente é que, em qualquer relação ambiental, temos de focalizar nossa atenção no usuário do ambiente tanto quanto no próprio ambiente. O ambiente é, por essência, um campo multidisciplinar, e as diferentes fontes de questionamento das diferentes disciplinas enriquecem as colaborações e trocas interdisciplinares. Diferentes níveis e questões não apresentam os mesmos desafios para as profissões de *design* e planejamento e para os cientistas sociais. Suas perspectivas de análises e intervenções frequentemente têm pontos de partida diferentes, focalizando ora o ambiente construído ora as pessoas nele vivendo. Há, também, algumas vezes, uma lacuna seqüencial: arquitetos, *designers* e planejadores intervêm no processo de concepção e construção de contextos nos quais as pessoas vivem, enquanto as ciências sociais geralmente dirigem a sua atenção para estruturas existentes (MOSER, 2005 p.131-132).

Segundo Gifford (1997), o estudo das relações entre as pessoas-ambiente também é uma área de múltiplos paradigmas. Isto significa que diferentes pesquisadores podem empregar não somente diferentes métodos, mas também técnicas completamente distintas baseadas em diferentes filosofias de ciência. Métodos de pesquisa variam não apenas em seus procedimentos, mas também em função das várias crenças e valores dos pesquisadores que os utilizam. De acordo com o autor, no entanto, paradigmas não necessitam ser conflitantes; eles podem representar alternativas, visões complementares da área, ou visões do mesmo fenômeno em diferentes níveis de análise.

A familiarização e a integração com o referencial teórico do estudo das relações pessoas-ambiente, portanto, trouxe um novo aparato metodológico até então desconhecido pelo pesquisador. Esses novos recursos incluíam uma série de estratégias de conhecimento comuns às ciências sociais (tais como estudo de caso, pesquisa-ação e *grounded theory*), que permitiam estudar os fenômenos em profundidade, a partir de seus cenários naturais e em situações nas quais o pesquisador não poderia ter controle. Incluíam também uma série de ferramentas de coleta e análise de dados que possibilitavam trabalhar com a subjetividade das pessoas (inclusive, do próprio pesquisador) como fonte de evidência (tais como entrevistas, reuniões de grupo e observações).

Tais recursos permitiram, então ao pesquisador, naquela época, vislumbrar a possibilidade de investigar o seu problema de pesquisa a partir do uso de metodologias qualitativas alinhadas com o paradigma fenomenológico. Dessa forma, sua pesquisa foi estruturada em um estudo de casos comparativo envolvendo duas ILPIs com diferentes disponibilidades de espaços abertos (uma instituição onde as áreas externas eram bastante restritas e outra onde existia uma grande área externa disponível) (TOMASINI, 2002).

Como já foi mencionado no capítulo de introdução, uma das principais motivações para o desenvolvimento desta tese foi o desejo de dar continuidade a este trabalho anterior de Tomasini (2002), aprofundando e ampliando as reflexões sobre a problemática dos espaços abertos em ILPIs. O problema de pesquisa investigado pelo pesquisador na pesquisa anterior, no entanto, envolvia o conhecimento da realidade existente dos espaços abertos das ILPIs em seu estado atual. Com a proposta da presente tese, o problema se desloca para o próprio processo de planejamento voltado à melhoria desses espaços. Esta alteração tem importantes conseqüências sobre a estratégia de conhecimento a ser utilizada na nova investigação, pois propõe um foco sobre um processo em movimento, ou seja, uma ação para a mudança do atual estado da realidade para um novo estado desejável.

Para Yin (1994 p.3-5), o que define quando se deve utilizar uma determinada estratégia de pesquisa, além do tipo de questão que está sendo colocada, é a extensão de controle que o pesquisador tem sobre eventos comportamentais atuais, e o grau de foco sobre eventos

contemporâneos em oposição a eventos passados. Tendo em vista essas considerações, a estratégia mais adequada para a investigação do problema proposto para a pesquisa foi identificada como sendo a pesquisa-ação.

De acordo com Thiollent (2003 p.19), na pesquisa social convencional são privilegiados os aspectos individuais, tais como opiniões, atitudes, motivações, comportamentos, etc. Porém, não existe uma focalização da pesquisa na dinâmica de transformação da situação observada numa outra situação desejada. Ao contrário, pela pesquisa-ação, é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação. Para o mesmo autor, “a especificidade da pesquisa-ação consiste em organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada” (p.15).

Também associado ao problema da presente pesquisa, está o referencial teórico que lhe serviu de base. Partindo do mesmo referencial do estudo das relações pessoas-ambiente, utilizou-se o conceito de *design* social (SOMMER, 1983) como referência para o processo de planejamento para melhorias nos espaços abertos das ILPIs, envolvendo a participação de seus usuários. O *design* social, conforme definido anteriormente, é um conceito que procura ligar o planejamento do ambiente construído com as ciências sociais. Este conceito está profundamente ligado à estratégia da pesquisa-ação em vários aspectos.

Ao prever o envolvimento dos usuários no processo de planejamento, o conceito de *design* social revela sua origem comum com a pesquisa-ação. Assim, o *design* participativo tem suas origens metodológicas no trabalho de Kurt Lewin (1946 apud LUCK, 2003), que pela primeira vez utilizou o termo pesquisa-ação em textos modernos para se referir a métodos que integravam teoria e prática (LUCK, 2003; MELROSE, 2001).

De acordo com Thiollent (2003), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Segundo Van Beinum (1998 apud

OTTOSSON, 2003), na pesquisa-ação, a relação entre o pesquisador e o pesquisado é vista como uma relação interativa e lingüística, caracterizada pela ação conjunta e responsabilidade compartilhada. Todos os que participam no processo estão envolvidos tanto no conhecimento da realidade presente como na criação da nova realidade.

Como foi discutido no capítulo de revisão bibliográfica desta tese, o *design* social também se baseia no mesmo princípio de cooperação entre o projetista e os usuários para os quais o projeto está sendo desenvolvido. Neste processo cooperativo, a participação dos usuários ocorre em todas as fases do desenvolvimento do projeto, implicando na divisão de sua autoria entre todos os participantes.

Outra característica da pesquisa-ação que converge com a pesquisa aqui proposta é que a utilização do conceito de *design* social no contexto desta pesquisa tem o duplo propósito de produzir conhecimento científico e produzir resultados aplicados, como a elaboração de um projeto de paisagismo destinado a melhorar as condições vigentes das áreas externas da instituição a ser estudada. Este duplo propósito está no cerne da pesquisa-ação enquanto estratégia de pesquisa. Para Thiollent (2003, p.18), uma das especificidades da pesquisa-ação consiste justamente no relacionamento destes dois tipos de objetivos:

- a) objetivo prático: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às soluções para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da situação.
- b) objetivo de conhecimento: obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentando nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações, representações, capacidades de ação ou de mobilização, etc.).

Além da adequação ao problema a ser investigado, constitui uma importante justificativa para a utilização da pesquisa-ação como estratégia para a presente pesquisa, o documento “Agenda de Pesquisa sobre Envelhecimento para o Século XXI”, elaborado pelo Escritório das Nações Unidas para o Envelhecimento junto com a Associação Internacional de Gerontologia. Entre as questões metodológicas a serem desenvolvidas pela pesquisa sobre o envelhecimento humano, este documento aponta a necessidade de “pesquisas participantes que envolvam as comunidades

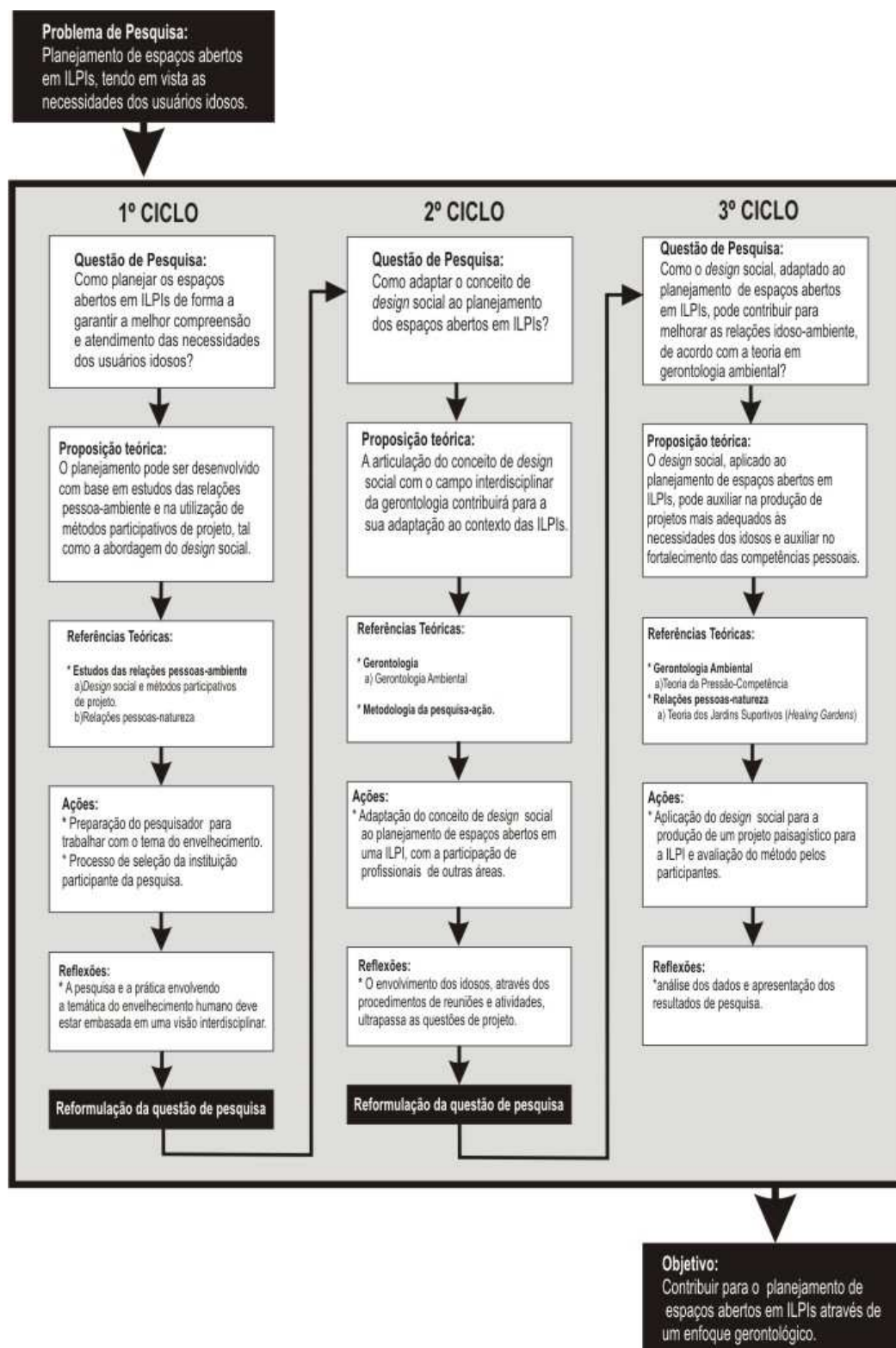


como parceiras e que incluam o *design* e implementação de intervenções junto às mesmas” (UNITED NATIONS OFFICE ON AGEING e INTERNATIONAL ASSOCIATION OF GERONTOLOGY, 2002).

### 3.3 ESTRUTURA E DETALHAMENTO DOS CICLOS DA PESQUISA

Os diferentes ciclos que compõem o processo de pesquisa são apresentados na Figura 6. Para se estruturar o processo de pesquisa nessa forma de apresentação, tomou-se por referência a tese de doutorado desenvolvida por Hirota (2001 p.66), na qual a autora também utiliza a estratégia da pesquisa-ação. Essa estrutura apresenta a pesquisa através dos ciclos de aprendizagem do próprio pesquisador ao longo do desenvolvimento da investigação, compreendido entre o estabelecimento do problema de pesquisa e o objetivo ou meta final da mesma. Diferentemente da pesquisa de Hirota, no entanto, que estrutura as etapas ou ciclos de sua investigação a partir de 3 diferentes estudos de campo, no presente trabalho todos os ciclos da pesquisa foram realizados dentro de um único estudo de campo. Esse estudo de campo, por sua vez, está dividido em 3 grandes conjuntos de ações, cada qual levado a cabo em um dos ciclos da pesquisa.

Dessa forma, as colunas apresentadas na figura correspondem aos diferentes ciclos de desenvolvimento da pesquisa. Cada coluna representa um ciclo de aprendizagem do pesquisador que inicia com a elaboração de uma questão e uma proposição sobre o problema de pesquisa a ser investigado. Essa proposição, amparada por um conjunto de referências teóricas sobre o tema da pesquisa e seus pressupostos, é confrontada com a realidade ao ser submetida a um conjunto de ações que compõem o estudo de campo, seguido de reflexões sobre os resultados observados dessas ações. O aprendizado construído resultante desse processo reflexivo permite a ampliação da compreensão do problema e a conseqüente reformulação da questão de pesquisa. A partir da nova questão, inicia-se um novo ciclo de investigação, incorrendo na formulação de uma nova proposição, na busca por novas referências teóricas e na volta ao campo, sob a forma de novas ações, as quais levam a um novo conjunto de reflexões. Tal processo, baseado nos sucessivos ciclos de aprendizagem do pesquisador, permite um progressivo refinamento da pesquisa em direção a seus objetivos finais.



**Figura 7:** Desenho da pesquisa a partir dos ciclos de aprendizado do pesquisador.

Como pode ser visualizado na figura 6, a presente pesquisa, da maneira como foi desenvolvida, é composta pela sucessão de três ciclos como os acima descritos. Esses ciclos estão organizados em torno de três conjuntos de ações assim denominados: a) preparação do pesquisador; b) adaptação do conceito de *design* social; e c) aplicação do conceito de *design* social.

A seguir, é descrito como o processo de refinamento da pesquisa foi desenvolvido a partir de cada um desses ciclos de aprendizagem. Embora também sejam descritos de forma breve os métodos utilizados na coleta e análise de dados em cada ciclo, cabe aqui alertar que os mesmos serão novamente abordados com maior profundidade no capítulo 4 (resultados e discussões). A decisão de apresentar os métodos de coleta e análise dessa forma foi tomada com base na consciência de que, em pesquisas que utilizam a estratégia da pesquisa-ação, os ajustes metodológicos realizados ao longo da investigação podem constituir contribuições importantes para o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre temas semelhantes. Portanto, também fazem parte de seus resultados. Após o detalhamento de seus três ciclos, a fim de facilitar a compreensão do processo de refinamento da pesquisa, apresenta-se ainda uma proposta de representação gráfica da evolução em espiral da aprendizagem do pesquisador ao longo do estudo de campo.

### 3.3.1 Primeiro ciclo: Preparação do pesquisador

O primeiro ciclo consistiu, basicamente, das ações de preparação do pesquisador para trabalhar com o tema do envelhecimento humano e no processo de seleção da instituição participante da pesquisa. Essas ações são aqui apresentadas como um ciclo da pesquisa, pois se reconhece que delas resultou uma série de reflexões e o conseqüente aprendizado do pesquisador, levando a profundas mudanças na estrutura da pesquisa.

Assim, no início do desenvolvimento da tese, a questão de pesquisa que se pretendia investigar estava formulada da seguinte maneira:

- Como planejar os espaços abertos em ILPIs de forma a garantir a melhor compreensão e atendimento das necessidades dos usuários idosos?

Para se responder esta questão, pretendia-se investigar a seguinte proposição teórica:

- O planejamento pode ser desenvolvido com base em estudos das relações pessoas-ambiente e na utilização de métodos participativos de projeto, tal como a abordagem do *design social*.

As referências bibliográficas utilizadas para essas formulações, neste momento da pesquisa, estavam essencialmente baseadas nos estudos das relações pessoas-ambiente, a partir de dois temas principais: - a) o conceito de *design social* e o uso de métodos participativos de projeto, como referencial teórico-prático para o processo de planejamento voltado ao atendimento das necessidades dos usuários; b) os estudos das relações pessoas-natureza (um subcampo das relações pessoas-ambiente), como referencial teórico sobre os benefícios potenciais dos espaços abertos sobre os idosos institucionalizados.

Partindo-se da questão, da proposição e dos referenciais acima citados, propunha-se, nesse momento, uma preparação do pesquisador para o trabalho de campo propriamente dito, através da ampliação da sua compreensão sobre o fenômeno do envelhecimento humano. Embora o pesquisador já tivesse um contato anterior com esse tema anteriormente, por ocasião do desenvolvimento da dissertação de mestrado (TOMASINI, 2002), a proposta para o desenvolvimento da tese exigia um aprofundamento bem maior sobre o mesmo.

Em um primeiro momento, essa preparação consistiu na busca, dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de pesquisadores envolvidos com essa temática. Através dessa busca, chegou-se ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS<sup>5</sup>. O conhecimento dos pesquisadores que compõem esse núcleo e a participação em atividades relacionadas à sua atuação dentro e fora da universidade, possibilitaram a inserção do pesquisador dentro de uma ampla rede de profissionais que atuam em diferentes frentes de trabalho (acadêmica, técnica, social e política), sob diferentes enfoques do fenômeno do envelhecimento.

---

<sup>5</sup> Grupo estruturado em 1993, com a finalidade de buscar a integração entre os diversos Departamentos da UFRGS que desenvolvem atividades relacionadas com a terceira idade. Para maiores informações, visite o site do Núcleo: <http://www.ufrgs.br/3idade/>

A inserção nessa rede de relações e as conseqüentes reflexões que se seguiram, como fruto dessa experiência, produziram um profundo impacto na pesquisa, tanto sobre a consolidação de seu aporte teórico, como sobre a sua própria estrutura metodológica.

Em relação ao aporte teórico, integrou-se à pesquisa um consistente referencial sobre o envelhecimento humano, através do campo interdisciplinar da gerontologia. A gerontologia contribuiu para ampliar o referencial teórico das relações pessoas-ambiente, através do sub-campo da gerontologia ambiental.

Com relação à estrutura da pesquisa, as preocupações com a interdisciplinaridade nos estudos sobre o envelhecimento, presentes no enfoque gerontológico desse fenômeno, levaram à previsão da participação de outros profissionais, com diferentes formações, no desenvolvimento da pesquisa. A participação desses profissionais foi prevista de duas formas: (a) a partir da formação de uma equipe interdisciplinar que seria responsável pela condução das atividades relacionadas às ações desenvolvidas a campo; (b) através da formação de um foro de discussões sobre o andamento da pesquisa, envolvendo a participação de pesquisadores de diferentes áreas e ligados ao Núcleo anteriormente citado. A este foro convencionou-se chamar de “seminários interdisciplinares”.

O grupo interdisciplinar formado para a condução das atividades a campo na instituição participante da pesquisa foi composto, além do pesquisador autor da presente tese, por uma profissional com formação em pedagogia e outra com formação em arquitetura. Ambas, apesar de suas diferentes formações, já possuíam experiência anterior no trabalho com idosos e tinham familiaridade com o enfoque gerontológico sobre o envelhecimento humano. Sua participação ocorreu durante a preparação, a condução e a avaliação das reuniões realizadas com as idosas na instituição participante da pesquisa, levadas a cabo no segundo e no terceiro ciclo da pesquisa, as quais serão descritas na seqüência. Além de sua participação a campo através dessas atividades, foi prevista a integração dessas profissionais nos encontros que constituíram os seminários interdisciplinares.

Os seminários interdisciplinares consistiram de 3 encontros entre os pesquisadores convidados, sendo cada encontro realizado em um dos ciclos da pesquisa. Os encontros foram realizados na sala da UNITI (Universidade da Terceira Idade), localizada junto ao Instituto de Psicologia da UFRGS, e no prédio histórico “Castelinho” da UFRGS, onde funciona o NORIE (Núcleo Orientado à Inovação da Edificação). Esses encontros reuniram, além das profissionais que participaram das atividades a campo, pesquisadores convidados com diferentes formações e ligados a diferentes programas de pós-graduação e grupos de trabalho dentro da UFRGS (relacionados a estudos sobre o envelhecimento humano). São esses pesquisadores: - uma engenheira agrônoma paisagista, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, um pedagogo, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, um assistente social, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, uma psicóloga, coordenadora da Universidade da Terceira Idade, e um antropólogo, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia. As discussões realizadas nesses encontros foram gravadas com a permissão de seus participantes e posteriormente transcritas para análise.

O principal objetivo de se prever a participação de outros profissionais foi agregar diferentes visões relacionadas ao envelhecimento humano sobre o componente reflexivo da pesquisa. Com base nos quatro componentes sobre os quais o processo cíclico da pesquisa-ação está estruturado (planejamento, ação, observação e reflexão), na Tabela 1, são apresentadas as formas de envolvimento dos diferentes atores que participaram da pesquisa em cada um de seus ciclos.

Na tabela, pode-se observar que as duas formas de participação de outros profissionais (equipe de campo e seminários interdisciplinares) foram incorporadas ao componente reflexivo da pesquisa em todos os seus ciclos. A previsão dessa participação, portanto, além de somar um olhar interdisciplinar à pesquisa, teve por objetivo a ampliação de seus níveis de reflexão, a fim de conferir maior validade aos resultados gerados, como será discutido no item 3.4 do presente capítulo.

**Tabela 1: Participação dos diferentes atores em relação aos componentes da pesquisa-ação durante os ciclos da pesquisa.**

<b>ATORES/ CICLOS</b>	<b>1º Ciclo</b>	<b>2º Ciclo</b>	<b>3º Ciclo</b>
<b>Pesquisador</b>	Planejamento	Planejamento	Planejamento
	Ação	Ação	Ação
	Observação	Observação	Observação
	Reflexão	Reflexão	Reflexão
<b>Equipe de Campo</b>		Planejamento	Planejamento
		Ação	Ação
		Observação	Observação
	Reflexão	Reflexão	Reflexão
<b>Seminários Interdisciplinares</b>	Reflexão	Reflexão	Reflexão
<b>Idosos e demais participantes</b>	-	Ação	Planejamento
			Ação
			Observação
			Reflexão

A participação de outros profissionais no primeiro ciclo da pesquisa se deu através do primeiro seminário interdisciplinar organizado pelo pesquisador. Esse primeiro encontro teve por objetivo, além da apresentação do projeto de pesquisa a todos os participantes desse grupo, a participação do mesmo no processo de seleção da instituição que faria parte da fase de campo dos ciclos seguintes da pesquisa. Como essa instituição ainda não havia sido definida nesse momento, portanto, o envolvimento da equipe de campo nesse ciclo da pesquisa ficou restrito à sua participação nesse seminário. As contribuições oriundas desse encontro para a seleção da instituição participante da pesquisa serão abordadas com maior profundidade no capítulo 4, uma vez que as mesmas estão relacionadas às discussões que compõem os resultados da pesquisa nesse primeiro ciclo. Por ora, no presente capítulo, apenas será abordado como foi delimitado o

universo considerado para o processo de seleção, bem como serão apresentados alguns critérios estabelecidos pelo pesquisador para esse processo, previamente à realização do primeiro seminário interdisciplinar.

Para delimitar o universo considerado na seleção da instituição, foram utilizadas as informações de dois documentos como base: (a) o trabalho de Mello *et al* (2000), que realizou um levantamento de cerca de 100 instituições de longa permanência localizadas no município de Porto Alegre quanto a características como público-alvo, capacidade (número de leitos) e valor de mensalidade; (b) a dissertação de mestrado de Tomasini (2002), que realizou o levantamento físico das áreas externas de uma amostra composta por 12 instituições localizadas no mesmo município.

Um dos critérios previamente estabelecidos pelo pesquisador foi quanto às características físicas dos espaços abertos disponíveis na instituição a ser selecionada. Estabeleceu-se que a instituição selecionada deveria contar com a presença de espaços abertos que permitissem o desenvolvimento de um projeto de paisagismo que possibilitasse várias formas de utilização pelos idosos. Os espaços disponíveis, portanto, não poderiam ser demasiadamente restritos ou apresentar muitas irregularidades no terreno que inviabilizassem sua utilização pelos idosos.

Outro critério foi com relação ao público-alvo da instituição. Ficou estabelecido, em primeiro lugar, que a instituição selecionada não deveria ter fins lucrativos e deveria ser destinada a idosos de baixo poder aquisitivo. A opção por uma instituição voltada a esse público teve o objetivo de produzir resultados de pesquisa mais adequados à realidade das instituições que trabalham com poucos recursos econômicos, principalmente no que diz respeito às possíveis soluções de projeto a serem encontradas. Consistiu, ainda, em uma motivação para tal escolha o fato de que, ao final da pesquisa, seria gerado um projeto de paisagismo para a instituição selecionada, o qual poderia beneficiar uma instituição que normalmente não teria recursos para pagar por este serviço. Ainda com relação ao público-alvo da instituição, também ficou estabelecido que a mesma deveria ser direcionada a idosos que se encontrassem em condições físicas e mentais que não comprometessem a sua autonomia. Deveriam ser evitadas, desta forma, no processo de seleção, instituições direcionadas ao atendimento de idosos em estado debilitado de saúde, como aquelas



que trabalham com idosos acamados ou portadores de doenças mentais ou degenerativas. Essa decisão foi tomada por se acreditar que essas instituições devem ser alvos de estudos específicos que levem em conta suas particularidades e que utilizem métodos apropriados de pesquisa para trabalhar com esse público.

Assim, partindo dessas informações como base, as discussões levantadas durante o primeiro seminário interdisciplinar com os profissionais e pesquisadores participantes levaram à pré-seleção de uma das instituições anteriormente estudadas por Tomasini (2002) que atendia aos critérios anteriormente citados (características dos espaços abertos disponíveis e público-alvo). Após essa pré-seleção, o pesquisador procurou fazer contato com essa instituição a fim de verificar a sua disponibilidade em participar da pesquisa. Uma vez que a instituição pré-selecionada é administrada pela Igreja Metodista, inicialmente foi feito contato com membros da comunidade metodista a fim de apresentar o projeto de pesquisa e verificar o interesse da instituição em participar da pesquisa. Após o encaminhamento do projeto, a sua apresentação em reunião com o conselho administrativo da instituição e a sua aprovação por este, o Lar Otília Chaves (ver descrição da instituição no item 4.1) foi finalmente selecionado como a instituição onde seriam desenvolvidas as ações correspondentes aos ciclos seguintes da pesquisa.

### 3.3.2 Segundo ciclo: adaptação do conceito de *design* social

O segundo ciclo da pesquisa consistiu de uma série de ações desenvolvidas na instituição participante da pesquisa, a fim de investigar como o conceito de *design* social poderia ser adaptado ao planejamento de espaços abertos em instituições voltadas ao atendimento de pessoas idosas.

Assim, a questão de pesquisa neste momento, foi formulada da seguinte maneira:

- Como adaptar o conceito de *design* social ao planejamento dos espaços abertos em ILPIs?

Para se responder a esta questão, formulou-se a seguinte proposição teórica:

- A articulação do conceito de *design* social com o campo interdisciplinar da gerontologia contribuirá para a sua adaptação ao contexto das ILPIs.

Ao referencial dos estudos das relações pessoas-ambiente, disponível no primeiro ciclo da pesquisa, foi agregado o referencial da gerontologia, e, em especial, de um de seus sub-campos: a gerontologia ambiental.

Como foi apresentado no capítulo de revisão bibliográfica (Capítulo 2), o conceito de *design* social envolve a participação dos usuários em três fases do processo de planejamento: (a) programação; (b) projeto; e (c) avaliação pós-ocupação. Conforme foi colocado no capítulo de introdução (Capítulo 1), a fase de avaliação pós-ocupação não foi incluída na presente pesquisa devido às limitações de tempo e recursos disponíveis, já que a mesma pressupõe as fases de execução, uso e adaptação do projeto. Constituiu objeto de investigação da pesquisa, portanto, apenas a aplicação das duas primeiras fases desse processo, ou seja, a fase que antecede a elaboração do projeto e a fase que envolve a sua elaboração e apresentação.

Então, no segundo ciclo da pesquisa, as ações realizadas corresponderam a tentativas de adaptação do método de planejamento proposto no âmbito da fase de programação do conceito de *design* social à situação de investigação (contexto de uma ILPI). Retomando novamente o conteúdo do capítulo 2, essa fase compreende o estudo das necessidades dos usuários, o envolvimento dos usuários nas possibilidades de projeto e o estabelecimento de diretrizes de projeto.

O estudo das necessidades dos usuários, de acordo com o conceito de *design* social, compreende a utilização de métodos de investigação próprios das ciências sociais (observações, análise de traços físicos, entrevistas, consultas a registros de arquivo, etc.) para tentar compreender as necessidades e desejos das pessoas em relação a seus ambientes (SOMMER, 1983). O pesquisador já dispunha de uma experiência anterior na aplicação desses métodos no âmbito da realidade das ILPIs por ocasião do desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado (TOMASINI, 2002), a qual incluiu um estudo sobre os espaços abertos dessa mesma instituição. Então, a tarefa de adaptação dessa etapa da programação à situação atual de investigação se resumiu ao

refinamento dos procedimentos empregados nessa pesquisa anterior. Além disso, desejava-se comparar os resultados da aplicação desses métodos à situação atual com os resultados da investigação anterior realizada nessa instituição. Assim, o estudo das necessidades dos usuários foi realizado com base nas seguintes fontes de evidência: (a) consulta a registros de arquivo da instituição; (b) levantamentos físicos da área e (c) estudos comportamentais.

Foram consultados registros de arquivo com o objetivo de se identificar aspectos históricos da instituição, bem como o perfil dos residentes e dos funcionários. Para auxiliar a levantar essas informações, também foram utilizadas entrevistas com administradores da instituição, funcionários ou mesmo com os residentes.

Os levantamentos físicos tiveram a função de verificar as condições dos espaços abertos disponíveis e suas possibilidades de utilização, além de disponibilizar informações importantes para os levantamentos comportamentais subsequentes. Como já se possuía um levantamento anterior da área, realizado por Tomasini (2002), foram realizados novos levantamentos com o objetivo de somente atualizar os dados existentes.

Os estudos comportamentais foram desenvolvidos através da aplicação de entrevistas e da realização de observações comportamentais. Foram realizadas entrevistas com os residentes a fim de levantar informações sobre suas relações passadas com jardins e com a vegetação em geral, seu comportamento em relação à utilização das áreas externas da instituição, bem como suas necessidades e preferências em relação a esses espaços. Essas entrevistas também tiveram a função de sensibilizar essas pessoas para o problema a ser investigado pela pesquisa, além de convidá-las e motivá-las a fazerem parte das atividades de grupo que seriam propostas subsequentemente pela equipe de campo. As entrevistas foram realizadas individualmente, a partir de um roteiro semi-estruturado (vide Apêndice 2), sendo que as respostas foram gravadas e, posteriormente transcritas para análise. Também foi função da aplicação de entrevistas, a aproximação do pesquisador com os idosos residentes na instituição, bem como o oferecimento de um espaço para o esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa. Dentre um total de 22 idosos, 14 aceitaram participar das entrevistas, sendo que o tempo de aplicação das mesmas durou entre 20 e 40 minutos. A média de idade dos entrevistados foi de 81,7 anos, variando de 68 a 101 anos.

O método utilizado para a análise das entrevistas transcritas foi a condensação de significados, proposto pelos autores Giorgi (1985) e Kvale (1996). Trata-se de um método de análise baseado no paradigma fenomenológico, que procura encontrar unidades de significado nos textos das entrevistas, explicar seus principais temas e relacionar esses temas aos propósitos do estudo. A aplicação do método envolve cinco passos. O primeiro passo consiste na leitura de todo o texto da entrevista para que o pesquisador possa chegar a uma compreensão global de seu conteúdo. No passo seguinte, procura-se determinar unidades naturais de significado expressas pelos sujeitos no texto da entrevista. A seguir, o pesquisador tenta identificar o tema dominante em cada unidade de significado, formulando esse tema da forma mais simplificada possível. O quarto passo consiste em questionar as unidades de significado encontradas em termos dos propósitos específicos do estudo, através de perguntas como: - o que isto está me dizendo sobre o que estou procurando saber? Enfim, no quinto passo, os temas essenciais e não-redundantes de toda a entrevista são conectados na forma de uma assertiva descritiva em resposta às questões do pesquisador.

Observações de traços físicos e observações comportamentais foram realizadas a fim de confrontar e complementar as informações apuradas pelas entrevistas. Com as observações de traços físicos, procurou-se identificar sinais deixados nos espaços abertos pelos usuários que pudessem sinalizar aspectos relacionados à utilização dos mesmos (ZEISEL, 1997 p.89-109). As observações comportamentais foram realizadas tanto de forma assistemática como de forma sistemática. De forma assistemática foram realizadas observações participantes (MINAYO, 1993; VICTORA et al, 2000), ao longo de todas as visitas, reuniões e atividades desenvolvidas na instituição durante esse ciclo da pesquisa. Através dessas observações, o pesquisador procurou registrar, por meio de um diário de campo, informações sobre a utilização observada das áreas externas pelos residentes e outros usuários. Nesse diário, foram registradas, ainda, suas próprias impressões pessoais sobre o comportamento das pessoas nesses espaços, bem como sobre os relatos ou conversas informais entre os participantes por ele presenciadas e que estavam relacionadas aos interesses da pesquisa. Observações sistemáticas foram realizadas em diferentes dias da semana e em diferentes horários pré-determinados pelo pesquisador. Essas observações foram desenvolvidas durante período de desenvolvimento desse ciclo da pesquisa, através de 11

sessões de observação com duração de 2 horas cada, realizadas no período entre julho de 2005 a junho de 2006. Todas as observações foram realizadas em dias ensolarados, sem chuva e sem cobertura de nuvens ou com pouca cobertura. Os dados gerados pela observação sistemática foram posteriormente registrados na forma gráfica, sobre a planta baixa da instituição, através da elaboração de um mapa comportamental referente à utilização das áreas externas (ZEISEL, 1997 p.122-123; TATIAN, 2000).

É importante ressaltar que toda a aplicação dos métodos relacionados às fontes de evidência descritas até o momento, referentes à etapa de estudo de necessidades da fase de programação, foram aplicados exclusivamente pelo pesquisador autor desta tese, o qual, como foi mencionado, já possuía experiência e treinamento para tal. A inclusão das profissionais de outras formações, através da equipe de campo, se deu somente a partir da segunda etapa da fase de programação do *design* social, ou seja, o envolvimento dos usuários nas possibilidades de projeto.

Ao contrário do estudo de necessidades, no entanto, a adaptação da etapa de envolvimento dos usuários representava um desafio maior para a pesquisa, já que não se dispunha de experiências anteriores por parte da equipe de campo e nem de referências sobre outros estudos envolvendo a ativação e a educação dos usuários em contextos semelhantes. As ações realizadas para investigar a adaptação dessa etapa consistiram na proposição de várias reuniões ou atividades de grupo, nas quais todos idosos residentes na instituição eram convidados a participar livremente (sem o compromisso de participar até o final da pesquisa). Essas atividades visavam: (a) sensibilizar os residentes para o problema da pesquisa e motivá-los a participar da mesma; (b) identificar um grupo de idosos dispostos a participarem do ciclo seguinte da pesquisa; (c) estudar o funcionamento dos trabalhos em grupo (incluindo a observação do número de pessoas e a duração adequada das atividades, as formas de condução e registro dessas atividades, as dificuldades encontradas pela equipe de campo na comunicação com os idosos, etc.); (d) o teste e a construção de técnicas para o envolvimento das pessoas, de forma adaptada à realidade investigada (contexto de uma ILPI). Dentre as técnicas estudadas estão os usos de fotografias, livros e maquete, bem como saídas à campo e discussões em grupo. Todas as atividades foram acompanhadas pelas duas pesquisadoras que compõem a equipe de campo da pesquisa, as quais participaram também da preparação e da avaliação de cada atividade. Essa participação ocorreu

na forma de reuniões entre os componentes dessa equipe (o pesquisador e as duas profissionais), nas quais se discutia as impressões de cada um sobre uma atividade já realizada na instituição e, com base nas mesmas, se planejava a próxima atividade. Essas impressões eram posteriormente registradas pelo pesquisador em seu diário de campo para serem utilizadas como subsídios tanto para o planejamento das atividades na instituição como para o componente reflexivo da pesquisa em seus diferentes níveis. Dessa forma, reportando-se novamente à Tabela 1, apresentada junto ao item 3.3.1 do presente capítulo, pode-se dizer que a equipe de campo exerceu um papel ativo nos quatro componentes básicos (planejamento, ação, observação e reflexão) desse ciclo da pesquisa. Pode-se dizer, ainda, que cada atividade realizada na instituição constituiu um ciclo menor dentro do ciclo maior da pesquisa aqui apresentado (adaptação do conceito de *design social*).

As informações levantadas durante as etapas de estudo de necessidades e envolvimento dos usuários da fase de programação, foram utilizadas como referências para o estabelecimento de diretrizes de projeto que seriam utilizadas pela fase seguinte do *design social*, a atividade de projeto propriamente dito, levada a cabo no terceiro ciclo da pesquisa.

Ainda como parte desse segundo ciclo da pesquisa, foi realizado o segundo seminário interdisciplinar com os pesquisadores convidados. Esse seminário ocorreu após a realização das primeiras atividades com os idosos e teve por objetivo a apresentação e a discussão com os pesquisadores das impressões da equipe de campo sobre o andamento dessas ações na instituição.

O desenvolvimento das ações que compõem esse segundo ciclo da pesquisa, associadas às observações e as reflexões a elas subseqüentes, provocaram novas mudanças nos rumos da pesquisa. Essas mudanças partiram principalmente de reflexões sobre a observação de que as próprias atividades desenvolvidas na instituição passaram a constituir um espaço potencial para o convívio entre os idosos, bem como representar possibilidades para a aprendizagem de novos conhecimentos e o fortalecimento de suas competências pessoais. Baseando-se no referencial teórico da gerontologia ambiental, pôde-se vislumbrar um efeito da participação dos idosos no processo de planejamento sobre a dimensão pessoal das relações idoso-ambiente, ultrapassando a dimensão ambiental até então prevista pela pesquisa.

### 3.3.3 Terceiro ciclo: aplicação do conceito de *design* social

O último ciclo consistiu na aplicação do conceito de *design* social ao planejamento dos espaços abertos da ILPI participante da pesquisa, a partir da utilização da metodologia de trabalho construída no ciclo anterior (adaptação do conceito de *design* social). Esse ciclo envolveu fundamentalmente a etapa de projeto propriamente dita do *design* social. Trata-se do ciclo da pesquisa onde os usuários tiveram a participação mais direta e mais abrangente, uma vez que fizeram parte de todos os seus componentes de planejamento, ação, observação e reflexão.

Este ciclo de investigação partiu da seguinte questão de pesquisa:

- Como o *design* social, adaptado ao planejamento de espaços abertos em ILPIs, pode contribuir para melhorar as relações idoso-ambiente, de acordo com a teoria em gerontologia ambiental?

Foi formulada a seguinte proposição teórica para investigar essa questão:

- O *design* social, aplicado ao planejamento de espaços abertos em ILPIs, pode auxiliar na produção de projetos mais adequados às necessidades dos idosos e auxiliar no fortalecimento de suas competências pessoais.

A investigação dessa proposição exigiu um aprofundamento sobre o referencial da gerontologia ambiental, através da Teoria da Pressão-Competência de Lawton e Nahemow (1973), que prevê a relação do idoso com o ambiente pelo equilíbrio de forças existente entre as dimensões ambientais (pressão ambiental) e pessoais (competências pessoais) desta relação. Também exigiu um aprofundamento sobre os efeitos dos espaços abertos nesse equilíbrio de forças, através da incorporação da teoria dos *healing gardens* (jardins terapêuticos) ao marco teórico da pesquisa (ULRICH, 1999).

Com base nos aprendizados construídos nos dois primeiros ciclos da pesquisa, foi definido um método de trabalho para a realização das ações em torno das quais o último ciclo foi organizado. Essas ações consistiram na aplicação desse método para o planejamento de uma área externa da instituição, e na avaliação dos idosos sobre a sua participação nesse processo.

A aplicação do método proposto foi feita na forma de novas reuniões de grupo envolvendo a equipe de campo e os idosos que se dispuseram a participar desse trabalho. As reuniões estavam centradas nas tarefas de apresentação e discussão de soluções de projeto para os espaços abertos da instituição. Estas soluções foram traduzidas para a forma gráfica pelo pesquisador e pela profissional da área de projeto que compõe a equipe de campo e reapresentadas para os participantes da pesquisa na forma de um anteprojeto. A partir da apresentação do anteprojeto, procurou-se realizar novas discussões com o grupo para que, a partir daí fossem realizados os ajustes necessários, incluindo a incorporação de soluções propostas pelos seus participantes. Assim, no final da etapa de projeto, chegou-se à apresentação de um projeto de paisagismo para uma das áreas externas da instituição. Nessa ocasião, foi também delineado, junto com os participantes, um plano de ação para viabilizar as melhorias na área externa da instituição propostas pelo projeto.

Após a conclusão e a apresentação do projeto de paisagismo, o processo de *design* social foi submetido a uma avaliação pelos participantes da pesquisa através de entrevistas individuais. Essas entrevistas foram também transcritas para a posterior análise, a qual seguiu a mesma metodologia descrita para as entrevistas aplicadas no ciclo anterior (método da condensação de significado, apresentado no item 3.3.2).

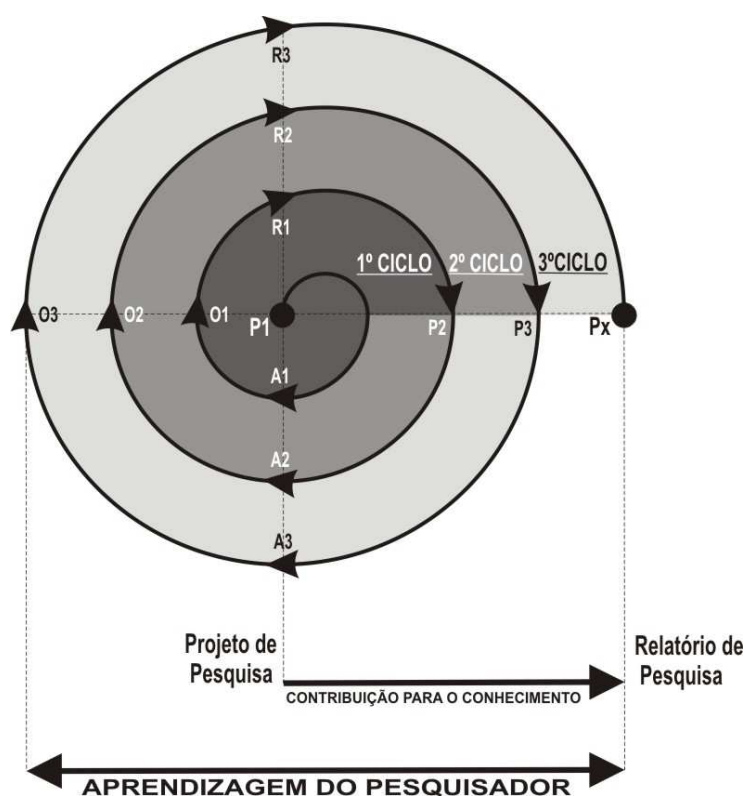
Com o término das atividades na instituição, foi realizado o último seminário interdisciplinar da pesquisa. Esse seminário foi dedicado à apresentação de uma retrospectiva dos diferentes ciclos de investigação ao grupo de pesquisadores e à discussão com o mesmo sobre os resultados da pesquisa de forma global. As discussões geradas nesse último seminário, portanto, não foram restritas apenas aos resultados observados das ações desenvolvidas no último ciclo da pesquisa. Assim, elas também serviram como subsídios às reflexões finais do pesquisador, referentes à avaliação de todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, as quais permitiram a elaboração do relatório de pesquisa da presente tese na forma final aqui apresentada. O principal tema levantado no seminário, como será abordado no capítulo 4, diz respeito à necessidade de continuidade das ações iniciadas por pesquisas que envolvem a motivação e o acionamento das pessoas, como é o caso da pesquisa aqui apresentada.



### 3.3.4 Espiral de Aprendizagem do Pesquisador

De acordo com Mc Niff et al (2001 p.22), devido à natureza cíclica da pesquisa-ação, pesquisas baseadas nessa estratégia são frequentemente ilustradas na forma de ciclos ou espirais. Segundo os autores, porém, embora haja um consenso entre os pesquisadores de que a pesquisa-ação opera em ciclos, existem muitas variações na forma como esses ciclos são representados.

A pesquisa-ação que compõe a presente tese foi apresentada como estando estruturada a partir de 3 ciclos de aprendizagem do pesquisador, identificados como: - preparação do pesquisador (1º ciclo), adaptação do conceito de *design* social (2º ciclo) e aplicação do conceito de *design* social (3º ciclo). Na Figura 8, propõe-se uma forma de representação do processo de refinamento da pesquisa a partir da evolução desses 3 ciclos, através de uma ilustração na forma de uma espiral bidimensional.



**Figura 8:** Representação da pesquisa-ação em relação à evolução dos ciclos de aprendizagem do pesquisador

Na figura, as letras P, A, O e R correspondem, respectivamente, aos componentes de planejamento, ação, observação e reflexão da pesquisa-ação. A numeração que acompanha cada letra indica o ciclo da pesquisa ao qual os componentes estão associados (por exemplo P1, A1, O1 e R1 simbolizam, respectivamente, os componentes planejamento, ação, observação e reflexão no 1º ciclo da pesquisa). Assim, a parte mais interna da espiral, sinalizada com um tom mais escuro, corresponde ao primeiro ciclo da pesquisa, a porção intermediária ao segundo ciclo, e, por fim, a parte mais externa e em tom mais claro, ao terceiro e último ciclo.

Na leitura aqui proposta para essa representação, o ponto central da espiral corresponde ao início do estudo de campo. Nesse ponto, está situada a indicação P1 que significa o componente de planejamento do primeiro ciclo de investigação, proposto como parte do projeto de pesquisa na forma inicialmente elaborada pelo pesquisador. O ponto localizado na extremidade direita da espiral corresponde à conclusão do estudo de campo, que culmina com a elaboração e apresentação do relatório final de pesquisa. A indicação Px situada nesse ponto sinaliza que, embora o estudo de campo proposto esteja estruturado em apenas três ciclos, a espiral possível de aprendizagem da pesquisa-ação não tem um final estabelecido, podendo continuar, a partir daí, através do planejamento de novas ações para um novo ciclo de investigação. A distância entre P1 e Px, corresponde à contribuição da pesquisa para o conhecimento e resulta do caminho percorrido ao longo dos ciclos de aprendizagem do pesquisador, compreendidos entre os momentos da elaboração e apresentação do projeto inicial e do relatório final de pesquisa, respectivamente. Essa interpretação permitiria supor que, quanto maior o número de ciclos da pesquisa, maior a distância entre P1 e Px e, portanto, maior a contribuição da pesquisa para o conhecimento. A distância entre P1 e Px, no entanto, é restrita aos objetivos da pesquisa, que, por sua vez são limitados por restrições tais como tempo e recursos financeiros. O caminho percorrido entre P1 e Px, no entanto, não é linear e sim cíclico, acompanhando a evolução de uma espiral que se amplia em sentido horário. Isso implica em dizer que o movimento de aprendizagem do pesquisador ocorre em todos os sentidos da espiral, na medida em que os componentes de planejamento, ação, observação e reflexão da pesquisa-ação o conduzem tanto na direção do conhecimento e apreensão da realidade de campo (lado esquerdo da espiral), como na direção das formulações e articulações dessa realidade com o conhecimento teórico relacionado ao problema de pesquisa (lado direito da espiral).

O primeiro ciclo da pesquisa corresponde a uma fase mais interna do aprendizado, cuja função é principalmente preparar o pesquisador para a aprendizagem dos ciclos seguintes, conferindo estrutura e suporte para a mesma. Trata-se de um ciclo onde a questão e a proposição da pesquisa ainda não estão muito claras, sendo formuladas de forma genérica e abrangente, e por isso a área a ele correspondente na representação é preenchida com um tom mais escuro. Os componentes de planejamento, ação, observação e reflexão desse ciclo ainda estão essencialmente restritos ao pesquisador, havendo pouco ou nenhum envolvimento de outros atores. Esse ciclo compreende, no entanto, as primeiras iniciativas do pesquisador de aproximar e expor o problema da pesquisa à realidade de campo. Dessa exposição resultam os ajustes necessários para o início do segundo ciclo, cuja função predominante é a de adaptação ou transição de um processo de aprendizagem essencialmente interno e individual do pesquisador para um processo coletivo e externo, envolvendo outros atores. Trata-se, portanto, de um ciclo intermediário, caracterizado por tentativas de aproximação em relação à realidade de campo objeto de investigação, incluindo a incorporação de outros atores nos componentes da pesquisa-ação. Entre os principais resultados esperados desse ciclo de aprendizagem, estão os ajustes metodológicos necessários à conexão entre o aporte teórico disponível e a realidade de campo que compõe o objeto de pesquisa. O aprendizado resultante das reflexões sobre os resultados observados durante o segundo ciclo, permite ao pesquisador a clareza necessária ao planejamento das ações a serem desenvolvidas no último ciclo. No terceiro ciclo de aprendizagem da pesquisa, portanto, correspondente à área mais clara da representação em espiral, o pesquisador já dispõe de uma questão, uma proposição e uma metodologia de investigação suficientemente refinada para permitir o alinhamento da teoria disponível com a realidade de campo. Esse ciclo envolve, portanto, a aplicação dos conhecimentos construídos desde o início da espiral de aprendizagem para a solução do problema da pesquisa. Pode-se dizer, ainda, que o processo de aprendizagem que compõe esse ciclo é bem mais externo ao pesquisador, estando mais próximo da realidade de campo estudada ao prever a participação de outros atores em todos os componentes da pesquisa-ação.

### 3.4 CUIDADOS COM VALIDADE E RIGOR

Segundo Herr e Anderson (2005), o conceito de validade para a pesquisa-ação difere do uso deste mesmo termo para pesquisas baseadas no paradigma positivista, tendo em vista a orientação de seus resultados à ação, o que a leva além da preocupação apenas com a geração de novos conhecimentos.

Assim, a pesquisa-ação não deve ser julgada pelos mesmos critérios de validade com os quais se julga a pesquisa positivista e naturalística. Para Herr e Anderson (2005 p. 53), isto não significa, contudo, menos rigor, mas que se requer uma nova definição de rigor no uso desta estratégia de pesquisa. Desta forma, os mesmos autores sugerem critérios de validade ligados aos seguintes objetivos deste tipo de pesquisa, com os quais, segundo os autores, a maior parte das tradições em pesquisa-ação concordam: a) geração de novos conhecimentos; b) conquista de resultados orientados à ação; c) educação tanto do pesquisador como dos participantes; d) resultados que sejam relevantes para o cenário local; e) metodologia de pesquisa apropriada. Os critérios de validade sugeridos pelos autores em relação a esses objetivos são apresentados na Figura 9.

<b>Objetivos da pesquisa-ação</b>	<b>Crítérios de qualidade/validade</b>
1) A geração de novos conhecimentos	Validade dialógica e de processo
2) A conquista de resultados orientados à ação	Validade de resultado
3) A educação tanto do pesquisador como dos participantes	Validade catalítica
4) Resultados que sejam relevantes para o cenário local	Validade democrática
5) Um método de pesquisa apropriada	Validade de processo

**Figura 9:** Objetivos e critérios de validade para pesquisa-ação  
(HERR E ANDERSON, 2005).

Os autores dão as seguintes definições para cada um desses critérios:

- a) Validade de resultado: A validade de resultado de uma pesquisa-ação é avaliada tendo em vista a extensão com que a ação desenvolvida leva à resolução do problema proposto pela pesquisa.
- b) Validade de processo: Diz respeito à extensão com que os problemas são estruturados e resolvidos de maneira a permitir o aprendizado dos indivíduos ou do sistema.
- c) Validade democrática: Refere-se à extensão com que a pesquisa é feita em colaboração com todas as partes envolvidas no problema sob investigação.
- d) Validade catalítica: É o grau com que o processo de pesquisa reorienta, foca e motiva os participantes no sentido de conhecer a realidade existente como o objetivo de modificá-la.
- e) Validade dialógica: Diz respeito à manutenção de uma postura crítica em relação às interpretações dos dados de pesquisa.

Com base nos critérios acima expostos, a presente pesquisa observou uma série de cuidados a fim de conferir rigor ao processo de investigação e assegurar a validade de seus resultados. Dessa forma, as últimas entrevistas realizadas com os participantes ao final do terceiro ciclo da pesquisa (ver item 3.3.3), também teve o objetivo de avaliar suas validades de resultado, de processo, democrática e catalítica. Assim, nessas entrevistas, foram abordadas questões relacionadas: a) ao grau de satisfação dos participantes com o processo da pesquisa e com o projeto gerado para a área externa da instituição; b) ao aprendizado de novos conhecimentos em função desse processo; c) ao impacto do processo sobre a motivação dos participantes; d) à percepção dos participantes sobre a valorização de suas opiniões durante o processo.

Quanto à validade de processo, procurou-se, ao estruturar a pesquisa, utilizar o princípio da triangulação de métodos, recomendado e comumente utilizado em pesquisas qualitativas e, em particular, em pesquisas sobre as relações pessoas-ambiente (item 3.2). Assim, diferentes fontes de evidência foram utilizadas na coleta e análise de dados, tais como observações, entrevistas, levantamentos físicos, reuniões de grupo, entre outros (ver item 3.3).

Com relação ao critério de validade democrática, a pesquisa procurou envolver, durante todo o seu desenvolvimento, o máximo de participantes possível. Desde seu início, teve-se a

preocupação de estimular toda a comunidade institucional a participar e interagir com os pesquisadores na condução e na proposição de novas atividades.

Uma medida observada no sentido de contribuir para a validade dialógica da pesquisa foi a sua estruturação em diferentes níveis de reflexão, propostos a partir dos seus diferentes atores ou grupos de participantes. Como pode ser observado na Tabela 1 (item 3.3.1), os atores participaram do componente reflexivo da pesquisa em diferentes momentos, sendo que essa participação se torna mais abrangente à medida que se avança em seus ciclos. Assim, no último ciclo da pesquisa, todos os atores participam de seu componente de reflexão. Em um primeiro nível de reflexão, têm-se o próprio pesquisador e suas reflexões sobre todo o processo da pesquisa (registrados por meio de notas de campo e anotações pessoais). Num segundo nível, têm-se as reflexões geradas junto com os participantes das atividades de campo (idosos e equipe de campo), através das reuniões de grupo e demais atividades (registradas por meio de relatórios de reuniões e atividades). No terceiro nível, as reflexões desenvolvidas com a equipe de campo, através de discussões anteriores e posteriores ao desenvolvimento das reuniões e atividades de campo (registradas por meio de memórias ou anotações sobre os encontros de preparação e de avaliação das reuniões e atividades). Por fim, no último nível, as reflexões críticas geradas pelos seminários interdisciplinares envolvendo o grupo dos demais pesquisadores que apoiaram a pesquisa (conforme mencionado na seção 3.3.1, e registrados por meio de gravações das reuniões). A dinâmica de interação entre esses diferentes níveis de reflexão é representada na Figura 10.



**Figura 10:** Níveis de reflexão da pesquisa e suas interações

Numa possível leitura da dinâmica proposta nessa representação, os papéis dos diferentes atores da pesquisa em seu componente reflexivo poderiam ser assim definidos: (a) os extremos teórico e prático da dinâmica reflexiva da pesquisa são desempenhados, respectivamente, pelos seminários interdisciplinares e pelos idosos e demais participantes; (b) a equipe de campo desempenha um papel mediador, tanto entre os níveis reflexivos do pesquisador e dos idosos, como entre esses últimos e os seminários interdisciplinares; (c) o pesquisador atua na mediação entre as reflexões geradas pelos idosos e demais participantes e as reflexões geradas nos seminários interdisciplinares, bem como na condensação e refinamento das informações resultantes de todos os níveis de reflexão, e na sua organização para a apresentação da tese ( na forma do relatório de pesquisa).

As interações representadas na Figura 10 permitem vislumbrar ainda, além das contribuições da estruturação da pesquisa em diferentes níveis reflexivos para a validade dialógica, contribuições para a validade de processo. Assim, à medida que os níveis de reflexão da pesquisa são ampliados (dentro um limite possível de ser gerenciado ou conduzido pelo pesquisador), também é ampliado o aprendizado de todo o sistema.

### 3.5 CUIDADOS ÉTICOS

Tendo em vista que a presente pesquisa envolveu diretamente seres humanos no processo de investigação, foi observada uma série de questões éticas, previstas pela Resolução nº 96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996).

Assim todos os participantes, foram previamente informados sobre a natureza da pesquisa, suas justificativas, seus objetivos, sua metodologia e, ainda, sobre as formas de divulgação de seus resultados. Os mesmos foram esclarecidos sobre a garantia da preservação de suas identidades e sigilo em relação às informações fornecidas ao pesquisador, sobre o respeito à autonomia de suas decisões em participar ou não da pesquisa, bem como sobre a garantia de seu direito em retirar a sua participação em qualquer momento da pesquisa. Mediante esses esclarecimentos, os

participantes e o pesquisador assinaram o documento previsto na Resolução acima mencionada, denominado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide Apêndice 1). O documento foi assinado em duas vias, sendo uma entregue para o participante e a outra arquivada pelo pesquisador. Duas participantes não foram capazes de assinar o documento por não terem aprendido a escrever. Nesses casos, os mesmos foram assinados pela diretora da instituição na presença do participante e com a concordância do mesmo.

Tendo em vista que a presente pesquisa utiliza a estratégia de pesquisa-ação, procurou-se atingir um balanço adequado entre a preocupação de preservar a identidade dos participantes e a necessidade de reconhecer o papel desempenhado pelos mesmos no processo de investigação como agentes e parceiros (e não apenas sujeitos). Assim, a identidade dos participantes é sempre omitida quando se tratam de informações pessoais ou que possam trazer qualquer tipo de prejuízo aos participantes. É o caso de todas as informações coletadas através de entrevistas e comentários gerados durante as reuniões de grupo, obtidas por meio de consulta a documentos e registros de arquivos da instituição, ou, ainda, geradas por meio de observações e notas de campo do pesquisador. Por outro lado, informações relacionadas ao reconhecimento da contribuição e da co-autoria dos participantes no processo de investigação são reveladas com o consentimento dessas pessoas. Este é o caso das imagens que mostram, em atividade, o grupo que trabalhou diretamente no desenvolvimento do projeto para a melhoria das áreas externas da instituição (item 3.3.3). As imagens dessas atividades, portanto, foram previamente mostradas aos participantes que nelas aparecem e contaram com o seu consentimento para publicação nesta tese.

O nome da instituição participante também é revelado durante a apresentação da tese, dentro dos mesmos princípios de reconhecimento da instituição como parceira no processo de investigação e do consentimento informado da mesma sobre a pesquisa e a divulgação de seus resultados. Uma vez que o nome da instituição é divulgado, portanto, tomou-se o cuidado ético de não expor a mesma a críticas que possam ser interpretadas como ofensivas ou depreciativas ao trabalho por ela realizado. Por outro lado, a fim de evitar uma contradição entre a necessidade de se reconhecer a parceria da instituição e a necessidade de não comprometer a validade da pesquisa por falta de transparência em seus resultados, tomou-se bastante cuidado com a seleção da instituição participante. Portanto, como já foi mencionado anteriormente, selecionou-se para



participar da pesquisa, uma instituição já conhecida pelo pesquisador e com a qual o pesquisador possuía um bom relacionamento anterior. Assim, o pesquisador sabia que poderia contar com a abertura necessária ao desenvolvimento da pesquisa, ser ter que enfrentar conflitos mais graves entre sua postura ética e as práticas político-administrativas desenvolvidas na instituição.

Um outro cuidado observado, foi o de não gerar falsas expectativas sobre os resultados da pesquisa entre os seus participantes. Assim, como a terceira etapa da pesquisa envolvia a produção de um projeto para melhorias na área externa da instituição, teve-se o cuidado de esclarecer aos participantes, desde o início das atividades, que a execução deste projeto não fazia parte do processo de pesquisa e que a mesma poderia vir a não acontecer, devido às limitações de recursos financeiros da instituição. Os mesmos foram, portanto, informados de que a instituição não possuía, no momento, nenhum recurso prontamente disponível para ser aplicado com este fim.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Stringer (2007 p. 180-181), diferentemente da pesquisa experimental, na qual os resultados são geralmente apresentados a partir de relações observadas entre variáveis, a pesquisa interpretativa apresenta relatos narrativos que revelam as formas com que as pessoas experienciam a questão investigada e o contexto dentro do qual ela é realizada. Assim, a divisão do relatório de pesquisa que trata dos resultados da investigação deve apresentar densas e detalhadas descrições que permitam aos leitores compreender a realidade vivida dos participantes da pesquisa. Essas descrições são construídas a partir das informações coletadas e analisadas durante o desenvolvimento do estudo.

Para o mesmo autor, as experiências e perspectivas dos participantes descritas nos resultados são colocadas em um contexto mais amplo posteriormente na seção de discussões do relatório de pesquisa. Essa é a seção que permite ao pesquisador articular as novas compreensões emergentes da questão investigada, bem como compará-las e contrastá-las com as perspectivas existentes na literatura acadêmica ou documentação burocrática (STRINGER, 2007 p. 182-183).

No presente relatório de pesquisa, optou-se por apresentar os resultados do processo de investigação e as discussões a eles pertinentes em um único capítulo. Essa opção foi feita por dois motivos: (a) para possibilitar uma maior fluidez à leitura da tese em seu conjunto, evitando-se repetições desnecessárias de informações e a ruptura da seqüência entre a apresentação dos dados e as reflexões que emergiram de sua análise; (b) para permitir ao leitor a melhor compreensão e o acompanhamento da lógica de avanço e refinamento da pesquisa através dos ciclos de aprendizagem do pesquisador baseados nos componentes de planejamento, ação, observação e reflexão da pesquisa-ação.

Este capítulo, portanto, está dividido em três seções correspondentes aos resultados e discussões geradas em cada um dos ciclos de aprendizagem que compõe a pesquisa, denominados, respectivamente, preparação do pesquisador, adaptação do conceito de *design* social e aplicação do conceito de *design* social. A evolução da pesquisa através dos ciclos de aprendizagem do

pesquisador já foi abordada de forma sintética no capítulo 3, quando foi apresentada a estrutura do processo de investigação. No presente capítulo, esse processo de evolução é abordado de forma mais detalhada, enfocando-se como o aprendizado do pesquisador foi sendo construído ao longo desses ciclos com base nos dados coletados a campo e nas reflexões emergentes diretamente dos mesmos ou da sua articulação com o referências teóricas da pesquisa.

A apresentação dos resultados e discussões de forma centrada na aprendizagem do pesquisador, não significa que as aprendizagens dos demais participantes da pesquisa não sejam consideradas. Pelo contrário, como foi abordado no capítulo 3, a pesquisa-ação se constitui de um empreendimento essencialmente coletivo que pretende o aumento do conhecimento de todos os participantes envolvidos (THIOLLENT, 2003). Existem, no entanto, diferentes objetivos de conhecimento entre as diferentes esferas de participação da pesquisa. Por um lado, se pretende aumentar o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas ou grupos considerados a cerca do problema investigado com o objetivo de que esse aprendizado tenha uma aplicação prática para a sua realidade. Por outro, a pesquisa-ação tem objetivos mais amplos como o incremento do conhecimento científico disponível sobre o tema investigado, especialmente se ela está vinculada a atividades acadêmicas tais quais o desenvolvimento de teses e dissertações.

Para que os objetivos científicos desse tipo de pesquisa possam ser cumpridos, no entanto, é necessário que o conhecimento construído ao longo de seu desenvolvimento seja organizado e apresentado de forma elaborada e articulada com o conhecimento já disponível. O relatório de pesquisa constitui o resultado físico desse trabalho e a sua confecção é um empreendimento fundamentalmente centrado na figura do pesquisador. Então, embora a pesquisa-ação envolva o incremento de conhecimento de todos os participantes, o conhecimento elaborado e transmitido através do relatório de pesquisa expressa essencialmente o aprendizado do pesquisador, construído sobre o processo coletivo de aprendizagem de todo o sistema (ver figura 10, p.96).

Consultando-se outras teses baseadas na pesquisa-ação como estratégia de investigação (HIROTA, 2001; VELARDI, 2003; ALLEN, 2004; KUMAR, 2005; NEVES, 2006), observou-se que a estruturação dos resultados de pesquisa a partir de ciclos de aprendizagem é comum entre os autores. Porém, as formas de apresentação dos mesmos são bastante variadas, o que

parece condizente com esse tipo de pesquisa, já que o reconhecimento da subjetividade do pesquisador, inerente à pesquisa-ação, pressupõe que cada pesquisador irá experienciar de modo diferente a evolução desses ciclos em seu processo de investigação.

A forma de apresentação dos resultados da presente pesquisa, portanto, segue a lógica anteriormente exposta de evolução da pesquisa através dos ciclos de aprendizagem do pesquisador. Procura-se conduzir o leitor através desses ciclos de maneira a permitir a compreensão do caminho percorrido pela pesquisa desde a sua fase mais embrionária, centrada na figura do pesquisador, até sua fase final, caracterizada pela maior imersão na realidade de campo e pelo envolvimento de vários agentes na investigação do problema proposto (segundo o movimento em espiral representado na figura 8, p.90).

#### 4.1 PREPARAÇÃO DO PESQUISADOR

Como já foi abordado no capítulo 3, reconhecem-se as primeiras iniciativas de aproximação da realidade de campo como componentes de um importante ciclo inicial e preparatório de aprendizagem do pesquisador. Essas iniciativas resultaram do reconhecimento da limitação dos recursos inicialmente disponíveis para lidar com o problema de pesquisa proposto. Constituíram, em um primeiro momento, na busca de uma maior familiaridade com o tema do envelhecimento humano e na integração do pesquisador a uma rede de pesquisadores, estudantes e profissionais envolvidos com esse tema. Num segundo momento, na previsão da participação de profissionais e pesquisadores de outras áreas no desenvolvimento da pesquisa.

O leitor já pode ter se questionado até então, se a aqui denominada “preparação do pesquisador” para trabalhar com o tema do envelhecimento humano deveria ser realmente considerada como um ciclo da pesquisa-ação que compõe esta tese. Essa é uma questão importante de ser abordada, porque também foi uma dúvida para o pesquisador, já que a existência desse ciclo somente pôde ser reconhecida em um momento bem mais avançado da investigação, após repetidos esforços de reflexão sobre o próprio processo de desenvolvimento da pesquisa-ação.

Iniciativas como as acima citadas, tomadas pelo pesquisador no início da pesquisa, são bastante comuns entre aqueles engajados no desenvolvimento de teses de doutorado. A exigência acadêmica sobre a produção de contribuições originais ao conhecimento leva, frequentemente, os pesquisadores a identificarem problemas de pesquisa que envolvem áreas de conhecimento bem distintas das suas formações anteriores. Isso implica na necessidade de se buscar a familiarização com publicações, autores, conceitos, teorias, métodos, abordagens e até mesmo pressupostos epistemológicos relacionados às práticas científicas dessas áreas. Os esforços empreendidos pelos pesquisadores nesse sentido os levam a reflexões que podem resultar em novos olhares sobre o problema de pesquisa e não raramente na sua reformulação.

Embora essa etapa inicial de aprendizagem seja comum no desenvolvimento de teses, dificilmente ela se encontra expressa nos relatórios de pesquisa. No caso da apresentação de teses baseadas em pesquisas quantitativas, a omissão dessas experiências iniciais de exploração e

readequação do problema de pesquisa se justifica pelos próprios pressupostos epistemológicos com os quais estão alinhadas (ver item 3.1, capítulo 3). Comumente orientadas pelo paradigma positivista, onde não se reconhece a influência da subjetividade de quem conduz a pesquisa em seus resultados, teses desse tipo, em seu formato tradicional de apresentação, não prevêm espaço para a expressão das reflexões e impressões pessoais do pesquisador. Na pesquisa qualitativa orientada pelo paradigma fenomenológico, ao contrário, o reconhecimento dessa subjetividade é central na investigação do problema de pesquisa e está explícito ao longo da apresentação da tese. Porém, as reflexões e impressões apresentadas comumente nos relatórios desse segundo tipo de pesquisa estão focadas diretamente sobre os estudos de campo que as compõem, e não sobre o período de preparação que antecede esses estudos.

O que se propõe aqui, portanto, é que a descrição desse período de preparação do pesquisador como uma etapa da pesquisa pode ser bastante útil para aqueles empenhados em confeccionar uma tese de doutorado, especialmente se a mesma trata de temas que envolvem a interdisciplinaridade. Reconhecer a existência dessa etapa implica admitir que, a partir do momento que o pesquisador coloca seu projeto de pesquisa em movimento (através de ações como a busca de informações sobre outras áreas, contatos ou orientações com outros pesquisadores, etc.), ele já está mergulhado na tarefa de levar o seu problema de pesquisa para o campo. A consciência desse período como uma etapa da pesquisa pode levar o pesquisador a lançar um olhar mais atento sobre as ações que está empreendendo nesse momento, bem como avaliar, de forma mais ordenada e crítica, os impactos dos aprendizados resultantes das mesmas sobre o problema de pesquisa inicialmente proposto.

A expressão dessa etapa no relatório de pesquisa, por outro lado, também pode conferir maior veracidade e clareza à apresentação da tese. Da maneira como as teses são normalmente apresentadas, o leitor tem a impressão que o pesquisador seguiu uma linha reta entre o seu projeto de pesquisa e a apresentação do relatório final. Assim, o primeiro conjunto de ações, observações e reflexões, referentes às primeiras iniciativas de exposição e ajustamento do problema de pesquisa, permanece oculto ao leitor, em uma região obscura da pesquisa, à qual somente o pesquisador tem acesso. Essa região da pesquisa pode não ser de interesse para um público leitor mais amplo, que é atingido posteriormente através de artigos científicos ou outras publicações

não acadêmicas baseadas em seus resultados. Porém, pode ter um grande valor para aqueles que consultam diretamente o relatório que compõe a tese, normalmente outros pesquisadores interessados não somente no tema da pesquisa, mas também nos procedimentos metodológicos adotados para o seu desenvolvimento. Em pesquisas qualitativas baseadas na estratégia da pesquisa-ação, a identificação e a expressão dessa etapa é mais fácil e natural, já que não diverge de seus pressupostos epistemológicos e, como é proposto na presente tese, pode ser visualizada como um ciclo inicial componente da estrutura da pesquisa.

Feitas essas considerações iniciais, serão apresentados, a seguir, os resultados e discussões do primeiro ciclo de aprendizagem desta tese. Essa apresentação está dividida em dois tópicos: - O primeiro diz respeito às iniciativas de aproximação do pesquisador ao referencial teórico do envelhecimento humano e de integração com o meio profissional e acadêmico envolvidos com esse tema, conforme supra mencionado. O segundo trata da formação de um grupo interdisciplinar que apoiou a pesquisa e da sua primeira atuação junto à mesma, através da participação no seminário onde foi discutida a seleção da instituição (ILPI) que participaria dos ciclos seguintes da investigação.

#### 4.1.1 Familiarização com o tema do envelhecimento e integração com pesquisadores e profissionais de outras áreas

Para que o leitor possa ter uma melhor compreensão a cerca das primeiras ações que compuseram esse ciclo, mais uma vez se fará referência à dissertação de mestrado desenvolvida por Tomasini (2002), já que o problema de pesquisa proposto inicialmente pela presente tese deriva dessa pesquisa anterior (ver outras referências sobre esse trabalho nos capítulos 1, 2 e 3).

Naquela pesquisa, buscava-se conhecer a realidade dos espaços abertos das ILPIs no município de Porto Alegre e compreender como as pessoas percebiam e utilizavam esses espaços. Seu objetivo era contribuir com informações que pudessem orientar o planejamento de áreas dessa natureza junto às ILPIs de forma mais adequada às necessidades e preferências de seus usuários, utilizando-se para tal o referencial teórico e metodológico dos estudos das relações pessoais-

ambiente. Através de um estudo de campo preliminar baseado em levantamentos físicos de uma amostra de instituições e de um estudo de casos envolvendo estudos comportamentais (observações e entrevistas), o pesquisador chegou a um conjunto de recomendações para o planejamento dessas áreas (ver capítulo 2, item 2.2.1).

Enquanto a pesquisa era desenvolvida com essa meta, algumas reflexões já apontavam para a formulação de um novo problema de pesquisa, que girava em torno de perguntas tais como: de que maneira essas recomendações poderiam ser colocadas em prática? Que outras recomendações poderiam ser identificadas se os usuários participassem de forma mais direta no processo de planejamento desses espaços? De que forma esse planejamento deveria ser conduzido para garantir essa participação? Como os idosos residentes em ambientes institucionais reagiriam à possibilidade de participarem nesse processo? Da mesma forma, também começava a ser delineada uma proposição de pesquisa para se investigar essas questões, através da aplicação do conceito de *design* social ao planejamento dos espaços abertos das ILPIs. Apontado pelos pesquisadores da área como uma possibilidade de conexão entre pesquisa e prática no âmbito de estudos das relações pessoas-ambiente, o conceito de *design* social apresentava o suporte teórico e o instrumental metodológico necessários à investigação do problema de pesquisa que estava sendo formulado.

Essas reflexões permitiram, portanto, a definição posterior de uma questão e uma proposição de pesquisa que constituíram o ponto de partida para a proposta de desenvolvimento da presente tese. A questão e a proposição da pesquisa foram assim definidos, respectivamente, em seus formatos iniciais:

- Como planejar os espaços abertos em ILPIs de forma a garantir a melhor compreensão e atendimento das necessidades dos usuários idosos?
- O planejamento pode ser desenvolvido com base em estudos das relações pessoa-ambiente e na utilização de métodos participativos de projeto, tal como a abordagem do *design* social.

A pesquisa que estava sendo agora proposta, portanto, apresentava uma diferença fundamental de foco em relação à pesquisa anterior. O interesse não era mais gerar recomendações ou identificar requisitos que pudessem orientar o trabalho de profissionais da área de projeto e sim investigar o



próprio processo de planejamento em movimento e a partir de uma perspectiva diferente, onde era prevista uma maior participação dos usuários. As implicações metodológicas dessa mudança de foco, já abordadas no capítulo 3 (item 3.2), exigiam, nessa nova pesquisa, uma alteração drástica na posição do pesquisador em relação ao objeto de pesquisa. Enquanto a estratégia de estudo de casos utilizada na pesquisa anterior permitia ao pesquisador manter uma posição totalmente externa ao objeto de pesquisa, a estratégia de pesquisa-ação agora adotada exigia um envolvimento direto com o mesmo (ou seja, com a instituição participante da pesquisa e com as pessoas que dela fazem parte).

Reflexões sobre essa necessidade de mudança, já no início da pesquisa, resultaram na consciência do pesquisador quanto às suas limitações para levar o problema de pesquisa proposto para o campo. Para se trabalhar diretamente com pessoas idosas, pensava-se que seria necessário ter um melhor discernimento do que é a velhice e do que é ser uma pessoa idosa, ou seja, uma preparação mais abrangente e ao mesmo tempo mais profunda sobre o fenômeno do envelhecimento humano.

A busca dessa preparação teve início pela exploração dos recursos existentes dentro da própria Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A primeira iniciativa tomada nesse sentido foi através do já mencionado contato com o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, que funciona junto a essa primeira instituição. A partir desse contato, pôde-se vislumbrar uma grande gama de interesses e atuações relacionadas ao tema do envelhecimento humano, tanto dentro da universidade como fora dela, já que o núcleo possui articulações com outros grupos de pesquisa (no estado, no país e no exterior) e com diversas entidades (governamentais e não governamentais) ligadas de alguma forma a esse tema. Mais do que isso, esse contato possibilitou o início de um processo de integração e convívio do pesquisador com essa rede de pesquisadores e profissionais, bem como o balizamento dos esforços empreendidos na busca de referências teóricas sobre o envelhecimento e que pudessem ter relevância para o problema de pesquisa.

O conhecimento dos professores que participam do núcleo levou o pesquisador a cursar duas disciplinas relacionadas ao envelhecimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação

da UFRGS. Inicialmente, cursou-se a disciplina denominada “Fundamentos Teóricos de uma Pedagogia para o Envelhecimento”, que procurava relacionar teorias de ensino e aprendizagem com a prática pedagógica voltada à terceira idade. Posteriormente, a disciplina de “Teorias Gerontológicas”, que abordava teorias biológicas, psicológicas e sociológicas sobre o envelhecimento humano. Os conteúdos trabalhados nessas duas disciplinas proporcionaram ao pesquisador a familiarização com conceitos, teorias e autores importantes para o trabalho e a pesquisa com idosos. Além das contribuições dos conteúdos abordados, a participação nessas duas disciplinas permitiu o compartilhamento de experiências com mestrands, doutorands e profissionais de diferentes formações engajados em pesquisas ou trabalhos práticos envolvendo pessoas idosas. Entre as diferentes formações dos participantes que cursavam essas disciplinas, pode-se citar: - pedagogia, psicologia, letras, filosofia, educação física, medicina, fonoaudiologia, fisioterapia, enfermagem, terapia ocupacional e informática, além de agronomia e engenharia civil, correspondente às formações do próprio pesquisador.

Esse período de preparação, marcado pelo aprofundamento nos conteúdos relacionados ao envelhecimento e pelo convívio com os pesquisadores e profissionais de outras áreas, foi muito fértil em termos de reflexões sobre o problema de pesquisa proposto. Tais reflexões resultaram na elaboração de dois artigos posteriormente publicados em um periódico de caráter interdisciplinar e relacionado a estudos sobre o envelhecimento (TOMASINI, 2005; TOMASINI e ALVES, 2007). As contribuições desses artigos representam a essência dos resultados do primeiro ciclo da pesquisa, referente à preparação do pesquisador para trabalhar com o envelhecimento humano.

Esses artigos poderão ser consultados em sua íntegra junto aos anexos 1 e 2 do presente relatório de pesquisa, caso o leitor tenha interesse na leitura mais atenta de seus conteúdos. Neste capítulo de resultados e discussões da tese, porém, os mesmos serão abordados apenas no que tange às reflexões por eles apresentadas e suas relações com o ciclo inicial de aprendizagem do pesquisador, bem como às suas conseqüências sobre o processo de refinamento da pesquisa. Na tabela 2, podem ser visualizados os títulos desses artigos e uma síntese das principais discussões desenvolvidas em cada um.

**Tabela 2:** Artigos publicados e suas principais discussões.

Título e Referência do Artigo	Síntese das principais discussões
<p>“Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar” (TOMASINI, 2005).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Salienta a necessidade de maior integração das disciplinas relacionadas ao planejamento do ambiente construído com o enfoque gerontológico, especialmente no Brasil, onde as mesmas não possuem tradição nos estudos sobre a velhice e o envelhecimento.</li> <li>• Discute o potencial da contribuição teórica da gerontologia ambiental a fim de orientar o planejamento de ambientes para idosos.</li> <li>• Por outro lado, observa a necessidade da tradução e apresentação do referencial teórico disponível de forma mais legível para os profissionais ligados ao ambiente construído, responsáveis pela aplicação desse conhecimento.</li> <li>• Apresenta o conceito de <i>design</i> social como alternativa para o planejamento de ambientes voltados a usuários idosos, devido ao seu potencial de integração entre disciplinas e também de articulação com os principais fundamentos teóricos da gerontologia ambiental.</li> </ul>
<p>“Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência” (TOMASINI e ALVES, 2007).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O conceito do envelhecimento bem-sucedido, apesar das críticas em torno do mesmo, contribui para a compreensão sobre como as pessoas podem envelhecer de forma mais satisfatória e digna.</li> <li>• A realidade precária das ILPIs no Brasil está muito aquém dos preceitos do envelhecimento bem-sucedido. A investigação de arranjos de envelhecimento bem-sucedido para a realidade das ILPIs brasileiras deve ser priorizada como pauta de pesquisa, a fim de suportar e estimular práticas e políticas públicas que visem aumentar a qualidade de vida nesses locais.</li> <li>• As questões ambientais são de grande valor para a compreensão de como os idosos podem desenvolver resultados adaptativos mais adequados nas ILPIs.</li> </ul>

O primeiro artigo publicado, intitulado “Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar” apresenta, fundamentalmente, uma reflexão sobre a necessidade de integração das áreas relacionadas ao planejamento do ambiente construído com o enfoque gerontológico sobre o envelhecimento. Essa idéia é resumida em um dos trechos do artigo, abaixo transcrito:

Nos últimos anos, a mídia tem veiculado, com bastante freqüência, informações sobre adaptações no ambiente construído (especialmente nas edificações residenciais) para melhor atender as necessidades dos idosos. A veiculação de tais informações reflete o crescimento das preocupações com a produção de ambientes mais inclusivos nas escolas de Engenharia e Arquitetura, e também o despertar dos profissionais das áreas relacionadas para o grande potencial de mercado representado pelo usuário idoso. No entanto, a tarefa de projetar ambientes para usuários idosos ainda é tratada de forma bastante superficial, onde as necessidades dos idosos são quase sempre comparadas e reduzidas às necessidades dos portadores de deficiência. Urge, portanto, uma maior integração dessas áreas com outras áreas mais tradicionais nos estudos do envelhecimento e da velhice, a fim de se atingir uma maior compreensão sobre esses fenômenos e suas implicações para o projeto do ambiente construído (TOMASINI, 2005 p.78).

Defende-se, portanto, a interdisciplinaridade como o caminho para o aprimoramento da pesquisa e da prática voltadas à produção de ambientes mais adequados às necessidades de pessoas idosas. A partir dessa idéia, identifica-se a gerontologia ambiental (ver revisão no item 2.1 do capítulo 2) como o sub-campo da gerontologia detentor do referencial teórico mais adequado para permitir essa integração. Sustenta-se, ainda, no artigo, que o referencial teórico da gerontologia ambiental precisa ser traduzido para uma linguagem mais aplicada a fim de permitir a sua efetiva utilização pelos pesquisadores e profissionais das disciplinas relacionadas ao planejamento do ambiente construído. Por fim, o artigo apresenta o conceito de *design* social como uma alternativa de integração entre o referencial teórico da gerontologia ambiental e a prática de projeto voltada ao planejamento de ambientes para idosos.

O segundo artigo, “Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência”, pode ser considerado uma seqüência e um aprofundamento das reflexões apresentadas no primeiro artigo. Porém, apresenta duas diferenças fundamentais em relação ao anterior. Em primeiro lugar, esse artigo trata dos ambientes específicos das ILPIs, que constituem locais de moradia bastante diferenciados (ver item 2.1.2 do capítulo de revisão). Em

segundo lugar, a autoria desse artigo é dividida com uma outra pesquisadora, também interessada nos ambientes das ILPIs, porém do ponto de vista das possibilidades pedagógicas de serem desenvolvidas nesses cenários. Essa autora, com formação em pedagogia, cursou com o pesquisador as disciplinas relacionadas ao envelhecimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS anteriormente abordadas e veio a compor a equipe de campo e os seminários interdisciplinares na seqüência do andamento da pesquisa.

O artigo fundamentalmente explora a idéia de que as ILPIs constituem ambientes excluídos do atual paradigma do envelhecimento bem-sucedido, especialmente no Brasil, onde, apesar dos recentes esforços do governo em regulamentar e fiscalizar o seu funcionamento, esses estabelecimentos ainda funcionam de forma muito precária. O conceito de envelhecimento bem-sucedido é bastante difundido no meio gerontológico, mas é também muito polêmico, uma vez que muitos pesquisadores acreditam que o mesmo pode ter repercussões negativas para as políticas públicas voltadas à população idosa, ao transferir para o indivíduo a responsabilidade pelo sucesso do seu envelhecimento<sup>6</sup>. O artigo levanta a discussão sobre a necessidade de incluir as ILPIs no debate sobre o envelhecimento bem-sucedido, defendendo a mobilização de pesquisadores e agentes públicos no sentido de buscar alternativas para a transformação desses estabelecimentos em locais possíveis de se envelhecer sob os preceitos desse paradigma. Propõe-se, como ponto de partida, uma reflexão sobre a qualidade dos cenários físicos dessas instituições e a possibilidade de envolvimento dos idosos no planejamento dos mesmos como uma atividade pedagógica capaz de melhorar a sua adaptação aos ambientes institucionais. Essa reflexão é apresentada em um trecho final do artigo:

A proposta de utilizar o processo de planejamento de ambientes para idosos com o duplo propósito de gerar espaços mais adequados às suas competências e desenvolver um trabalho educativo com os mesmos, parece bastante interessante quando se pensa nas instituições de longa permanência. Além de apresentar uma potencial contribuição no sentido de auxiliar os idosos institucionalizados a otimizarem seus recursos para uma velhice mais bem-sucedida, essa proposta levanta uma importante questão: a possibilidade de desenvolvimento de trabalhos pedagógicos nas instituições de longa permanência. A falta de trabalhos desta natureza nas instituições, talvez seja um dos

---

<sup>6</sup> Para maiores informações sobre esse conceito e suas críticas, o leitor pode consultar o artigo original junto ao anexo 2 do presente relatório de pesquisa.

fatores mais limitantes para a possibilidade de um envelhecimento bem-sucedido nesses ambientes segregadores de moradia (TOMASINI e ALVES, 2007 p.100).

As discussões apresentadas nesses dois artigos, portanto, expressam claramente a evolução da compreensão do pesquisador a cerca do envelhecimento humano em decorrência das primeiras iniciativas de apropriação e assimilação desse tema. Essas discussões permitem avaliar ainda os impactos do aprendizado construído nesse período de preparação sobre a estrutura da pesquisa, tanto do ponto de vista teórico como metodológico e prático.

Do ponto de vista teórico, as discussões apresentadas no primeiro artigo, sobre a necessidade de integração entre disciplinas em estudos de problemas envolvendo o envelhecimento, levaram à previsão do alinhamento da pesquisa com o referencial do campo interdisciplinar da gerontologia. Pôde-se vislumbrar a possibilidade de articulação do problema proposto com esse referencial através da gerontologia ambiental, que pode ser considerada um sub-campo comum da gerontologia e dos estudos das relações pessoas-ambiente, os quais compunham o referencial inicial da pesquisa. As reflexões sobre a integração da pesquisa com o enfoque gerontológico são ainda aprofundadas no segundo artigo, onde são sugeridas conexões entre a qualificação dos ambientes das ILPIs, o envolvimento dos idosos no planejamento desses ambientes (prevendo, com isso, a aplicação do conceito de *design* social) e o conceito de envelhecimento bem-sucedido.

Do ponto de vista metodológico, as reflexões sobre a interdisciplinaridade nos estudos sobre o envelhecimento incorreram na previsão da participação de profissionais de diferentes formações no desenvolvimento da pesquisa. Como já foi abordado no capítulo de métodos (capítulo 3, item 3.3.1), essa participação foi prevista através de encontros com outros pesquisadores a fim de discutir o andamento das ações à campo (seminários interdisciplinares) e de um grupo interdisciplinar responsável pela execução dessas atividades na instituição participante. A previsão desse último grupo na condução das atividades de campo também possui uma consequência prática para o problema de pesquisa, já que implica assumir que a aplicação do conceito de *design* social ao planejamento de ambientes em ILPIs deve contar com a participação de equipes interdisciplinares.

Ainda do ponto de vista prático, pode-se citar as conseqüências das discussões apresentadas no segundo artigo sobre a aplicação do conceito de *design* social como uma atividade pedagógica no contexto das ILPIs. Essa reflexão permitiu agregar um novo olhar sobre a aplicação do conceito de *design* social ao planejamento dos espaços abertos das ILPIs, refletindo, portanto, diretamente sobre as ações desenvolvidas nos ciclos seguintes da pesquisa (adaptação e aplicação do conceito de *design* social). Pode-se dizer que a apresentação dessa idéia, através da elaboração desse artigo, expressa um período de transição entre o primeiro ciclo de preparação do pesquisador e o ciclo seguinte, onde outros personagens passam a ter um maior envolvimento no componente reflexivo da pesquisa. Vale lembrar que esse artigo foi elaborado em parceria com outra pesquisadora, com formação na área pedagógica, que foi convidada a participar tanto da equipe interdisciplinar responsável pelas atividades de campo como dos seminários interdisciplinares.

#### 4.1.2 Primeiro seminário interdisciplinar: formação do grupo de trabalho e seleção da instituição.

A inserção entre os profissionais e pesquisadores envolvidos com o tema do envelhecimento humano, através das ações anteriormente descritas, também habilitaram o pesquisador a conseguir apoio para a formação dos dois grupos interdisciplinares cuja participação estava sendo prevista na pesquisa, ou seja, a equipe de campo e os seminários interdisciplinares.

Neste capítulo, não será detalhado como esses grupos foram formados e como os mesmos estão inseridos na estrutura da pesquisa, pois isso já foi feito no capítulo de métodos desta tese (ver capítulo 3, item 3.3.1). A intenção aqui é apresentar e discutir os resultados de suas primeiras contribuições para a pesquisa, através da participação no primeiro seminário interdisciplinar organizado previamente à definição da instituição que faria parte dos ciclos seguintes da investigação. Cabe ressaltar que esta foi também a primeira oportunidade de participação da equipe de campo, já que os trabalhos de campo propriamente ditos ainda não haviam sido iniciados e que os seminários interdisciplinares foram planejados de forma a incluírem os componentes desse outro grupo.

Assim, o primeiro seminário interdisciplinar teve por objetivo principal discutir a seleção de uma ILPI para participar da pesquisa em seus ciclos seguintes. Além disso, com essa reunião, pretendia-se apresentar os participantes entre si e apresentar o projeto de pesquisa a todos, esclarecendo dúvidas sobre o mesmo e sobre o papel do grupo em seu desenvolvimento. A seleção da instituição participante dos trabalhos de campo também já foi objeto de atenção do capítulo de métodos da tese. Porém o que interessa no presente capítulo é aprofundar como o primeiro seminário interdisciplinar colaborou para essa seleção e como as discussões por ele geradas repercutiram sobre as ações subsequentes da pesquisa.

Antes de se apresentar os resultados desse primeiro encontro, no entanto, será abordado como os conteúdos desses seminários foram sistematizados para serem utilizados na pesquisa, já que o método de análise dos seminários interdisciplinares não foi detalhado no capítulo de métodos. A opção em deixar a apresentação desse método para o capítulo de resultados foi feita com base no fato de que o mesmo foi construído pelo pesquisador especificamente para esta tese, constituindo, portanto, uma possível contribuição para futuras pesquisas.

O método utilizado para sintetizar as discussões geradas nos seminários interdisciplinares foi inspirado no método da condensação de significados (KVALE, 1996; GIORGI, 1985), o qual já foi apresentado no capítulo 3 (item 3.3.1), quando foi abordada a análise das entrevistas com os idosos no segundo e terceiro ciclos da pesquisa. Este método foi adaptado pelo pesquisador com o objetivo de sintetizar ou condensar os textos das transcrições dos seminários interdisciplinares e assim facilitar a visualização das contribuições geradas durante esses encontros. Para isso, foram utilizados os seguintes procedimentos: - Inicialmente os textos eram lidos em sua íntegra, sendo que o pesquisador procurava sinalizar com cores diferentes os tipos de interações entre os participantes correspondentes a cada fala ou segmento de fala. Os tipos de interação identificados durante os três seminários interdisciplinares foram assim classificados: (a) Informação: quando um participante está transmitindo alguma informação para o grupo ou para outro participante; (b) Reflexão: quando um participante procura refletir sobre alguma informação ou discussão apresentada na reunião; (c) Questionamento ou dúvida: quando um participante expressa uma dúvida sobre alguma informação ou discussão ou quando coloca uma questão na forma de uma



pergunta para o grupo ou outro participante; (d) Observação: quando um participante interfere em uma discussão a fim de fazer algum alerta ou aconselhar o grupo e principalmente o pesquisador em relação a algum ponto específico da pesquisa, tal como uma ação ou um procedimento metodológico; (e) Opinião: quando um participante expressa claramente para o grupo sua posição sobre uma questão que está sendo discutida. Após serem identificados os tipos de interação entre os participantes nos textos das transcrições, os conteúdos das reuniões são sistematizados em uma tabela (ver exemplo da construção desse tipo de tabela junto ao apêndice 3 desta tese). Nessa tabela, cada linha representa uma fala ou segmento de fala correspondente a um dos tipos de interação supra mencionados. Na linha, o conteúdo de cada fala ou segmento de fala é sintetizado pelo pesquisador e identificado pelo tipo de interação, pelo sentido da interação (quem se dirige a quem) e pelo posicionamento do autor da fala em relação à fala anterior (ou seja, se converge, diverge ou é neutro em relação à mesma). Essa tabela constitui um registro compacto da reunião que permite ao pesquisador a consulta rápida e repetida de seu conteúdo, facilitando a visualização dos principais temas abordados e a formulação das principais contribuições da reunião para a pesquisa.

Na tabela 3, são apresentados os temas abordados no primeiro seminário interdisciplinar e uma síntese das principais discussões levantadas pelos participantes. Observa-se na tabela que as discussões levantadas no primeiro seminário estiveram centradas em três temas gerais: (a) a definição da instituição participante da pesquisa; (b) a aprovação da pesquisa pela instituição selecionada; e (c) a apresentação de sugestões pelos participantes para as atividades na instituição selecionada.

Como foi mencionado no capítulo de métodos, o pesquisador já havia estabelecido alguns critérios como ponto de partida para a seleção da instituição antes da realização do primeiro seminário interdisciplinar. Esses critérios eram: (a) as características físicas das áreas externas disponíveis (não deveriam apresentar dimensões muito reduzidas e nem uma topografia demasiadamente acidentada); e (b) o público-alvo da instituição (deveria ser composto preferencialmente por idosos de baixa renda e que não apresentassem limitações físicas ou cognitivas que comprometessem sua autonomia). Além disso, já se dispunha de um conhecimento prévio da realidade das ILPIs existentes no município de Porto Alegre e das

condições das áreas externas de algumas dessas instituições em função da pesquisa de mestrado realizada anteriormente (TOMASINI, 2002), o que permitia sugerir ao grupo alguns locais possíveis de serem estudados em acordo com esses critérios.

**Tabela 3:** Temas e principais discussões do primeiro seminário interdisciplinar

Temas	Principais discussões
Definição da instituição participante da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Instituições para idosos são muito diferentes entre si, dependendo do público atendido. A legislação que regulamenta o funcionamento das ILPIs deve ser observada..</li> <li>• Uma das instituições já conhecida pelo pesquisador em estudo anterior é considerada adequada pelo grupo, devido às condições das áreas externas disponíveis e da possível abertura necessária à nova pesquisa.</li> <li>• Instituições destinadas apenas ao público feminino constituem um recorte representativo para a realidade das ILPIs. Porém, trabalhar com uma dessas instituições implica na necessidade de se estar ciente das influências de gênero sobre os resultados da pesquisa.</li> </ul>
Aprovação da pesquisa pela instituição	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O tipo de pesquisa proposto pode interferir nas relações de poder na instituição. O pesquisador deve ser claro com a administração sobre o trabalho que será realizado. Também deve esclarecer os idosos que as decisões sobre o planejamento da área externa estarão sujeitas à aprovação da administração.</li> <li>• Deve-se permanecer atento aos mecanismos próprios de funcionamento das instituições totais, os quais influenciam as práticas das ILPIs, a despeito de sua orientação filosófica ou religiosa.</li> <li>• O pesquisador precisa oferecer algum retorno à instituição participante da pesquisa. Além do projeto de paisagismo, o envolvimento dos idosos no planejamento da área externa poderá ser visto como um programa de atividades na instituição.</li> </ul>
Sugestões para as atividades na instituição	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A execução de pequenas intervenções de baixo custo a partir do projeto pode ser uma forma de dar um retorno mais concreto aos idosos em resposta a sua participação.</li> <li>• Antes de propor algo novo, explorar o que já existe na instituição.</li> </ul>

A primeira discussão sobre o tema da escolha da instituição foi direcionada ao critério do público-alvo pré-estabelecido pelo pesquisador. Essa discussão pode ser resumida na forma de um alerta sobre a abrangência e a diversidade do público atendido pelas Instituições de Longa

Permanência para Idosos (ILPIs). Portanto, o pesquisador deveria estar ciente de que a seleção de uma instituição voltada a um público-alvo segundo os critérios por ele pré-estabelecidos implicaria na contemplação de uma determinada modalidade de ILPI prevista pela legislação vigente. Assim, uma ILPI voltada a idosos de menor poder aquisitivo e sem graves comprometimentos da autonomia estaria mais associada a instituições de assistência social do que instituições de saúde.

A discussão seguinte foi desenvolvida em torno da avaliação de possíveis instituições conhecidas pelo pesquisador e que estariam relacionadas a esse público-alvo. O outro critério estabelecido pelo pesquisador, sobre as dimensões e a topografia da área externa, foi expandido por uma discussão paralela de que os idosos deveriam ter a perspectiva de ver o seu trabalho concluído e que, portanto, soluções de projeto de longo prazo para essa área deveriam ser evitadas. Embora tenha sido mencionado no capítulo de métodos (capítulo 3, item 3.5) o cuidado ético de esclarecer os idosos sobre a possibilidade da não implantação do projeto do qual participariam, considerou-se fundamental para o êxito da pesquisa tornar essa execução o mais viável possível. Então, também ficou estabelecido como preferencial a escolha de uma instituição que apresentasse a presença de pelo menos alguns exemplares de árvores já desenvolvidos, uma vez que se tratam de espécies importantes na composição de áreas externas, mas que demoram muitos anos para se desenvolverem. O grupo também considerou imprescindível, do ponto de vista motivacional, a escolha de uma instituição que oferecesse espaço e abertura suficientes para permitir a participação dos idosos, já que toda proposta da pesquisa se fundamentava sobre a mesma. Procurando atender aos critérios levantados por essa discussão, o pesquisador sugeriu uma das ILPIs por ele conhecida e com a qual possuía um bom relacionamento, a qual foi aprovada pelo grupo. Essa ILPI já foi mencionada no capítulo de métodos e trata-se da instituição que veio, de fato, a fazer parte da pesquisa em seus ciclos seguintes (ver itens 4.2 e 4.3 na seqüência deste relatório).

A concordância em convidar essa ILPI a participar da pesquisa levou a uma nova discussão, envolvendo diferenças entre gênero e a generalização dos resultados da investigação, já que o pesquisador informou ao grupo que a mesma trabalhava apenas com mulheres. Apesar dessa especificidade, discutiu-se que a escolha dessa instituição se tratava apenas de um recorte e que

assim mesmo representava bem a realidade de muitas ILPIs, já que várias dentre elas trabalham somente com mulheres. Nesse sentido, discutiu-se que muitas ILPIs têm dificuldades para aceitar homens entre seus residentes e, em geral, estão despreparadas para trabalhar com esse público. Foi ainda discutido que, mesmo em instituições mistas, existe uma separação clara entre homens e mulheres, o que muitas vezes se reflete em uma divisão física dos ambientes, como se fossem duas instituições em uma. Assim, o grupo concluiu que a escolha de uma instituição para mulheres não comprometia a pesquisa, mas que as diferenças entre gêneros em relação ao processo de envelhecimento precisavam ser consideradas na análise de seus resultados.

Uma vez que o grupo concluiu pela seleção da instituição supra-mencionada, as discussões seguintes foram centradas no tema da busca de aprovação junto a mesma para a realização da pesquisa. Essas discussões foram marcadas por divergências entre os participantes do seminário sobre a percepção que a instituição poderia ter em relação à pesquisa. Discutiu-se que a pesquisa-proposta, ao prever a participação dos idosos no planejamento do ambiente físico da instituição, possivelmente teria impacto sobre as relações de poder ali vigentes, o que poderia ser percebido de forma negativa pelos seus dirigentes. Por outro lado, a pesquisa também poderia ser vista de forma positiva se a administração tivesse consciência dos benefícios que a mesma poderia trazer aos idosos e a toda instituição.

Apesar desses pontos de vista divergentes, houve consenso entre os participantes do seminário de que, para se conseguir a aprovação e o apoio necessários ao bom andamento dos trabalhos, a administração da instituição deveria ser plenamente esclarecida sobre a natureza da pesquisa e sua metodologia. Também os idosos deveriam ser esclarecidos sobre a necessidade de respeito à hierarquia da instituição. Assim, deveriam estar cientes de que todas as decisões sobre o planejamento das áreas externas seriam submetidas à avaliação e à aprovação em última instância pela direção da casa.

A partir da divergência sobre a possível percepção da instituição em relação à pesquisa, foram ainda desenvolvidas outras duas discussões que tiveram conseqüências importantes para os ciclos seguintes da investigação. Na primeira, discutiu-se que o pesquisador deveria estar atento para o fato de que uma ILPI tem mecanismos de funcionamento que se assemelham em vários aspectos

aos das instituições totais (ver capítulo 2, item 2.1.2). Trata-se de mecanismos sociais responsáveis pela manutenção das estruturas de poder que garantem o funcionamento de uma instituição, os quais tendem a se perpetuar além das boas intenções características de sua orientação religiosa ou filosófica. Esse alerta levou à discussão seguinte de que a pesquisa precisava deixar algo de concreto para a instituição em retorno a sua participação. Discutiu-se que a apresentação de um projeto de paisagismo para as áreas externas da instituição, inicialmente previsto pelo pesquisador, talvez não fosse suficiente para garantir o apoio e a parceria da direção. Porém, a apresentação desse projeto como uma possibilidade de envolvimento dos idosos em um programa de atividades poderia constituir uma contribuição de maior valor para a instituição, já que, normalmente, as ILPIs têm dificuldades em oferecer esse tipo de serviço para os residentes.

Por fim, o último tema desenvolvido no seminário girou em torno de sugestões levantadas pelos participantes em relação às ações que seriam desenvolvidas na instituição selecionada, mais precisamente, sobre as atividades que envolveriam os idosos. Ainda seguindo o raciocínio de que a pesquisa precisava oferecer um retorno mais concreto à instituição, sugeriu-se que os idosos fossem envolvidos em pelo menos algumas atividades de implantação das idéias construídas por eles durante a elaboração do projeto. Tais atividades seriam uma forma importante de motivação capaz de garantir a maior participação dos idosos na pesquisa, e poderiam se constituir de pequenas intervenções de baixo custo, tal como a construção de um canteiro ou o plantio de alguns exemplares de espécies arbustivas. Por outro lado, foi sugerido que, antes de se propor modificações nas áreas externas da instituição, deveriam ser desenvolvidas atividades onde os idosos fossem incentivados a explorar aquilo que já existe nessas áreas. Um dos participantes do seminário argumentou a favor dessa idéia citando a pesquisa de mestrado do pesquisador (TOMASINI, 2002), onde se observou a baixa utilização das áreas externas pelos idosos na amostra de ILPIs estudada.

A título de conclusão sobre as discussões levantadas no primeiro seminário interdisciplinar, pode-se dizer que as mesmas tiveram várias conseqüências sobre o andamento da pesquisa em seus ciclos seguintes. Embora essas discussões envolvessem em alguns momentos questões teóricas, suas conseqüências para a pesquisa foram de ordem essencialmente prática, já que as

contribuições por elas geradas são diretamente dirigidas à condução da pesquisa de campo propriamente dita. Além da definição da instituição participante da pesquisa, que constituía a pauta original para esse encontro, os participantes colaboraram com novas percepções sobre o que deveria ser observado a campo em função dessa escolha (salientando a classificação legal da instituição e as influências de gênero sobre os resultados). Também levantaram espontaneamente discussões em torno da aprovação da pesquisa pela instituição, apresentando reflexões e observações sobre as necessidades de transparência da pesquisa, retorno em relação a seus participantes e observância das relações de poder vigentes em ILPIs, as quais orientaram os primeiros contatos do pesquisador com a ILPI selecionada. Por fim, apresentaram sugestões importantes sobre o envolvimento dos idosos na pesquisa, as quais vieram a auxiliar a concepção e a condução das atividades com os residentes em um estágio mais avançado das investigações, como será abordado nos resultados de seus próximos ciclos.

Pode-se dizer ainda, que o primeiro seminário interdisciplinar atendeu as expectativas iniciais do pesquisador sobre o potencial da participação de pesquisadores e profissionais de outras áreas, através desse tipo de encontro, como uma estratégia para incrementar o componente reflexivo da pesquisa-ação proposta. Essas expectativas, no entanto, foram superadas pela clareza e aplicabilidade das contribuições apresentadas, as quais foram diretamente voltadas para a etapa de campo da pesquisa propriamente dita. Também superaram as expectativas do pesquisador a fluidez da reunião e a facilidade de articulação de idéias entre participantes de formações tão distintas, o que se repetiu nos seminários seguintes, realizados ao longo dos outros ciclos da pesquisa. Parte do êxito dos seminários nesse sentido se deve provavelmente ao conhecimento e convívio prévio entre a maior parte do grupo, bem como ao sólido domínio do tema do envelhecimento e à ampla experiência em pesquisa de alguns de seus participantes. Mas existe um fator fundamental à predisposição do grupo em trabalhar com naturalidade dentro de um contexto interdisciplinar de discussão, o qual não pode se deixar de mencionar aqui, que é a orientação gerontológica comum de seus participantes. Citando-se as palavras de Doll (2005 p.98), “(...) o aspecto da interdisciplinaridade não é uma questão periférica para a gerontologia, mas trata-se de um dos seus fundamentos principais”.

### 4.1.3 Resumo do primeiro ciclo

Definiu-se como um primeiro ciclo de aprendizagem desta pesquisa, o conjunto de ações, observações e reflexões que precedeu a pesquisa de campo propriamente dita, realizada na seqüência das investigações. Em um primeiro momento, esse ciclo se constituiu de iniciativas do pesquisador no sentido de buscar uma maior compreensão sobre o fenômeno do envelhecimento humano e a integração com pesquisadores e profissionais de outras áreas envolvidos com esse tema. As reflexões associadas a essas iniciativas resultaram na elaboração de dois artigos de cunho interdisciplinar que expressam a evolução da compreensão do pesquisador a cerca do tema do envelhecimento nesse período inicial de preparação. Tais artigos permitem ainda visualizar as conseqüências desse aprendizado sobre o processo de refinamento da pesquisa dos pontos de vista teórico, metodológico e prático. Do ponto de vista teórico, essas reflexões levaram à previsão do alinhamento da pesquisa com o referencial do campo interdisciplinar da gerontologia e, especialmente, com um de seus sub-campos, a gerontologia ambiental. Do ponto de vista metodológico, incorreram na previsão da participação de pesquisadores e profissionais de diferentes formações na pesquisa, através de uma equipe de campo interdisciplinar e de encontros denominados de seminários interdisciplinares. Do ponto de vista prático, levaram à previsão da participação de equipes interdisciplinares no planejamento de ambientes em ILPIs e à visualização do potencial pedagógico da aplicação do conceito de *design* social no contexto desse tipo de instituição. Num segundo momento desse ciclo inicial, foi realizado o primeiro seminário interdisciplinar com o objetivo de definir uma instituição para participar da pesquisa em seus ciclos seguintes. Esse seminário foi considerado pelo pesquisador uma experiência bem sucedida, tanto pelos seus resultados, na forma de contribuições com repercussões práticas para a condução da pesquisa de campo, como pela facilidade dos componentes do grupo em trabalhar dentro de um contexto interdisciplinar de discussão.

## 4.2 ADAPTAÇÃO DO CONCEITO DE *DESIGN* SOCIAL

Pode-se dizer que todo o aprendizado do pesquisador construído ao longo do primeiro ciclo se resume na compreensão de que o problema de pesquisa inicialmente proposto tinha uma natureza intrinsecamente interdisciplinar e que, portanto, sua solução deveria ser encontrada dentro de um contexto de interdisciplinaridade. Esse aprendizado permitiu o refinamento do problema de pesquisa, levando a uma nova questão e a uma nova proposição de investigação, as quais foram assim formuladas, respectivamente:

- Como adaptar o conceito de *design* social ao planejamento dos espaços abertos em ILPIs?
- A articulação do conceito de *design* social com o campo interdisciplinar da gerontologia contribuirá para a sua adaptação ao contexto das ILPIs.

“Adaptação”, portanto, passou a constituir a palavra-chave mais importante no sentido de direcionar os esforços da pesquisa a partir desse momento. Ou seja, partindo da consciência de que a solução do problema de pesquisa exigia uma abordagem interdisciplinar, o desafio agora passava a ser incorporar essa preocupação à aplicação do conceito de *design* social ao cenário específico e diferenciado de uma ILPI. Com base nas reflexões do primeiro ciclo da pesquisa, propunha-se então que a solução para o problema estava na articulação do *design* social com o referencial teórico da gerontologia e na inclusão de profissionais de outras formações no planejamento dos espaços abertos de uma ILPI.

Dessa forma, o segundo ciclo da pesquisa envolveu um conjunto de ações desenvolvidas na instituição selecionada com o objetivo de estudar a adaptação do conceito de *design* social ao planejamento de suas áreas externas, tendo em vista as preocupações supra citadas. Esse ciclo pode ser considerado um período exploratório da pesquisa de campo propriamente dita, uma vez que as ações que o compuseram se tratam de tentativas iniciais de aplicação do conceito de *design* social ao contexto da pesquisa.

O termo “tentativas” é aqui utilizado porque expressa a verdadeira natureza dessas ações, já que não se dispunha, no início da pesquisa de campo, de referências de pesquisas semelhantes que



pudessem servir de base para um método de trabalho adaptado ao contexto de uma ILPI. Ou seja, a aplicação do *design* social ao planejamento das áreas externas da instituição, de forma articulada com a gerontologia, como estava sendo proposto, exigia inicialmente a construção de um método de trabalho capaz de integrar profissionais com diferentes formações e de contemplar as especificidades desse tipo de cenário. Então, as ações desse segundo ciclo representaram uma forma de aprendizado prático para os componentes da equipe de campo da pesquisa (pesquisador e profissionais de outras áreas), que resultou na construção desse método e na preparação desse grupo para atuar no terceiro ciclo da pesquisa, onde esse método seria aplicada.

Conforme mencionado no capítulo de métodos desta tese (capítulo 3, item 3.2.2), as ações desenvolvidas no segundo ciclo concentraram-se sobre a primeira fase do *design* social, denominada de **programação**, a qual é composta de três etapas (GIFFORD, 1997): (a) estudo das necessidades dos usuários; (b) envolvimento dos usuários nas possibilidades de projeto e (c) estabelecimento de diretrizes de projeto. Portanto, os resultados e as discussões que serão apresentados a seguir estão relacionados a tentativas iniciais de aplicação de cada uma dessas fases ao contexto da pesquisa e aos aprendizados construídos a partir dessas experiências. Antes de serem abordadas esses resultados, porém, algumas informações preliminares serão apresentadas com o objetivo de facilitar a compreensão das ações desenvolvidas durante este ciclo e o ciclo seguinte da pesquisa. Assim, inicialmente, será apresentado um breve relato sobre o processo de aprovação da pesquisa pela instituição selecionada. Na sequência, apresenta-se uma descrição detalhada da instituição selecionada, enfatizando-se as características físicas de suas áreas externas. Após essa descrição, seguem-se então as apresentações dos resultados e discussões relacionados às etapas de estudo de necessidades, envolvimento dos usuários nas possibilidades de projeto e estabelecimento de diretrizes de projeto.

#### 4.2.1 Aprovação da pesquisa pela instituição

Uma vez definida uma ILPI para participar dos ciclos seguintes da investigação, cabiam ao pesquisador as tarefas de entrar em contato com aquela instituição e buscar a aprovação de seus dirigentes quanto ao desenvolvimento da pesquisa naquele local.

Tendo em vista que a ILPI selecionada está ligada à Igreja Metodista, o primeiro passo foi buscar um contato ligado às lideranças locais da comunidade metodista que pudesse intermediar a apresentação da proposta de pesquisa aos dirigentes da instituição. Como foi mencionado anteriormente, o pesquisador já tinha um bom relacionamento com a instituição em função da realização de sua pesquisa de mestrado naquele local. Porém, a pesquisa atual tinha natureza bem diferente da anterior, exigindo um maior grau de envolvimento dos residentes e o maior apoio e comprometimento dos dirigentes. Através desse contato, chegou-se até a presidente do conselho diretor daquela ILPI na época, a qual inseriu na pauta de uma das reuniões desse conselho um espaço para a apresentação do projeto de pesquisa e para a discussão sobre a possível adesão da instituição à mesma.

Concordando com o que havia sido discutido durante o primeiro seminário interdisciplinar, as reações dos membros do conselho diretor à apresentação do projeto de pesquisa, oscilaram entre a empolgação com os seus potenciais benefícios para a instituição e o receio de seus efeitos entre os idosos ali residentes. Também concordando com os resultados daquele seminário, os argumentos dos conselheiros em favor da adesão da instituição à pesquisa se concentraram predominantemente sobre a possibilidade da mesma vir a representar uma forma de envolvimento dos residentes em algum tipo de atividade. O projeto de paisagismo que seria gerado ao final da pesquisa, embora tenha sido considerado positivo pela maioria, também constituiu o objeto de suas maiores preocupações. A principal preocupação apresentada foi relacionada às dificuldades financeiras sofridas pela instituição, uma vez que o valor pago pelos residentes não cobria os custos básicos de sua manutenção, tornando difícil a obtenção de recursos para investimento em melhorias nas instalações físicas. A outra preocupação, relacionada a essa primeira, é que a participação dos idosos poderia resultar em propostas

inviáveis para as áreas externas, sendo que a impossibilidade de sua execução poderia gerar sentimentos de frustração entre os mesmos no final do processo.

Seguindo as orientações do primeiro seminário interdisciplinar, o pesquisador esclareceu os conselheiros que os residentes seriam informados, desde o início das atividades, sobre a escassez de recursos, bem como sobre as necessidades da construção de propostas adequadas à realidade da instituição e de aprovação das mesmas pelo conselho diretor. Mediante o compromisso do cumprimento dessas condições, o conselho diretor finalmente aprovou a realização da pesquisa naquela instituição, permitindo que fosse dado início ao seu desenvolvimento e designando a funcionária que exerce o cargo de diretora da instituição para auxiliar na organização das atividades.

#### 4.2.2 Descrição da Instituição

A descrição da instituição selecionada para participar da pesquisa, apresentada a seguir, baseia-se em levantamentos físicos e fotográficos realizados pelo pesquisador no local, bem como em consultas a registros de arquivo da instituição e entrevistas com a sua direção. Essa descrição é composta por duas subdivisões, sendo que a primeira apresenta aspectos gerais da instituição e a segunda aborda as características das suas instalações físicas, enfatizando-se as características das áreas externas, as quais constituem o foco desta pesquisa.

##### 4.2.2.1 Aspectos gerais

O Lar Otília Chaves se trata de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) vinculada à Igreja Metodista e que está localizada atualmente na zona sul de Porto Alegre. Criada em 1956, com a finalidade de abrigar senhoras idosas carentes, a instituição funcionou inicialmente em uma casa doada pela municipalidade no Bairro Partenon. Somente em meados dos anos 70, através de uma campanha promovida pelo Lions Clube, adquiriu o terreno no Bairro Cavallhada, dando-se início em seguida à construção da edificação que hoje abriga a instituição.

Contando com um total de 22 leitos disponíveis, a instituição se auto-denomina um lar de idosas, uma vez que trabalha apenas com mulheres a partir de 65 anos e que sejam independentes para desenvolver seus cuidados com a higiene pessoal e alimentação. Além de atender a esses requisitos, para serem admitidas na casa, as idosas necessitam ainda não ter problemas graves de saúde, ter facilidade de locomoção e submeter-se a um exame médico feito por um profissional credenciado pela instituição. Embora a instituição esteja vinculada à Igreja Metodista, não há restrições religiosas para o ingresso das idosas. Todas as moradoras da casa pagam uma taxa mensal que varia de acordo com os quartos que ocupam, que podem ser individuais (que apresentam maiores valores) ou coletivos para duas pessoas.

Tendo em vista as características acima mencionadas, quanto às modalidades de atendimento ao idoso previstas pela Portaria SAS 73/01 (BRASIL, 2001), o Lar Otília Chaves pode ser considerado uma instituição de atendimento integral institucional. Quanto ao grau de especialização do atendimento oferecido, a instituição pode ser classificada como pertencendo à modalidade I. De acordo com essa Portaria, instituições de atendimento integral institucional de modalidade I são assim definidas:

É a instituição destinada a idosos independentes para Atividades da Vida Diária (AVD), mesmo que requeiram o uso de algum equipamento de auto-ajuda, isto é, dispositivos tecnológicos que potencializam a função humana, como, por exemplo, andador, bengala, cadeira de rodas, adaptações para vestimenta, escrita, leitura, alimentação, higiene, etc. (BRASIL, 2001).

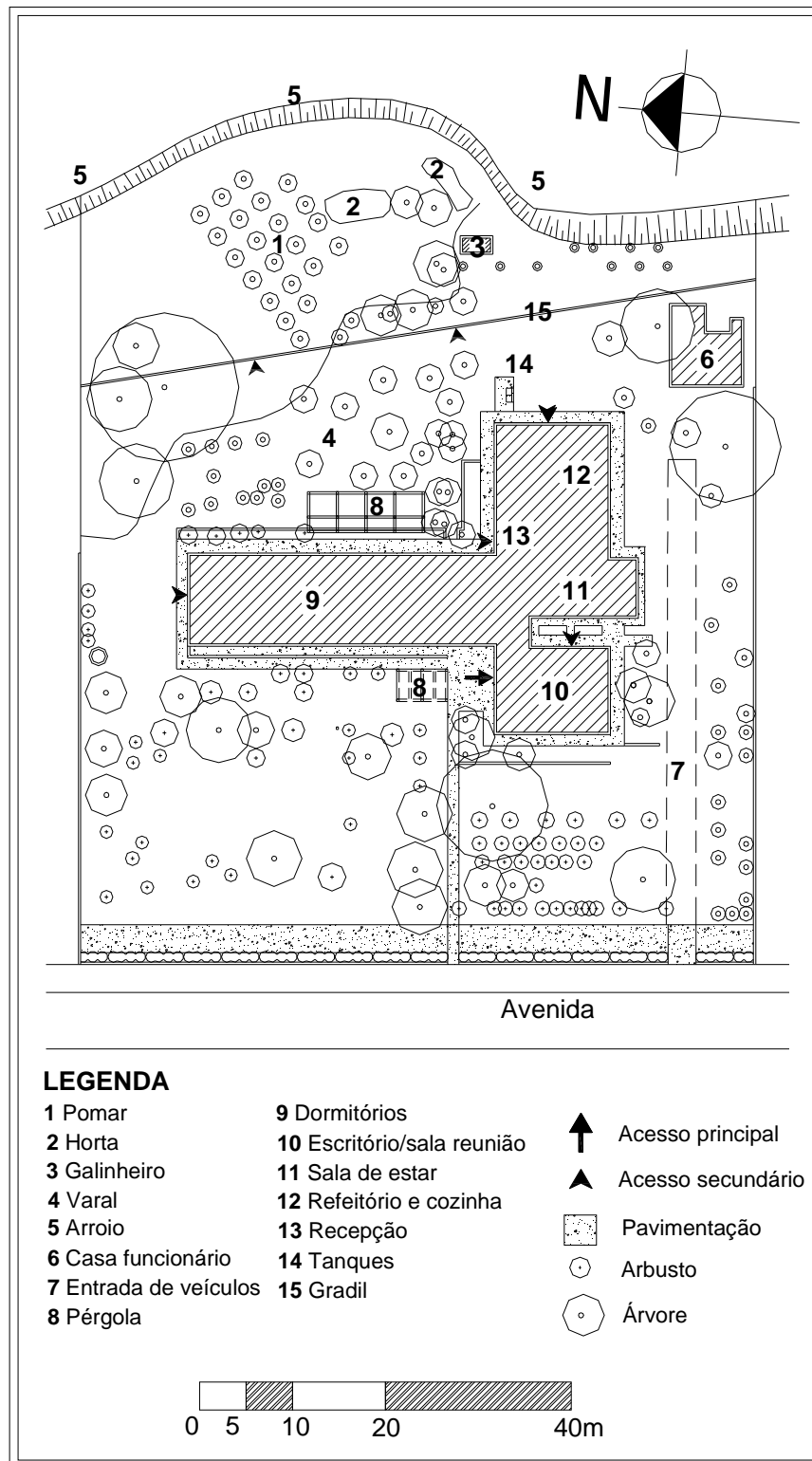
A administração da instituição é exercida por um Conselho Diretor, composto por membros voluntários vinculados à comunidade metodista de Porto Alegre. O Conselho é renovado a cada quatro anos através de eleição onde concorrem nomes de senhoras apresentados pela comunidade ao concílio da instituição religiosa à qual a casa está vinculada. A casa conta com o trabalho permanente de 5 funcionários: uma diretora, uma acompanhante, uma cozinheira, uma faxineira, e um encarregado de serviços gerais (incluindo os cuidados com as áreas externas).

#### 4.2.2.2 Instalações Físicas

Na Figura 11, pode-se observar a posição das edificações em relação ao terreno bem como a distribuição dos principais elementos que compõem as áreas externas. A instituição está localizada em terreno com 6.709 m<sup>2</sup>, sendo que, deste total, aproximadamente 5.900 m<sup>2</sup> são de área verde. A edificação principal está localizada em posição central na parte mais alta e mais plana do terreno que pode ser considerada com um divisor de águas. Dessa forma, o terreno apresenta leve inclinação a partir da edificação para frente do lote e para os fundos do lote, cujo limite se dá pelo Arroio Cavalhada.

A edificação principal, cuja fachada pode ser observada junto à Figura 12, conta com 742m<sup>2</sup> de área construída em um único piso dividido em três alas principais: (a) dormitórios e banheiros; (b) escritório e sala de reuniões; (c) cozinha, refeitório e sala de estar. Além da edificação principal, o terreno abriga ainda, aos fundos, uma casa de 58 m<sup>2</sup>, originalmente concebida para residir um funcionário e que atualmente é utilizada como depósito.

A edificação principal apresenta duas repartições internas destinadas à utilização comum pelas idosas. A primeira delas está localizada junto à recepção da instituição. Trata-se de um corredor que foi adaptado para servir como uma sala de estar (Figura 13). Aí estão dispostos frente a frente sofás e cadeiras onde muitas idosas permanecem sentadas observando a movimentação das pessoas na casa. Também podem ser observados alguns quadros na parede, um mural com fotografias de eventos realizados na casa, alguns vasos de plantas e uma televisão. A segunda repartição se trata da sala de estar “oficial” da casa que é conjugada ao refeitório (Figura 14). Nesse local, além das mesas do refeitório, estão dispostas poltronas, sofás e cadeiras de balanço. Além disso, as paredes apresentam alguns quadros e várias plantas de interior podem ser visualizadas, tanto penduradas no forro como dispostas em vasos nos cantos da repartição.



**Figura 11:** Espaços abertos juntos à instituição



**Figura 12:** Entrada principal e fachada da edificação principal



**Figura 13:** Recepção utilizada como área de estar



**Figura 14:** Sala de estar junto ao refeitório

A edificação principal apresenta uma série de preocupações com a acessibilidade e segurança. Toda a área construída está distribuída em apenas um piso, não havendo desníveis separados por degraus em todo o interior da edificação e nem deste para o exterior. Tanto os acessos do exterior para o interior da edificação como todos os acessos às principais divisões internas da edificação são guardados por portas de dimensões adequadas que permitem a eventual passagem de cadeiras-de-roda; os corredores de acesso aos dormitórios e ao refeitório e sala de estar apresentam piso emborrachado anti-derrapante, sendo que o primeiro ainda apresenta corrimão em toda a sua extensão (Figura 15).



**Figura 15:** Corrimãos e piso antiderrapante no corredor de acesso aos dormitórios

A comunicação da edificação com os espaços externos se dá por meio de cinco acessos (Figura 11). O primeiro deles, localizado na frente da edificação, se trata do acesso principal. Por aí se dá todo o acesso de visitantes e a maior movimentação de entrada e saída dos funcionários e das idosas que saem para passear fora da instituição. O segundo liga a parte dos fundos do corredor principal (onde está localizada a sala de estar e televisão) aos fundos do terreno. Também fazendo ligação com os fundos do terreno, há um terceiro acesso junto à cozinha da instituição. Existem ainda outros dois acessos pouco utilizados atualmente, tanto pelas residentes como pelos funcionários, sendo que suas portas normalmente se encontram trancadas. Um desses acessos liga diretamente a ala dos dormitórios à posição norte da área externa. O outro liga a ala onde se encontra o escritório e a sala de reuniões a um pequeno jardim localizado entre essa primeira ala e a ala onde estão a sala de estar e o refeitório.



Em relação à edificação principal, é importante destacar, ainda, as vistas para os espaços externos a partir de seu interior, já que foi abordado na revisão bibliográfica desta tese (capítulo 2), os benefícios potenciais deste tipo de comunicação visual. A comunicação visual com os espaços externos é razoavelmente boa a partir das áreas de uso comum da edificação, especialmente no corredor utilizado como sala de estar e televisão (Figura 16). Nos dormitórios com frente para o lado oeste (frente do lote), as janelas apresentam tamanho e transparência que permitem uma comunicação visual com o exterior da edificação (Figura 17). Já para os dormitórios com frente leste (fundos do lote) esta comunicação não é boa, uma vez que as janelas são fechadas com vidro que não permite a visualização dos espaços externos (Figura 18).



**Figura 16:** Vista para área externa a partir de área de estar e televisão



**Figura 17:** Vista a partir de dormitório com orientação oeste



**Figura 18:** Vista a partir de dormitório com orientação leste

Os espaços externos são marcados por vegetação abundante, principalmente de porte arbóreo. A vegetação arbórea existente, por seu porte e por sua localização exerce um sombreamento bastante significativo sobre a edificação principal, especialmente no início da manhã e no final da tarde, uma vez que os principais agrupamentos de árvores estão localizados nas porções leste e oeste do terreno. Observando-se novamente a Figura 11, verifica-se que este sombreamento é bastante benéfico no verão, conferindo temperaturas agradáveis no interior das edificações. Porém, no inverno, os espaços internos, especialmente os dormitórios, recebem pouca insolação, o que é agravado principalmente pela orientação da edificação, que não permite a penetração dos raios solares da orientação norte.

É importante colocar também, que na área onde atualmente se encontra um caminho para acesso de veículos no terreno (a área marcada com o número 7, na planta baixa, junto à Figura 11), poderá haver a construção de uma nova edificação, reduzindo os espaços abertos atualmente disponíveis. A construção dessa edificação visa ampliar o número de leitos disponíveis na casa, sendo que o projeto prevê espaço para mais dez dormitórios para residentes (individual ou para duas pessoas), um dormitório para atendente e uma sala de estar coletiva. O projeto prevê ainda a comunicação dessa nova edificação com a edificação existente através do refeitório/salão.

Quanto às espécies vegetais presentes no terreno, pode-se dizer que na frente do terreno estão presentes exemplares arbóreos de maior porte (Figura 19), pertencentes tanto a espécies exóticas como nativas, predominantemente empregados com a finalidade de sombra e ornamentação. As espécies de maior ocorrência nessa área são: pinheiro americano (*Pinus elliotii*), Jacarandá

(*Jacaranda mimosaeifolia*), guapuruvú (*Schizolobium parahyba*), extremosa (*Lagerstroemia indica*) e ipê-roxo (*Tabebuia avellaneda*). Também se pode observar a presença de alguns arbustos floríferos tais como azaléia (*Rhododendrum x simsii*) e jasmim-amarelo (*Jasminum mesnyi*) e de arbustos e forrações empregados como bordaduras de caminhos e canteiros (principalmente pingo-de-ouro, *Duranta repens* var. *aurea*) ou como ornamentação de canteiros pelo seu efeito de floração (margaridas, *Chrysanthemum leucanthemum*). Toda a área é revestida com gramado.



**Figura 19:** Predominância de espécies de grande porte, como o guapuruvú (*Schizolobium parahyba*), na frente do lote.

O fundo do terreno, ao contrário, é marcado predominantemente pela presença de espécies produtivas. No espaço mais próximo à edificação, pode-se observar a presença de diversas espécies arbóreas frutíferas nativas e exóticas dispostas mescladas entre si formando uma espécie de bosque próximo à área onde se localizam os varais para a secagem de roupas (área 4 na Figura 20). Dentre as espécies que compõem essa área, pode-se citar: - abacateiro (*Persa americana*), pereira (*Pyrus* sp), amoreira (*Morus nigra*), goiabeira-da-serra (*Acca selowiana*), mangueira (*Mangifera indica*) e noqueira-pecã (*Carya* sp). Nessa área, ainda se encontra um pergolado coberto por parreiras (*Vitis vinifera*) e espécies ornamentais plantadas de forma isolada ou em conjunto, principalmente, floríferas de porte arbustivo e herbáceo, como hortênsias (*Hydrangea* sp) e dalias (*Dahlia* sp).

A parte localizada mais ao fundo do terreno, próximo à divisa com o Arroio Cavalhada, é ainda mais caracterizada como uma área de produção. Ali se encontram um pomar de frutíferas domésticas dispostas em alinhamento (predominantemente citrus), agrupamentos de bananeiras (*Musa* sp) e algumas áreas de horta. As áreas de horta estavam sendo pouco utilizadas durante o período de realização da pesquisa, uma vez que a instituição não dispunha de mão-de-obra qualificada para a sua manutenção. Embora nesse período estivessem sendo cultivadas apenas com algumas poucas plantas e poucas espécies (principalmente alface, couve e abóbora), essas áreas já foram intensamente utilizadas em períodos anteriores e chegavam a fornecer uma parte significativa dos produtos olerícolas consumidos pelas residentes da casa. Próximo às áreas de horta, ainda existiam áreas cultivadas com plantas de lavoura, tais como milho, feijão e mandioca. Naquela época, a casa contava com o trabalho de um funcionário bastante ativo e interessado pelo cultivo de plantas que vinha de uma experiência de vida anterior no meio rural. Essas informações, referentes às características anteriores dessa área, estão baseadas em dados da pesquisa anterior desenvolvida pelo pesquisador nessa instituição (TOMASINI, 2002) e nos relatos das residentes que já moravam na instituição naquela época.



**Figura 20:** Vista da vegetação aos fundos do lote.

É importante salientar que, durante o desenvolvimento da pesquisa, após já se ter avançado bastante nas atividades que envolviam a participação das idosas, foi realizada uma intervenção de grande impacto na configuração das áreas externas mediante uma decisão tomada pelo conselho

diretor que administra a instituição. Essa intervenção se trata da instalação de um gradil de ferro que dividiu os fundos do terreno em duas porções, localizando-se entre a área utilizada pelas idosas para a secagem de roupas e a área onde se encontra o pomar de citrus e a horta (ver Figura 11). A decisão pela instalação desse gradil não teve qualquer participação da equipe de campo da pesquisa, e teve por objetivo aumentar a segurança da casa. Desde a construção da instituição nesse terreno, nunca haviam sido instaladas cercas, muros ou outro tipo de divisória para fechar os fundos do lote, o qual sempre foi limitado apenas pelo Arroio Cavalhada. Porém, alguns eventos recentes relacionados à entrada de pessoas estranhas no terreno através do Arroio vinham espalhando uma sensação de insegurança geral entre as residentes e os funcionários da instituição.

Apesar de conferir uma maior sensação de segurança às pessoas que moram e trabalham na casa, essa intervenção passou a dificultar a utilização da porção do lote que ficou além dessa nova divisória, especialmente pelas idosas. Embora tenha sido prevista a instalação de dois portões junto ao gradil para permitir o acesso a essa área (Figura 21), os mesmos passaram a ficar normalmente fechados. Como será discutido na seqüência, quando serão apresentados os resultados referentes ao estudo de necessidades da fase de programação do *design* social, antes da instalação do gradil já se observava pouca movimentação das idosas nessa área. Porém, os resultados da aplicação de entrevistas revelaram que os elementos presentes nesse espaço, tais como o pomar de citrus e a horta, tinham uma importância bastante acentuada para as residentes, estando associados a muitas lembranças sobre uso das áreas externas da instituição.



**Figura 21:** Gradil e portão de acesso aos fundos do lote.

### 4.2.3 Estudo de necessidades

Conforme já foi abordado no capítulo de métodos (capítulo 3, item 3.3.2), a metodologia comumente utilizada na etapa de estudo de necessidades da fase de programação do *design* social é composta basicamente por levantamentos físicos e estudos comportamentais (entrevistas e observações). Também foi mencionado que essa metodologia se assemelha àquela utilizada pelo pesquisador na sua pesquisa de mestrado (TOMASINI, 2002). Essa pesquisa anterior, portanto, já constituía uma importante referência sobre a aplicação dessa metodologia nos cenários particulares das ILPIs. Além disso, essa referência anterior incluía uma experiência na mesma instituição selecionada para participar da nova pesquisa, contribuindo com uma série de informações bem específicas sobre a mesma. No entanto, embora se soubesse que muitas dessas informações poderiam ser utilizadas para os propósitos da pesquisa atual, várias questões justificavam o estudo da aplicação dessa metodologia novamente na instituição selecionada.

Na pesquisa anterior, entrevistas, observações e análise de traços físicos foram utilizadas em um estudo de casos comparativo envolvendo duas instituições (incluindo a instituição selecionada para a pesquisa atual) com diferentes condições de áreas externas disponíveis. Procurava-se compreender como os usuários desses espaços os percebiam e utilizavam, com o objetivo de gerar requisitos que pudessem orientar o planejamento de espaços abertos em ILPIs de forma geral. Na pesquisa atual, por outro lado, propunha-se empregar essa metodologia em um contexto bem diferente e com um propósito bem mais específico. Em primeiro lugar, a sua utilização estava agora vinculada a um processo que teria continuidade posteriormente (a implantação das outras fases do *design* social que haviam sido previstas). Assim, seu objetivo principal era justamente gerar informações que pudessem orientar as outras ações que seriam desenvolvidas na seqüência desse processo. Em segundo lugar, a pesquisa anterior havia sido realizada quatro anos antes da pesquisa atual, portanto, os componentes humano e ambiental da instituição já deveriam ter sofrido modificações importantes que precisavam ser consideradas. Além disso, o olhar do pesquisador também havia passado por profundas transformações desde aquela época, as quais incluem o resultado de seu processo de preparação para a pesquisa atual (descrito no item 4.1 deste capítulo). Por fim, o pesquisador também desejava aprimorar as técnicas utilizadas na coleta de dados da pesquisa anterior, bem como comparar os resultados das

duas pesquisas. Assim, o modelo de entrevistas utilizado na pesquisa anterior e que, portanto, já havia sido testado, foi novamente utilizado na pesquisa atual, porém acrescentando uma nova questão sobre as relações passadas das idosas com jardins e com a vegetação (tema que não havia sido explorado anteriormente). Também foi prevista, na nova pesquisa, a utilização da técnica de mapas comportamentais para auxiliar o cruzamento das informações provenientes dos levantamentos físico com as observações sobre a utilização dos espaços externos pelas idosas.

Os resultados e as discussões referentes ao estudo de necessidades, apresentados a seguir, estão baseados na análise cruzada das diferentes fontes de evidência utilizadas. Procura-se assim proporcionar maior validade aos resultados da análise, seguindo o procedimento de triangulação recomendado para pesquisas envolvendo estudos das relações pessoas-ambiente (ver capítulo 3). Procura-se com isso, ainda seguir as recomendações para estudos sobre as relações idoso-ambiente feitas por M. Powell Lawton, um dos pesquisadores pioneiros na gerontologia ambiental. Em um artigo sobre as contribuições de Lawton para a pesquisa em instituições para idosos, Regnier (2003 p. 47) afirma que esse pesquisador defendia tanto o exame de comportamento quanto proceder em perguntas sobre as preferências dos residentes. Embora muito dos dados coletados por Lawton em seus primeiros estudos de avaliação fossem na forma de entrevistas ou auto-relatos, ele também encorajava os pesquisadores a assistir o que os idosos faziam em certas circunstâncias. Ele reconhecia que aquilo que as pessoas dizem e aquilo que elas fazem freqüentemente é diferente e que uma compreensão mais próxima da realidade só pode ser construída se tanto dados provenientes de observações quanto de entrevistas forem coletados e analisados de forma cruzada.

A fim de facilitar o procedimento de triangulação acima mencionado, os resultados e as discussões do estudo de necessidades estão estruturados a partir dos eixos temáticos abordados nas entrevistas aplicadas às idosas residentes na instituição no início do segundo ciclo da pesquisa (o roteiro dessa entrevista se encontra no apêndice 2). São esses eixos: (a) relações passadas com jardins e plantas; (b) comportamento em relação às áreas externas da instituição; e (c) necessidades e preferências em relação às áreas externas da instituição. Assim, à medida que os resultados das entrevistas são apresentados a partir desses três eixos temáticos, procura-se,

sempre que possível, discuti-los de forma relacionada com os dados provenientes das outras fontes de evidência utilizadas pela pesquisa, tais como os levantamentos físicos e as observações.

Cabe ainda lembrar que a aplicação das entrevistas no início do segundo ciclo da pesquisa, além de compor o estudo de necessidades previsto pelo *design* social, constituiu o primeiro contato do pesquisador com grande parte das idosas residentes na instituição (uma parte já era conhecida em função da pesquisa anterior). Tratava-se, portanto, de um momento importante, no qual o pesquisador também procurava explicar individualmente para cada residente os objetivos de sua presença ali e do que se tratava a pesquisa que estava propondo. Nesse momento, ainda era feito o convite para que as senhoras participassem das atividades que seriam propostas na seqüência da pesquisa. Para facilitar essa aproximação inicial e ilustrar os objetivos da pesquisa, o pesquisador ofereceu pequenos vasos de violetas africanas (*Saintpaulia* sp) para todas as residentes na mesma oportunidade em que as convidava a participar da entrevista. A violeta, por se tratar de uma espécie muito popular e de fácil cultivo em ambientes internos, foi prontamente reconhecida e bem aceita pelas idosas. Assim, todas as residentes manifestaram interesse em receber um desses vasinhos, mesmo aquelas que não aceitaram participar da entrevista ou que não queriam ficar responsáveis pelos cuidados com a planta (essas últimas desejavam usar a mesma para presentear familiares ou amigos). Essa forma de aproximação causou uma grande movimentação na casa naquela oportunidade e teve grande repercussão entre as residentes, os funcionários e a direção da instituição. Diversas dessas plantas foram espalhadas pela casa, ocupando os ambientes privados dos dormitórios das residentes, os ambientes de uso coletivo (sala de estar e refeitório) e os ambientes de trabalho (escritório e cozinha), sendo que muitas ainda permaneciam nesses locais ao término da pesquisa.

#### **4.2.3.1 Relações passadas com jardins e plantas**

De maneira geral, pode-se dizer que as idosas entrevistadas vêm predominantemente de experiências de moradia em casas, embora a maior parte também tenha morado em apartamentos, principalmente após uma idade mais avançada. Uma parcela significativa das entrevistadas teve a experiência de viver no interior, sendo que algumas dentre elas também viveram no meio rural,



principalmente durante a infância. Uma parte considerável também já teve a experiência de viver em outras instituições antes de vir morar no Lar Otília Chaves.

De maneira vinculada às experiências de moradia em casa, todas as idosas entrevistadas tiveram, ao longo da vida, bastante contato com jardins e plantas no próprio ambiente doméstico. Para a maioria, esse contato foi bastante íntimo, estando associado ao cultivo de plantas, principalmente espécies ornamentais de jardim, olerícolas (cultivadas na horta) e frutíferas (cultivadas no pomar).

A análise das entrevistas pelo método de condensação de significados (KVALE, 1996; GIORGI, 1985) permitiu identificar quatro temas em torno dos quais as idosas se referem às suas experiências passadas com jardins e com a vegetação de forma geral, os quais são apresentados na Tabela 4. Nessa tabela, apresenta-se ainda uma síntese do conteúdo de cada tema, os tipos de vegetação identificados nesses temas e as espécies de plantas citadas nos relatos.

**Tabela 4:** Temas relacionados a experiências passadas com jardins e com a vegetação

Temas	Síntese	Vegetação	
		Tipo	Espécies citadas
Uma infância saudável.	O jardim e a vegetação remetem a lembranças de um modo de vida mais saudável, de contato com a natureza e uma boa alimentação.	• Horta	Moranginho, couve, mandioca, tuna.
		• Pomar	Parreira, pessegueiro, macieira, pereira, bergamoteira, laranjeira, ameixeira.
		• Jardim	Roseira, cravo
		• Mata	-
A minha casa.	As lembranças envolvendo o jardim estão associadas a idéias de controle e identidade com o território do lar.	• Jardim	Flores
		• Horta	Milho, ervilha, batata-doce, tomate, tempeiro-verde
		• Plantas de interior	Violeta
		• Arranjos ornam.	Flores, folhagens
		• Pomar	Bananeira, parreira
Minha família e meus amigos.	O jardim é associado a lembranças do convívio com pessoas estimadas como os pais, irmãos, cônjuge, filhos, netos e amigos.	• Pomar	Laranjeira
		• Horta	Cravo, rosa, hortênsia
		• Jardim	Flores
Minhas responsabilidades.	O jardim é associado à idéia de trabalho ou de funções exercidas no passado.	• Lavoura	Trigo, milho, feijão, batata, mandioca.
		• Pomar	-
		• Horta	Tomate, salsa, cebolinha, cenoura, couve.
		• Jardim	Cravo, rosa, schefflera
		• Plantas de interior	Dinheirinho-em-penca

O primeiro tema apresentado na tabela, “uma infância saudável”, se refere a uma série de lembranças apresentadas por algumas entrevistadas que remetem à idéia de um tempo remoto, quando eram crianças ou ainda muito jovens, em uma época onde as pessoas tinham mais

qualidade de vida. Suas memórias sobre essa época estão relacionadas a uma sensação de estar mais próximo da natureza e das pessoas, quando se tinha mais convívio com as plantas, com os animais e também com a família e os vizinhos. A vegetação parece fazer parte desse cenário distante, principalmente através de plantas cultivadas, como plantas de lavoura, de horta e de jardim (ornamentais). Com menos frequência, também se pode observar em alguns relatos, lembranças do convívio com paisagens naturais, onde as entrevistadas se referem a elementos como “matas”, “riachos” e “saracuras”. As recordações sobre o contato com plantas durante a infância estão, ainda, marcadamente associadas à idéia de uma alimentação saudável, quando as frutas, verduras e legumes tinham mais qualidade e frequentemente eram produzidos e consumidos diretamente pela própria família. Relatos nesse sentido são muito vivos e carregados de detalhes, como pode ser observado no trecho da entrevista com uma das idosas, abaixo transcrito:

*“Essas ameixas que a gente compra aqui, são pequenas comparadas com aquelas de antigamente... aquelas ameixas brancas e vermelhas. A laranja era colhida na hora, bem madurinha, doce mesmo né... Nunca mais eu vi uma couve-manteiga, nunca mais eu vi um aipim gema-de-ovo. Antigamente tinha, hoje não se vê, só aquelas couves duras. Aqueles repolhos bem fechadinhos, bonitos mesmo, as folhas macias... nunca mais eu vi. Agora a natureza está tão diferente de antigamente. Mas a gente comia coisa boa. A carne, quando vinha do matadouro, vinha para o açougue, vinha aquele sangue correndo, aquela carne fresquinha, não é essa carne congelada... Tu faz um bife, tá saindo aquela água e o bife não cora. E antigamente não, tu fazia um bife e ficava coradinho que dava gosto. É isso que eu me lembro da minha meninice, que eu passei na chácara do meu pai” (Sra. C.).*

O tema seguinte, “minha casa”, se refere aos relatos que associam o jardim com recordações de casas onde as entrevistadas moraram em idade adulta, quando já estavam casadas, tinham formado família ou estavam sozinhas, mas eram consideradas as “donas da casa”. A sua relação com o jardim e com as plantas é normalmente apresentada como uma relação de controle e identidade com o território do lar. As plantas lembradas estão relacionadas ao cultivo de horta, pomar, jardim, plantas de interior e arranjos florais, e estão quase sempre associadas à idéia de

organização e cuidados com a casa. São lembranças que parecem estar ainda associadas a períodos de satisfação e realização da vida das entrevistadas. Embora esses períodos sejam lembrados de forma positiva, a recordação dos mesmos em alguns casos está associada a sentimentos de tristeza pela perda das condições de vida anteriores. As relações passadas das entrevistadas com o jardim de forma associada à idéia do lar como território são bem ilustradas pelas falas de duas idosas, abaixo transcritas:

*“Eu gostava muito de folhagens. Tinha geralmente folhagens, não plantas de canteiro né, mas folhagens em vasos e tudo... Tenho a memória de plantar, cuidar... para enfeitar. Eu achava o enfeite mais bonito de uma casa. Os vasos de flores né, isso eu fazia né. Minha casa tinha vasos de flores. Flores naturais, não era assim flores artificiais, era tudo flores plantadas nos vasos. Tinha de todo tamanho e de várias qualidades” (Sra. J.).*

*“Eu tinha (um jardim) na minha casa... eu comprava minhas coisas, e eu sentava assim, e plantava, plantava aquilo tudo, deixava aquilo tudo lindo. Eu ria sozinha de ver de tão bonita que eu deixava minha casa, tão linda. Depois a minha casa era uma casa bem grande assim, e ali eu botei as flores... encheu de flor assim, aquilo ficou muito lindo. Era muito linda a minha casa. Mas depois, como eu fiquei assim... Aí foi indo, foi indo, fui perdendo o pouco que tinha... e no fim eu fiquei quase sem nada” (Sra. M.).*

O tema “minha família e meus amigos” abrange as lembranças que associam o jardim e as plantas ao convívio com pessoas que apresentam vínculos afetivos importantes para idosas entrevistadas. Essas memórias se referem a momentos compartilhados com essas pessoas em atividades envolvendo, algumas vezes, o lazer em áreas verdes (rurais e urbanas), mas predominantemente relacionadas ao cultivo de plantas em jardins, hortas ou pomares no ambiente doméstico. São lembranças tanto de períodos mais remotos de suas vidas, onde recordam o convívio com os pais e irmãos, ou mais recentes, quando se referem aos seus cônjuges, filhos, netos, amigos e vizinhos. Esses momentos são normalmente lembrados com carinho e estão associados a recordações felizes, porém, algumas vezes os relatos sobre os mesmos também são acompanhados por expressões de sentimentos de perda devido à ausência ou ao afastamento atual

dessas pessoas. No trecho de entrevista abaixo, uma idosa relata sua relação com as netas através do cultivo da horta de sua casa.

*“Eu gostava muito de plantar. Que tivesse um patiozinho, fazia um canteirinho, já botava uma verdurinha...sementes né. E as minhas netas quando nasceram, quando começaram a tomar contato com a vida né, eu ensinei elas a fazerem um canteirinho. Então, cada uma plantava o que queria. Na nossa casa sempre tinha temperinho verde, essas coisas, porque eu ensinava elas” (Sra.A.).*

Por fim, o tema “minhas responsabilidades” se refere às memórias que associam o jardim e as plantas à idéia de trabalho ou ao cumprimento de tarefas relacionadas a alguma função exercida no passado. Algumas vezes esses compromissos são lembrados de forma positiva, quando estão associados à formação de uma identidade relacionada a um trabalho valorizado e reconhecido por outras pessoas. Outras vezes, porém, são mais associados à necessidade de sobrevivência do que ao orgulho de terem exercido uma atividade, lembrando períodos difíceis da vida das entrevistadas. Essas diferentes relações podem ser observadas nos dois trechos de entrevistas abaixo:

*“Lá no meu emprego eu tinha as plantinhas, era eu que cuidava para a minha patroa. Então uma vez eu estive doente, fui para casa, e eu fiquei mais de 4 dias, e quando eu voltei tava tudo caído. Eu disse: - Escuta, não tinha água aqui? Por que não botaram água nas plantinhas? Vocês têm que botar água nas plantas e têm que conversar com elas. Aí ela disse assim: - Ah, você está sempre inventando. Eu disse: - Não é invencionice, eu converso com elas. Eu entro aqui e pergunto como é que elas passaram a noite. É assim que eu fazia com as plantas” (Sra.B.).*

*“Eu gostava muito de plantas, meu marido gostava... Quer dizer, ele sofria do coração e não podia fazer esforço. Então quem fazia esforço em casa era eu. Por isso que eu estou com a coluna desse jeito né... Agora me apareceu essas inflamações, que eu não sei do que é... Então eu fazia trabalho pesado que não era para uma mulher fazer né, e hoje eu estou sofrendo as conseqüências” (Sra. L.).*

O cruzamento desses resultados com os dados do levantamento físico apresentados anteriormente (item 4.2.2) permite visualizar interessantes semelhanças entre a atual configuração das áreas externas da instituição e imagens associadas às lembranças das idosas sobre suas relações passadas com os jardins e a vegetação. Em primeiro lugar, pode-se mencionar a forma como as áreas externas da casa estão organizadas, a partir da clara divisão entre uma área social que se localiza na parte da frente do terreno e uma área de caráter mais íntimo localizada aos fundos. Composta predominantemente por espécies ornamentais, incluindo árvores, arbustos e forrações com efeitos de floração, a parte da frente indica uma preocupação em transmitir idéias de cuidado e organização com a casa, tanto para os que a visitam como para aqueles que a enxergam a partir da rua. O varal de roupas presente nos fundos (bastante utilizado pelas idosas, como será abordado mais adiante) indica a relação dessa área com a idéia de trabalho através do cumprimento de tarefas domésticas comuns no funcionamento de uma casa. Também nessa área, a predominância de árvores frutíferas domésticas e a existência de uma horta remetem à associação do jardim e da vegetação com a idéia da produção de alimentos, tão presente nos relatos das idosas sobre suas lembranças. Talvez ainda mais interessante do que a convergência entre a forma de organização das áreas externas da instituição e as memórias das idosas, seja a similaridade entre as espécies de plantas que elas citam quando falam dessas lembranças e as espécies encontradas nessas áreas. Assim, pode-se dizer que quase todas as espécies citadas pelas idosas, com função ornamental ou produtiva, estão ali presentes atualmente.

A observação dessas semelhanças, por meio da análise acima apresentada, levou o pesquisador a uma reflexão com conseqüências bastante importantes para a pesquisa. Antes de se iniciar a pesquisa, pressupunha-se que as áreas externas existentes junto a ILPIs não refletiam adequadamente as necessidades e desejos de seus residentes, à medida que os mesmos tinham pouca participação na configuração desses espaços. A sua participação no processo de planejamento dessas áreas, através da aplicação do conceito de *design* social, portanto, poderia levar à produção de espaços mais congruentes com aquilo que eles imaginavam ou esperavam de um jardim. Para o pesquisador, a observação da semelhança entre as memórias das idosas e a configuração das áreas externas da instituição estudada não invalidava essa proposição, porém implicava na necessidade de reavaliar os pressupostos a ela relacionados.

Em primeiro lugar, era preciso admitir que residentes de ILPIs poderiam ter uma influência muito maior na configuração de seus ambientes do que se supunha, pelo menos nos locais com características semelhantes às da instituição estudada quanto ao grau de dependência dos idosos atendidos. No caso da instituição estudada, muitas idosas já moravam há muitos anos naquele local e, como foi confirmado ao longo da pesquisa, através de conversas informais com as mesmas, elas influenciaram de muitas formas na configuração das áreas externas ao longo desse tempo (plantando mudas, trazendo sementes de outros locais para os funcionários plantarem, definindo locais preferidos para sentarem ou caminharem, etc.). Em segundo lugar, isso implicava em repensar a maneira de conduzir o processo de *design* social, prevendo-se uma observação bem mais atenta das características já existentes nos ambientes de uma instituição. Essas reflexões vieram ao encontro de sugestões levantadas durante o primeiro seminário interdisciplinar da pesquisa (item 4.1.2), onde se discutiu a possibilidade de desenvolver atividades na instituição a partir da exploração dos elementos já existentes nas suas áreas externas antes de se propor alterações sobre as mesmas.

#### **4.2.3.2 Comportamento em relação às áreas externas da instituição**

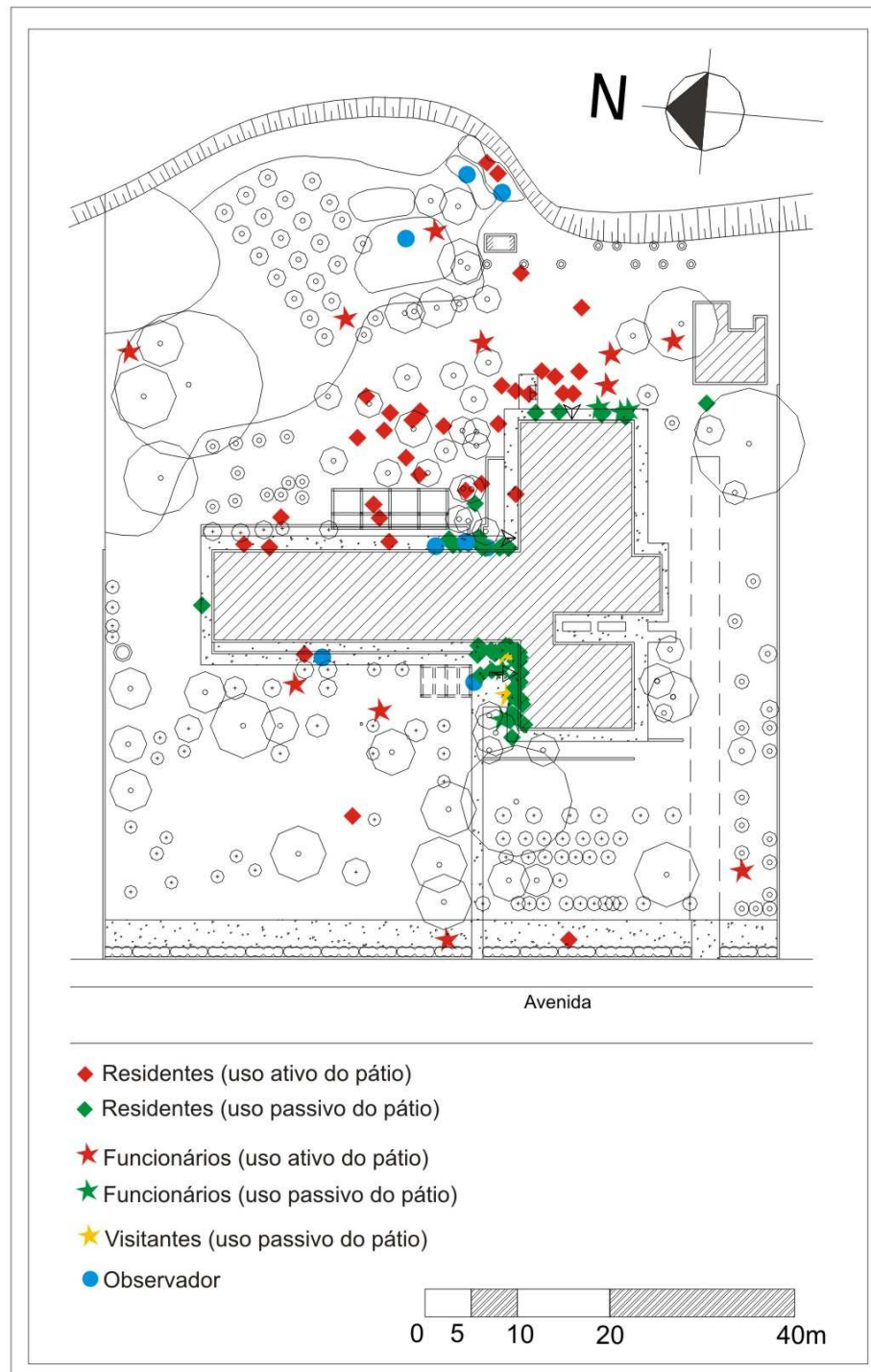
De maneira geral, as idosas entrevistadas relatam o uso bastante freqüente das áreas externas da instituição, tanto na parte da frente do terreno como na parte dos fundos. Quando são solicitadas a descreverem os locais onde esse uso acontece, no entanto, observa-se que o mesmo está bastante restrito às regiões mais próximas da edificação principal da instituição. Os locais predominantemente citados são: (a) as áreas pavimentadas junto aos principais acessos da edificação (na frente e nos fundos); (b) a área onde se encontram os tanques e os varais para estender roupas; (c) o caminho pavimentado que circunda a edificação. Também foram citadas nas entrevistas, porém com menor freqüência, as áreas localizadas mais aos fundos do terreno, próximas do pomar de citrus, das hortas e das margens do arroio que delimita o final do lote.

Esses relatos das idosas confirmam os resultados da pesquisa de Tomasini (2002), realizada anteriormente nessa mesma instituição, na qual essas mesmas áreas foram as mais citadas nas entrevistas com as residentes. Os resultados das observações sistemáticas realizadas na instituição

também confirmam o conteúdo desses relatos, como pode ser visualizado no mapa comportamental apresentado junto à figura 22.

O mapa comportamental apresentado corresponde ao registro gráfico da utilização das áreas externas sobre a planta baixa da instituição, confeccionado a partir de dados coletados em onze sessões de observação (ver o capítulo de métodos, item 3.3.2). Cada marcação colorida no mapa corresponde à posição de uma pessoa durante o período em que foi observada utilizando as áreas externas da instituição. O mapa mostra a utilização dessas áreas de forma acumulada, ou seja, todas as marcações correspondem à soma da utilização do pátio durante os onze períodos de observação. A cor da marcação indica o tipo de uso dessas áreas, sendo o vermelho utilizado para mostrar o seu uso ativo e o verde o seu uso passivo. Considerou-se uso ativo as seguintes atividades observadas: - caminhada, cuidados com os animais e realização de serviços (como a lavagem de roupa, varrição das calçadas, capina, roçada e manejo da horta). Como uso passivo, foram considerados: - contemplação da vegetação, animais ou pessoas; sentar-se para tomar sol; e sentar-se para conversar nas áreas externas. Quanto às formas das marcações assinaladas no mapa, aquelas em forma de losango correspondem às idosas que residem na casa e aquelas em forma de estrela a funcionários e visitantes. O mapa mostra ainda marcações circulares na cor azul. Essas correspondem à posição do observador (no caso, o próprio pesquisador), quando este considerou que sua presença estaria interferindo diretamente na forma de utilização das áreas externas. Embora tenha se tido o cuidado de procurar não influenciar o comportamento das pessoas sendo observadas, a interação com as idosas e com os funcionários à vezes ocorria durante os períodos de observação. O pesquisador assume, dessa forma, que sua presença em algumas situações teve influência decisiva, passando a considerar e explorar essa influência como um dado de pesquisa.





**Figura 22:** Mapa comportamental para 11 períodos de observação (de julho de 2005 a junho de 2006)

Como foi mencionado, portanto, o mapa comportamental da instituição confirma que, de maneira geral, a utilização dos espaços externos pelas idosas ocorre predominantemente em uma região bastante limitada, quando comparada à área total do terreno, e próxima da edificação. Na parte da frente do terreno, esse uso é ainda mais restrito, tanto em relação à área ocupada como em termos de tipos de utilização desse espaço. Assim, pode-se observar uma grande concentração de pessoas junto ao acesso principal da edificação, as quais, durante os períodos de observação, encontravam-se sempre em formas de uso passivo desse espaço (contemplação e conversações entre as residentes ou entre essas e alguns visitantes). Esse foi o único local onde foi observada a presença de visitantes nas áreas externas. Na parte de trás do terreno, embora também possa ser observada uma concentração de pessoas junto aos acessos da edificação, a utilização da área externa está dispersa em uma área bem maior, a qual corresponde aos locais onde estão os tanques e os varais para secagem de roupas. O uso observado dessas áreas, portanto, foi predominantemente relacionado às atividades de lavagem e secagem de roupas pelas idosas. Algumas idosas também foram vistas varrendo as folhas caídas na calçada em observações realizadas nas primeiras horas da manhã (das 8 às 10 horas). Também era comum encontrar algumas senhoras sentadas em cadeiras na calçada próximo ao acesso da edificação conversando ou observando as outras em atividade.

Através das entrevistas, também se procurou investigar porque as idosas utilizavam algumas áreas externas da instituição e não utilizavam outras. A análise das entrevistas, através da técnica de condensação de significados (KVALE, 1996; GIORGI, 1985), permitiu identificar seis temas relacionados a características dessas áreas que estimulam ou inibem o seu uso pelas entrevistadas, os quais são apresentados na Tabela 5.

**Tabela 5:** Temas relacionados a características das áreas externas que influenciam a sua utilização pelas idosas

<b>Temas</b>	<b>Síntese</b>
Acessibilidade e segurança	A utilização das áreas externas é muito influenciada pela percepção de segurança ou risco nesses locais e pela facilidade ou dificuldade de se chegar até as mesmas sem auxílio (visualização de obstáculos no caminho).
Elementos de interesse	Vegetação, animais e pessoas, bem como os eventos a eles associados, constituem elementos de interesse para as idosas, atuando como estímulo à utilização das áreas externas.
Conforto	Alguns locais são associados a uma sensação de bem-estar proporcionada pelas condições físicas ali disponíveis, como insolação, sombreamento, circulação de ar e a presença de locais adequados para sentar.
Limpeza e organização	Lugares que transmitem idéias de limpeza, organização e cuidado permanente atraem a atenção e o interesse das idosas, enquanto o oposto as desestimula a utilizarem as áreas externas.
Atividade	O encontro da estrutura adequada à realização de atividades do interesse das idosas estimula a utilização de determinadas áreas.
Privacidade	A utilização de alguns locais das áreas externas está muitas vezes associada às possibilidades de permanecer afastado do convívio com outras pessoas ou de encontrar territórios de uso exclusivo.

O primeiro tema, “acessibilidade e segurança”, talvez seja o mais importante no sentido de fornecer explicações para a configuração restrita da utilização das áreas externas, conforme apresentado no mapa comportamental da instituição. Esse tema se refere a uma sensação de insegurança expressa pela maioria das entrevistadas e que se relaciona quase sempre à parte dos fundos do terreno, mais especificamente, às áreas próximas ao Arroio Cavallhada, onde estão o pomar de citrus e as hortas. Essa sensação de insegurança está principalmente associada às características da superfície do terreno nessas áreas (a qual apresenta muitas irregularidades) ou, como citado pelas entrevistadas, à possibilidade de encontrarem “buracos” ou “pedras” no caminho para chegar até lá. Essas associações fazem com que essas áreas sejam percebidas pelas idosas como locais que oferecem um acentuado grau de risco a sua integridade física, principalmente através da possibilidade da ocorrência de uma queda. O medo de uma queda está presente nas falas de quase todas as entrevistadas de forma associada a problemas de perda de visão,

queda de pressão, tonturas, osteoporose e dificuldades de locomoção (como uso de muletas, fraqueza muscular, ou a perda de movimentos causada por AVC). Muitas idosas entrevistadas relataram já terem sofrido queda nas áreas externas da instituição ou saberem de outras residentes que já tenham passado por isso. O trecho da fala de uma das entrevistadas, abaixo transcrito, ilustra a percepção de risco de queda associada ao uso das áreas externas.

*“Eu tenho medo de caminhar e cair. Eu já caí muito. Caía, mas eu nem falava nada para ninguém. Um dia eu caí, queria me levantar e caía de novo. E eu só pensava: –Ai que dor, ai que dor.... As pessoas estavam tudo ali perto né, mas eu bem quietinha, consegui me segurar, e foi indo, foi indo, eu me levantei. Depois fiquei roxa... Mas graças a Deus não foi nada grave. Só caí dois tombos assim, e sentia dor depois... Eu tenho medo de ir e cair, porque eu não enxergo deste olho, ando torto para o lado, e por isso eu tenho que segurar assim... Eu quero caminhar um pouquinho, mas eu não posso. As pessoas andam, passeiam, andam por aí né, mas eu não posso sair né, por causa disso aqui... desse lado aqui que eu não enxergo” (Sra. M.).*

O tema seguinte, “elementos de interesse”, se refere a alguns elementos ou eventos que ocorrem nas áreas externas e que atraem a sua atenção, estimulando-as a deixar o interior da edificação, o qual, na maioria das vezes, é o local onde as entrevistadas afirmam passar a maior parte do tempo. Os elementos que podem ser observados nos relatos das entrevistadas são: a vegetação, os animais e as pessoas. A vegetação parece exercer uma grande atratividade para as entrevistadas, sendo quase sempre apresentada por elas como um elemento de contemplação. As entrevistadas expressam em seus relatos um grande prazer em admirar a “beleza” das plantas, em acompanhar as variações das mesmas ao longo do ano e em descobrir plantas novas que ainda não conheciam. Abaixo, pode-se visualizar uma interessante descrição de uma das entrevistadas sobre a floração de uma árvore (guapuruvú- *Schizolobium parahyba*) localizada na parte da frente do terreno da instituição.

*“Eu olho para essas árvores todos os dias, são maravilhosas. Outro dia, quando teve a visita do Lions Clube, eu chamei a presidente e a vice-presidente para ver chuva de flores... porque você vê que está tudo amarelo aí. Naquele dia, com o vento, teve chuva de flores, que eu nunca tinha visto... coisa linda!” (Sra. S.).*

A horta e o pomar são componentes das áreas externas associados à vegetação que parecerem ter uma grande importância para as idosas, uma vez que estão presentes na maior parte das entrevistas. Poder apanhar frutas no pomar e acompanhar o desenvolvimento das plantas na horta são eventos descritos com muita satisfação pelas idosas, cujos relatos, porém, estão quase sempre associados a um sentimento de perda pela dificuldade de acessar esses locais devido ao “medo de cair” anteriormente mencionado. Quando se referem a essas áreas, algumas idosas também lamentam não terem mais condições físicas para “lidar” na horta ou no jardim, como costumavam fazer em suas casas ou mesmo na própria instituição quando eram mais jovens. A presença de animais também é citada em várias entrevistas como um elemento que atrai a atenção das idosas e as incentiva a utilizar as áreas externas. Os animais citados nas entrevistas são animais domésticos, como os gatos e as galinhas que são criadas no pequeno galinheiro localizado próximo das hortas (ver localização na planta junto à Figura 10), e também selvagens, como os passarinhos que visitam as árvores e as saracuras que acessam os fundos do terreno através do arroio. Associado ainda a referências sobre as imediações do arroio, um tipo de animal muito citado nas entrevistas são alguns lagartos que podem ser vistos com frequência nessa área. Esses animais algumas vezes são referidos como um elemento curioso, mas a possibilidade de encontro com os mesmos está mais associada a percepções de perigo, constituindo um dos argumentos utilizados pelas idosas para não utilizarem as áreas mais aos fundos do terreno. A fala abaixo transcrita ilustra como os animais estão associados a eventos marcantes nas experiências de uso das áreas externas por algumas entrevistadas:

*“Então, eu estava fazendo minha caminhada, como eu estava te dizendo, na beira do riacho... e encontro lá, como na distância daqui até aquela parede (se referindo à sala onde estava sendo realizada a entrevista, a uma distância de aproximadamente 4m)... Eu olho assim, tava a comidinha ali, o gato comendo aqui e o lagarto comendo aqui... que nem... Faz de conta, meu filho, que era dois gatos ou dois lagartos. De certo nasceram aqui na zona e se criaram juntos. Tu já viu lagarto comer com gato meu filho? Eu já vi. Pena que eu não tinha uma Kodak, porque era a coisa mais bonita. O gatinho comendo e o lagarto veio assim... como se fossem dois iguais. Legal mesmo. Então eu canso de contar para algumas e até dão risada e dizem assim: -Dona J., tu tá fazendo brincadeira. Mas é a pura verdade. Eu voltei para trás... eu não quis atrapalhar aquilo né. Porque se*

*ele me visse ele ia fugir... o lagarto né... Então eu voltei para trás e segui, para não assustar ele. Achei muita graça” (Sra. J.).*

A presença de pessoas e a possibilidade de interagir com as mesmas também constituem estímulos para idosas utilizarem as áreas externas. O principal local associado aos contatos sociais das idosas nas áreas externas é a já citada área pavimentada situada junto ao acesso principal da edificação, na parte da frente do terreno. A maior parte das idosas relata o uso dessa área de forma associada a um ou mais dentre os seguintes objetivos: (a) conversar com as outras residentes ou funcionários da casa; (b) receber familiares ou amigos que visitam a instituição; (c) observar a movimentação de entrada e saída de pessoas na casa; (d) observar a movimentação de pessoas e veículos na rua. Algumas entrevistadas também relataram usar tanto este local como as áreas pavimentadas junto aos acessos dos fundos da edificação para observar funcionários ou outras residentes que estejam realizando atividades. A presença de pessoas, por outro lado, algumas vezes também é referida como um fator de desestímulo à utilização de algumas áreas, principalmente, a área pavimentada junto ao acesso principal da frente, onde normalmente as pessoas se concentram em maior número. A citação do trecho de entrevista abaixo ilustra esse tipo de comportamento:

*“Olha, essa semana acho que eu nem saí. Nem me lembro em que dia eu fui... Acho que antes de ontem eu estive sentada ali na frente, ali no banco com elas. Porque eu não gosto quando tem muita gente, muita fofoca, então eu prefiro ficar lá no meu quarto” (Sra. C.).*

Outro tema identificado nas entrevistas foi “conforto”, que está relacionado à associação de alguns locais das áreas externas com uma sensação de bem-estar proporcionada por um conjunto de condições físicas daquele local. As condições citadas nas entrevistas são insolação, sombreamento, circulação de ar e a presença de locais adequados para sentar, ou “bons bancos” nas palavras de algumas entrevistadas. A área pavimentada junto ao acesso da frente da edificação é o local mais associado a condições adequadas de conforto pelas entrevistadas, tanto devido à presença de bancos (figura 23) como a condições de sol, sombra e “vento agradável”. É interessante notar que a parte da frente do terreno também possui bancos em outras áreas, entre as árvores tanto à direita como à esquerda do caminho que liga a edificação ao portão de acesso para

instituição a partir da rua (figura 24). Durante a realização da pesquisa, no entanto, nenhuma residente foi vista utilizando esses bancos e tampouco os mesmos são citados nas entrevistas. Analisando-se as condições físicas desses locais, pode-se concluir que, provavelmente, as idosas sentem dificuldade para acessar esses bancos, já que, para isso, têm que enfrentar a declividade do terreno (mais acentuada do que na parte dos fundos) e o desnível existente entre o caminho pavimentado e a grama. Além disso, os bancos existentes na entrada da edificação possuem formato mais anatômico e estão normalmente cercados por cadeiras plásticas, as quais permitem a formação de diferentes arranjos de acordo com os grupos de conversação que ali se formam (as mesmas foram observadas em diferentes locais durante a realização da pesquisa).



**Figura 23:** Bancos e cadeiras junto à entrada da edificação



**Figura 24:** Bancos localizado no jardim da frente, em área gramada.

Outro tema que pode ser encontrado nas entrevistas, quando as idosas falam sobre a utilização das áreas externas da instituição, se refere a um conceito claro, para a maioria, sobre a “limpeza e organização” que um jardim deve apresentar. Assim, as entrevistadas associam a não utilização

de alguns locais com percepções de “sujeira” e “abandono” sobre as mesmas, normalmente citando as áreas próximas do arroio, onde se encontram as hortas e o pomar de citrus. Algumas idosas relataram se sentirem “incomodadas” com a falta de um cuidado permanente dessas áreas e que por isso não gostam de ir até esses locais. A parte da frente do terreno, por outro lado, normalmente é referida como um local bem cuidado, onde muitas idosas dizem gostar de ir para “admirar”.

O tema “atividades” se refere ao encontro de estruturas físicas que permitem a realização de atividades do interesse das idosas em alguns locais das áreas externas. Para a maior parte das idosas entrevistadas, a utilização das áreas externas está associada a dois tipos de atividades: (a) realização de exercícios físicos; e (b) cumprimento de tarefas domésticas. Os exercícios físicos relatados pelas idosas se tratam de caminhadas, principalmente no período da manhã, ao redor da edificação principal da instituição, a qual é circundada por uma calçada que não possui variações de nível em toda a sua extensão. As tarefas domésticas relatadas pelas idosas dizem respeito à lavagem e secagem de roupas, realizadas nos fundos da instituição nas áreas onde se encontram os tanques e os varais. É interessante mencionar que, conforme informações da direção da instituição, as idosas não necessitariam se envolver com as tarefas de cuidados com as suas roupas, pois a casa oferece esse serviço a elas. Porém, a grande maioria faz questão de ficar responsável por suas roupas. Nos relatos de algumas entrevistadas, a realização dessa tarefa parece estar relacionada a uma preocupação em se manter ativa. Mas, para outras, parece haver uma associação particularmente forte com a idéia de preservação de uma identidade relacionada ao trabalho doméstico, como pode ser observado no seguinte trecho de uma das entrevistas:

*“O que eu mais uso agora são esses arames aí para estender roupa. O que é que a gente pode fazer mais? Eu não tenho mais condições de pegar uma enxada... Então, é lavar roupa e estender roupa” (Sra. L.).*

Por fim, podem-se identificar nas entrevistas com as idosas, relatos em torno do tema da “privacidade”. Esse tema diz respeito a associações, apresentadas por algumas idosas, entre alguns locais das áreas externas e a idéia de poderem ficar sozinhas, em silêncio ou afastadas do convívio com outras pessoas quando assim desejam. Ainda de forma relacionada a essa idéia, algumas entrevistadas demonstram satisfação em encontrar alguns locais pouco utilizados por



outras pessoas, como se fossem territórios exclusivos para seu próprio uso. As entrevistadas que mencionam essa relação, em todos os casos se referiram aos fundos do terreno, onde se encontram as áreas mais distantes e de acesso mais difícil para a maioria das residentes. É o caso da idosa autora da fala abaixo transcrita, que se trata da mais jovem entre as entrevistadas (68 anos) e que, portanto, tem mais facilidade de locomoção.

*“Seguidamente eu vou lá para baixo. Sabe, eu vou te contar uma coisa... O ano passado eu descobri uma bergamoteira, ninguém sabia, ficou só minha. Eu ia lá, pegava 20 bergamotas de cada vez, botava no meu colo e trazia, não contava para ninguém, e dê-lhe bergamota (Risos). Aproveitei bastante o pomar. Tava escondidinha, ninguém sabia da bergamoteira, e eu que descobri (Risos)” (Sra. I).*

Embora poucas idosas entrevistadas durante esta pesquisa coincidam com aquelas entrevistadas pelo pesquisador na pesquisa anterior (TOMASINI, 2002), todos os temas até aqui apresentados (acessibilidade e segurança, elementos de interesse, conforto, limpeza e organização, atividade e privacidade) concordam com os temas encontrados naquela outra oportunidade. Na figura 25, podem ser observadas as características associadas ao uso de áreas externas encontradas nas entrevistas realizadas durante a pesquisa anterior. Cabe ressaltar que aquela pesquisa envolvia uma segunda instituição além daquela estudada na presente pesquisa, o que representa um fator importante no sentido de conferir validade aos resultados da investigação atual.

<b>Locais mais utilizados</b>	<b>Locais menos utilizados</b>
• fácil acesso e segurança	• difícil acesso e risco de queda
• próximos aos acessos das edificações	• distantes dos acessos das edificações
• liberdade de acesso	• acesso proibido
• limpeza	• sujeira
• conforto	• falta de conforto
• elementos de interesse	• falta de elementos de interesse
• atividades	• falta de atividade
• privacidade	• falta de privacidade

**Figura 25:** Características relacionadas às frequências de utilização de áreas externas para duas ILPIs localizadas em Porto Alegre-RS (TOMASINI, 2002).

Observa-se que, além das características identificadas pela pesquisa atual, naquele estudo anterior também foi identificada uma outra característica denominada “liberdade de acesso”. Essa característica se referia a proibições ou mensagens de desestímulo das instituições estudadas em relação ao uso de alguns locais de suas áreas externas pelas residentes, principalmente devido ao receio de expor às idosas a riscos ali presentes. No caso da instituição estudada na presente pesquisa, durante a realização do estudo anterior, essa mensagem de desestímulo partia do funcionário que era responsável pela manutenção das áreas externas e dizia respeito aos locais mais aos fundos do terreno, junto ao pomar de citrus e às hortas. Durante o desenvolvimento da pesquisa atual, esse funcionário não estava mais trabalhando na instituição, o que talvez possa explicar o fato de que esse tema não tenha surgido nos relatos das idosas entrevistadas. Cabe salientar também que, quando as entrevistas foram aplicadas, o gradil mencionado anteriormente, que dividiu os fundos do terreno (ver item 4.2.2.2), ainda não havia sido instalado.

Ainda comparando-se os resultados das entrevistas da pesquisa atual com os da pesquisa anterior, duas relações importantes podem ser observadas. A primeira delas diz respeito às médias de idade das entrevistadas, que era de 81,91 anos (variando de 73 a 89 anos) para a pesquisa anterior e de 81,71 anos (variando de 68 a 101 anos). Portanto, em ambas as pesquisas, as médias de idade são muito semelhantes, sendo que a instituição manteve a característica já observada na época do primeiro estudo de atender idosas com idade bastante avançada. Isso ajuda a explicar porque a configuração de uso das áreas externas se manteve tão parecida, já que as condições de idade avançada das residentes (incluindo as restrições de mobilidade a ela inerentes) e os problemas de acessibilidade e segurança dessas áreas também permaneceram constantes. Se, por um lado, a configuração geral da utilização das áreas externas pelas idosas se manteve constante, por outro, algumas entrevistas realizadas com as mesmas idosas nas diferentes pesquisas permitem avaliar os efeitos do tempo sobre a utilização das áreas externas do ponto de vista do indivíduo. Um exemplo bastante ilustrativo desses efeitos pode ser observado nas falas de uma mesma idosa que foi entrevistada durante as duas pesquisas (com um intervalo de quatro anos entre as duas entrevistas) sobre a utilização das áreas externas da instituição:

*“Gosto dos fundos. Pelo verde, pelos bichinhos... para comer pitanga. E o verde, o verde me acalma, me distrai... Eu me aborreço de olhar esse movimento de vai e vem de*

*carros, me aborreço muito. Então eu prefiro o verde, e o pátio dos fundos para mim é essencial” (Sra. N, em 2001, com 78 anos de idade).*

*“Olha, eu gostava aqui dos fundos, mas como eu agora quase não saio mais na rua, eu gosto mais é lá da frente, porque aí eu aprecio o movimento dos carros, vejo pessoas... A gente vê pessoas de tudo que é jeito” (Sra. N, em 2005, com 82 anos de idade).*

Para essa idosa, a perda de mobilidade decorrente do avanço da idade, principalmente em função de perdas de visão, apresenta-se como o fator mais importante para a sua mudança de comportamento em relação às áreas externas. A área da frente, junto ao acesso principal da edificação, passou a ser o local mais utilizado, provavelmente devido à proximidade e à facilidade de acesso à mesma. Na mudança de discurso da idosa em relação ao “movimento dos carros”, pode-se observar um interessante exemplo de adaptação às condições ambientais em função das perdas vinculadas ao envelhecimento.

#### **4.2.3.3 Necessidades e preferências em relação às áreas externas da instituição**

Em um momento mais avançado da entrevista, após terem falado de suas lembranças passadas e relatado como utilizavam as áreas externas da instituição, as idosas também eram solicitadas a falarem abertamente sobre suas necessidades e preferências em relação a essas áreas. O pesquisador pedia que elas imaginassem como seria “o pátio ideal” para elas e procurava incentivá-las a emitir sugestões sobre possíveis melhorias que elas desejassem ver nas áreas externas da instituição.

Antes de se apresentar os resultados desse momento das entrevistas, cabe fazer algumas considerações sobre os termos necessidades e preferências, já que, até o momento, tem-se referido à etapa do *design* social aqui abordada como um estudo de necessidades. Segundo Sommer (1983), o estudo de necessidades de um processo de *design* social também poderia ser chamado de análise **de preferências**, já que implica, entre outras coisas, em perguntar para as pessoas o que elas desejam em relação a seus espaços. Porém, o autor defende a associação do mesmo com o termo **necessidades**, porque, do ponto de vista prático, esse termo é mais

respeitado e mais “vendável” do que o termo preferências. Como exemplo, chama atenção para o fato de que gerentes e administradores costumam responder de forma mais positiva quando lhes é dito que os funcionários **precisam** de alguma coisa do que se lhes fosse dito que eles **querem** ou preferem essa coisa.

De acordo com Sommer (1983), uma necessidade é geralmente definida como algo básico, fundamental e duradouro, a exemplo da necessidade por abrigo, sustento e contatos sociais. Desejo, por outro lado, seria uma preferência manifesta e, portanto, é provável que seja algo específico, transitório e mais facilmente modificado, como o desejo por um tipo de comida particular ou um estilo de roupa. Necessidades humanas têm sido tradicionalmente mais reconhecidas como um tópico de estudo do que desejos pelas ciências comportamentais, sendo que a investigação de preferências é considerada uma tarefa aplicada, mais relacionada ao marketing do que à pesquisa acadêmica. Para o mesmo autor, esse padrão dual tem suas raízes na visão platônica na qual as aparências são enganosas e efêmeras e o que importa é a realidade que está oculta atrás das mesmas. No entanto, afirma que em muitos casos é difícil de sustentar uma clara distinção entre necessidades e desejos, sendo que iniciativas nesse sentido podem levar a um “caminho cheio de armadilhas para os incautos” (SOMMER, 1983 p.72).

Do ponto de vista prático, as investigações relacionadas aos eixos temáticos abordados anteriormente, “relações passadas com jardins e plantas” e “comportamento em relação às áreas externas da instituição”, tinham o mesmo objetivo de identificar necessidades e desejos das idosas que pudessem orientar o estabelecimento de diretrizes de projeto para essas áreas. Porém, existe uma grande diferença quando se solicita que uma pessoa expresse ou manifeste, de forma consciente, essas necessidades e desejos. Isso implica pedir que ela assuma uma posição, principalmente quando se solicita que ela se manifeste sobre um ambiente de uso coletivo, como é o caso das áreas externas da instituição aqui tratada. Já havia sido observado pelo pesquisador, nos resultados da pesquisa anterior (TOMASINI, 2002), que as idosas residentes nas ILPIs estudadas naquela oportunidade tinham uma forte tendência em expressar satisfação com as áreas externas disponíveis ou utilizar respostas do tipo “não sei” quando eram solicitadas a avaliar as condições existentes ou sugerir melhorias nas mesmas. Desejava-se, portanto, na presente pesquisa, observar se essa tendência continuaria ocorrendo ou não.

De fato, observou-se novamente que, de maneira geral, as idosas se manifestam pouco sobre seus desejos e necessidades em relação às áreas externas da instituição. Da mesma forma, observou-se, entre as entrevistadas, a continuidade das tendências em expressarem satisfação com as condições existentes e em apresentarem dificuldades para sugerir mudanças ou soluções de melhorias nos ambientes disponíveis. Essa aparente satisfação com as condições atuais pode estar em parte relacionada com o fato de que as áreas externas da instituição parecem conter elementos importantes para as idosas que guardam relações com suas experiências passadas com jardins de forma geral, conforme foi discutido anteriormente (item 4.2.3.2).

Porém, essas tendências também foram identificadas por outros autores envolvidos em estudos sobre as relações de pessoas idosas com seus ambientes. Possíveis explicações para essas tendências são abordadas em um interessante artigo sobre métodos de pesquisa ambiental envolvendo idosos, escrito pelo já citado e influente pesquisador na área da gerontologia ambiental, M.P. Lawton. Nesse artigo, o autor aborda, entre outras questões relacionadas a esse tema, distorções observadas em respostas de entrevistas com pessoas idosas, as quais poderiam estar relacionadas com uma série de processos ou mecanismos psicológicos (LAWTON, 1987).

Segundo Lawton (1987, p.343), alguns mecanismos podem auxiliar a explicar a recorrente descoberta de que o grau de satisfação de pessoas idosas com uma série de domínios da vida diária é maior do que o expressado por outros grupos etários. Da mesma forma, poderiam explicar porque esse grau de satisfação também costuma ser maior do que aquele que seria esperado tomando por base as qualidades “objetivas” desses domínios. De acordo com o autor ainda, este padrão de respostas poderia ser chamado de “excesso de satisfação” e teria sido observado de maneira particularmente evidente em avaliações dos idosos sobre suas condições ambientais (habitações, vizinhanças e comunidade).

Kogan (1961 apud LAWTON, 1987, p.343) observou que o traço de personalidade denominado *aquiescência*<sup>7</sup> está bastante presente na via diária de idosos, o que poderia influenciar a satisfação

---

<sup>7</sup> Aquiescência é definida como a tendência em responder a questões afirmativamente, independente do conteúdo (BENTLER et al, 1971 apud CALSYN e WINTER, 1999 p.400).

excessiva comumente observada em resultados de entrevistas. Além disso, alguns idosos, quando entrevistados sobre suas situações ambientais, especialmente se as mesmas dizem respeito a cenários de instituições, podem sentir que expressões de insatisfação irão evocar reações negativas por parte da gerência ou da equipe de trabalho. Assim, afirma Lawton (1987, p.343), “tem sido freqüentemente notado que tais respondentes irão responder positivamente a questões estruturadas feitas pelo entrevistador, mas muito diferentemente em uma conversação informal com alguém que eles conheçam e em quem confiem mais”.

Carp (1975, apud LAWTON, 1987, p.343) identificou ainda o fenômeno do “balanço cognitivo” nas respostas de entrevistas realizadas com idosos. Na sua avaliação de um projeto de habitação para idosos, a pesquisadora teria observado que a satisfação que eles expressavam com suas habitações atuais era relativamente alta, incompatível com a baixa qualidade objetiva das mesmas e com o fato de que eles haviam se candidatado para uma nova habitação. Após serem anunciadas as decisões sobre quais idosos seriam contemplados pelo projeto, uma nova entrevista foi realizada, antes de qualquer um se mudar. Nesta segunda entrevista, os resultados das entrevistas com os idosos que não foram contemplados não mudou, mas houve uma marcante queda na satisfação entre os que foram contemplados. Então, para a pesquisadora, requer-se a existência de uma alternativa realística para que essas pessoas sejam capazes de tolerar o desequilíbrio entre uma avaliação objetiva de sua habitação atual e sua avaliação pessoal da mesma.

A compreensão desse fenômeno foi ainda complementada pelas descobertas de Campbell et al (1976, apud LAWTON, 1987, p.344), que mostrou que o excesso de satisfação era incrementado por baixas aspirações e pela ignorância de alternativas, as quais seriam claras facetas do efeito de balanço cognitivo. Para os pesquisadores, os idosos mostram, ao mesmo tempo, pouca discrepância entre suas aspirações e a sua realidade atual, e reduzidas experiências em anos recentes com outros tipos de situações de vida. Então, esta aceitação do *status quo* residencial seria um fato compreensível.

Um estilo final de resposta seria a ego-defensibilidade (*ego defensiveness*), identificada por Carp e Carp (1981, apud LAWTON, 1987, p.344) como uma influência forte sobre o julgamento de

peças idosas sobre sua satisfação ambiental. Segundo os autores, quando pessoas idosas avaliam um elemento ambiental em termos do mesmo sendo um “problema” para elas, elas parecem ver a questão como algo que coloca em dúvida a sua competência.

Voltando-se aos resultados da presente pesquisa, embora as tendências das idosas entrevistadas em manifestarem satisfação com as condições existentes e apresentarem dificuldades em sugerir melhorias nas áreas externas tenha permanecido, respostas do tipo “não sei” foram bem menos frequentes do que na pesquisa anterior. Essa diferença pode ser decorrente da própria diferença entre as pessoas que foram entrevistadas nas duas ocasiões, mas também pode estar associada com uma maior aproximação do pesquisador em relação às entrevistadas nesta última pesquisa. Assim, algumas idosas entrevistadas já conheciam o pesquisador em virtude da pesquisa anterior, enquanto outras já haviam tido algum contato com o mesmo através de conversas informais ocorridas durante as visitas que vinham sendo feitas anteriormente para a realização das observações sistemáticas. Também nesta pesquisa, houve uma participação maior da direção da casa no sentido de facilitar os trabalhos da pesquisa, o que pode ter influenciado o grau de confiança das entrevistadas em relação ao pesquisador. Assim, a direção já havia comunicado previamente às idosas que haveria pessoas realizando um trabalho na casa e também auxiliou o pesquisador a fazer os convites para as residentes participarem das entrevistas.

Na Tabela 6, podem ser visualizados os temas identificados nas entrevistas relacionados com as necessidades e preferências manifestadas pelas idosas em relação às áreas externas da instituição.

**Tabela 6:** Temas associados a preferências das idosas em relação às áreas externas

<b>Temas</b>	<b>Síntese</b>
Um jardim bonito e bem cuidado	O jardim é visto como o “cartão de visitas” da casa.
Um lugar confortável	O “pátio ideal” deve ter bancos confortáveis e lugares de sombra e de sol.
Um lugar de sossego	É preciso ter lugares onde se possa ficar à vontade, longe dos olhares dos outros.
Um lugar para fazer coisas	Deveria haver um lugar para ginástica e um lugar melhor para os varais.

Mesmo procurando evitar avaliar as condições atuais das áreas externas da instituição e emitir opiniões em relação à mesma, ficou bastante claro nas entrevistas que “um jardim bonito e bem cuidado” constitui a imagem que mais se aproxima do “pátio ideal” para a unanimidade das entrevistadas. As expressões das idosas quando se referem a essa imagem ideal aparecem muitas vezes associadas a uma preocupação com os cuidados com as plantas existentes nas áreas externas da instituição. As flores são os elementos mais citados pelas idosas quando elas se referem aos cuidados e a beleza que um jardim deve ter, estando quase sempre associadas a referências das idosas sobre a parte da frente do terreno da instituição. O jardim da frente é percebido pela maioria como o lugar que deve ser priorizado em termos de cuidados, porque ele é “o cartão de visita” da casa para aqueles que a visitam ou a enxergam a partir da rua. Essa idéia é bem ilustrada na fala de uma das entrevistadas, abaixo transcrito:

*“A parte principal da casa é o jardim...Tem que ter uma aparência bonita...limpa e bonita, né. Acho que a primeira coisa é a frente do pátio. Porque a frente, é como eu digo né: - Um bonito penteado de cabelo, uma pessoa bem arrumada...é um cartão de visita. Um jardim é um cartão de visita de uma casa. Ele sempre bem tratado, bem arrumado...quem entra fica encantado né...com o jardim. É a minha opinião né, das outras eu não sei” (Sra. C.).*

Outros elementos citados de forma associada com o conceito de um jardim bem cuidado nas entrevistas são a horta e o gramado. Para as idosas, a horta deve apresentar abundância e variedade de verduras e legumes e deve receber manutenção permanente, enquanto o gramado deve estar sempre bem “verdinho” e aparado.

Os outros três temas identificados, “um lugar confortável”, “um lugar de sossego” e “um lugar para fazer coisas” são bem menos frequentes nas entrevistas. O primeiro dentre eles se refere às falas de algumas entrevistadas que associam o “pátio ideal” a um local onde se tenha bancos confortáveis e que se possa escolher entre sol e sombra dependendo do clima. O segundo diz respeito ao depoimento de uma única senhora que disse desejar ter mais lugares onde pudesse ficar sentada sem que fosse vista por outras pessoas. Essa senhora reclama não poder ficar à vontade no pátio e diz se sentir aborrecida quando chegam pessoas estranhas na casa e ela não



está arrumada. Durante as observações, essa senhora foi vista muitas vezes na parte da frente da casa, junto ao acesso principal da edificação, onde, de fato, as pessoas chegam e saem com frequência, mas que constitui a área externa mais acessível e onde estão os melhores bancos. Por fim, o último tema também diz respeito ao depoimento de uma única senhora que diz achar que a casa deveria ter locais para fazer “ginástica” e varais melhores para as residentes poderem estender suas roupas. É interessante observar que essa senhora, na época da entrevista, estava morando há pouco tempo na casa e participava de um grupo de convívio de pessoas da terceira idade fora da instituição, cujas atividades envolviam exercícios físicos. Essa idosa durante as entrevistas sempre se colocava numa posição diferente das demais residentes e dizia estar ali para “fazer uma experiência”, não sabendo se iria se adaptar. De fato, essa senhora permaneceu pouco tempo na instituição, voltando a morar em sua casa algumas semanas depois da entrevista.

Embora as entrevistadas tenham se expressado pouco sobre suas necessidades e desejos, é interessante notar que todos os temas que surgiram nas entrevistas nesse sentido coincidem com as características das áreas externas que influenciam a sua utilização pelas idosas, as quais foram abordadas anteriormente. Essa coincidência reforça a influência dessas características sobre a utilização das áreas externas pelas idosas e também a conveniência de observá-las por ocasião da definição de requisitos de projeto para a melhoria dessas áreas.

O fato de que as idosas relacionam suas necessidades e preferências sobre as áreas externas predominantemente à imagem um jardim bem-cuidado, quase sempre associando a mesma à presença de flores, também é relevante para a pesquisa, principalmente porque esse resultado repete os resultados da pesquisa anterior. A repetição desse resultado em relação à pesquisa anterior permite refletir que as características associadas a essa imagem, provavelmente, não se tratam apenas de desejos de caráter efêmero para as idosas, mas devem estar relacionadas a importantes significados para elas. Portanto, as mesmas também devem ser tratadas como prioridade na definição de requisitos de projeto para as áreas externas da instituição.

Um outro fato bastante interessante é que a principal característica observada como limitante do uso das áreas externas pelas idosas, a “acessibilidade e segurança”, não aparece entre os temas identificados nas entrevistas sobre necessidades e desejos das idosas em relação a essas áreas.

Ou seja, nenhuma das idosas entrevistadas associou o pátio ideal a características ou elementos que pudessem melhorar as condições de acessibilidade e segurança desses locais. Esse fato pode estar relacionado com o fenômeno da “ego-defensibilidade” mencionado anteriormente quando se abordou as distorções em resultados de entrevistas com idosos observadas por outros pesquisadores (LAWTON, 1987). A relação com esse fenômeno pode ser observada na dificuldade que as idosas sentem em falar das quedas sofridas na instituição. Um exemplo bem explícito dessa dificuldade pode ser encontrado na fala da idosa que relata para o pesquisador, em tom de confissão, uma queda ocorrida na área externa, a qual foi transcrita anteriormente (ver item 4.2.3.2).

A observação desse fato leva à reflexão de que somente o questionamento direto a pessoas idosas sobre suas necessidades e desejos pode omitir informações relevantes para o planejamento de ambientes para esse tipo de usuário. Um estudo de necessidades deve, portanto, estar embasado também em outros tipos de informação, como entrevistas envolvendo perguntas indiretas sobre essas necessidades e preferências, a exemplo de questões envolvendo lembranças e a identificação de características que influenciam o uso dos espaços disponíveis, e observações das pessoas durante o uso desses espaços.

#### 4.2.4 Envolvimento dos usuários

Se por um lado já se possuía uma referência sobre a utilização de métodos relacionados à etapa de estudo de necessidades da fase de programação do *design* social, a etapa seguinte dessa fase, o **envolvimento dos usuários nas possibilidades de projeto**, constituía uma experiência completamente nova para o pesquisador. Além da ausência de referências anteriores que pudessem orientar uma metodologia de trabalho nesse sentido, os graus de especificidade dos usuários e do cenário envolvidos na pesquisa tornavam a aplicação dessa etapa particularmente desafiadora.

Pode-se dizer que as ações desenvolvidas durante o estudo de necessidades já traziam uma preocupação em adaptar o *design* social ao contexto das ILPIs, através da sua articulação com o

campo interdisciplinar da gerontologia. Os esforços nesse sentido, contudo, limitaram-se à aplicação dos métodos de pesquisa previstos para essa etapa e à análise de seus resultados a partir de um olhar mais alinhado com o enfoque gerontológico (resultante do aprendizado do pesquisador construído no primeiro ciclo da pesquisa). Porém, a adaptação da etapa de envolvimento dos usuários ao contexto proposto pela pesquisa se apresentava como uma tarefa bem mais complexa. Essa tarefa implicava aprender não somente a lidar com as especificidades do público e do cenário institucional, mas também a trabalhar dentro de um contexto prático de interdisciplinaridade, já que a equipe de campo composta por profissionais de outras formações tomaria parte das ações desenvolvidas a partir desse momento.

Dessa forma, o primeiro conjunto de ações realizado na instituição com o intuito de envolver as idosas no planejamento das áreas externas pode ser considerado um período de aprendizagem prática tanto para o pesquisador, quanto para a equipe de campo e para as residentes. Como resultado dessa aprendizagem, buscou-se, a construção de um método de trabalho adaptado ao contexto da pesquisa e a preparação dos participantes para a aplicação dessa metodologia no terceiro ciclo da pesquisa (cujas ações seriam mais objetivas e diretamente voltadas à elaboração do projeto para as áreas externas da instituição).

Essas ações foram constituídas por uma série de reuniões ou atividades de grupo desenvolvidas na instituição participante em torno do tema da qualificação de suas áreas externas. Na tabela 7, são apresentadas as ações desenvolvidas nesse sentido durante o segundo ciclo da pesquisa, bem como uma breve descrição de cada uma delas e seus principais objetivos (a ordem das ações na tabela corresponde à seqüência temporal de seu desenvolvimento na instituição). Observa-se ainda, que esse conjunto de ações está intercalado com um outro tipo de evento, denominado “segundo seminário interdisciplinar”, situado logo após a quarta ação. Os seminários interdisciplinares, cuja natureza já foi abordada de forma mais detalhada no capítulo de métodos (capítulo 3, item 3.3.1), tratam-se de eventos realizados fora da instituição e que envolvem discussões com outros pesquisadores a cerca dos acontecimentos relacionados à pesquisa de campo propriamente dita. O segundo seminário interdisciplinar ocorreu logo após a realização das primeiras ações envolvendo a participação direta das residentes e da equipe de campo e teve por objetivo apoiar as reflexões nesse momento da pesquisa, considerado particularmente crítico

devido aos motivos já mencionados. Como será discutido mais adiante, as discussões levantadas nesse novo seminário, mais uma vez, tiveram conseqüências importantes tanto para ações subseqüentes ao seu desenvolvimento como para o processo de refinamento do problema de pesquisa.

**Tabela 7:** Ações relacionadas à adaptação da etapa de envolvimento dos usuários

<b>Ações</b>	<b>Descrição</b>	<b>Objetivos</b>
Reunião	Reunião geral com todas as residentes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da equipe de campo e do projeto de pesquisa.</li> <li>• Convite à participação.</li> </ul>
Reunião	Reunião com funcionários.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da equipe de campo e do projeto de pesquisa.</li> </ul>
Atividade	Plantio em homenagem ao “Dia da Árvore”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sensibilização para o tema da pesquisa.</li> <li>• Integração entre pesquisadores e residentes.</li> <li>• Motivação do grupo.</li> </ul>
Atividade	Jogo envolvendo uso de fotografias e excursão pelas áreas externas da instituição.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sensibilização para as áreas externas da instituição e seus elementos.</li> <li>• Testar materiais e métodos.</li> <li>• Definir grupos de trabalho.</li> </ul>
-----SEGUNDO SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR-----		
Atividade	Contato com livros e revistas de paisagismo e jardinagem, manuseio desses materiais e discussões.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Testar materiais e métodos.</li> <li>• Estimular reflexão e aprendizado do grupo.</li> </ul>
Atividade	Visita a uma floricultura.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivação do grupo.</li> <li>• Integração entre pesquisadores e residentes.</li> <li>• Estimular reflexão e aprendizado do grupo.</li> </ul>

A seguir, serão apresentados os relatos de cada uma das ações desenvolvidas na instituição, bem como do segundo seminário interdisciplinar, observando-se a ordem exposta na tabela. Junto aos relatos, discutem-se ainda os aprendizados construídos a partir das reflexões sobre as ações desenvolvidas, bem como suas conseqüências para as ações seguintes da pesquisa.

#### **4.2.4.1 Reunião geral com as residentes**

A primeira reunião realizada com as idosas foi planejada de maneira a procurar reunir o maior número de pessoas possível. Tinha por objetivos apresentar a equipe de campo e o projeto de pesquisa às residentes, bem como convidá-las a participarem das atividades que se seguiriam. A maior parte das residentes havia participado da entrevista com o pesquisador, oportunidade em que já recebiam o convite para participar da pesquisa, bem como informações sobre os objetivos e a metodologia da mesma. Porém, parte das residentes não havia participado da entrevista e, portanto, não havia recebido essas informações. Além disso, essa reunião seria o primeiro contato das residentes com os demais componentes da equipe de campo e a primeira oportunidade para que os pesquisadores pudessem observar como funcionaria a dinâmica do trabalho em grupo com as moradoras.

Por recomendação da diretora da instituição, essa reunião foi realizada à tarde, após o café das senhoras, quando todas deveriam estar presentes no refeitório. A equipe de campo da pesquisa participou do café, e após realizou o convite às senhoras presentes para que participassem da reunião no salão, junto ao refeitório, onde cadeiras e poltronas foram dispostas em círculo. Onze residentes aceitaram o convite para participar da reunião.

Várias dificuldades foram sentidas pelos pesquisadores durante o desenvolvimento da reunião, e a observação das mesmas levou a reflexões sobre o método de trabalho a ser utilizado nas ações seguintes. Inicialmente, observou-se que a maior parte das idosas se encontrava dispersa e pouco interessada na reunião. A pedagoga que compôs a equipe de campo percebeu que algumas idosas não ouviam o que estava sendo discutido. A partir desse momento, ela procurou identificar cada idosa que não ouvia e, sentando ao lado de cada uma, explicou os objetivos da reunião. Após o término da reunião, uma das idosas com dificuldade de audição, que no início parecia bastante

desinteressada, veio conversar com o grupo de pesquisadores e colocar-se a disposição para auxiliar na pesquisa. Uma outra senhora, no início da reunião, mostrou-se bastante desanimada e negativa em relação à pesquisa por entender que a mesma exigiria a participação das residentes em trabalhos de jardinagem e que ela não teria condições físicas para acompanhar esse tipo de atividade. Após o término da reunião, essa mesma idosa também procurou a equipe de campo para mostrar uma foto que tinha do jardim da instituição em uma oportunidade em que o mesmo se encontrava florido, demonstrando um grande interesse pelas áreas externas da casa.

As dificuldades em conseguir a atenção das senhoras durante a reunião, bem como em comunicar às mesmas os objetivos e os métodos da pesquisa, percebidas com base em reações como as das senhoras acima mencionadas, deixaram claro para o grupo a necessidade de se trabalhar com grupos menores nas reuniões futuras. Além da limitação auditiva de algumas senhoras, os pesquisadores perceberam que quando as idosas recebiam atenção individualizada elas se demonstravam mais atentas e interessadas pelo trabalho. Em muitos casos, observou-se que a comunicação com as senhoras é muito mais eficiente quando há a possibilidade de uma maior proximidade física que permita a expressão de gestos de afetividade (como segurar na mão, abraçar e beijar). Também se observou rivalidade entre grupos de moradoras, sendo comum, durante a reunião, algumas idosas demonstrarem impaciência durante a fala de outras.

Com base nessas observações, o grupo de pesquisadores decidiu que as reuniões futuras com as idosas deveriam ser conduzidas com grupos pequenos, de quatro a seis participantes. Ainda em conversa com a diretora da instituição, decidiu-se que a organização dos grupos tomaria como ponto de partida as duplas de senhoras que dividem o mesmo quarto, já que as senhoras dividem o quarto com aquelas com quem tem mais afinidade. Após o término da reunião, ainda foi discutido pelos componentes da equipe de campo, que informações relevantes para o andamento da pesquisa, tais como seus objetivos e metodologia, deveriam ser repetidas e enfatizadas às participantes sempre que possível. Essa discussão partiu da observação de que, durante a reunião, algumas idosas apresentaram dificuldade em compreender e fixar tais informações, mesmo tendo participado das entrevistas onde as mesmas já haviam sido abordadas.

Quanto ao método de registro da reunião, foi realizada a gravação das falas com o objetivo de gerar subsídios para as discussões posteriores com a equipe de campo. Porém, observou-se uma grande dificuldade na utilização desse tipo de registro nessa primeira reunião, devido ao baixo volume de voz de algumas residentes, à ocorrência muitas falas paralelas entre as residentes (normalmente, também em tom de voz baixo), e consultas simultâneas das idosas com os diferentes pesquisadores. Porém, os pesquisadores decidiram manter esse tipo de registro na próxima ação, a fim de observar sua eficácia no trabalho com grupos menores.

#### **4.2.4.2 Reunião com os funcionários**

Após a reunião com as residentes, foi também realizada uma reunião com os funcionários da instituição. No projeto de pesquisa, não havia sido prevista a participação direta dos funcionários no processo de *design* social, porém, previa-se a participação dos mesmos de forma indireta, como, por exemplo, apoiando possíveis atividades que seriam realizadas com as idosas. Portanto, era necessário que esses funcionários estivessem cientes do trabalho que seria realizado na instituição.

Assim, essa reunião teve por objetivos a apresentação dos componentes da equipe de campo e a apresentação dos objetivos e da metodologia da pesquisa. Nessa oportunidade também, os funcionários foram informados que, embora não fossem participar diretamente das atividades previstas, eles estavam convidados a transmitir aos pesquisadores idéias, sugestões ou impressões em relação à pesquisa sempre que achassem conveniente. Particularmente, o funcionário encarregado de serviços gerais na instituição se manifestou interessado pela pesquisa, expressando sua crença na possibilidade da mesma vir em auxílio ao seu trabalho em relação à manutenção das áreas externas da instituição.

#### **4.2.4.3 Plantio em homenagem ao “Dia da Árvore”**

Essa atividade não havia sido planejada originalmente pelos pesquisadores e teve origem na sugestão de uma das residentes que participou da reunião geral com as idosas. Essa sugestão foi feita justamente pela idosa que manifestou, inicialmente, preocupação em relação à pesquisa por

entender que a mesma exigiria o envolvimento das residentes em atividades de jardinagem, conforme foi mencionado anteriormente.

Após discutirem essa sugestão, os pesquisadores concluíram que essa atividade seria uma oportunidade bastante conveniente para aquele momento, tendo em vista que poderia ajudar a promover a integração entre as residentes e entre essas e os pesquisadores, além de ilustrar o tema proposto pela pesquisa e motivar a participação das idosas. A equipe de campo então transmitiu essa sugestão para a administração da casa e, após a aprovação da mesma, programou a atividade para o dia 21 de setembro de 2005, dia em que se comemorava o “Dia da Árvore”.

O pesquisador também viu nessa sugestão, uma oportunidade para fazer contato com floriculturas da cidade a fim de apresentar a proposta da pesquisa e solicitar auxílio através da doação de mudas para serem plantadas na instituição, de acordo com o projeto de paisagismo que seria desenvolvido com a participação das idosas. Uma das floriculturas com as quais foi feito contato se dispôs a doar uma muda de árvore para o plantio a ser realizado durante a atividade programada e a analisar a possibilidade de doar, futuramente, algumas mudas para a execução do projeto. Atendendo às solicitações da idosa que sugeriu a atividade, a qual manifestou preferência pelo plantio de uma árvore que tivesse flores ornamentais na parte da frente do terreno, foi escolhida uma muda de manacá-da-serra (*Tibouchinia mutabilis*), devido ao porte adequado para a área indicada e ao efeito de floração.

No dia programado para a atividade, após o café da tarde, todas as idosas foram convidadas para acompanhar a atividade de plantio. Neste dia, havia sol e a temperatura estava bastante agradável, o que fez com que muitas se deslocassem até o pátio para acompanhar o plantio. Participaram da atividade quinze residentes, além da equipe de campo, da diretora da instituição e do funcionário responsável pelos serviços gerais. Antes do plantio, o pesquisador falou sobre a espécie que seria plantada, respondeu algumas dúvidas das idosas sobre a mesma e mostrou uma ilustração da espécie no período de floração. O plantio da árvore foi um momento bastante emocionante, uma vez que, quando a árvore estava plantada, uma das senhoras começou a entoar um canto em homenagem à primavera, que foi acompanhado por todas as senhoras presentes. Algumas senhoras quiseram ajudar diretamente no plantio, sendo que uma delas se prontificou em pegar a



pá que estava no local para colocar a terra ao redor da muda, enquanto outra já havia trazido uma garrafa com água para molhar a muda após o plantio (figura 26).



**Figura 26:** Moradora realizando a primeira rega da muda.

Em reunião posterior com a equipe de campo, avaliou-se que essa atividade teve um efeito bastante positivo sobre as residentes, principalmente do ponto de vista motivacional. A observação do comportamento das residentes durante a reunião também levou os pesquisadores a uma série de reflexões.

Em primeiro lugar, os pesquisadores observaram, durante o plantio, comentários feitos por algumas idosas sobre a sua consciência de que, provavelmente, não veriam a árvore que fora plantada já adulta, mas de que elas estariam “deixando a sua colaboração para as próximas gerações”. Essas colocações fizeram a equipe refletir sobre o critério utilizado para a seleção da instituição participante, com base na presença de árvores já desenvolvidas naquele local (ver capítulo 3, item 3.3.1). Com isso, os pesquisadores concluíram que deveriam ficar mais atentos à realidade observada a campo, evitando tomar decisões com base em possíveis imagens estereotipadas sobre a velhice durante o desenvolvimento dos trabalhos.

Em segundo lugar, observou-se o grande número de idosas presentes e o esforço que as mesmas realizaram para chegar até o local onde a árvore seria plantada. Cabe lembrar que, durante as observações sistemáticas, não foi observada a presença de residentes nessa área e que o acesso

até a mesma é dificultado pela ausência de caminhos pavimentados e pela declividade do terreno. Apesar da dificuldade em acessar essa área, na ocasião do plantio, mesmo algumas residentes com maior dificuldade de locomoção, incluindo uma que utilizava muletas e outra em cadeira-de-rodas, se dirigiram sozinhas até ao local da atividade ou solicitaram auxílio de colegas ou dos próprios pesquisadores. A diferença contrastante na manifestação de interesse das idosas durante essa atividade em relação ao seu comportamento durante a primeira reunião, levou os pesquisadores a refletirem sobre a forma de envolvimento das idosas na pesquisa. Concluiu-se que reuniões formais deveriam ser evitadas, privilegiando-se o envolvimento das idosas através de atividades descontraídas e incorporando sugestões ou interesses manifestados pelas residentes sempre que possível.

As atividades que seriam propostas, portanto, não deveriam estar associadas a uma idéia de compromisso. Essas reflexões ainda foram apoiadas pela mudança de postura da idosa que sugeriu o plantio e que anteriormente tinha se manifestado um discurso defensivo em relação à pesquisa. Assim como essa idosa, outras senhoras haviam manifestado também nas entrevistas o receio de que a sua participação na pesquisa implicaria em assumir responsabilidades que elas não queriam ou não poderiam assumir. Nesse sentido, é interessante retomar os resultados das entrevistas através da citação da fala de uma das entrevistadas, no momento em que o pesquisador a convidou a participar da pesquisa:

*“Agora eu estou muito velha.... eu não quero ter compromisso. Eu estou preguiçosa. Agora acho que...até um copo d’água assim, eu peço para as gurias, para as empregadas... Às vezes eu tenho preguiça de levantar para pegar uma água e eu digo: - Me dá uma água. É...coisa da velhice mesmo né... Sabe o que eu digo? Ta faltando gasolina né (risos). To perdendo as forças... pela idade né” (Sra. J.).*

#### **4.2.4.4 Atividade com fotografias e excursão pelas áreas externas da instituição**

Com base no aprendizado construído a partir das discussões dos resultados da primeira reunião e do plantio da árvore, os pesquisadores planejaram uma atividade com o objetivo principal de sensibilizar as residentes para os elementos já existentes nas áreas externas da instituição. Procurou-se também, através dessa atividade, trabalhar sobre as reflexões do primeiro seminário interdisciplinar, quando foi sugerido explorar aquilo que existia nas áreas externas da instituição

antes de se propor alterações, bem como sobre as reflexões a cerca da convergência entre as lembranças das idosas e as características desses espaços.

Do ponto de vista metodológico, desejava-se testar o uso de fotografias como apoio às atividades, os tamanhos e as formações de grupos que estavam sendo propostos e o registro da atividade através do uso de gravador.

Dessa forma, a atividade proposta se constituiu de um jogo, onde se solicitava às participantes identificarem, dentre um conjunto de imagens, fotografias que haviam sido feitas a partir de locais ou elementos existentes nas áreas externas da instituição (ver algumas imagens no apêndice 4). Junto às imagens feitas na instituição, os pesquisadores misturaram fotos de outros jardins, copiadas de livros de paisagismo ou capturadas da *internet*, onde podiam ser observadas imagens relacionadas às características das áreas externas que influenciam a sua utilização pelas residentes, conforme havia sido identificado nas entrevistas. Os pesquisadores procuraram selecionar, portanto, imagens que tivessem relações com os temas de: a) acessibilidade e segurança; b) elementos de interesse; c) conforto; d) atividades; e) privacidade (ver apêndice 5). Ao incluírem essas imagens entre as fotografias da instituição, os pesquisadores não tinham por objetivo, nesse momento da pesquisa, aprofundar a discussão desses temas com as idosas, mas apenas despertar a sua curiosidade e atenção para algumas soluções ali apresentadas, as quais se pretendiam abordar numa fase mais avançada dos trabalhos. Os pesquisadores tiveram o cuidado de providenciar que todas as fotografias utilizadas na atividade fossem impressas em grande formato (15X21cm), a fim de facilitar a visualização das imagens pelas idosas.

A atividade foi repetida em duas sessões com dois grupos diferentes, sendo que uma sessão contou com a presença de cinco idosas e a outra com seis, totalizando a participação de onze pessoas, além da equipe de campo. O jogo proposto foi desenvolvido em duas etapas: -A primeira parte era realizada na sala de reuniões da instituição, onde existia uma grande mesa ao redor da qual os participantes podiam se sentar confortavelmente (figura 27). Era distribuído um número igual de fotos entre as participantes, as quais haviam sido previamente misturadas pelos pesquisadores. Era permitido às participantes trocarem as fotos à vontade depois de terem olhado aquelas que receberam inicialmente, bem como discutirem o conteúdo das mesmas com as outras

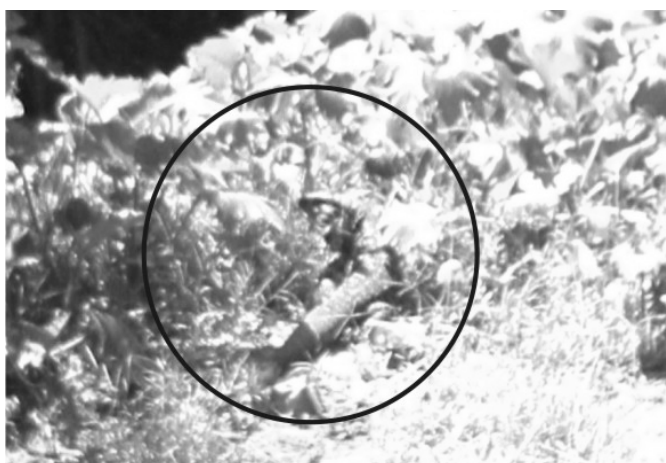
residentes. Os pesquisadores não controlaram o tempo das discussões, limitando-se a observar quando as residentes já haviam trocado as fotos entre si e quando as discussões sobre as mesmas começaram a se esgotar. As residentes então eram solicitadas a separarem as fotos que elas julgavam terem sido feitas na instituição e a falarem livremente de suas impressões sobre as imagens que tinham visto de forma geral. Na segunda parte da atividade, as idosas foram convidadas a percorrerem as áreas externas da instituição junto com os pesquisadores, levando consigo as fotos que haviam separado, a fim de identificar quais os locais ou onde estavam os elementos que haviam sido fotografados.



**Figura 27:** Atividade com fotografias durante sessão com um dos grupos.

As idosas, de maneira geral e em ambos os grupos, expressaram bastante satisfação com a atividade durante a sua realização e tiveram facilidade em identificar a maior parte das imagens feitas a partir da instituição. Da mesma maneira, demonstraram muita curiosidade em querer saber de onde eram as outras imagens, sendo que, com freqüência, associavam às mesmas lembranças de lugares que elas já haviam conhecido. Algumas dessas imagens continham pessoas, então algumas participantes também as associaram a pessoas que conheceram ao longo da vida, incluindo parentes já falecidos. Nem todas as participantes quiseram participar da excursão pelas áreas externas da instituição, embora o clima estivesse bastante agradável naquele dia. Algumas idosas alegaram já estarem cansadas e outras que tinham medo de cair durante o passeio. Devido às dificuldades de acessibilidade de algumas áreas que foram percorridas, algumas idosas precisaram de auxílio dos pesquisadores durante o percurso. De maneira, geral, as idosas que participaram dessa atividade também demonstraram satisfação, especialmente quando identificavam algum elemento que estava nas fotos. Um momento interessante do

passeio com um dos grupos, foi quando uma idosa avistou, próximo do arroio aos fundos da instituição, um lagarto, animal que havia sido citado em muitas entrevistas de forma associada à sensação de medo de andar naquela parte do pátio (figura 28). Naquele instante, porém, a principal reação das participantes não foi de medo, mas de curiosidade, pois todas queriam ver onde estava o lagarto.



**Figura 28:** Lagarto visualizado durante excursão pelas áreas externas (área circunscrita).

Em reunião posterior entre a equipe de campo, os pesquisadores avaliaram, de forma geral, que essa atividade teve repercussões bastante positivas entre as idosas e que a metodologia de trabalho havia tido êxito.

Os pesquisadores observaram que, para algumas residentes, a atividade teve um efeito de motivação bem maior do que se esperava. O maior exemplo disso, foi a observação de uma senhora que, após ter participado da excursão pelo pátio, foi para o seu quarto a fim de se arrumar para “sair para a rua”, conforme expressão usada por ela naquela oportunidade. Quando estava saindo, essa senhora procurou os pesquisadores para agradecer a atividade da qual tinha participado, dizendo que vinha se sentindo deprimida há dias, e que aquela experiência a tinha trazido ânimo novamente. Essa senhora, de fato, veio a se tornar uma das principais colaboradoras da pesquisa ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Outros efeitos observados foram a evocação de memórias e a integração entre as residentes, a partir das conversações estimuladas pelas imagens. O estímulo à recuperação de lembranças foi considerado interessante pelos pesquisadores para os objetivos da pesquisa, já que poderia auxiliar na definição das soluções de projeto para as áreas externas, em atividades mais objetivas durante uma fase mais avançada dos trabalhos. Estimuladas pelas imagens, os pesquisadores observaram muitas conversações entre as idosas, levando algumas participantes a se identificarem com as outras em função dessas recordações. Um fato interessante observado foi a conversação entre duas senhoras que, ao recordarem dos lugares onde haviam morado, descobriram que se conheciam de vista, pois haviam participado de um mesmo grupo de atividades para a terceira idade.

Quanto à metodologia utilizada, os pesquisadores observaram algumas dificuldades que os levaram a refletir sobre a necessidade de mudanças na maneira de conduzir as ações seguintes da pesquisa.

Em primeiro lugar, a tentativa de organizar os grupos de trabalho a partir das residentes que dividiam quarto não teve êxito, apesar do auxílio da direção da instituição nesse sentido. Em conversa posterior com a diretora da instituição, discutiu-se que seria muito difícil estabelecer critérios para a formação dos grupos, já que a participação das idosas dependia de muitos outros fatores. Como exemplo, a diretora mencionou que algumas residentes podem se sentirem dispostas física ou emocionalmente em alguns dias e em outros não. Então, concluiu-se que as atividades deveriam deixar sempre em aberto a possibilidade de participação para todas as residentes, sem que houvesse uma pré-definição de grupos de trabalho. A divisão em grupos deveria se dar naturalmente, de acordo com o interesse das idosas no dia em que a atividade seria proposta.

Em segundo lugar, observou-se que, mesmo trabalhando com grupos menores, o registro das atividades através de gravação foi ineficiente, ficando muito difícil compreender o conteúdo desses registros em consultas posteriores, pelos mesmos motivos identificados durante a primeira reunião geral com as idosas. Observou-se que a dinâmica das atividades incluía uma grande quantidade de eventos simultâneos e ricos em informações para a pesquisa, os quais seriam muito

difíceis de registrar por meio de gravação, filmagem ou mesmo de um observador que procurasse ficar tomando nota dos mesmos. Por outro lado, os pesquisadores notaram que, após o término das atividades, cada um deles tinha uma história diferente para contar. Observaram que, além de terem percebido de forma diferente os mesmos fatos, tinham também presenciado fatos diferentes que os demais componentes da equipe, como uma conversa entre duas idosas situadas próximas a ele ou um comentário de alguma participante feito diretamente a ele. A partir dessas observações, os pesquisadores decidiram propor um método de registro baseado na soma de suas próprias percepções sobre o andamento das atividades. Ou seja, logo após o término da atividade, cada componente da equipe de campo relataria aos demais as suas experiências durante a mesma, ficando o pesquisador autor desta tese encarregado de registrar as mesmas por meio de anotações escritas.

Por fim, embora o uso de fotografias tenha sido considerado eficiente pelos pesquisadores, tendo em vista os motivos anteriormente mencionados, a participante da equipe de campo com formação em pedagogia sugeriu que o método poderia ser melhorado se fossem acrescentadas bordas às imagens. Essa medida teria a função de facilitar a visualização da foto em seu conjunto, evitando a sua obstrução parcial, já que seria segurada pela borda quando consultada, além de proporcionar um espaço para que as idosas pudessem imaginar a seqüência daquela imagem.

#### **4.2.4.5 Segundo seminário interdisciplinar**

Como já foi mencionado, o segundo seminário interdisciplinar foi realizado após a equipe de campo ter desenvolvido as primeiras ações na instituição envolvendo diretamente as idosas. O objetivo de realizar o seminário nesse momento era discutir com os demais pesquisadores que apoiaram a pesquisa as primeiras impressões da equipe de campo e as dificuldades observadas nessas experiências, provocando, assim, reflexões que pudessem auxiliar no desenvolvimento das ações seguintes.

Na tabela 8, podem ser observados os temas e uma síntese das principais discussões desenvolvidas pelos participantes do segundo seminário interdisciplinar.

**Tabela 8:** Temas e principais discussões do segundo seminário interdisciplinar

Temas	Principais discussões
Processo de aproximação da equipe de campo em relação às idosas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Noções prévias dos pesquisadores sobre a velhice e o ambiente institucional podem levar a desilusões iniciais quanto ao comportamento das idosas em relação às atividades propostas.</li> <li>• O convívio permitirá a criação de quadros compartilhados de experiências e o cruzamento das histórias de vida dos pesquisadores e das idosas, auxiliando no desenvolvimento das atividades.</li> <li>• A pesquisa-ação é uma pesquisa de transformação, então à medida que o pesquisador se aproxima das pessoas ele modifica o olhar delas, mas também modifica o seu.</li> </ul>
Metodologia das atividades	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividades em lugares fechados exigem maior abstração das idosas, então atividades <i>in loco</i> poderiam ser mais eficientes, além de permitirem a espacialização das memórias.</li> <li>• O registro fotográfico das atividades e a criação de laços afetivos entre os participantes podem auxiliar na evocação de memórias tanto das idosas quanto dos pesquisadores. “O projeto depende de lembranças”.</li> </ul>
Resultados das atividades	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Mesmo espaços não utilizados são habitados pela imaginação das pessoas”, então trabalhar com esses espaços implica em transformar seus significados para as idosas.</li> <li>• Atividades quebram a monotonia das instituições, estimulando mudanças e provocando lembranças. Os contatos sociais e os laços afetivos criados em função das atividades podem ter um valor maior para as idosas do que a idéia de melhorar as áreas externas da instituição.</li> </ul>

Observa-se na tabela que as discussões levantadas no segundo seminário estiveram centradas em três temas gerais: (a) o processo de aproximação da equipe de campo em relação às idosas; (b) a metodologia das atividades; e (c) os resultados das atividades.

O primeiro conjunto de discussões foi desenvolvido pelos participantes do seminário, a partir dos relatos da equipe de campo sobre suas dificuldades iniciais em conseguir a atenção das idosas em relação ao desenvolvimento da pesquisa na instituição, bem como em despertar o interesse das mesmas em participar das atividades propostas. Discutiu-se que as dificuldades iniciais observadas no processo de entrada em uma instituição poderiam estar relacionadas a imagens estereotipadas sobre a velhice e o ambiente institucional. Mesmo possuindo uma formação



gerontológica apropriada, todo pesquisador traz consigo para o campo uma série de representações ou noções prévias sobre o que é ser velho e o que é uma instituição, baseadas tanto no conhecimento acadêmico adquirido como nas suas próprias experiências de vida. Assim, as primeiras ações desenvolvidas na instituição podem causar decepções nos pesquisadores, pois aquilo que experenciam a campo muitas vezes não confere com essas noções, incluindo o comportamento esperado das idosas em relação às atividades propostas.

Foi discutido, entre os participantes do seminário, que no tipo de pesquisa que estava sendo proposto, e especialmente nessa fase inicial de envolvimento das idosas, a adoção de uma postura semelhante à do antropólogo que trabalha com o método etnográfico<sup>8</sup> poderia ser útil. Assim, uma maior aproximação dos pesquisadores em relação ao universo das idosas permitiria perceber coisas que não seriam percebidas por um “olhar estrangeiro” e que seriam importantes para a pesquisa que estava sendo proposta. Essa aproximação se daria pelo próprio convívio construído ao longo das ações desenvolvidas na instituição, através da formação de quadros compartilhados de experiências vividas (nesse caso, as atividades) e do cruzamento das histórias de vida dos pesquisadores e das residentes. Também foi discutido, durante o seminário, que a pesquisa-ação é uma estratégia de pesquisa essencialmente fundamentada sobre a proposta de transformação da realidade observada, mas que não se pode esquecer que ela também implica na mudança do olhar sobre essa realidade, tanto dos participantes como dos pesquisadores envolvidos no processo.

O outro conjunto de discussões desenvolvidas no seminário foi em torno dos métodos utilizados pela equipe de campo na condução das atividades com as idosas. Com base nos relatos dos pesquisadores, sobre a maior motivação das idosas observada na participação em atividades nos ambientes externos, foi discutido que atividades realizadas diretamente nesses locais poderiam ser mais adequadas aos objetivos da pesquisa, tendo-se em vista a idade bastante avançada das participantes. Em primeiro lugar, atividades ao ar livre exigiriam menos esforço de abstração por parte das idosas em relação aos temas que seriam abordados nessas atividades, ao contrário de

---

<sup>8</sup> “O método etnográfico de pesquisa é um conjunto de concepções e procedimentos utilizados tradicionalmente pela Antropologia para fins de conhecimento científico da realidade social. Para tanto, torna-se fundamental se entender o *ponto de vista do nativo*, procurando o significado das práticas pesquisadas para os participantes. A abordagem etnográfica toma como base a idéia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados tomando-se como referência o contexto social onde eles atuam. Partindo do princípio de que as regras do comportamento humano não estão explícitas, o trabalho do pesquisador deve ser o de examinar minuciosamente os diversos aspectos da vida dos diferentes grupos sociais” (VÍCTORA et al, 2000).

uma atividade em local fechado, onde seria necessário solicitar que elas imaginassem um lugar estando em outro. Atividades nas áreas externas também poderiam facilitar as lembranças das idosas sobre os acontecimentos ou temas tratados nas atividades anteriores. Para pessoas idosas, a evocação de memórias sobre acontecimentos ou informações recentes normalmente é mais difícil, então a presença no local onde essas informações foram tratadas poderia auxiliar o processo de recuperação dessas lembranças (especialização das lembranças).

A discussão seguinte sobre os métodos utilizados nas atividades diz respeito às formas de registro das mesmas para a análise posterior pelos pesquisadores. Os componentes da equipe de campo colocaram suas dificuldades na utilização de gravador nas atividades já realizadas e que essa dificuldade aumentaria em atividades nas áreas externas. Alguns participantes dos seminários sugeriram a utilização de filmagens ou a atuação de um dos componentes da equipe de campo como observador, o qual deveria ficar responsável apenas em registrar as atividades, sem se envolver na sua condução. Porém, os componentes da equipe de campo argumentaram terem observado, durante as ações que já tinham sido realizadas nas áreas externas, que dificilmente uma pessoa poderia estar presente em uma atividade com as idosas sem estar bastante envolvida com elas. As participantes tinham demonstrado, nessas oportunidades anteriores, uma alta demanda de atenção de todos os pesquisadores, muitas vezes, relacionada à solicitação de auxílio físico (como, por exemplo, para caminhar até um determinado lugar), mas, principalmente, a demonstrações de afeto (como pegar na mão, ou dirigir-se aos pesquisadores, durante a atividade, para falar de familiares ou outros assuntos particulares). Os componentes da equipe de campo então colocaram a sua proposta de trabalhar a partir do registro dos relatos de suas próprias percepções sobre o que tinham observado durante as atividades (ver item 4.2.4.4). Os participantes do seminário sugeriram que essa metodologia poderia ser complementada pelo registro fotográfico das atividades, uma vez que o mesmo serviria de apoio à evocação de memórias da equipe de campo a respeito dos eventos ocorridos nessas oportunidades. Esse tipo de registro ainda poderia apoiar a condução das atividades seguintes, já que as fotos também poderiam auxiliar as idosas a lembrarem dos eventos anteriores. Nesse ponto das discussões sobre os métodos utilizados nas atividades, os participantes do seminário retomaram a discussão sobre a necessidade de aproximação entre a equipe de campo e as residentes, argumentando que, à medida que as relações entre ambos se aprofundassem, a capacidade de evocar memórias

também se ampliaria. Discutiu-se que, para o tipo de pesquisa que estava sendo proposto, o trabalho a partir da evocação de memórias, tanto das idosas quanto dos pesquisadores seria de grande relevância, pois como argumentou um dos participantes do seminário “o processo de elaboração de um projeto depende de lembranças”.

Finalmente, as discussões relacionadas ao último tema foram desenvolvidas com base nos resultados, tanto referentes às atividades como às entrevistas e observações anteriormente conduzidas, apresentados no seminário. A primeira discussão relacionada a esse tema dizia respeito ao fato observado de que alguns locais das áreas externas da instituição são pouco utilizados pelas idosas, mas estão bastantes presentes nas suas falas ou memórias associadas a essas áreas. Essa discussão se centrou no exemplo da freqüente relação apresentada pelas idosas entre o pouco uso da área dos fundos da instituição, próxima ao arroio, e a presença de “perigos” naquele local, como o risco de uma queda ou a possibilidade de encontro com um lagarto. Assim, foi discutido que os pesquisadores deveriam, antes de propor intervenções sobre essas áreas, procurar compreender os seus significados para as idosas, pois, utilizando as palavras de um dos componentes do seminário, “mesmo os espaços que não são habitados pelas pessoas podem ser habitados pelo imaginário dessas pessoas”. Esses significados, por outro lado, poderiam ser modificados à medida que alterações nos espaços fossem sugeridas ou que se propusesse uma maior ocupação dos mesmos pelas idosas.

A discussão seguinte partiu dos relatos da equipe de campo a cerca dos efeitos observados sobre a motivação, a evocação de memórias e a integração das idosas durante a sua participação nas atividades propostas, especialmente naquela na qual foi proposto o jogo com as fotografias da instituição (item 4.2.4.4). Se por um lado a equipe de campo observou efeitos positivos das atividades sobre as idosas, por outro observou que a possibilidade de participar de uma atividade, independentemente do tema, parecia ser mais atraente para elas do que a possibilidade de melhorar as áreas externas da instituição. A partir do relato dessa observação, foi discutido pelos participantes do seminário que esse interesse poderia estar relacionado ao fato de que as ILPIs, em geral, são muito carentes de atividades, constituindo ambientes muito monótonos para seus residentes. Por outro lado, discutiu-se que poderia também existir uma influência de gênero sobre esse comportamento, uma vez que mulheres tendem a valorizar mais as relações e os

contatos sociais, enquanto homens são mais motivados pela possibilidade de chegar a um produto final como resultado de suas ações. De qualquer forma, observou-se também que esse fato convergia com a percepção dos componentes do conselho diretor que administra a casa, o qual, por ocasião da aprovação da pesquisa, julgou que o envolvimento em atividades seria o maior benefício desse trabalho para a instituição (ver item 4.2.1).

Em suma, as discussões levantadas durante o segundo seminário e as reflexões geradas a partir das mesmas tiveram uma série de conseqüências para a pesquisa, tanto para a condução das ações seguintes como para o refinamento do problema de pesquisa. Em primeiro lugar, as discussões em torno do processo de aproximação da equipe de campo em relação às idosas levaram os pesquisadores a preverem a realização de um maior número de atividades antes de proporem às idosas reflexões mais objetivas sobre as possibilidades de melhorias nas áreas externas da instituição. Essa decisão foi tomada com o objetivo de permitir um período maior de convívio com as idosas, fortalecendo os laços afetivos com as mesmas, criando referências compartilhadas capazes de facilitar lembranças e modificando noções estereotipadas dos pesquisadores, como havia sido discutido no seminário. Em segundo lugar, as discussões incorreram em reflexões que permitiram o aperfeiçoamento dos métodos utilizados na condução das atividades, levando os pesquisadores a priorizarem a realização das mesmas nas áreas externas e a utilizarem o registro fotográfico em apoio à evocação de lembranças dos eventos ocorridos nessas ações. Por fim, as discussões sobre a maior valorização, por parte das idosas, da possibilidade de participar de atividades do que produzir modificações nas áreas externas, associada aos efeitos das atividades sobre a sua motivação, a evocação de lembranças e a integração das idosas, permitiram o refinamento do problema de pesquisa. Como será detalhado na apresentação dos resultados do terceiro ciclo da pesquisa, essas discussões levaram a reflexões sobre as relações entre o conceito do *design* social e o referencial teórico da gerontologia ambiental através de sua articulação com o modelo da pressão-competência proposto por Lawton e Nahemow (1973) (ver item 2.1.1.1).

#### **4.2.4.6 Atividade com livros e revistas de paisagismo**

Após o segundo seminário interdisciplinar, a equipe de campo se reuniu para planejar a próxima atividade que seria realizada na instituição. Nessa reunião, a equipe discutiu que, após o trabalho

de sensibilização desenvolvido na atividade anterior, a próxima ação deveria apresentar às idosas algumas informações relacionadas ao planejamento de jardins, que pudessem servir de subsídio para ações futuras mais dirigidas às reflexões sobre possíveis alterações nas áreas externas da instituição. Com isso, pretendia-se dar continuidade aos esforços de adaptação do *design* social ao contexto da pesquisa, já que esse conceito prevê que o envolvimento dos usuários inclui trabalhos de educação com essas pessoas a fim de prepará-las ou instrumentalizá-las para participarem do processo de planejamento. Pretendia-se também colocar em prática alguns aprendizados construídos em consequência do segundo seminário interdisciplinar, prolongando o período de convívio com as idosas antes de abordar questões específicas sobre as áreas externas da instituição.

Dessa forma, os pesquisadores planejaram uma atividade envolvendo o uso de livros e revistas relacionados ao paisagismo e à jardinagem. A proposta consistia em espalhar sobre uma mesa, diferentes materiais relacionados a esses temas e solicitar que as idosas manuseassem os mesmos à vontade, separando, caso julgassem conveniente, aquilo que lhes havia chamado mais atenção ou que gostariam de comentar com o grupo. Teve-se o cuidado de selecionar para essa atividade materiais diferentes quanto à forma e quanto ao conteúdo, embora sempre associados aos temas supra citados. Os materiais selecionados pelos pesquisadores foram: a) um livro constituído basicamente por imagens de grande formato (página inteira), onde podiam ser visualizados jardins em diferentes estilos; b) dois manuais de paisagismo, que também traziam imagens grandes e coloridas de jardins, porém com ênfase sobre possibilidades de projetos; c) um livro sobre plantas de interior e arranjos florais; d) um guia ilustrado de plantas ornamentais, com imagens e informações de cultivo de um grande número de espécies; e) um livro sobre jardins adaptados para idosos, ilustrado com fotos coloridas, porém em inglês; f) uma série de exemplares de revistas de paisagismo e jardinagem (Natureza, Paisagismo e Casa Cláudia Jardim).

Também essa atividade foi organizada em duas sessões, devido ao grande número de residentes interessadas em participar. A intenção inicial dos pesquisadores era desenvolver essa atividade na mesma sala de reuniões onde havia ocorrido parte da atividade anterior envolvendo o uso de fotografias. Além da presença de uma mesa grande naquele local, por ser mais afastado dos

locais de maior circulação da casa, o mesmo oferecia um ambiente mais tranquilo e silencioso para o desenvolvimento da atividade. Porém, no dia em que foi programada a ação, houve uma reunião do conselho diretor da instituição naquela sala, levando a equipe de campo a transferir a atividade para o único local que também dispunha de mesas grandes para espalhar os materiais com os quais se pretendia trabalhar: - o refeitório.

Os pesquisadores observaram que essa mudança inesperada de local dificultou os trabalhos no sentido de que ali ocorriam muitas interferências que, frequentemente, desviavam a atenção das participantes. Porém observaram também que, ao ocorrer mais próxima aos ambientes de uso comum, essa atividade teve uma repercussão maior na rotina da casa do que a atividade anterior. Esse fato inesperado foi posteriormente julgado positivo pela equipe de campo, pois se notou que, a partir desse momento, residentes, funcionários e mesmo alguns membros do conselho diretor, que vieram observar a atividade após sua reunião, passaram a associar mais claramente a presença dos pesquisadores às áreas externas da instituição. Com essa atividade, observou-se que começava a ser criado um vínculo mais forte entre as residentes, de forma geral, e a equipe de campo. Os pesquisadores já passaram a ser identificados e anunciados nas visitas seguintes através de expressões como “o pessoal que vem falar do jardim” ou mesmo a serem tratados pelos nomes por algumas idosas que vinham repetindo seu interesse em participar das atividades.

De maneira geral, as idosas mostraram bastante interesse nessa atividade. Como já foi mencionado, foi necessária a realização de duas sessões devido ao número de idosas interessadas. Assim mesmo, foi difícil controlar o número de participantes em cada sessão, visto que, provavelmente, devido ao local onde a atividade foi realizada, muitas idosas que, à princípio, não quiseram participar, entravam, sentavam-se à mesa, folhavam alguns materiais, conversavam e saíam. Em média, oito residentes participaram de cada sessão desde seu início até o fim. Também foi muito difícil controlar o tempo de realização da atividade, pois, mesmo após a conclusão da tarefa proposta, as residentes permaneciam na mesa folhando os materiais e fazendo comentários entre si ou dirigidos aos pesquisadores. Por esse motivo, as sessões tiveram que ser realizadas em dias diferentes, sendo que algumas residentes que já haviam participado da primeira sessão, pediram aos pesquisadores para participarem novamente da sessão seguinte.



**Figura 29:** Residentes em atividade com livros e revistas.

Em relação aos resultados das atividades, os pesquisadores observaram novamente efeitos sobre a motivação das idosas, a evocação de memórias através das imagens dos livros e revistas e a integração entre as residentes, devido a muitas conversações estabelecidas entre elas e estimuladas por essas imagens. Um fato particularmente interessante observado foi a presença de algumas residentes novas nessa atividade, as quais haviam entrado na instituição há poucos dias e que ainda estavam pouco à vontade entre as demais moradoras. Ao final da atividade, essas residentes já pareciam bastante entrosadas com o grupo, sendo que duas dentre elas vieram a participar de todas as ações seguintes propostas pelos pesquisadores, passando a figurar entre as principais colaboradoras da pesquisa.

Observou-se que as imagens selecionadas predominantemente pelas participantes foram cenas de jardins floridos ou detalhes de plantas em floração. No momento em que apresentavam essas imagens e os motivos pelos quais haviam as selecionado para o grupo, quase sempre se referiam à beleza e à exuberância das flores. Em discussão posterior, os pesquisadores observaram que esse fato vinha ao encontro dos resultados das entrevistas, onde as idosas entrevistadas quase sempre associavam a imagem do “pátio ideal” à presença de flores.

Quanto ao tipo de material selecionado pelas participantes dentre aqueles espalhados sobre a mesa, foi interessante observar que o livro mais solicitado, nas duas sessões, foi o guia de plantas ornamentais. Esse fato surpreendeu os pesquisadores, pois, por ocasião da seleção dos materiais para essa atividade, pressupunha-se que esse material não despertaria muito o interesse das idosas

por apresentar imagens pequenas e por se tratar de uma publicação de caráter mais técnico. Observou-se que o principal interesse das idosas nesse material estava na possibilidade de identificarem as imagens de plantas que já conheciam, mas cujos nomes não sabiam. Muitas também pareciam curiosas e surpresas em constatar o grande número de plantas ali apresentadas que nunca haviam visto. A observação desse fato foi decisiva para o planejamento da proposta da atividade seguinte pelos pesquisadores: - a visita a uma floricultura da cidade.

Outro fato interessante de ser mencionado é que, apesar de os pesquisadores terem feito uma breve apresentação dos materiais que estavam dispostos sobre a mesa no início da atividade, nenhuma participante manifestou interesse na publicação que apresentava soluções de projeto adaptadas para idosos. Esse comportamento pode estar relacionado com o fato de que o livro apresentava imagens pequenas e estava escrito em inglês, embora poucas idosas tenham se dedicado a ler os outros materiais, sendo que algumas, inclusive, já haviam alertado os pesquisadores que só iriam “olhar” as imagens porque não sabiam ler. Por outro lado, esse comportamento também pode estar relacionado ao fenômeno da “ego-defensibilidade”, abordado anteriormente na análise dos resultados das entrevistas (item 4.2.3.3).

Ainda sobre o material utilizado, os pesquisadores observaram que a diversidade e a quantidade de livros e revistas disponibilizados confundiram as participantes quanto aos objetivos da atividade ao invés de auxiliá-las. Algumas participantes relataram ficarem cansadas durante a atividade, porque havia “muita coisa para olhar”. Embora se tenha avaliado, de maneira geral, que a atividade teve resultados positivos, essa observação levou a decisão de restringir o uso desses materiais, em atividades mais objetivas sobre o planejamento das áreas externas, a um menor número de publicações, priorizando-se aquelas que haviam despertado o maior interesse das idosas.



#### **4.2.4.7 Visita à Floricultura**

A visita à floricultura foi a única atividade realizada fora da instituição durante o desenvolvimento da pesquisa. A realização de uma atividade dessa natureza já vinha sendo cogitada pelos pesquisadores desde as primeiras ações na instituição, pois, frequentemente, as residentes relatavam um passeio organizado no passado por alunos do IPA, do qual muitas haviam participado e ainda tinham lembranças muito vivas. Algumas residentes, inclusive, já haviam questionado os pesquisadores se estava previsto algum passeio como parte das atividades. Com a observação do interesse das idosas pela identificação e pela descoberta de novas plantas durante a atividade envolvendo os livros e revistas, os pesquisadores discutiram que um passeio até uma das grandes floriculturas da cidade poderia ser uma atividade prazerosa e ao mesmo tempo didática para as residentes. A sugestão do passeio foi então submetida à análise do conselho diretor da instituição, através de solicitação por escrito (ver a solicitação junto ao apêndice 6), conforme orientação da direção da casa, a qual recebeu posteriormente parecer positivo.

Por se tratar de uma atividade externa com pessoas em idade bastante avançada, a mesma exigiu alguns cuidados no seu planejamento. Previamente à realização da mesma, os pesquisadores estiveram na floricultura que se dispôs a receber a visita para definir com seus proprietários e funcionários alguns detalhes importantes. Assim, foi definido um roteiro mais adequado para a atividade tendo em vista os possíveis interesses das idosas (principalmente, as espécies com floração ornamental) e cuidados com a acessibilidade. Os funcionários da floricultura se dispuseram ainda a providenciar a colocação de cadeiras próximas a esses roteiros para as residentes que cansassem de ficar em pé e a fornecer água mineral para as participantes. Outro cuidado tomado foi em relação ao transporte utilizado no passeio. Assim, o microônibus utilizado pertencia a uma empresa com experiência no trabalho com idosos, seguindo-se a indicação de uma das componentes da equipe de campo que já conhecia os serviços da mesma.

Doze idosas solicitaram que seus nomes fossem colocados na lista de interessados na atividade, porém, somente cinco dentre elas decidiram participar no dia do passeio. Outras três senhoras que não haviam manifestado interesse originalmente pediram para integrar o grupo nesse dia programado, totalizando, portanto, oito participantes. Além de dois pesquisadores da equipe de

campo, o funcionário responsável pela manutenção das áreas externas também acompanhou o grupo por solicitação da direção da casa.

Durante a atividade, as participantes foram conduzidas por um funcionário da floricultura, o qual havia ficado encarregado de receber o grupo, através de estufas e casas de vegetação onde eram mantidas as principais plantas de interior e flores ornamentais comercializadas por aquele estabelecimento. As participantes, de modo geral, mostraram grande interesse em conhecer plantas novas para elas. O principal interesse manifestado por elas, contudo, foi pelas flores de ciclo anual, sendo que algumas haviam levado dinheiro para comprarem mudas de amor-perfeito, a fim de plantá-las em um vaso localizado na frente da instituição. Algumas idosas percorreram apenas uma parte do roteiro previsto e, logo após, sentaram-se nas cadeiras preparadas para elas. Por outro lado, duas participantes quiseram percorrer toda a área da floricultura, mesmo aquelas mais distantes do percurso previsto.



**Figura 30:** Participantes do passeio junto a bandejas de mudas de flores.

Devido a aparente satisfação das participantes com essa atividade, a mesma se consolidou como um episódio marcante na relação dos pesquisadores com as residentes, sendo lembrada nas conversações entre ambos até o final da pesquisa. A atividade também teve uma repercussão muito positiva entre a administração da instituição, o que foi considerado um importante resultado pela equipe de campo.

#### 4.2.5 Diretrizes de projeto

A última etapa da fase de programação do *design* social corresponde ao estabelecimento de diretrizes de projeto. Essa etapa, na verdade, sobrepõe-se às etapas anteriores (estudo de necessidades e envolvimento dos usuários), consistindo na tarefa de traduzir os resultados das mesmas em um documento escrito, na forma de uma lista de objetivos, requisitos, ou critérios que deverão ser contemplados no projeto. A elaboração desses requisitos, no entanto, resulta da negociação entre as diversas partes envolvidas no processo (usuários, gerentes, contratantes, financiadores, etc.) e da necessidade de ajustar o projeto a uma série de fatores limitantes, tais como prazos e recursos financeiros disponíveis (SOMMER, 1983; GIFFORD, 1997).

No caso da presente pesquisa, com base nos resultados do estudo de necessidades e nos aprendizados construídos até então por meio das atividades com as idosas, os pesquisadores já julgavam dispor de informações suficientes para definir uma lista de requisitos para um projeto voltado à qualificação das áreas externas da instituição. Porém, a definição desses requisitos exigia que, anteriormente, os pesquisadores se dedicassem a encontrar uma resposta para uma importante questão que se apresentava naquele momento: como propor um projeto adaptado às dificuldades de recursos financeiros da instituição e em cujo processo de elaboração as idosas pudessem ser diretamente envolvidas? Cabe lembrar que uma das preocupações iniciais da pesquisa-ação proposta era apresentar, ao seu término, um projeto que fosse o mais viável possível de ser executado, mesmo que os objetivos da pesquisa não estivessem necessariamente vinculados a essa execução. Tendo em vista as grandes dimensões das áreas externas disponíveis na instituição, obviamente, um projeto envolvendo todos esses espaços seria impossível de ser executado. Por outro lado, a elaboração de um projeto para todas essas áreas, que pudesse ser executado em partes, entraria em conflito com os objetivos e a metodologia proposta pela pesquisa. Ou seja, a complexidade envolvida na elaboração de um projeto como esse, além de necessitar de um tempo incompatível com as possibilidades dos pesquisadores, poderia dispersar demais o foco das atividades com as idosas, prejudicando o seu envolvimento no processo de planejamento.

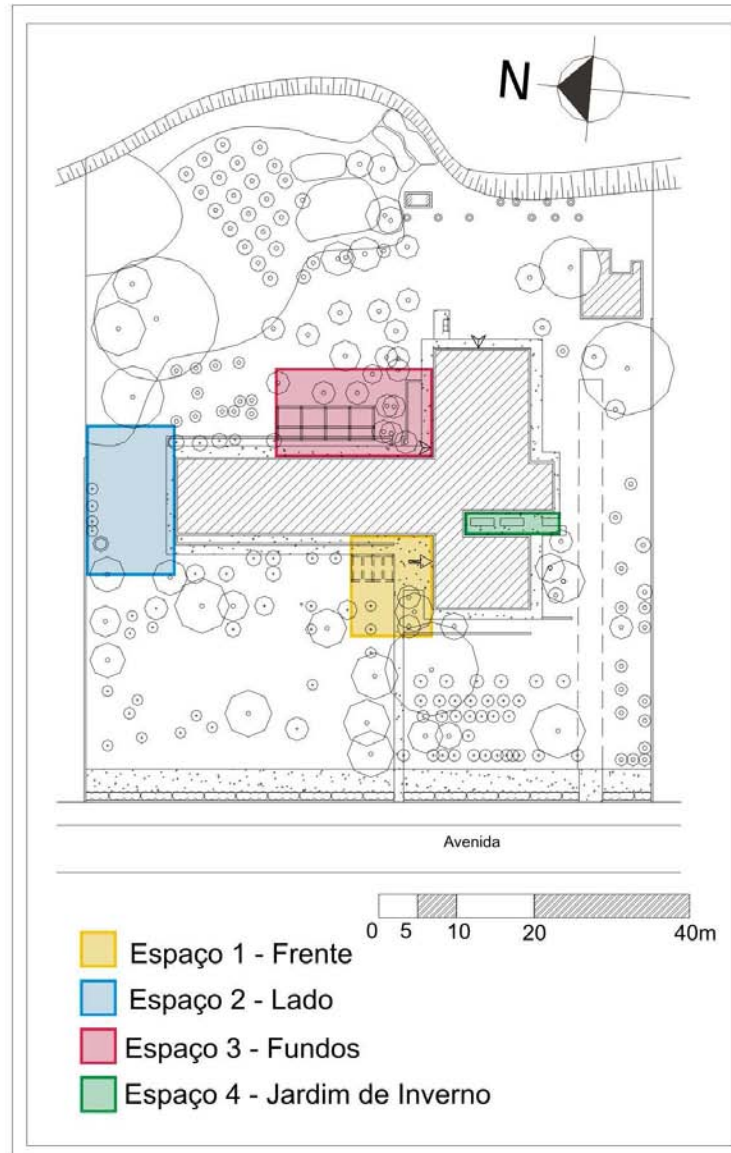
A solução para essa questão começou a ser construída em consequência de uma ação promovida pelo conselho diretor da instituição com o objetivo de executar algumas obras para a recuperação da fachada externa da edificação principal. Os resultados dessa obra motivaram a presidente desse conselho a procurar os pesquisadores para discutir a possibilidade de uma pequena intervenção nas áreas externas, embora ainda salientasse a pouca disponibilidade de recursos da instituição. Aproveitando essa oportunidade, os pesquisadores marcaram uma reunião com a presidente para apresentar os resultados obtidos pela pesquisa até o momento, a fim de que os mesmos pudessem servir de subsídios para orientar uma possível intervenção nesse sentido.

Nessa reunião, discutiu-se que, os resultados obtidos pela pesquisa até aquele momento já constituíam um esboço inicial de uma lista de requisitos que deveriam ser cumpridos pelas áreas externas das instituições. Essa lista de requisitos se concentrava, basicamente, sobre a necessidade de: a) observar elementos e significados do jardim e da vegetação em geral associados a lembranças das idosas (como, por exemplo, a idéia do jardim produtivo); b) atender as características associadas ao uso das externas pelas idosas, ou seja, acessibilidade e segurança, conforto, presença de elementos de interesses (plantas, animais e pessoas), infra-estrutura para o desenvolvimento de atividades e a possibilidade de encontrar locais de privacidade; c) priorizar o atendimento de necessidades e desejos expressos pelas idosas, tal qual a presença de flores e os cuidados com a manutenção (limpeza e organização); d) em acordo com o requisito anterior, prever elementos e espécies com exigências de conservação compatíveis com os recursos da casa, de maneira que as tarefas nesse sentido não dependessem necessariamente das idosas, evitando-se, assim, a associação do jardim com a idéia de “compromisso”; e) prever soluções de baixo custo, na medida do possível, utilizando a mão-de-obra e os materiais disponíveis na instituição.

Restava, portanto, definir ou delimitar uma área que apresentasse um potencial compatível com a maior parte possível desses requisitos. Discutiu-se, assim, que a escolha dessa área deveria ser definida, em primeiro lugar, em função das condições de acessibilidade e segurança disponíveis. Assim, essa área deveria estar o mais próximo possível dos acessos à edificação e, preferencialmente, ter a possibilidade de chegar até a mesma através de caminhos pavimentados, sem desníveis. Com base nesse critério, a presidente do conselho diretor sugeriu uma pequena área localizada entre a ala do refeitório/sala-de-estar e a ala do escritório/sala de reuniões, onde

poderia ser construído, conforme suas palavras um “jardim de inverno”. Os pesquisadores consideraram que esse local poderia ser uma alternativa interessante, capaz de estimular a apropriação de uma área atualmente não utilizada pelas idosas e de permitir o seu uso durante períodos mais frios do ano. Por outro lado, os pesquisadores argumentaram que essa área seria bastante limitada em termos de possibilidades de projeto, especialmente tendo em vista os requisitos anteriormente mencionados, devido à restrição do espaço físico e a pouca insolação daquele local. Assim os pesquisadores identificaram outros três locais que atendiam aos requisitos de acessibilidade e segurança estabelecidos como prioridade. O primeiro seria a própria área pavimentada junto à entrada principal da edificação, na frente do terreno, a qual foi observada como um dos locais mais utilizados pelas idosas. O segundo, seria o entorno da área pavimentada junto ao acesso dos fundos voltado para o local onde as idosas estendem a roupas para secar, também bastante utilizado pelas residentes. Por fim, os pesquisadores identificaram uma outra área, localizada à esquerda da edificação, a qual poderia ser acessada diretamente a partir da ala dos dormitórios das residentes. Embora os pesquisadores não tivessem observado as idosas utilizando aquela área, eles consideraram que a mesma apresentava um potencial interessante devido ao espaço físico ali disponível e às suas condições de insolação e acessibilidade, caso a porta que dava acesso à mesma fosse aberta, já que tinha sido observado que a mesma permanecia sempre trancada.

Com base nessa discussão, decidiu-se que, uma vez que se propunha, através da pesquisa, envolver as idosas em todo o processo de planejamento das áreas externas, elas também deveriam participar da definição do local para onde os trabalhos seriam direcionados a partir daquele momento. As quatro áreas que haviam sido identificadas pela presidente do conselho diretor e pelos pesquisadores (figura 31), contudo, poderiam ser apresentadas para as idosas como um ponto de partida para essa escolha.



**Figura 31:** Áreas identificadas como opções para serem trabalhadas com as idosas.

Partindo dessas decisões tomadas junto à presidente do conselho diretor, os pesquisadores planejaram um novo conjunto de atividades, no qual as idosas deveriam ser estimuladas a refletirem sobre os potenciais de cada uma das áreas sugeridas e a partir daí, decidirem qual dentre delas deveria ser contemplada pelo projeto. Na tabela 9, pode-se observar a descrição dessas atividades e seus principais objetivos. Na seqüência, apresenta-se o relato de cada uma dessas atividades, bem como as reflexões geradas a partir das mesmas.

**Tabela 9:** Ações relacionadas à adaptação da etapa de estabelecimento de diretrizes de projeto

<b>Ações</b>	<b>Descrição</b>	<b>Objetivos</b>
Reunião	Apresentação da maquete da instituição e imagens sobre possibilidades de projeto.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar as quatro áreas identificadas como opções a serem trabalhadas.</li> <li>• Estimular a reflexão e o aprendizado do grupo sobre possibilidades de projeto para as áreas externas.</li> <li>• Testar o uso da maquete como apoio às atividades.</li> </ul>
Atividade	Excursão de reconhecimento dos locais das áreas externas da instituição próximos aos acessos da edificação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular as participantes a observarem as características de cada uma das quatro áreas sugeridas e a refletirem sobre os potenciais das mesmas.</li> </ul>
Atividade	Eleição de uma das quatro áreas sugeridas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escolher uma área para trabalhar no ciclo seguinte da pesquisa.</li> <li>• Motivar as idosas a participarem das atividades seguintes.</li> </ul>

#### 4.2.5.1 Apresentação da maquete da instituição e imagens sobre possibilidades de projeto.

Essa atividade se tratou de uma reunião organizada com objetivo principal de comunicar às idosas que as atividades, a partir daquele momento, seriam focadas em um local específico das áreas externas e apresentar as quatro sugestões anteriormente mencionadas. A presidente do conselho diretor da instituição também participou dessa reunião, a fim de manifestar para as residentes o interesse da direção da casa em auxiliar no desenvolvimento dos trabalhos.

A preparação dessa reunião envolveu a confecção de uma maquete pelos pesquisadores a fim de apoiar o trabalho de apresentação das áreas sugeridas. Para facilitar a visualização dessas áreas, cada uma foi identificada na maquete por uma etiqueta com um nome e uma cor (figura 31). Assim, as áreas sugeridas foram assim identificadas: - frente (amarelo), fundos (vermelho), jardim-de-inverno (verde), lado (azul). Essa maquete foi confeccionada na escala 1:100, sendo que, para facilitar a sua compreensão, foram acrescentadas, na mesma escala, figuras humanas

nas áreas correspondentes aos espaços sugeridos (figura 32). Para a reunião, também foram selecionadas imagens relacionadas às características das áreas externas associadas ao seu uso pelas idosas, conforme havia sido identificado nas entrevistas (ver apêndice 5). Essas imagens foram fixadas a folhas de papel sulfite branco tamanho A4, a fim de deixar uma borda livre, conforme havia sido sugerido por uma das componentes da equipe de campo em decorrência de observações realizadas por ela na primeira atividade envolvendo o uso de fotografias (ver item 4.2.4.4).



**Figura 32:** Maquete da instituição com figura humana na mesma escala em uma das áreas sugeridas (frente da casa).

A reunião foi realizada no refeitório da casa, e contou com a participação de onze residentes, além dos pesquisadores e da presidente do conselho diretor. No início do encontro, os pesquisadores retomaram com as residentes os objetivos da pesquisa e fizeram um breve relato das atividades desenvolvidas na casa até o momento. As idosas então foram convidadas a auxiliarem na decisão de qual o local das áreas externas da instituição deveria ser o foco dos trabalhos a partir daquele momento. Após, os pesquisadores mostraram na maquete cada uma das sugestões que haviam identificado, salientando que esses locais estavam sendo sugeridos em função de sua proximidade em relação aos acessos da casa e à facilidade de chegar até os mesmos a partir dos caminhos pavimentados já existentes. Os pesquisadores explicaram que as duas atividades seguintes àquela reunião seriam dedicadas a percorrer cada um daqueles lugares e a escolher com qual deles trabalhar, o que seria feito através de uma eleição. Feito isso os pesquisadores explicaram às idosas presentes que, para escolherem um local, elas deveriam desde



já refletir sobre o que elas gostariam de ter naquele local. Nesse momento da reunião, os pesquisadores apresentaram as fotos que haviam selecionado para aquele encontro, fazendo uma breve descrição do conteúdo das mesmas. Ao falar das fotos, os pesquisadores enfatizavam que aquelas imagens representavam elementos que eles haviam observado ter importância para as residentes através do convívio com elas desde o início da pesquisa. Antes de encerrar a reunião, os pesquisadores informaram às participantes que a maquete e as fotos ficariam sobre uma mesa na sala-de-estar até o dia da realização da atividade seguinte, para que, nesse intervalo de tempo, elas pudessem discutir com as outras residentes e refletirem sobre as imagens e sobre os lugares que estavam sendo sugeridos.

Em discussão posterior, os componentes da equipe de campo, avaliaram que a reunião teve um efeito visível na motivação das residentes, apesar de ter sido um encontro formal realizado no interior da edificação. Embora tivessem observado o interesse das idosas, em geral, pela maquete e pelas fotos, os pesquisadores atribuíram esse efeito principalmente à presença da presidente do conselho naquela reunião. Discutiu-se que a participação da presidente, provavelmente, havia influenciado positivamente a crença das idosas de que alguma intervenção nas áreas externas poderia de fato ocorrer.

#### **4.2.5.2 Reconhecimento dos locais sugeridos**

Na semana seguinte à reunião com as residentes e a presidente do conselho, os pesquisadores retornaram à instituição para realizarem a atividade de reconhecimento das áreas sugeridas, conforme havia sido combinado. A proposta da atividade consistiu em convidar as residentes a acompanharem os pesquisadores em um passeio pelas quatro áreas sugeridas na reunião anterior.

Em cada um dos locais, os pesquisadores dispuseram cadeiras em círculos, onde propunham que o grupo sentasse por alguns minutos a fim de observar o espaço e os elementos ali existentes, procurando imaginar o que seria possível de fazer para torná-los melhor. As fotografias que haviam sido discutidas na reunião anterior foram levadas com o grupo para auxiliar e inspirar as participantes durante a atividade. O roteiro do passeio começava pela área da frente da casa,

passando pelas áreas do lado e dos fundos e finalizando na área denominada de “jardim de inverno”. Seis idosas participaram da atividade.

Observou-se que as idosas participantes se encontravam bastante motivadas durante o desenvolvimento da atividade, mostrando empolgação em imaginar possibilidades para cada uma das áreas visitadas. Ao mesmo tempo, elas pareciam bastante conscientes dos limites dessas áreas. Como exemplo, pode-se citar uma senhora que, desde o início da atividade, manifestou que um dos seus maiores interesses era a construção de uma horta, mas que o local de sua preferência, a frente da instituição, não era adequado para a mesma. Para ela, além de não haver sol suficiente, “a frente da casa é o lugar do jardim” e não da horta. Os pesquisadores observaram que, em geral, no início da atividade, as idosas já tinham uma preferência pré-definida pela área da frente da casa, porém à medida que foram percorrendo as demais áreas, essa preferência foi se modificando e o grupo começou a manifestar diferentes pontos de vista. Cada vez que se mudava de uma área para outra, elas faziam diversas comparações, procurando balançar vantagens e desvantagens em optar por um ou outro local.

Um fato interessante observado foi que, ao visitarem a área localizada ao lado da ala dos dormitórios, as participantes imediatamente associaram uma antiga floreira presente naquele local com uma das imagens que havia sido apresentada pelos pesquisadores na reunião anterior. Essa imagem mostrava um grupo de senhoras cultivando um canteiro elevado e havia sido utilizada como exemplo para ilustrar uma solução capaz de permitir atividades de plantio por pessoas idosas. Nas figuras 33 e 34, pode-se observar, respectivamente, a imagem mostrada na reunião e a floreira de concreto existente na área visitada.



**Figura 33:** Imagem mostrada às idosas, ilustrando o uso de canteiros elevados.



**Figura 34:** Floreira de concreto identificada pelas idosas na área ao lado dos dormitórios.

Ao final da atividade, as participantes já se mostravam claramente divididas entre duas áreas visitadas: - a frente da casa e a área ao lado dos dormitórios. As manifestações das idosas em favor da escolha do espaço do lado dos dormitórios surpreenderam os pesquisadores, já que essa área não vinha sendo utilizada pelas residentes até aquele momento, ao contrário das áreas da frente e dos fundos, de uso bastante consagrado.

Ao final da atividade, os pesquisadores informaram as participantes que, na semana seguinte, seria realizada uma eleição para a escolha da área a ser trabalhada. Sugeriram que as participantes memorizassem cada uma das áreas visitadas de forma associada a uma cor, tal como haviam visto na maquete. Ou seja, a área da frente deveria ser associada à cor amarela, a área do lado ao azul, os fundos ao vermelho e o “jardim-de-inverno” ao verde. Solicitaram que as participantes comunicassem às demais residentes a ocorrência da eleição e que transmitissem a elas suas impressões sobre cada uma das áreas visitadas. Informaram ainda que a maquete e as imagens permaneceriam na instituição para que elas pudessem consultar esses materiais quando desejassem.

#### **4.2.5.3 Eleição da área a ser trabalhada**

Para a realização da eleição, os pesquisadores prepararam uma cédula de votação onde constava a denominação de cada uma das áreas sugeridas, escrita em letras grandes e sinalizada com a cor

correspondente à sua identificação na maquete (ver apêndice 7). A votação foi realizada em uma mesa localizada na sala-de-estar, sobre a qual foi colocada uma urna e a maquete. Todas as idosas residentes na casa foram comunicadas antecipadamente e de forma “oficial” sobre a realização da votação, através da diretora da instituição.



**Figura 35:** Residente da instituição durante a votação.

Após tomarem o café da tarde, as senhoras foram convidadas pelos pesquisadores a iniciarem a votação. Um total de quinze idosas participou da eleição. Encerrada a votação, todas as residentes foram comunicadas que seria feita a abertura da urna para a contagem dos votos. O resultado final da votação ficou assim definido: - a área do lado dos dormitórios (azul) venceu a eleição com o voto de nove residentes; em segundo lugar ficou a área da frente (amarelo), com cinco votos e, em terceiro, a área dos fundos (vermelho), com um voto. A área do “jardim-de-inverno” (verde) não recebeu votos.

O resultado da eleição e, principalmente, o envolvimento das idosas na mesma surpreenderam mais uma vez os pesquisadores. Havia uma grande movimentação na casa no dia previsto para a votação e uma expectativa evidente entre as residentes. O grupo de idosas que havia participado da atividade anterior estava abertamente fazendo uma “campanha para o azul”, procurando convencer as demais residentes a votarem na área correspondente àquela cor (a área ao lado da ala dos dormitórios). Uma idosa que não havia participado daquela atividade, no entanto, iniciou uma resposta àquele grupo, solicitando àquelas que chegavam que votassem no “amarelo” (correspondente à parte da frente da casa).

Em discussão posterior, os pesquisadores avaliaram que a participação das idosas no processo de escolha da área a ser trabalhada havia apresentado resultados bastante interessantes para a pesquisa. Assim, observaram que as atividades envolvendo esse processo de escolha (apresentação da maquete e das imagens, visita às áreas sugeridas e eleição) haviam novamente produzido efeitos sobre a motivação das idosas e estimulado a integração entre as mesmas. Porém, os pesquisadores observaram que esses efeitos tinham um alcance diferente em relação ao que já tinha sido observado nas atividades que antecederam a escolha da área. Pela primeira vez, desde o início dos trabalhos envolvendo as idosas, os pesquisadores observaram as residentes se organizarem voluntariamente para participar de uma atividade, como aconteceu na oportunidade da eleição da área a ser trabalhada. Como já foi mencionado, a eleição levou as idosas que haviam participado da atividade de reconhecimento das áreas sugeridas a se articularem com o objetivo de convencer as demais residentes a votarem na área que elas, enquanto grupo, haviam julgado ser a mais adequada (área “azul”). Esse fato teve conseqüências diretas para as ações seguintes da pesquisa, pois, ao se organizarem em torno da escolha dessa área e, efetivamente, elegendo-a, essas idosas vieram a consolidar um grupo que participou de todas as atividades realizadas na instituição a partir daquele momento.

Essa mudança no comportamento das idosas talvez possa a ser atribuída a algumas diferenças importantes das atividades envolvendo a eleição da área a ser trabalhada em relação às atividades que as antecederam. As residentes tinham agora uma perspectiva mais concreta de verem alguma intervenção nas áreas externas ser realizada, pois haviam observado o interesse da administração na pesquisa, através da presença da presidente do conselho na reunião onde foi apresentada a maquete da instituição. Também, a partir desse momento, as atividades passaram a ser bem mais objetivas, pois se propunha focar os trabalhos em um local específico das áreas externas e, pela primeira vez, estava lhes sendo atribuído o poder de decidir alguma coisa em relação a esses espaços.

A mobilização do grupo de idosas para eleger a área “azul” também levou os pesquisadores a refletirem sobre outro importante resultado da participação das residentes nesse processo: - a possibilidade de assimilar novos conhecimentos. Como já foi mencionado, no início da atividade de reconhecimento das quatro áreas sugeridas para votação, as idosas participantes apresentavam

uma forte preferência pela escolha da área da frente da instituição (área amarela), porém, essa postura se modificou após observarem as demais áreas e refletirem sobre as suas possibilidades. A área “amarela”, de fato, parecia ser a escolha mais óbvia para as idosas e já era esperada pelos pesquisadores, tendo em vista o uso consagrado desse local e o elevado valor que elas atribuíam à frente da casa, conforme havia sido evidenciado pelos resultados das observações e entrevistas. Porém, a escolha da área “azul” (lado) pelas idosas que participaram da atividade em oposição àquelas que não participaram e se mobilizaram em prol da área “amarela” (frente), surpreendeu os pesquisadores, ilustrando bem o crescimento que esse tipo de envolvimento pode estimular. Cabe salientar que os pesquisadores tiveram bastante cuidado para não influenciar a decisão das idosas nessa escolha. Porém, pode-se dizer que todo o trabalho que vinha sendo desenvolvido desde o início das atividades com as idosas tinha o objetivo de ampliar o olhar das mesmas em relação às possibilidades de planejamento das áreas externas da instituição. Com o resultado da eleição, os pesquisadores concluíram que esse trabalho havia tido êxito, pois, de fato, a “área azul” constituía a opção que apresentava o maior potencial no sentido de atender os requisitos de projeto identificados até aquele momento, através do estudo de necessidades e das atividades envolvendo as idosas.

#### 4.2.6 Resumo do segundo ciclo

O segundo ciclo da pesquisa consistiu de uma série de ações realizadas na instituição participante com o objetivo de estudar a adaptação do conceito de *design* social ao contexto específico da investigação proposta (planejamento de espaços abertos em ILPIs), através de sua articulação com o campo interdisciplinar da gerontologia. As ações desenvolvidas nesse sentido se concentraram sobre a primeira fase do *design* social, conhecida como programação, constituída pelas etapas de estudo de necessidades, envolvimento dos usuários e estabelecimento de diretrizes de projeto. Os esforços de adaptação da etapa de estudo de necessidades ao contexto da pesquisa se resumiram na aplicação dos métodos de pesquisa previstos para essa etapa e à análise de seus resultados a partir de um olhar mais alinhado com o enfoque gerontológico. A adaptação da etapa de envolvimento dos usuários consistiu na proposição de um conjunto de atividades na instituição participante por uma equipe de campo interdisciplinar composta por profissionais

com experiência anterior no trabalho com idosos. Pode-se dizer que essas atividades se constituíram de ciclos menores da investigação, compostos por planejamento, ação, observação e reflexão, realizados com o objetivo de incentivar a participação das residentes da instituição na pesquisa, sensibilizá-las para o tema da qualificação dos espaços abertos e ampliar suas referências sobre esse tema. O aprendizado prático construído com base nessas experiências e nas reflexões do segundo seminário interdisciplinar permitiu a definição de uma metodologia de trabalho adequada ao contexto da pesquisa e a preparação dos componentes da equipe de campo para as ações do terceiro ciclo da pesquisa. A partir dos resultados das etapas de estudo de necessidades e envolvimento dos usuários, foi elaborada uma lista de requisitos para as áreas externas da instituição. A adaptação da etapa de estabelecimento de diretrizes de projeto incluiu a realização de um segundo conjunto de atividades que resultou na definição de uma área a ser trabalhada e na organização de um grupo de residentes que viria a participar das ações seguintes da pesquisa em seu terceiro ciclo. A observação de efeitos das atividades propostas durante o segundo ciclo sobre a motivação, a evocação de lembranças, a integração entre as idosas e a sua assimilação de novos conhecimentos levaram a reflexões que permitiram o refinamento do problema de pesquisa.

### 4.3 APLICAÇÃO DO CONCEITO DE *DESIGN* SOCIAL

Do ponto de vista prático, pode-se dizer que a eleição de uma área para ser trabalhada a fim de se desenvolver um projeto de paisagismo, e a organização de um grupo de residentes em torno da escolha dessa área marcaram o início do terceiro ciclo da pesquisa. Como já foi mencionado no capítulo de métodos (capítulo 3), o terceiro ciclo envolveu um conjunto de ações que corresponde à implantação da segunda fase do conceito de *design* social, ou seja, o processo de elaboração do projeto propriamente dito.

Na verdade, as atividades que compuseram esse ciclo, como será discutido mais adiante, também envolveram esforços de adaptação do *design* social ao contexto específico da pesquisa, tal como no ciclo anterior, cujas ações estavam relacionadas à fase de programação desse conceito. Da mesma forma, as ações desenvolvidas no segundo ciclo também poderiam ser referidas como parte do processo de “aplicação” do conceito de *design* social ao contexto da pesquisa, já que as mesmas envolveram a implantação da fase de programação, fornecendo subsídios para fase de elaboração do projeto propriamente dita. Porém, a associação do segundo e do terceiro ciclo, respectivamente, aos termos “adaptação” e “aplicação”, tem o objetivo de ilustrar a diferença entre o foco geral das ações desenvolvidas em cada um deles.

O ciclo anterior envolvia uma maior preocupação em aprender a lidar com as especificidades do cenário institucional e a trabalhar a partir de uma equipe interdisciplinar. Ou seja, embora já se estivesse colocando em prática a primeira fase do *design* social, as ações estavam fundamentalmente focadas na necessidade de se construir um método de trabalho adequado ao contexto da pesquisa. Tratou-se, portanto, de um ciclo mais longo, onde cada atividade proposta se compunha de um pequeno ciclo de aprendizagem para os pesquisadores. Assim, cada atividade era planejada com base nas reflexões geradas a partir da observação dos resultados da atividade anterior, levando ao progressivo aperfeiçoamento da metodologia de trabalho. Partindo de uma metodologia de trabalho já suficientemente refinada, o terceiro ciclo, ao contrário, tratou-se de um ciclo bem mais curto da pesquisa, sendo composto por ações mais objetivas e focadas na tarefa de produzir um projeto de paisagismo para a área escolhida pelas idosas.



Do ponto de vista teórico, o início do terceiro ciclo é marcado pelo refinamento do problema de pesquisa em decorrência das reflexões geradas a partir dos resultados do segundo ciclo. Esses resultados estão relacionados com a observação de efeitos das atividades envolvendo as idosas sobre sua motivação, evocação de lembranças, integração com outras residentes e assimilação de novos conhecimentos. Enquanto no segundo ciclo se propunha adaptar o *design* social ao contexto da pesquisa através de sua articulação com o campo interdisciplinar da gerontologia, a observação de tais efeitos permitiu aprofundar a compreensão da relação desse conceito com um dos principais fundamentos teóricos da gerontologia ambiental: - o modelo da pressão-competência proposto por Lawton e Nahemow (1973).

Lembrando o conteúdo desse modelo, já abordado no capítulo de revisão bibliográfica, (capítulo 2, item 2.1.1.1), de acordo com o mesmo, as relações do idoso com o ambiente resultam do equilíbrio de forças entre a pressão exercida pelo ambiente e as competências do indivíduo para lidar com essa pressão. Assim, à medida que as pessoas envelhecem, suas competências pessoais tendem a diminuir, aumentando a influência do ambiente sobre o seu comportamento. Então, para o caso da pesquisa proposta, já se esperava que a aplicação do conceito de *design* social ao planejamento das áreas externas da instituição pudesse atuar beneficentemente sobre a dimensão ambiental dessa relação, uma vez que poderia levar a produção de ambientes mais congruentes com as necessidades dessas pessoas. Mas os efeitos das atividades propostas no segundo ciclo sobre o comportamento das idosas, conforme supra mencionado, permitiram vislumbrar possíveis benefícios da aplicação do *design* social também sobre a dimensão do indivíduo, ao fortalecer suas competências pessoais para lidar com os recursos ambientais disponíveis.

Essas reflexões, portanto, levaram ao refinamento do problema de pesquisa e à formulação de uma nova questão e uma nova proposição a ser investigada, as quais passaram a guiar as ações do terceiro ciclo. A nova questão e a nova proposição foram assim formuladas, respectivamente:

- Como o *design* social, aplicado ao planejamento de espaços abertos em ILPIs, pode contribuir para melhorar as relações idoso-ambiente, de acordo com a teoria em gerontologia ambiental?

- O *design* social, aplicado ao planejamento de espaços abertos em ILPIs, pode auxiliar na produção de projetos mais adequados às necessidades dos idosos e auxiliar no fortalecimento de suas competências pessoais.

As ações desenvolvidas no terceiro ciclo da pesquisa corresponderam a um novo conjunto de atividades voltadas ao planejamento da área definida ao final do segundo ciclo. Além do desenvolvimento do projeto de paisagismo para essa área, essas atividades envolveram algumas primeiras iniciativas no sentido de buscar a implantação do mesmo. Ao final do desenvolvimento dessas atividades, considerou-se encerradas as ações que compuseram a pesquisa de campo propriamente dita na instituição participante. A pesquisa foi então avaliada por seus participantes da seguinte forma: - Inicialmente foi realizada uma entrevista final de avaliação com as idosas participantes desse último ciclo da investigação, individualmente. Após, a pesquisa foi avaliada pelos componentes da equipe de campo, também através de entrevistas. Finalmente, realizou-se, o terceiro seminário interdisciplinar, voltado à reflexão não somente sobre os resultados do último ciclo da pesquisa-ação, mas sobre todo o processo desenvolvido desde as primeiras atividades organizadas na instituição participante.

Os resultados do terceiro ciclo levaram a um conjunto final de reflexões a cerca da proposição teórica da pesquisa, tal como apresentada em sua formulação final. Essas reflexões foram sintetizadas em um terceiro artigo encaminhado para publicação, onde se procurou discutir o potencial do *design* social quando aplicado ao planejamento de espaços abertos de ILPIs como uma estratégia capaz de melhorar as relações entre os idosos e os ambientes institucionais.

Os resultados e as discussões do terceiro ciclo da pesquisa, serão apresentados na seqüência da seguinte forma: - Inicialmente, serão abordadas as atividades envolvendo a produção do projeto de paisagismo para a área escolhida pelas idosas, bem como as primeiras iniciativas adotadas com o intuito de executar esse projeto. Após, será abordada a avaliação da pesquisa pelos seus participantes, a partir das entrevistas com as idosas e com a equipe de campo, bem como do terceiro seminário interdisciplinar. Finalmente, discute-se o conteúdo do artigo onde são sintetizadas as reflexões finais da pesquisa.

### 4.3.1 Um jardim para o Lar

As ações que compuseram o terceiro ciclo da pesquisa foram realizadas de acordo com a ordem apresentada na tabela 10. Nessa mesma tabela, pode-se visualizar ainda uma breve descrição dessas ações e seus principais objetivos. Na seqüência da tabela, são apresentados os relatos de cada uma dessas ações.

**Tabela 10:** Ações relacionadas à elaboração do projeto

<b>Ações</b>	<b>Descrição</b>	<b>Objetivos</b>
Atividade	Ajustamento da lista de requisitos de projeto às possibilidades da área escolhida.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular as participantes a sugerirem idéias e soluções para o jardim.</li> <li>• Fortalecer as relações entre o grupo.</li> </ul>
Reuniões de projeto	Encontros envolvendo somente os componentes da equipe de campo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaborar, a partir da lista de requisitos de projeto, uma proposta inicial de tratamento paisagístico para a área escolhida.</li> </ul>
Atividade	Apresentação da proposta.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discutir a proposta de paisagismo com as idosas, bem como possíveis necessidades de alteração da mesma.</li> </ul>
Atividade	Detalhamento da proposta.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definir espécies a serem utilizadas no projeto final de paisagismo.</li> <li>• Definir uma estratégia para viabilizar a execução do jardim.</li> </ul>
Atividade	Participação do grupo na “Feira de Natal” promovida pela instituição.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Divulgar o trabalho realizado com as idosas para os seus familiares e para a comunidade em geral.</li> <li>• Arrecadar recursos para dar início à execução das propostas para a área.</li> </ul>
Atividade	Limpeza e plantio da floreira de concreto existente na área.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dar início aos trabalhos de execução das propostas para área.</li> </ul>
Atividade	Confraternização e encerramento das atividades.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer um balanço geral das atividades com o grupo.</li> <li>• Convidar as idosas a participarem da entrevista final de avaliação.</li> <li>• Incentivar o grupo a se mobilizar em prol da execução do projeto.</li> </ul>

#### 4.3.1.1 Ajustando os requisitos de projeto à área escolhida

A primeira atividade realizada após a escolha da área foi planejada com o objetivo de ajustar a lista de requisitos de projeto, identificada pela equipe de campo ao final do segundo ciclo da pesquisa (ver item 4.2.5), às possibilidades desse local e às sugestões expressas pelas idosas em relação ao mesmo. Assim, essa atividade consistiu em convidar as idosas participantes a expressarem livremente sugestões, idéias ou soluções no sentido de qualificar aquele local.

Observando a metodologia de trabalho que havia sido definida no ciclo anterior da pesquisa, a equipe de campo teve o cuidado de realizar essa atividade diretamente no local escolhido pelas idosas. Para isso, os pesquisadores providenciaram mesas e cadeiras plásticas, as quais foram dispostas em uma área gramada sob a sombra das árvores, próximo à floreira de concreto identificada pelas idosas durante a atividade anterior à eleição (ver item 4.2.5.2). A fim de estimular as discussões entre as idosas e lhes proporcionar subsídios para a tarefa proposta, sobre as mesas, os pesquisadores dispuseram alguns livros e revistas relacionados ao paisagismo e à jardinagem, os quais foram selecionados em atividade desenvolvida durante o segundo ciclo da pesquisa (ver item 4.2.4.6). Além dos livros, foram também disponibilizadas novamente as imagens que haviam sido utilizadas nas atividades anteriores, as quais apresentavam soluções relacionadas às características relacionadas ao uso das áreas externas pelas idosas (ver item 4.2.5.1).



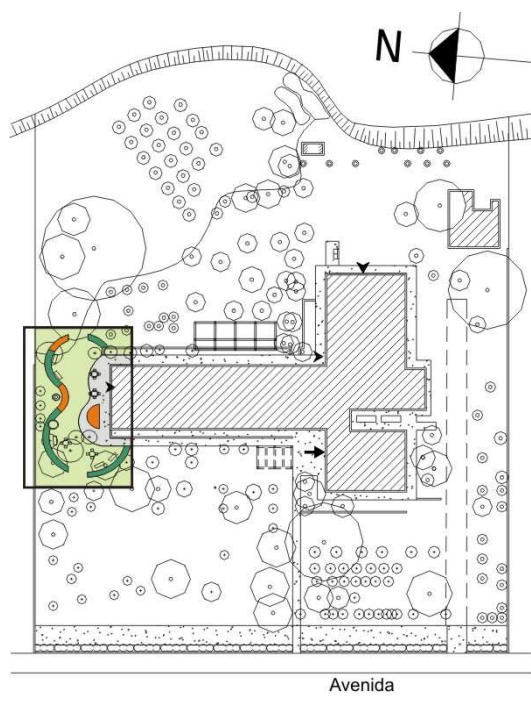
**Figura 36:** Atividade realizada no local escolhido pelas idosas.

Embora, de maneira geral, as idosas ainda apresentassem dificuldade em emitir opiniões ou sugestões abertamente para o grupo, os pesquisadores observaram que elas já se encontravam bem mais à vontade para se expressarem do que nas atividades anteriores, tanto em relação às demais participantes, como em relação aos pesquisadores. Observou-se também que já começava a se consolidar um sentimento de grupo entre as participantes, o que não havia sido observado nas atividades anteriores à eleição daquela área. Apesar das dificuldades, as participantes pareciam preocupadas em ajudar os pesquisadores a definir soluções para a área escolhida. Esse esforço pode ser sintetizado nas palavras de uma senhora que, em determinado momento, achou que o grupo estava dispersando da atividade proposta e se dirigiu às demais participantes da seguinte forma: *“Gente, eles estão aqui querendo nos ajudar, nós também temos que ajudar eles!”*.

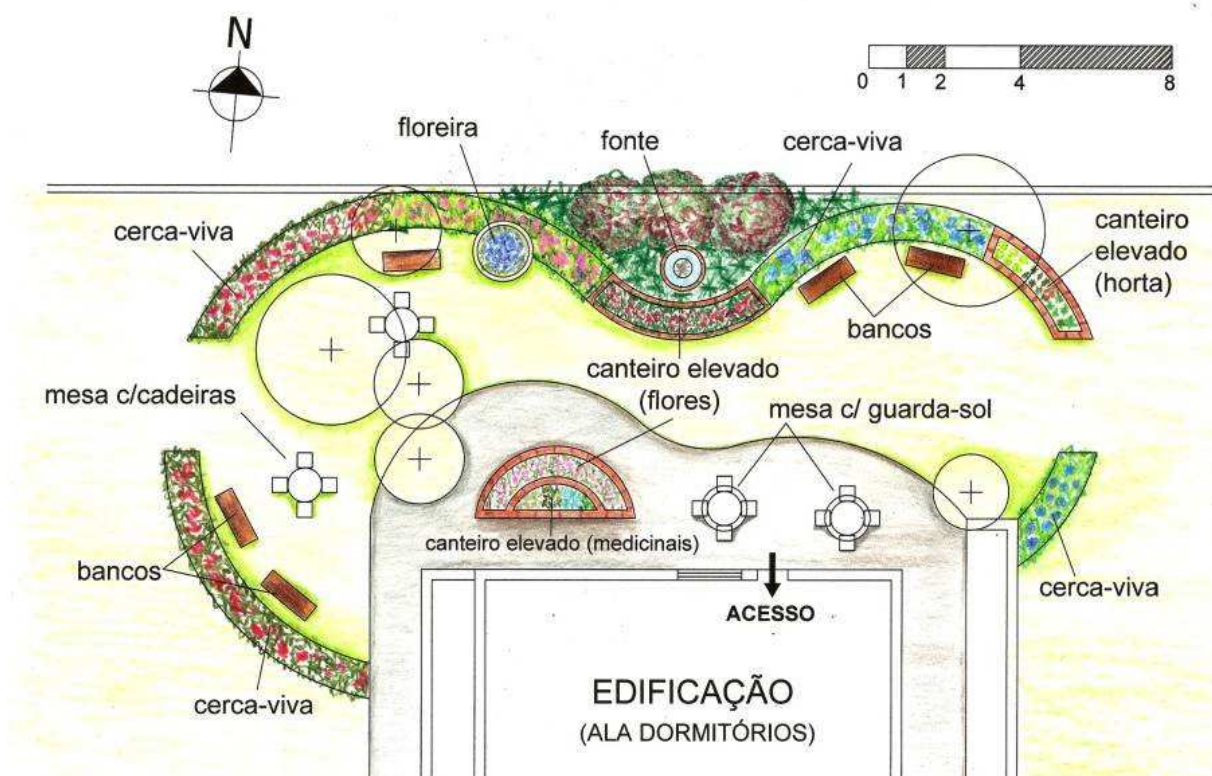
As sugestões das participantes que foram registradas pelos pesquisadores durante essa atividade, em geral, coincidiram com os requisitos de projeto que haviam sido identificados pelos pesquisadores ao final da etapa de estudo de necessidades (ver item 4.2.5). Assim, as principais sugestões apresentadas pelas participantes foram: (a) plantio de grande diversidade de espécies de floração ornamental; (b) “limpeza” da área escolhida, incluindo a remoção de “inços” (vegetação espontânea), tanto do gramado como da floreira de concreto existente, bem como a pintura dessa floreira de branco; (c) “lugares para sentar” à sombra e ao sol; (d) uma fonte de água; (e) uma horta que estivesse mais perto da casa (já que a horta existente estava em local distante e de difícil acesso); (f) bebedouros para atrair beija-flores.

#### 4.3.1.2 Elaboração da proposta

Com base na lista de requisitos de projeto devidamente ajustada às condições da área disponível, uma série de encontros foi promovida entre os componentes da equipe de campo com o objetivo de desenvolver uma proposta inicial para o planejamento da área. Nas figuras 37 e 38, pode-se observar, em planta baixa, respectivamente, a localização em relação à área total da instituição e o conteúdo da proposta construída pela equipe de campo.



**Figura 37:** Localização da proposta em relação à área total da instituição.

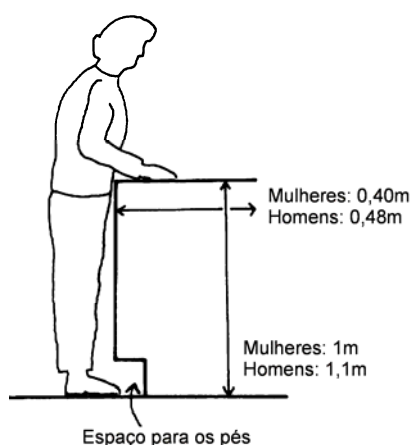


**Figura 38:** Proposta para o paisagismo da área escolhida pelas idosas.

Em primeiro lugar, pode-se observar na figura 38, na área colorida em cinza, que a proposta desenvolvida pela equipe de campo previa a ampliação da área pavimentada original junto à face norte da ala dos dormitórios da edificação principal. Com isso, procurou-se aumentar as possibilidades de uso dessa área, utilizada originalmente apenas para a circulação e a realização de caminhadas ao redor da casa por algumas idosas (ver item 4.2.3.2). Essa área poderia ser facilmente acessada pelas residentes que saem diretamente através da ala dos dormitórios e também por aquelas que utilizam as portas de acesso da frente e dos fundos, já que existe um caminho pavimentado que circunda toda a edificação. Com a ampliação da área pavimentada no local proposto, sugeriu-se que ali fossem dispostas mesas com guarda-sol e cadeiras plásticas “de piscina” com apoio para os braços. O uso desse tipo de mobiliário foi sugerido tendo em vista o baixo custo, a fácil mobilidade (devido ao peso reduzido) e os aspectos ergonômicos, que proporcionam conforto e segurança para as idosas (pela presença de apoios laterais). O fácil deslocamento desse tipo de mobiliário, além de permitir a flexibilidade de arranjos entre seus componentes, também confere maiores possibilidades de uso a essa área. Nas entrevistas realizadas durante o estudo de necessidades (item 4.2.3.3), uma das idosas havia chamado atenção para a falta de locais nas áreas externas que fossem adequados para a realização de atividades físicas em grupo, como aulas de ginástica, por exemplo. Essa área poderia, portanto, suprir essa necessidade, pois, caso fossem desenvolvidas atividades como essas na instituição, o mobiliário poderia ser facilmente deslocado deixando o espaço livre para esse tipo de uso. Ao mesmo tempo, essa área pavimentada criaria uma nova possibilidade de uso das áreas externas da instituição durante o período de inverno. Pela orientação solar norte, esse é um dos locais das áreas externas da instituição, dentre aqueles mais próximos da edificação, que recebe a melhor insolação nesse período do ano. Durante a realização das observações sistemáticas que compuseram a etapa de estudo necessidades do *design* social, foi observada a presença de uma idosa, em pé, tomando sol nessa área em um dia bastante frio de inverno (ver mapa comportamental junto ao item 4.2.3.2).

Ainda sobre a área pavimentada, foi prevista a construção de um canteiro elevado dividido em dois compartimentos de diferentes alturas. O canteiro elevado constitui uma solução construtiva bastante citada na literatura que aborda adaptações nos jardins para pessoas idosas e consiste,

basicamente, em elevar o nível do solo de cultivo a uma altura mais confortável para o jardineiro. Isso pode ser conseguido através da construção de caixas ou reservatórios, bem como através da construção de terraços ou paredes de contenção (quando se dispõe de terrenos mais íngremes) (ROWSON; THODAY, 1983; LANE, 1992; RELF, 1995; STONEHAM; THODAY, 1994; KERRIGAN, 1994; CARSTENS, 1993). De acordo com Rowson e Thoday (1983), trazendo-se as plantas e o solo para uma altura de trabalho mais adequada, facilita-se o cultivo por pessoas com dificuldades físicas, especialmente aquelas que encontram dificuldades em se abaixar ou trabalhar no nível do chão, como, normalmente, é o caso das pessoas idosas (figura 39). Assim, com a construção desse tipo de canteiro nessa área pavimentada, as idosas teriam mais uma oportunidade de desenvolver atividades nas áreas externas da instituição em um local de acesso bastante fácil. Lembrando novamente dos resultados das entrevistas, a maioria das idosas teve contato com o cultivo de plantas durante a sua vida, e muitas alegavam não exercerem mais esse tipo de atividade devido às limitações físicas impostas pela idade avançada. Tomando-se por base as preferências das idosas, manifestadas no estudo de necessidades e na atividade anterior, sugeriu-se o cultivo desse canteiro elevado com plantas medicinais em um compartimento e com flores no outro.



**Figura 39:** Canteiros elevados (STONEHAM;THODAY, 1994)

Outros canteiros elevados foram previstos em mais dois pontos do jardim. Um desses canteiros estaria localizado em posição oposta ao primeiro canteiro, próximo do muro de divisa do terreno. Sugeriu-se o cultivo desse canteiro basicamente com flores ornamentais de maneira a representar um elemento de contemplação para quem observa o jardim a partir do acesso à edificação e da



área de estar pavimentada onde estariam dispostas as mesas com guarda-sol. Esse canteiro também poderia ser utilizado para atividades de cultivo pelas idosas, casos desejassem, mas a principal função proposta seria criar um ponto focal naquela área através do efeito da floração das espécies que seriam cultivadas ali. Associado a esse canteiro, foi proposta a instalação de um chafariz, atendendo aos desejos expressos pelas idosas na primeira atividade voltada ao desenvolvimento do projeto, o que consolidaria esse local como um ponto focal do jardim. O outro canteiro seria construído à direita da área do jardim e seria destinado ao cultivo de uma pequena horta, também visando contemplar os desejos expressos pelas idosas e as suas lembranças relatadas nas entrevistas, onde esse elemento está bastante presente. Com isso, também propunha-se trazer para um local próximo da edificação, um elemento já existente nas áreas externas que havia se tornado definitivamente inacessível para elas após a instalação da grade que dividiu a parte dos fundos do terreno (ver item 4.2.2). Além desses canteiros elevados, foi prevista a recuperação da floreira de concreto já existente no local e o cultivo da mesma também com espécies de floração ornamental (na figura 38, a floreira está localizada à esquerda da fonte d'água).

Acompanhando a linha do desenho desses canteiros elevados e também o seu volume, foi prevista a implantação de cercas-vivas compostas por arbustos de floração ornamental. Além do efeito de floração, essas cercas-vivas teriam a função de delimitar a área do jardim a fim de conferir um senso de território e uma maior privacidade para aqueles que o utilizam, atendendo-se, com isso, mais um dos requisitos de projeto identificados a partir das entrevistas com as idosas. Junto às cercas-vivas, sugeriu-se a instalação de alguns bancos em diferentes pontos a fim de aumentar as possibilidades de se encontrar locais de privacidade quando se utiliza o jardim. Em relação à construção das cercas vivas, sugeriu-se que fossem utilizadas espécies com floração atrativa para borboletas e beija-flores, incrementando a diversidade de elementos capazes de despertar o interesse das idosas pela utilização daquela área e, da mesma forma, atendendo a desejos expressos pelas participantes da atividade anterior.

Por fim, na área gramada à esquerda do jardim e sob a copa de algumas árvores ali existentes<sup>9</sup>, sugeriu-se a colocação de mais algumas mesas com cadeiras plásticas “de piscina”. Para a realização da primeira atividade voltada ao desenvolvimento do projeto, mesas e cadeiras desse tipo, as quais haviam sido emprestadas para aquela ocasião, já haviam sido dispostas naquela área. Naquela oportunidade, as idosas participantes manifestaram grande satisfação em sentar-se naquele local usando esse tipo de mobiliário e sugeriram que aquela parte do jardim fosse ocupada de forma semelhante no projeto.

#### 4.3.1.3 Apresentação da proposta

Uma vez que a equipe de campo havia concluído a elaboração do anteprojeto para a área escolhida, o próximo desafio consistia em comunicar às idosas o conteúdo daquela proposta de uma forma facilmente compreensível. Para isso, a equipe de campo planejou uma atividade onde foi prevista a utilização de uma série de recursos visuais, incluindo aqueles que já haviam sido utilizados com sucesso nas atividades anteriores, como as imagens em grande formato, os livros de paisagismo e jardinagem e a maquete da instituição.

A atividade envolvendo a apresentação da proposta foi realizada novamente na área escolhida pelas idosas. Foi disposta novamente uma mesa sob a sombra das árvores, no mesmo local onde havia sido realizada a atividade anterior, e sobre a mesma foi colocada a maquete da instituição. A planta baixa da proposta, colorida da forma como está apresentada na figura 38, foi impressa em escala 1:100, recortada e encaixada sobre a maquete exatamente na localização que o jardim deveria ocupar naquele modelo. A fim de facilitar a compreensão dos volumes dos elementos contidos na proposta, foi produzido, pela participante da equipe com formação em arquitetura, um desenho em elevação do jardim, simulando a visão de quem o enxerga a partir do acesso à edificação (ala dos dormitórios). Para facilitar a visualização do espaço que o jardim iria ocupar no local, a equipe de campo cercou aquela área, através do uso de estacas e de uma fita plástica sinalizadora amarela, procurando reproduzir o desenho que seria formado pelas cercas-vivas

---

<sup>9</sup> Na figura 38, as árvores já existentes na área são representadas por uma circunferência vazada. Os limites da circunferência representam a projeção da copa da árvore, enquanto a posição do seu tronco é representada por um sinal de +.

propostas (o qual corresponde aos limites do jardim). Durante a apresentação da proposta, os componentes da equipe de campo procuravam ainda ilustrar os elementos sugeridos para o jardim através das imagens que haviam sido utilizadas nas atividades anteriores e dos livros com os quais as idosas já estavam familiarizadas.

A maioria das idosas participantes teve bastante facilidade para entender o conteúdo da proposta apresentada. No entanto, algumas participantes expressaram verbalmente que estavam com dificuldade para compreender, através dos desenhos e das demais imagens apresentadas, a localização e o volume ocupado pelos canteiros elevados propostos. A fim de esclarecer essa dúvida, a componente da equipe de campo com formação em arquitetura foi percorrendo lentamente o espaço delimitado pela fita amarela, parando sobre os locais onde seriam construídos esses canteiros e mostrando, com as mãos, o desenho e a altura que os mesmos deveriam ocupar. Essa iniciativa provocou uma aparente reação de satisfação entre as participantes que ainda não haviam compreendido a proposta, as quais se manifestaram através de expressões como: - *“Ah, agora sim a gente entendeu como é que vai ficar!”*.

Quando os pesquisadores haviam percebido que as idosas já haviam compreendido, de maneira geral, o conteúdo da proposta, convidaram as mesmas a se manifestarem, através de críticas ou sugestões, para complementar ou modificar as idéias apresentadas. A reação geral das idosas foi de satisfação e empolgação com essas idéias e elas pareciam orgulhosas de estarem participando daquela proposta de jardim, manifestando-se através de expressões como: - *“Vai ficar muita linda a nossa praça!”*, *“Esse vai ser o jardim das vovós!”*. Em discussão posterior a essa atividade, os componentes da equipe de campo observaram que a apresentação da proposta do jardim começava a consolidar um sentimento de identidade e propriedade por aquele espaço, o qual havia iniciado a se formar por ocasião da mobilização daquele grupo em prol da eleição daquela área. Desde que havia sido realizada a eleição, aquele grupo, formado por oito senhoras, passou a se reunir espontaneamente quando os pesquisadores chegavam na instituição para iniciar as atividades. Elas pareciam aguardar ansiosas pelas próximas atividades e faziam questão de incentivar as demais componentes do grupo a participarem. Em algumas ocasiões, algumas das componentes desse grupo mandavam avisar os pesquisadores, através da diretora da instituição, que não participariam de uma determinada atividade por não estarem se sentindo bem naquele

dia. Quando isso acontecia, era comum que as outras componentes do grupo se reunissem para ir até o quarto dessas senhoras para incentivá-las a participarem.

Apesar da empolgação das idosas, os pesquisadores insistiram que elas poderiam opinar ou sugerir idéias para melhorar aquela proposta. As idosas, porém, assim como havia sido observado nas entrevistas, manifestavam-se apenas favoravelmente à proposta, através de expressões como: - *“Está tudo ótimo assim! Não tem que mexer em nada!”*. Por outro lado, a maioria se manifestou de forma incrédula em relação à execução daquela proposta, expressando-se da seguinte forma - *“Seria muito lindo um jardim assim, mas as conselheiras não vão querer investir aqui.”* ou - *“O problema todo é onde vamos conseguir dinheiro para fazer esse jardim, acho muito difícil”*.

Finalizando essa atividade, os pesquisadores combinaram com as participantes que elas poderiam discutir entre elas, até a semana seguinte, suas impressões sobre aquela proposta e trazer novas sugestões para a próxima atividade. Informaram também que a maquete, os desenhos, as imagens e os livros permaneceriam na instituição até a atividade seguinte, caso elas desejassem consultar aquele material.

#### 4.3.1.4 Detalhamento da proposta

Para a atividade seguinte, os pesquisadores haviam planejado avançar, com a participação das idosas, no refinamento e no detalhamento da proposta apresentada. Através da iniciativa de deixar os materiais na instituição e solicitar que as idosas discutissem, entre elas, idéias para o jardim, supunha-se que nessa próxima atividade elas se sentissem mais à vontade para opinar sobre a proposta apresentada.

Com base nessa suposição, os pesquisadores planejaram uma atividade onde, após expressarem livremente idéias para o jardim, as idosas seriam convidadas a sugerirem espécies para cada uma das situações de plantio propostas, ou seja: - para horta, para os canteiros elevados de plantas medicinais e de flores, para a floreira existente na área e para a composição da cerca-viva.

Novamente, planejou-se a realização dessa atividade na área escolhida pelas idosas, utilizando-se as imagens em grande formato, os livros e a maquete como apoio às discussões do grupo.

No entanto, ao contrário do que os pesquisadores haviam imaginado, desde o início da atividade, as idosas fizeram questão de deixar claro, inclusive expressando isso verbalmente, que não haviam realizado nenhuma discussão ou troca de idéias com as outras residentes sobre a proposta apresentada na atividade anterior. Tampouco, elas se demonstraram interessadas em avançar, junto com os pesquisadores, na construção de idéias para as espécies que seriam plantadas no jardim. Essa reação, em um primeiro momento, desconcertou os pesquisadores, pois parecia contradizer a aparente empolgação das idosas em participarem das atividades anteriores voltadas à elaboração da proposta. À medida que a atividade foi avançando, no entanto, ficou claro para os pesquisadores que não fazia sentido insistir no refinamento e no detalhamento da proposta juntamente com as idosas, pois a principal preocupação delas, a partir daquele momento, era executar aquilo que havia sido apresentado na atividade anterior. Essa preocupação estava presente, a todo momento, nas falas das idosas para o grupo e nas conversações entre elas.

Com essa observação, os pesquisadores decidiram mudar o rumo da atividade. Propôs-se ao grupo discutir como se poderia viabilizar a implantação da proposta que havia sido apresentada na atividade anterior. Uma das sugestões do grupo foi iniciar a execução da proposta através da limpeza da floreira de concreto que já existia na área. Com base nessa sugestão, a equipe de campo se dispôs a tentar conseguir a doação, por parte de alguma floricultura, de algumas mudas de espécies de floração ornamental para plantar na floreira. Outra sugestão, colocada por uma das participantes, seria aproveitar a “Feira de Natal” que seria realizada dentro de poucos dias na instituição como uma oportunidade para conseguir contribuições dos visitantes para a execução do jardim. Essa feira se trata de um evento de final de ano organizado pelo conselho diretor da instituição com o objetivo de arrecadar recursos para a manutenção da casa. Durante o evento, são vendidas peças de crochê, bordados, roupas e objetos de decoração usados, entre outros itens doados pela comunidade metodista e pelos familiares das residentes, além de refrigerantes, sucos, sanduíches e doces. Duas participantes se dispuseram a solicitar as contribuições para os visitantes da feira durante a realização desse evento. Combinou-se com o grupo, então, que, em primeiro lugar, a proposta do jardim deveria ser apresentada para a presidente do conselho diretor

da instituição. Caso essa proposta fosse aprovada por ela, seria solicitada a sua autorização para que o grupo pudesse montar um estande na feira a fim de solicitar doações para o jardim.

A reação de desinteresse das idosas em relação ao refinamento da proposta inicial para a área e a mudança no rumo da atividade em função da sua preocupação com a implantação do jardim levaram os pesquisadores a reflexões que tiveram conseqüências bastante importantes para a pesquisa. Na concepção inicial dos pesquisadores, o conjunto de atividades planejado originalmente para esse ciclo da pesquisa se destinava à elaboração de propostas para a área escolhida pelas idosas e ao progressivo refinamento das mesmas, através de sucessivos encontros, até a apresentação de um projeto final de paisagismo para esse local. Porém, ficou claro para os pesquisadores que o envolvimento das idosas no processo de elaboração do projeto tinha um limite que precisava ser observado. Esse limite poderia estar relacionado tanto aos métodos utilizados para o envolvimento das pessoas nesse processo, como às características do grupo envolvido, incluindo idade, grau de instrução, experiências anteriores e influências de gênero, conforme já havia sido discutido no segundo seminário interdisciplinar, durante o segundo ciclo da pesquisa (ver item 4.2.4.5 ). De qualquer forma, os pesquisadores concluíram que o grupo que estava participando das atividades propostas já estava indicando o seu próprio limite e que, a partir daquele momento, o mesmo deveria ser respeitado.

#### 4.3.1.5 “Feira de Natal”

Após a aprovação, pela presidente do conselho, tanto da proposta de jardim para a área escolhida como da solicitação de recursos durante a “Feira de Natal”, foram iniciados os preparativos para a participação do grupo naquele evento. Inicialmente, a equipe de campo preparou um texto para ser distribuído aos visitantes, no qual se apresentava brevemente a pesquisa realizada na instituição e a intenção de se construir um jardim com a participação das residentes e solicitava-se contribuições para esse fim (apêndice 8). Foi também preparado um painel onde foi fixada uma cópia desse texto, as fotos das atividades realizadas com as idosas e a planta baixa colorida da proposta para o jardim. Também foi montada uma pasta onde foram fixadas as imagens que haviam sido utilizadas nas atividades com as idosas, a fim de ilustrar, para os visitantes

interessados, algumas das soluções apresentadas para o jardim. Por fim, reaproveitou-se a urna utilizada na atividade da eleição para que os visitantes pudessem fazer doações em dinheiro.

A feira foi realizada na parte da frente do terreno, sendo que os portões da instituição permaneceram abertos naquele dia para que a comunidade pudesse entrar livremente. O estande do grupo foi montado com duas mesas sobre as quais foi disposto o material que havia sido preparado previamente para o evento e com algumas cadeiras para o uso das idosas e dos visitantes (figura 41).



**Figura 40:** Aspecto geral da “Feira de Natal”.



**Figura 41:** Estande montado pelo grupo.

As participantes do grupo estiveram bastante empenhadas em chamar a atenção para a proposta do jardim durante a realização da feira, distribuindo os textos que falavam sobre a proposta e convidando os visitantes a conhecerem o estande onde estavam expostos os desenhos e as fotos

das atividades. A feira foi realizada durante o dia inteiro, sendo que as idosas se revezavam no estande nesse período. Ao final da feira, o grupo havia conseguido arrecadar uma quantia em dinheiro em torno de R\$ 100,00.

#### 4.3.1.6 Plantio da floreira

Dando seqüência ao que havia sido decidido com o grupo na reunião anterior à “Feira de Natal”, foi programada uma atividade onde seria realizada a limpeza e o plantio da floreira de concreto existente na área. Para isso, a equipe de campo conseguiu a doação de cerca de sessenta mudas de sálvia-azul (*Salvia farinacea*), uma espécie de ciclo anual com floração bastante ornamental. Com autorização da direção da casa, foi solicitado, ainda, para essa atividade, o auxílio do funcionário responsável por serviços gerais na instituição.

Após a limpeza do interior e do entorno da floreira, foi preparado o solo para o plantio, utilizando-se composto orgânico originário da decomposição de folhas de árvores, disponível na própria instituição e extraído de uma área aos fundos do terreno, próxima ao pomar de citrus. A maior parte do grupo fez questão de auxiliar diretamente nesses trabalhos, especialmente durante o plantio das mudas (figura 42).



**Figura 42:** Idosas participando do plantio da floreira.

Após o plantio da floreira, os pesquisadores convidaram o grupo a discutir o que poderia ser feito para dar seqüência aos trabalhos a partir dos recursos que haviam sido arrecadados na “Feira de



Natal”. Para que a área já pudesse ser utilizada pelas residentes da casa, o grupo optou usar o dinheiro arrecadado para a compra de algumas cadeiras plásticas de piscina, semelhantes às aquelas que vinham sendo utilizadas durante a realização das atividades. As cadeiras que estavam sendo utilizadas até então eram emprestadas pelo conselho diretor da casa, que dispunha desse tipo de mobiliário para ocasiões em que eram organizados eventos na instituição, tais como chás e almoços beneficentes. Só foi concedido aos pesquisadores, no entanto, o uso desse mobiliário durante as atividades, sendo que, após a sua realização, os mesmos deveriam ser recolhidos. O grupo decidiu, no entanto, que o jardim deveria dispor de suas próprias cadeiras, as quais deveriam permanecer no local, tal como havia sido previsto pela proposta apresentada para aquela área. Assim, após a realização dessa atividade, a equipe de campo providenciou a compra de quatro cadeiras plásticas com o dinheiro arrecadado na feira, conforme havia sido combinado.

#### 4.3.1.7 Confraternização e encerramento das atividades

Após a realização dessas primeiras intervenções na área com o objetivo de executar a proposta para o jardim e, com isso, atender as demandas do grupo, os pesquisadores decidiram que era o momento de encerrar as atividades na instituição como parte da pesquisa. O processo de envolvimento das idosas na elaboração do projeto de paisagismo já havia chegado ao seu limite, e as atividades voltadas à implantação do jardim proposto constituíam um outro tipo de envolvimento daquele grupo para o qual não podia ser definido um prazo de conclusão. Era necessário, portanto, estabelecer um final para a pesquisa de campo, mesmo que, depois disso, os pesquisadores continuassem a se envolver em ações na instituição com o intuito de dar continuidade aos trabalhos de desenvolvimento e execução do projeto.

As idosas participantes, no entanto, precisavam partilhar dessa decisão e, por isso, decidiu-se organizar uma última atividade na forma de uma confraternização com o grupo. Assim, a equipe de campo combinou com as idosas que seriam levadas para a área do jardim, algumas coisas para beber e para comer e, após essa confraternização, seria feito um balanço geral das atividades desenvolvidas até aquele momento.

Após a confraternização, os pesquisadores comunicaram às idosas, mais uma vez, que a pesquisa que estavam desenvolvendo na instituição seria encerrada e que, com isso, as atividades, na forma como vinham sendo realizadas não iriam mais ocorrer a partir daquele momento. Não obstante, os componentes da equipe de campo colocaram seu interesse em continuar buscando alternativas para dar continuidade às ações para execução do jardim proposto. O grupo, em geral, manifestou satisfação com os trabalhos desenvolvidos até aquele momento, agradecendo o envolvimento e a dedicação dos pesquisadores. Porém, as participantes não estavam muito interessadas em avaliar as atividades ou a sua participação nos trabalhos relacionados ao jardim. Elas estavam mais preocupadas em discutir questões como os cuidados com a floreira que havia sido plantada na última atividade e a utilização das cadeiras que haviam sido compradas com as doações da feira.

A maioria das idosas estava preocupada em relatar aos pesquisadores que algumas das mudas plantadas na floreira haviam sido danificadas por formigas. Uma das idosas reclamou que “alguém” estava plantando outras coisas na floreira depois que a mesma havia sido arrumada. A maior parte do grupo também estava preocupada com as cadeiras que haviam sido compradas para aquele local, pois algumas tinham receio que as mesmas pudessem ser roubadas se permanecessem à noite no jardim. Ficou combinado com o grupo, que os pesquisadores iriam providenciar o controle das formigas e que seria discutido, com a diretora da instituição, a possibilidade de deixar o funcionário que realiza serviços gerais na casa encarregado de colocar as cadeiras no jardim pela manhã e recolhê-las no final da tarde. Ficou combinado ainda, que seria discutido, com a presidente do conselho, a possibilidade de construção de pelo menos um dos canteiros elevados previstos na proposta para o jardim, utilizando alguns tijolos já disponíveis na instituição, de forma que as residentes tivessem mais espaços para plantar, além da floreira de concreto. Finalizando a atividade, as idosas foram convidadas a participarem, na semana seguinte, de uma entrevista individual com o pesquisador autor da tese a fim de fazer uma avaliação final dos trabalhos.

Após o término dessa atividade e da realização das entrevistas, cujos resultados serão apresentados na seqüência, os pesquisadores retornaram mais algumas vezes na instituição com o intuito de auxiliar na execução das propostas. Em todas essas ocasiões, embora nenhuma nova

atividade tivesse sido programada, quando os pesquisadores chegavam na instituição, as idosas participantes prontamente se reuniam novamente para recebê-los e acompanhá-los até o jardim. Os pesquisadores observaram que aquelas primeiras iniciativas realizadas com o intuito de executar o jardim tiveram uma grande repercussão na instituição. Depois daquilo, a direção da casa promoveu ainda uma outra intervenção bastante apreciada pelas idosas, providenciando a pintura da floreira de concreto e do muro localizado atrás do jardim. Além disso, um dos bancos que estava subutilizado em uma área da frente da casa também foi pintado e deslocado para o jardim, junto à floreira (figura 43). Mais tarde ainda, atendendo a sugestão do grupo, a presidente do conselho contratou um pedreiro para a construção de um dos canteiros elevados previstos na proposta (figura 44), aproveitando sobras de tijolos antigos que estava estocado na instituição.



**Figura 43:** Floreira, banco e muro pintados de branco.



**Figura 44:** Canteiro elevado construído com sobras de tijolos.

Apesar desses avanços no sentido de qualificar aquela área, contudo, os pesquisadores observaram que o fim das atividades deixou um grande vazio para as idosas. Aqueles encontros já haviam se consolidado como importantes momentos de convívio para elas, além de constituírem um espaço para falar das coisas que aconteciam no jardim, na casa e na vida de cada uma de forma geral. Como foi discutido em muitas ocasiões depois, incluindo durante a entrevista final de avaliação com a equipe de campo, a mesma sensação de vazio também foi compartilhada pelos pesquisadores, pois aqueles encontros haviam se transformado em momentos muito prazerosos e laços de amizade com aquele grupo haviam sido definitivamente estabelecidos.

#### 4.3.2 Avaliação da pesquisa pelos participantes

As avaliações da pesquisa pelos seus participantes aconteceram após a última atividade na instituição envolvendo as idosas e foram realizadas de diferentes formas, de acordo com cada tipo de participação. Com as idosas, as avaliações foram realizadas através de entrevistas individuais, onde as mesmas eram convidadas a falarem livremente de suas impressões sobre a sua experiência de participar nas atividades propostas. As entrevistas com as pesquisadoras que compuseram a equipe de campo foram realizadas na forma de diálogos com o pesquisador autor da tese, onde se procurava discutir as experiências vividas pelo grupo durante a realização da pesquisa na instituição. Por fim, os demais pesquisadores que apoiaram a pesquisa participaram da avaliação da mesma através das discussões realizadas no terceiro seminário interdisciplinar, realizado ao término das atividades de campo. A seguir, são apresentados os resultados de cada um desses níveis de avaliação.

##### 4.3.2.1 Entrevistas com idosas

A entrevista final de avaliação com as idosas foi realizada com as senhoras que participaram das atividades desenvolvidas durante o último ciclo da pesquisa, ou seja, da elaboração da proposta de jardim para a área escolhida e das primeiras iniciativas voltadas à implantação da mesma. A

entrevista foi realizada individualmente com cada uma das participantes e sem a utilização de um roteiro de perguntas pré-estabelecido. As idosas eram simplesmente convidadas pelo pesquisador a avaliarem o trabalho que tinha sido realizado com a sua participação, falando livremente sobre suas impressões.

De forma geral, as idosas expressaram satisfação com o trabalho tanto em função das atividades desenvolvidas como em função do resultado dessas atividades, através da escolha de uma área e das intervenções que haviam sido realizadas na mesma. A análise das entrevistas por meio da condensação de significados (KVALE, 1996; GIORGI, 1985) permitiu identificar cinco temas em torno dos quais as idosas procuram expressar sua satisfação em relação à pesquisa, os quais podem ser visualizados na tabela 11.

**Tabela 11:** Temas relacionados à avaliação final da pesquisa pelas idosas

<b>Temas</b>	<b>Síntese</b>
Um novo lugar para ir	O trabalho resultou na disponibilização de um novo espaço para se freqüentar na casa, o qual passou a constituir um estímulo para as idosas utilizarem as áreas externas da instituição.
Um território próprio	A área do jardim é identificada como um território destinado às idosas.
Envolvimento em atividades	Os trabalhos desenvolvidos foram percebidos como a possibilidade de estar envolvido com alguma coisa, através das atividades que eram oferecidas.
Novos conhecimentos	O envolvimento nas atividades foi percebido como uma oportunidade para aprender coisas novas, para “se atualizar”.
Relações sociais e afetivas	As atividades foram percebidas como uma oportunidade para conviver e conhecer melhor as outras residentes e para fazer novas amizades.

Observa-se, na tabela, que os dois primeiros temas identificados estão diretamente relacionados aos resultados das intervenções realizadas sobre a área escolhida pelas idosas. O primeiro tema diz respeito aos relatos das idosas que associam sua satisfação em relação às atividades propostas com a criação de um novo espaço para ser utilizado nas áreas externas. Várias dentre as entrevistadas disseram ter ido com freqüência ao novo jardim depois que foi realizado o plantio da floreira e a compra das cadeiras. A maioria delas apresentou algum relato relacionado ao uso

recente do jardim, sendo bastante citadas visitas a essa área para sentar e conversar com outras residentes e para olhar as mudas que haviam sido plantadas na floreira de concreto. Duas entrevistadas disseram gostar de ir até o novo jardim porque ali elas podiam sentar para olhar as plantas e ver o movimento da rua ao mesmo tempo. A repetição dessa informação chamou a atenção do pesquisador sobre um potencial daquela área que ainda não havia sido identificado, ao servir como uma área de transição entre a parte da frente da casa, notadamente mais reconhecida pelas idosas como um espaço público, e os fundos, de caráter mais privado.

O segundo tema identificado também diz respeito às intervenções realizadas na área escolhida e está relacionado às falas de algumas entrevistadas que se referem à identificação daquele local como um território próprio, destinado especificamente para as residentes da casa. Esses relatos aparecem associados a um sentimento de propriedade por aquela área que já havia sido observado pelos pesquisadores durante a realização das atividades (ver item 4.3.1.3). Esse sentimento é bem ilustrado pela fala de duas senhoras abaixo transcritas:

*“Então ali é reservado para nós né. Por uma parte é nosso enquanto a gente estiver aqui né? (risos). Tem liberdade naquele cantinho, para ir a hora que quer, ali tá arrumadinho, tá ajeitadinho, bonitinho...” (Sra. M.).*

*“A gente se sente assim... parece que é a casa da gente. Parece que a gente tá fazendo a casa da gente, então a gente sente saudade. Porque eu fazia muito, eu plantava muito na minha casa... era planta, era folhagem, tudo era cheio. E agora não dá mais né. Então participando daquilo ali, parece que é mais da gente, assim.... Foi bem bom” (Sra. E.).*

Nos demais temas que puderam ser identificados nas entrevistas, a satisfação das idosas com a pesquisa aparece de forma associada diretamente às atividades propostas em si mesmas. O tema “envolvimento em atividades” se refere aos relatos da maior parte das entrevistadas que associaram as atividades propostas pelos pesquisadores à quebra da monotonia da vida na instituição. Em geral, elas alegavam não terem nada para fazer durante o dia e que as atividades ajudavam a “se distrair” e a “passar o tempo”. O tema seguinte, “novos conhecimentos”, diz respeito a referências feitas sobre essas atividades como uma oportunidade para aprender coisas

novas e para se “atualizar”, conforme expressão utilizada por algumas entrevistadas. Os trechos das falas, abaixo transcritos, ilustram esse tipo de associação:

*“Aqueles fotografias foi muito bom.... todos gostaram das fotografias. E dos livros também né, porque é dos livros que veio a idéia da plantação. Tantas coisas que eu nunca tinha visto! Plantas...um monte de coisa” (Sra. J.).*

*“Olha, esses canteiros, no ar assim, mais altos, isso eu nunca tinha visto. Gostei muito, achei muito bom. Porque a maioria não pode mais se agachar não é.... Eu ainda me agacho, porque eu faço bastante fisioterapia, faço bastante exercício... Agora, a maioria não pode mais se agachar, se o canteiro fosse assim na terra, mais baixo... Eu gostei dessa idéia de levantar, fazer assim uns canteiros altos para que a pessoa não tenha que se curvar tanto. Gostei muito, isso eu não conhecia” (Sra. L.).*

Por fim, o último tema, “relações sociais e afetivas”, diz respeito à percepção de quase todas as entrevistadas de que as atividades representavam momentos de convívio com as outras residentes, oportunizando-lhes conhecerem melhor umas as outras e fazerem novas amizades. Essa percepção está bastante explícita na fala de uma das entrevistadas:

*“A gente assim conversa mais, fica mais juntas. Porque se não é assim, a gente vai uma para um canto, outra para o outro... E assim a gente leva tempo ali sentada, conversando, escutando a conversa uma da outra. E a gente vê qual é a outra que interessa mais para a gente, qual é a pessoa que a gente gosta mais, que interessa mais para o nosso coração. Porque às vezes a gente quer a amizade da pessoa, mas não sabe bem qual é o sistema da pessoa, e assim a gente vai entendendo... foi muito bom” (Sra. R.).*

Algumas idosas ainda ressaltam os fortes laços afetivos criados com os pesquisadores ao longo dos trabalhos como uma “recompensa” e como um estímulo para a participação nas atividades. Em uma fala bastante comovente de uma das entrevistadas, ela relata um episódio recente em que uma colega, residente da instituição, havia falecido e que, por conta disso, ela havia ficado muito

nervosa naquele dia. Relatou, então, que, naquele momento, ela só pensava em ter “um dos seus” próximo dela, “mesmo que fosse um de vocês”, se referindo aos pesquisadores. O trecho da entrevista com uma outra senhora, abaixo transcrito, também transmite a idéia da formação de laços de amizade com os pesquisadores:

*“Mas eu gosto de vocês todos aqui, barbaridade!!! Tu nem sabe meu filho. É coisa que eu gosto muito.... gosto muito quando eu te vejo... Eu tava deitada, e até dormindo... quando vi que tu tava chegando, eu já pulei da cama e vim para cá para falar contigo”*  
(Sra. M.).

Embora as idosas sempre se refiram ao seu envolvimento nas atividades de forma positiva, num comportamento que pode ser reflexo de uma satisfação real, mas que também pode estar relacionado aos tipos de distorção já abordados anteriormente (ver item 4.2.3.3), foi possível identificar alguns pontos críticos do trabalho desenvolvido nas falas de algumas entrevistadas. Em primeiro lugar, observou-se que algumas idosas relacionaram suas experiências de participação a uma sensação de impotência em relação à execução do jardim, comumente lamentando não poderem se envolver mais por falta de condições físicas e econômicas. Embora a maioria das entrevistadas tivesse se mostrado motivada com as primeiras intervenções no jardim, observou-se também que algumas manifestavam aflição ou receio de que o jardim não seria executado após o encerramento das atividades ou então que isso poderia levar ainda muito tempo. Por fim, em algumas entrevistas, surgiram relatos de conflitos em relação ao uso do espaço do novo jardim. Esses conflitos diziam respeito principalmente aos cuidados com a floreira de concreto onde foi realizada a atividade de plantio e o uso das cadeiras.

De maneira geral, pode-se dizer que os resultados das avaliações realizadas pelas idosas sobre a sua participação na pesquisa, confirmam outros resultados que já haviam sido observados ao longo das investigações. Assim, a valorização da pesquisa em função das atividades propostas em si mesmas, como uma forma de lazer ou recreação, já havia sido prevista ainda nas discussões do primeiro seminário interdisciplinar e foi observada durante o desenvolvimento de todos os trabalhos envolvendo diretamente as idosas. Da mesma forma, já haviam sido observados pelos pesquisadores da equipe de campo, efeitos da participação das idosas nas atividades sobre sua integração com as outras residentes e na aprendizagem de novos conhecimentos. Por fim, durante



as atividades envolvendo a eleição da área e a elaboração da proposta de jardim para a mesma, os pesquisadores também haviam observado que as idosas já estavam desenvolvendo sentimentos de identidade e propriedade por aquele local. Todos esses resultados vêm ao encontro da proposição teórica da pesquisa, tal como formulada no último ciclo das investigações, onde se propôs que o conceito de *design* social, aplicado aos planejamento dos espaços abertos, poderia agir beneficentemente sobre as dimensões ambiental e pessoal das relações das idosas com o ambiente institucional.

Por outro lado, os conflitos identificados em algumas entrevistas em relação ao uso do espaço que foi trabalhado, e a sensação de impotência experimentada por algumas entrevistadas associada a sua aflição em relação à continuidade da execução do projeto, salientam pontos críticos do envolvimento das idosas nesse tipo de trabalho. Esses pontos críticos deixam uma importante questão em aberto: - Como e quem vai gerenciar esses conflitos e sentimentos depois que o trabalho se encerra? Outra questão importante de ser discutida está relacionada com os laços afetivos formados entre os pesquisadores e as idosas. Os esforços de investigação desenvolvidos durante o segundo ciclo da pesquisa no sentido de buscar uma metodologia adaptada ao trabalho em instituições para idosos (ILPIs), apontava, entre outras coisas, para a necessidade do fortalecimento dos laços afetivos entre os pesquisadores e as idosas. Pensando-se na aplicação dessa metodologia ao planejamento de ambientes dessa natureza, como lidar com os sentimentos de perda provocados pelo término das atividades e pelo afastamento dos pesquisadores (ou do grupo envolvido no desenvolvimento do projeto) após a conclusão dos trabalhos?

#### 4.3.2.2 Diálogos com a equipe de campo

Como já foi mencionado, a avaliação da pesquisa pelos componentes da equipe de campo se deu através de diálogos entre as profissionais de outras áreas que fizeram parte desse grupo e o pesquisador autor desta tese. A proposta desses diálogos era realizar uma reflexão coletiva entre os componentes da equipe, sobre as experiências vividas pelo grupo desde as primeiras atividades desenvolvidas na instituição com a participação das idosas até o encerramento das mesmas.

As discussões entre os componentes da equipe de campo giraram em torno de um único grande eixo temático, relacionado à percepção geral do grupo de que as atividades desenvolvidas com a participação das idosas constituíram uma ampla experiência de troca entre todas as pessoas envolvidas no processo. A partir desse eixo temático, foram identificados três sub-temas, os quais podem ser visualizados na tabela 12, bem como uma síntese das principais discussões desenvolvidas em torno das mesmas.

**Tabela 12:** Tema e sub-temas relacionados à avaliação final da pesquisa pela equipe de campo.

Tema	Sub-temas	Síntese
Uma ampla experiência de troca	Crescimento dos participantes	As atividades desenvolvidas resultaram em aprendizados não somente para as idosas, mas também para os pesquisadores.
	Cumplicidade nos trabalhos desenvolvidos	A participação das idosas nas atividades as levou a compartilharem com os pesquisadores a responsabilidade de levar as propostas para o jardim adiante.
	Trocias afetivas	O convívio entre os pesquisadores e as idosas, durante as atividades, levou à formação de laços afetivos de ambas as partes.

O primeiro sub-tema diz respeito à percepção geral da equipe de campo de que o processo de envolvimento das idosas nas atividades resultou em aprendizados para todos os participantes. Para as idosas, as atividades teriam permitido não somente entrar em contato com novas informações, mas as teriam levado a modificar o seu olhar sobre os próprios espaços existentes na instituição, permitindo-as vislumbrarem novas possibilidades de uso e de adaptação dos mesmos às limitações de suas capacidades físicas. Nesse sentido, os pesquisadores avaliaram que o processo de envolvimento de pessoas idosas no planejamento dos seus ambientes físicos pode constituir, de fato, uma estratégia ou uma oportunidade para promover a sua instrumentalização para a melhor utilização dos recursos ambientais disponíveis.

Por outro lado, houve um consenso entre os pesquisadores de que eles também haviam passado por profundas transformações através do convívio com as idosas durante as atividades, as quais

estariam fundamentalmente associadas à modificação de sua percepção sobre a velhice e sobre as instituições para idosos. Apesar de suas experiências anteriores no trabalho com pessoas idosas institucionalizadas, os pesquisadores admitiram que o convívio mais prolongado e o conseqüente estreitamento das relações com as idosas os levaram a um processo de sucessivas quebras de estereótipos negativos. Uma das pesquisadoras, por exemplo, relatou que se sentia bastante deprimida toda a vez que chegava à instituição no início das atividades e que, com o tempo, esses encontros passaram a ser momentos de prazer para ela. Houve um sentimento geral dos componentes da equipe de campo de que as barreiras de idade que os separavam das residentes haviam desaparecido em determinados momentos, especialmente durante a realização das atividades do terceiro ciclo da pesquisa. Os laços de amizade construídos com as senhoras teriam lhes permitido percebê-las como indivíduos dentro de suas particularidades e não mais como componentes de um grupo etário específico, a ponto de, muitas vezes “esquecerem” que estavam lidando com pessoas de idade bastante avançada. Discutiu-se, ainda, que as idosas também pareciam ter percebido essa postura dos pesquisadores em relação a elas e que isso também havia modificado o comportamento delas em relação à equipe.

O segundo sub-tema diz respeito às conseqüências dessa aproximação entre os pesquisadores e as idosas, especialmente durante as atividades do terceiro ciclo, levando todos os participantes a fortalecerem um senso de cumplicidade em relação ao desenvolvimento dos trabalhos propostos. Os pesquisadores notaram que, através de seu empenho nas atividades propostas, as idosas procuravam responder ao interesse dos pesquisadores em desenvolver um trabalho em benefício da instituição. Porém, essa relação, em determinados momentos, se invertia, ou seja, as idosas demonstravam consciência que aquele trabalho não era importante somente para a instituição e para elas, mas também para os pesquisadores e, em especial, para o pesquisador autor desta tese.

Por fim, o último sub-tema diz respeito às já citadas relações de amizade que foram criadas entre os pesquisadores e as idosas através do convívio proporcionado pelas atividades. Os componentes da equipe discutiram que partilhavam da mesma percepção de que esse convívio teria sido responsável por conseqüências afetivas não somente para as idosas, mas também para eles. Ou seja, percebera-se que os laços de afeto haviam se estabelecido em ambos os sentidos da relação e que, embora um possível afastamento dos pesquisadores após o término da pesquisa fosse mais

crítico para as idosas, para eles o mesmo também representaria uma perda que precisaria ser assimilada.

#### 4.3.2.3 Terceiro seminário interdisciplinar

O terceiro seminário interdisciplinar foi organizado com o objetivo de apresentar os resultados finais da investigação, bem como discutir todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, desde o seu início. As discussões levantadas nesse último seminário, contudo, estiveram essencialmente centradas em um único tema relacionado às preocupações dos pesquisadores como os efeitos do término da pesquisa sobre as idosas que foram envolvidas nas atividades propostas pela equipe de campo. Esse tema e as principais discussões a ele relacionadas podem ser observados na tabela 13.

**Tabela 13:** Tema central e principais discussões do terceiro seminário interdisciplinar

Tema	Principais discussões
Efeitos do término da pesquisa sobre as idosas participantes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O término da pesquisa representará perdas para as idosas, tanto em função da ausência das atividades como em função do afastamento dos pesquisadores.</li> <li>• Deveria ser previsto algum tipo de continuidade para as ações desenvolvidas, após o encerramento da pesquisa, a fim de perpetuar os seus benefícios.</li> </ul>

O primeiro conjunto de discussões levantado pelos participantes do seminário, diz respeito a possíveis conseqüências negativas para as idosas decorrentes do término das atividades desenvolvidas na instituição, os quais também já haviam sido abordados nos resultados das avaliações da pesquisa pelas idosas e pelos componentes da equipe de campo. Assim, tanto o afastamento dos pesquisadores quanto a própria ausência das atividades, após a finalização da pesquisa, representariam perdas significativas para idosas que foram envolvidas no processo.

O segundo conjunto de discussões está intrinsecamente relacionado ao primeiro e diz respeito às colocações dos participantes do seminário de que as atividades desenvolvidas com as idosas deveriam ter algum tipo de continuidade. Os participantes discutiram que essa continuidade

poderia se dar através da articulação das ações que fizeram parte da pesquisa com trabalhos de extensão, desenvolvidos por universidades, ou mesmo de ensino, através de sua vinculação com programas de estágio supervisionado de cursos como terapia ocupacional, fisioterapia, educação física ou psicologia.

Em suma, discutiu-se que ações que propõe o envolvimento e o acionamento de pessoas idosas institucionalizadas não deveriam ser desenvolvidas de forma isolada e sim estarem integradas a programas mais amplos de atividades oferecidos pela instituição. Por outro lado, a realidade atual das ILPIs, de forma geral, é marcada pela ausência de programas como esses, apesar da sua previsão na legislação que regulamenta o funcionamento desse tipo de estabelecimento. A implantação de tais programas, dependeria, portanto, entre outras coisas, da realização de trabalhos diretamente voltados a estimular mudanças nas posturas administrativas dessas instituições, as quais ainda estariam baseadas, predominantemente, em políticas essencialmente assistencialistas.

As discussões levantadas no terceiro seminário interdisciplinar, nesse sentido, tiveram importantes conseqüências para as reflexões finais da pesquisa, realizadas a partir da proposição teórica formulada no último ciclo das investigações. Assim, as reflexões sobre os resultados finais da investigação, a partir dessa proposição, permitiram concluir que a aplicação do conceito de *design* social ao planejamento de espaços abertos em ILPIs pode levar, de fato, a melhorias nas relações entre os idosos e os ambientes institucionais. Porém, esses benefícios só seriam garantidos à medida que o processo de envolvimento dos idosos, inerente a essa proposta de aplicação, estivesse vinculado a uma perspectiva de continuidade, após a conclusão do projeto ou mesmo de sua implantação. Essa conclusão é especialmente válida quando se pensa nos benefícios potenciais do *design* social sobre a dimensão pessoal da relação idoso-ambiente, através do fortalecimento das competências pessoais dos idosos. Então, embora a aplicação desse conceito aos cenários institucionais possa resultar em ambientes mais congruentes com as necessidades dos idosos, não se pode garantir a perpetuação dos benefícios conquistados sobre suas competências pessoais, pois os mesmos estariam intrinsecamente associados ao envolvimento das pessoas no processo em si mesmo.

### 4.3.3 Conectando teorias

O conjunto final de reflexões desta tese resultou na produção de um terceiro artigo, encaminhado, posteriormente, para publicação em uma revista internacional voltada à divulgação científica de trabalhos aplicados no campo interdisciplinar da gerontologia<sup>10</sup>. Essas reflexões se baseiam na articulação dos resultados finais da investigação com a proposição formulada no último ciclo e com os referenciais teóricos relacionados aos pressupostos da pesquisa, e representam, em última análise, a síntese do aprendizado teórico do pesquisador autor desta tese, ao final da pesquisa-proposta.

O artigo elaborado a partir dessas reflexões, em suma, apresenta o planejamento de espaços abertos em ILPIs, através do conceito de *design* social, como uma proposta de aplicação em gerontologia ambiental e procura discutir uma fundamentação teórica capaz de suportar essa proposta. Na tabela 14, pode-se observar o título do artigo e uma síntese das principais discussões abordadas pelo mesmo. Caso o leitor tenha interesse em consultar esse artigo na sua íntegra, uma cópia do mesmo, em português, encontra-se disponível junto ao anexo 3 desta tese. Cabe salientar ainda, que a elaboração desse artigo exigiu do autor um aprofundamento nos marcos teóricos relacionados aos pressupostos da pesquisa, de maneira que a revisão apresentada pelo mesmo poderá ser consultada em complementação ao conteúdo da revisão bibliográfica que compõe o corpo principal da tese.

O primeiro conjunto de discussões apresentado no artigo, baseia-se na observação de um crescente interesse sobre questões envolvendo a qualificação de espaços abertos entre as publicações internacionais relacionadas ao planejamento de instituições para idosos. Partindo da análise das principais publicações focadas sobre esse tema específico, os autores identificam dois campos de investigação, relacionados ao domínio maior dos estudos do ambiente-comportamento, a partir dos quais as mesmas procuram encontrar suas fundamentações teóricas: - os estudos das relações pessoas-natureza e a gerontologia ambiental (TOMASINI et al, 2008).

---

<sup>10</sup> *Journal of Applied Gerontology*: <http://jag.sagepub.com/>

**Tabela 14:** Artigo encaminhado para publicação e suas principais discussões

Título e Referência do Artigo	Síntese das principais discussões
<p>“<i>Design Social de Espaços Abertos em Instituições de Longa Permanência para Idosos: uma proposta de aplicação em gerontologia ambiental</i>” (TOMASINI et al, 2008)*</p> <p>*Título original, em inglês: “<i>Social Design of Outdoor Spaces at Institutions for the Elderly: an application proposal in environmental gerontology</i>”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identifica, nas publicações voltadas ao planejamento de espaços abertos em instituições para idosos, referenciais teóricos centrados em dois campos de investigação relacionados ao domínio maior dos estudos do ambiente-comportamento: - os estudos das relações pessoas-natureza e a gerontologia ambiental.</li> <li>• Explora as conexões entre os referenciais das relações pessoas-natureza e da gerontologia ambiental, através do modelo da pressão-competência de Lawton e Nahemow (1973 apud TOMASINI et al, 2008) e da Teoria dos Jardins Suportivos (ULRICH, 1999 apud TOMASINI et al, 2008).</li> <li>• Analisa as contribuições disponíveis na literatura relacionada ao planejamento de espaços abertos em instituições para idosos como estando focadas na apresentação de requisitos de projeto e aponta a ausência de pesquisas voltadas ao próprio processo de projeto em movimento.</li> <li>• Propõe, à luz das conexões teóricas supra mencionadas, a aplicação do conceito de <i>design</i> social ao planejamento dos espaços abertos em instituições para idosos como uma estratégia capaz de melhorar as relações dos idosos com os ambientes institucionais ao atuar nas dimensões ambiental e pessoal dessa relação.</li> </ul>

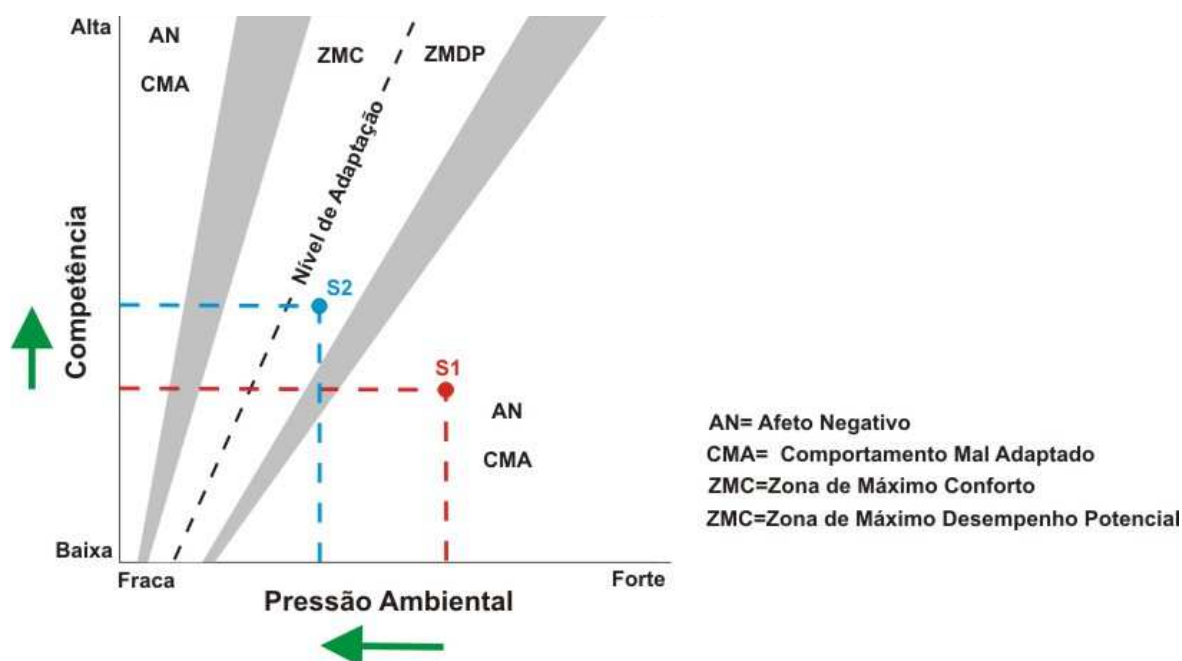
O artigo apresenta, então, reflexões a cerca de possíveis conexões entre as principais teorias relacionadas a esses dois campos de investigação, respectivamente: - a teoria dos jardins suportivos, ou teoria dos *healing gardens* (ULRICH, 1999), e a teoria ecológica do envelhecimento, sintetizada no modelo da pressão-competência, proposto por Lawton e Nahemow (1973). Essas conexões teriam, como ponto de partida, as implicações previstas pelo modelo da pressão-competência, a partir das quais as relações dos idosos com seus ambientes poderiam ser modificadas através de intervenções (ou manobras adaptativas) tanto no nível do indivíduo, como no nível do ambiente. Assim o acesso a espaços abertos adequadamente planejados representaria uma forma de intervenção no nível ambiental que, por si mesma, poderia levar a resultados adaptativos mais satisfatórios nas relações dos idosos com seus ambientes. Embora represente um tipo de intervenção no nível ambiental, no entanto, à luz da teoria dos jardins suportivos, seus efeitos também poderiam se dar ao nível do indivíduo. Essa afirmativa é feita com base nos supostos efeitos terapêuticos dos jardins sobre as pessoas, os quais, segundo a

teoria, estariam relacionados à eficiência dos ambientes naturais em facilitar a recuperação e o desenvolvimento de estratégias de  *coping*  para lidar com situações de  *stress* . Esses efeitos estariam relacionados aos seguintes recursos restaurativos proporcionados pelos jardins, abaixo transcritos conforme as palavras dos autores do artigo:

a) Senso de controle: ao representar possibilidades de escape temporário de situações estressantes da vida diária, bem como de encontrar privacidade quando essa não é possível no interior das edificações; b) suporte social: ao proporcionar local e oportunidades para o desenvolvimento de atividades que permitem a interação social; c) movimento físico e exercícios: possibilitando a realização de exercícios físicos ao ar livre e reduzindo sintomas de depressão e d) acesso à natureza e outras distrações positivas: ao permitir a visão e a experiência do contato com elementos presentes nos espaços abertos, que estariam associados à recuperação do stress de acordo com resultados de pesquisas (ULRICH, 1984; KAPLAN, 1973; GRAHN, 1994; GRAHN e STIGSDOTTER, 2003 apud TOMASINI et al, 2008).

A fim de complementar as argumentações apresentadas por Tomasini  *et al.*  (2008), pode-se observar, na figura 45, a representação de uma situação hipotética de intervenção, onde o acesso a espaços abertos poderia levar um idoso com certo nível de competências pessoais preservadas a melhores resultados de adaptação a um determinado ambiente. Na figura, o ponto S1 representa uma situação inicial, onde um idoso se encontra fora da faixa desejada de ajuste entre suas competências e o ambiente, conforme o modelo da pressão-competência de Lawton e Nahemow (1973) (ver a representação gráfica mais detalhada desse modelo no capítulo 2, item 2.1.1.1). Ou seja, nessa situação, observa-se que o ambiente exerce uma pressão demasiadamente forte em relação às competências pessoais do idoso aqui considerado, levando-o a apresentar resultados negativos de adaptação (denominados, pelos autores desse modelo, de comportamento mal adaptado e relações de afeto negativas em relação ao ambiente considerado).





**Figura 45:** Efeito hipotético do acesso a espaços abertos planejados sobre as relações idoso-ambiente

O acesso a espaços abertos bem planejados e adequados às suas necessidades, através de boas condições de acessibilidade e segurança e conforto, por exemplo, poderia provocar efeitos de redução da pressão ambiental provocada sobre esse idoso. Por outro lado, as influências terapêuticas do contato com os elementos naturais associados a esses espaços, tal como previsto pela teoria dos jardins suportivos, também poderiam auxiliar no fortalecimento das suas competências comportamentais para lidar com as pressões do ambiente oferecido. Essa intervenção, portanto, poderia levar a um novo equilíbrio entre as forças exercidas pelas dimensões ambiental e pessoal do modelo da pressão-competência, deslocando a relação inicialmente considerada para um novo ponto no gráfico, representado pela indicação S2. Esse novo ponto estaria localizado mais próximo do nível de adaptação previsto pelo modelo, em uma faixa de resultados positivos denominada de **zona de máximo desempenho**. Tal faixa corresponde a um nível de interação onde o indivíduo idoso dispõe de um ambiente adequado aos seus limites pessoais, porém ainda está submetido a uma pressão ambiental suficientemente alta para estimulá-lo a preservar e até mesmo ampliar o seu nível de competência. De acordo com a preferência do indivíduo, poder-se-ia ainda modificar essa relação, oferecendo-lhe um ambiente mais suportivo do que estimulante. Com isso, observar-se-ia, no gráfico, uma redução ainda maior da pressão ambiental e o deslocamento do ponto correspondente à interação idoso-

ambiente para a região à esquerda do nível de adaptação, denominada de **zona de máximo conforto**.

Após a exploração dessas possíveis conexões teóricas, o artigo discute a associação dos efeitos terapêuticos dos jardins com a qualidade dos projetos desenvolvidos e apresenta a seguinte análise das contribuições disponíveis na literatura relacionada ao planejamento de espaços abertos em instituições para idosos:

Os efeitos terapêuticos dos jardins estão estreitamente associados a um projeto adequado desses espaços. Um projeto inadequado, por outro lado, pode levar a uma baixa utilização dessas áreas (RODIEK, 2005; CRANZ & YOUNG, 2005 apud TOMASINI et al, 2008) e até mesmo aumentar o nível de stress ao invés de produzir efeitos restaurativos (ULRICH, 1999 apud TOMASINI et al, 2008). Então, uma considerável parte da pesquisa sobre esse tópico tem sido voltada para a investigação de princípios capazes de orientar o projeto de espaços mais congruentes com as necessidades de seus usuários, de forma a estimular a sua utilização e garantir os efeitos terapêuticos esperados. Para isso, os estudos são realizados a partir de cenários já existentes e frequentemente envolvem o uso de entrevistas e de observações das pessoas no uso de áreas externas, numa abordagem que se aproxima da fase de avaliação pós-ocupação (BARNES & COOPER MARCUS, 1999 apud TOMASINI et al, 2008) do processo de *design*.

Essa análise é concluída pela constatação da ausência, dentre as publicações disponíveis, de pesquisas voltadas ao próprio processo de projeto em movimento. Na seqüência, portanto, sugere a transferência do foco das investigações sobre esse tema para o processo de projeto através da adoção do conceito de *design* social e, mais especificamente, para as fases do planejamento que antecedem a implantação e o uso dos projetos: - a programação e a elaboração do projeto propriamente dito.

Propõe-se então, que o envolvimento dos idosos no processo de projeto, nessas duas fases iniciais do conceito de *design* social, poderia constituir uma forma de intervenção nas relações idoso-ambiente tanto no nível ambiental como no nível do indivíduo. De acordo com os autores do

artigo, é nas fases de programação e elaboração do projeto que residem as maiores possibilidades de participação dos usuários, as quais seriam particularmente importantes para idosos vivendo em ambientes institucionais.

Cenários institucionais representam exemplos de pressões ambientais que são independentes das preferências e escolhas pessoais (KAHANA, 2003 apud TOMASINI et al, 2008) e constituem ambientes que diferem radicalmente daqueles experimentados pela maioria dos idosos antes de sua admissão (LAWTON, 1986). As instituições abrigam o segmento mais vulnerável da população de idosos e são ambientes normalmente caracterizados por oferecerem demandas muito altas e demandas muito baixas, gerando resultados adaptativos negativos para os indivíduos (LAWTON, 1986 apud TOMASINI et al, 2008).

Um dos maiores benefícios do envolvimento de idosos institucionalizados no processo de planejamento, portanto, estaria relacionado à possibilidade de fortalecer sentimentos de controle entre os mesmos.

Como foi comentado anteriormente, o acesso a jardins bem planejados em instituições para idosos por si mesmo já pode auxiliar na geração de sentimentos de controle ao proporcionar possibilidades de escape temporário de situações de stress. O que se sugere, no entanto, é que, em um processo de *design* social, sentimentos de controle podem ser estimulados de maneira mais profunda, já que as escolhas reservadas aos sujeitos não se dão apenas sobre a utilização das áreas externas, mas também sobre a definição das características físicas desses espaços. Além disso, a mudança de um papel passivo do sujeito para um papel ativo no processo de projeto, implica não só na produção de ambientes mais congruentes com suas necessidades e desejos, mas também na consciência de sua colaboração para desenvolvimento de soluções para esses ambientes (TOMASINI et al, 2008).

Além do fortalecimento de sentimentos de controle, discute-se, ainda, no artigo, outros possíveis benefícios do envolvimento de idosos institucionalizados no planejamento de seus ambientes físicos, relacionando-os com os efeitos terapêuticos dos espaços abertos, previstos pela teoria dos jardins suportivos de Ulrich (1999).

À luz da teoria dos jardins suportivos de Ulrich (1999 apud TOMASINI et al, 2008) apresentada anteriormente, áreas externas bem planejadas também poderiam melhorar os resultados adaptativos de idosos aos ambientes institucionais ao constituírem locais que podem estimular o estabelecimento de contatos sociais (entre residentes, entre esses e os *staffs* ou entre esses e visitantes). A utilização de procedimentos participativos no planejamento desses espaços, no entanto, poderia ter uma função catalisadora na formação e consolidação das redes sociais dos sujeitos. Cabe lembrar que, em um processo de *design* social, a participação direta dos usuários nas fases de programação e elaboração do projeto normalmente ocorre através de atividades de grupos, que consistem em excelentes oportunidades para se trabalhar a socialização dos indivíduos. De acordo com Lawton (1983 apud TOMASINI et al, 2008), o comportamento social constitui uma das categorias que definem a competência comportamental de um indivíduo. Então, pensando-se que atividades educativas de cunho socializador podem estar embutidas em um processo de *design* social, o planejamento de áreas externas em ambientes para idosos poderia ser visto como uma manobra adaptativa também no nível do indivíduo e não apenas no nível do ambiente (TOMASINI et al, 2008).

As possibilidades educativas que podem ser desenvolvidas, especialmente na fase de programação, estão entre as maiores forças do conceito de *design* social e poderiam ser utilizadas para potencializar ainda outros dois importantes recursos restaurativos dos jardins previstos pela teoria dos jardins suportivos (ULRICH, 1999 apud TOMASINI et al, 2008): - o estímulo à movimentação física e à realização de exercícios e o acesso aos elementos naturais e outras distrações positivas disponíveis nos jardins. Assim, atividades educativas, levadas à cabo nessa fase da elaboração do projeto, poderiam atuar como mediadoras para a efetivação desses recursos ao servirem de estímulo à utilização das áreas externas (TOMASINI et al, 2008) [...].

[...] Então, em um processo de *design* social, os idosos poderiam ser estimulados a utilizarem essas áreas através de atividades educativas que abordassem os benefícios para a sua saúde relacionados ao contato com os elementos naturais dos jardins e à realização de exercícios físicos nesses locais. Essas atividades ainda poderiam estar associadas a um treinamento para capacitar os residentes a usufruírem desses benefícios, através da utilização adequada das soluções de projeto adotadas. Com isso, mais uma vez, o *design* social pode se apresentar como uma manobra adaptativa no nível do indivíduo, ao promover uma maior competência dos idosos para lidarem com os recursos ambientais disponíveis (TOMASINI et al, 2008).

Finalizando-se o artigo, procura-se argumentar sobre possíveis vantagens da aplicação do conceito de *design* social aos espaços abertos das instituições para idosos em relação a sua aplicação ao desenvolvimento de outros tipos de projetos, como para as edificações e para a decoração dos espaços interiores.

Provavelmente, participações nos projetos de edificações e espaços interiores em ambientes institucionais também poderiam constituir atividades capazes de desenvolver sentimentos de controle, estimular e fortalecer as redes sociais e educar os idosos para o uso mais efetivo dos recursos ambientais disponíveis. Mas a aplicação do conceito de *design* social às áreas externas pode ter algumas vantagens práticas que merecem ser consideradas. Em primeiro lugar, a possibilidade de se trabalhar com poucos recursos financeiros, já que os idosos podem participar do planejamento de pequenas intervenções nessas áreas, como a construção de canteiros para o cultivo de flores e plantas medicinais, o plantio de arbustos ornamentais ou ainda a construção de uma pequena fonte (evitando que os projetos sejam barrados por procedimentos burocráticos no estudo e avaliação de orçamentos). Em segundo lugar, o caráter efêmero de muitos de seus elementos e a maior flexibilidade dos arranjos espaciais nessas áreas, o que permite e realização de sucessivas adaptações para absorver a participação de novos residentes que vão ingressando na instituição ao longo do tempo. Por fim, a possibilidade de integrar as atividades de *design* a programas de terapia horticultural (WELLS, 1997; SIMSON e STRAUS, 1998 apud TOMASINI et al, 2008), garantindo uma continuidade das ações e criando oportunidades para que os idosos também participem da fase de execução e manutenção dos projetos implantados (TOMASINI et al, 2008).

#### 4.3.4 Resumo do terceiro ciclo

O terceiro ciclo da pesquisa foi composto de um último conjunto de atividades realizadas na instituição participante, onde as idosas foram envolvidas na elaboração de uma proposta para a área escolhida ao final do segundo ciclo e nas primeiras iniciativas voltadas à sua implantação. Após o encerramento dessas atividades, a pesquisa foi submetida à avaliação pelos seus participantes através de entrevistas individuais com as idosas, de diálogos com os componentes da equipe de campo e do último seminário interdisciplinar. De forma geral, as idosas

expressaram satisfação com o trabalho tanto em função das atividades desenvolvidas como em função do resultado dessas atividades. Essa satisfação estaria associada aos seguintes fatores: (a) a criação de um novo espaço para ser utilizado nas áreas externas; (b) a identificação da área trabalhada como um território próprio; (c) a quebra da monotonia da vida na instituição, através da participação nas atividades propostas; (d) a oportunidade para aprender coisas novas e para se “atualizar”; (e) a oportunidade de conviver e conhecer melhor as outras residentes, bem como fazer novas amizades, através da participação nas atividades. Por outro lado, em algumas entrevistas, foram identificados conflitos em relação ao uso do espaço que foi trabalhado e sentimentos de impotência em relação à continuidade da execução do projeto, os quais salientam pontos críticos do envolvimento das idosas nesse tipo de trabalho. A avaliação da pesquisa pelos componentes da equipe de campo pode ser resumida na percepção geral do grupo de que as atividades desenvolvidas com a participação das idosas constituíram uma ampla experiência de troca entre todas as pessoas envolvidas no processo. Nessa experiência, os componentes da equipe reconheceram que: (a) o convívio com as idosas resultou em profundas modificações em sua percepção sobre a velhice e sobre as instituições para idosos; (b) foi estabelecida uma relação de cumplicidade entre os participantes das atividades, na qual as idosas reconheciam os benefícios da pesquisa para elas e para a instituição, mas também demonstravam consciência que aquele trabalho também era importante para os pesquisadores; (c) foram estabelecidos laços de afeto entre todos os participantes e, portanto, o término da pesquisa representaria uma perda tanto para as idosas quanto para os pesquisadores. As discussões levantadas no último seminário interdisciplinar da pesquisa estiveram essencialmente centradas em preocupações com os efeitos do término da pesquisa sobre as idosas que foram envolvidas nas atividades propostas. Em suma, discutiu-se que ações que propõem o envolvimento e o acionamento de pessoas idosas institucionalizadas não deveriam ser desenvolvidas de forma isolada e sim estarem integradas a programas mais amplos de atividades oferecidos pela instituição. Essas discussões tiveram importantes consequências para as reflexões finais da pesquisa, permitindo concluir que a aplicação do conceito de *design* social ao planejamento de espaços abertos em ILPIs deve estar vinculada a uma perspectiva de continuidade após a conclusão e implantação do projeto. O conjunto final de reflexões a cerca da proposição teórica da pesquisa foi sintetizado na forma de um artigo, onde se discute o potencial da aplicação do *design* social ao planejamento de espaços abertos de ILPIs, através da sua articulação com os referenciais da gerontologia ambiental e dos

estudos das relações pessoa-natureza. Sugere-se essa aplicação como uma estratégia capaz de melhorar as relações entre os idosos e os ambientes institucionais, atuando tanto na dimensão ambiental como pessoal dessas relações.

## 5 CONCLUSÕES

Esse último capítulo apresenta as principais conclusões sobre os resultados finais da pesquisa, baseadas nos aprendizados construídos ao longo dos três ciclos de investigação que compuseram esta tese, e aponta algumas direções para o desenvolvimento de pesquisas futuras relacionadas ao tema da qualificação de espaços abertos em ILPIs.

Antes de se abordar os ciclos de aprendizagem da investigação, no entanto, é importante fazer alguns comentários sobre a metodologia adotada pela pesquisa, baseada na estratégia da pesquisa-ação. A opção pela utilização da pesquisa-ação no desenvolvimento da presente tese foi feita, essencialmente, em função da natureza do problema de pesquisa proposto, e exigiu um grande esforço por parte do pesquisador no sentido de buscar a familiarização com os pressupostos epistemológicos que norteiam essa estratégia de investigação. A formação anterior do pesquisador, orientada pelo paradigma positivista, constituía uma barreira inicial que foi preciso ser superada para permitir a compreensão e o reconhecimento de metodologias fundamentadas em outros paradigmas mais contemporâneos, tais como a fenomenologia. Pode-se dizer, portanto, que o aprofundamento teórico sobre a natureza do conhecimento científico e sobre as metodologias qualitativas de pesquisa, conseqüentes desse esforço, representam um primeiro e importante nível de aprendizado construído ao longo do processo de investigação.

Considerou-se o desenvolvimento de uma tese baseada na pesquisa-ação um empreendimento bastante difícil, não somente pelas mudanças necessárias sobre a orientação filosófica do pesquisador, mas pela complexidade da tarefa de conciliar pesquisa e prática e pelo grande número de dilemas éticos relacionados à mesma. Se, por um lado, no entanto, a combinação entre pesquisa e prática, inerentes a essa estratégia, constitui uma das maiores dificuldades da sua utilização, por outro, constitui um dos seus maiores fascínios. Esse fascínio cresce à medida que as ações a campo vão sendo desenvolvidas e seus efeitos começam a ser observados, permitindo novas reflexões e a conseqüente evolução do aprendizado dos agentes envolvidos. Outro aspecto estimulante da utilização da pesquisa-ação reside no fato de que a mesma constitui uma metodologia relativamente recente em termos históricos e, portanto, ainda se encontra em construção. Todos os esforços relacionados à utilização da pesquisa-ação estão, portanto, de certa



forma, contribuindo para esse processo de construção, criando um interessante elo entre os pesquisadores mais experientes e aqueles que, pela primeira vez, se aventuram no estudo e aplicação dessa estratégia de conhecimento. Tal elo pode ser observado na criação e na consolidação de uma ativa lista eletrônica de discussão<sup>11</sup>, onde pesquisadores, estudantes e práticos dividem informações e experiências sobre o emprego dessa metodologia, bem como na manutenção de um *journal*<sup>12</sup> especificamente dedicado à pesquisa-ação.

O primeiro ciclo da pesquisa envolveu um conjunto de iniciativas desenvolvidas pelo pesquisador no sentido de buscar a sua preparação para trabalhar com o tema do envelhecimento humano. Esse conjunto de iniciativas foi considerado um ciclo de aprendizagem da investigação e foi apresentado como parte do corpo da tese, tendo em vista suas conseqüências sobre o processo de refinamento da pesquisa dos pontos de vista teórico, prático e metodológico.

Do ponto de vista teórico, os resultados desse ciclo levaram à conclusão de que pesquisas envolvendo temas relacionados ao planejamento de ambientes para idosos devem buscar a articulação com referenciais que permitam uma compreensão mais profunda e abrangente sobre o fenômeno do envelhecimento humano. Um consistente arcabouço teórico, capaz de abarcar e sustentar pesquisas nesse sentido, pode ser encontrado no campo interdisciplinar da gerontologia, e, mais especificamente, em um de seus sub-campos ligado aos estudos das relações pessoas-ambiente: a gerontologia ambiental. Do ponto de vista prático, concluiu-se que a articulação do planejamento de ambientes para idosos com um enfoque gerontológico pode se dar através da participação de equipes interdisciplinares nas atividades de projeto. Enfim, do ponto de vista metodológico, propôs-se a participação de pesquisadores de diferentes formações profissionais, com experiência em estudos sobre o envelhecimento humano, através de seminários interdisciplinares de discussão sobre o andamento das investigações a campo, como uma forma de ampliar os níveis reflexivos da pesquisa. As conseqüências essencialmente práticas das contribuições geradas nos três seminários que fizeram parte da investigação permitiram concluir que essa forma de participação pode ser bastante útil na condução de pesquisas de intervenção envolvendo questões de cunho interdisciplinar, tais como o planejamento de espaços abertos em

---

<sup>11</sup> arlist-1- *Forum for discussing action research theory and practice*: <http://lists.scu.edu.au/mailman/listinfo/arlist-1>

<sup>12</sup> *Action Research*: <http://arj.sagepub.com/>

instituições para idosos. No caso específico desta tese, pode-se dizer que importantes ajustes nas ações voltadas à adaptação e à aplicação do conceito de *design* social ao planejamento de espaços abertos de ILPIs, fundamentais para a investigação do problema de pesquisa proposto, não teriam sido possíveis sem as contribuições desses seminários.

O segundo ciclo consistiu de uma série de ações realizadas na instituição participante da pesquisa com o objetivo de estudar a adaptação do conceito de *design* social ao contexto específico da investigação proposta (planejamento de espaços abertos em ILPIs), através de sua articulação com o campo interdisciplinar da gerontologia. As ações desenvolvidas nesse sentido se concentraram sobre a primeira fase do *design* social, conhecida como programação, constituída pelas etapas de estudo de necessidades, envolvimento dos usuários e estabelecimento de diretrizes de projeto.

O estudo de necessidades foi realizado através do cruzamento de resultados de levantamentos físicos, entrevistas e observações, em metodologia semelhante a que havia sido utilizada pelo pesquisador em estudo anterior desenvolvido na mesma instituição investigada nesta tese (TOMASINI, 2002). Os resultados da pesquisa atual se apresentaram bastante semelhantes aos resultados da pesquisa anterior, permitindo validar essa metodologia para a aplicação ao estudo de necessidades de espaços abertos em ILPIs. Por outro lado, a inclusão de perguntas sobre lembranças de relações passadas com jardins e com as plantas, de maneira geral, ao roteiro de entrevistas, foi considerada um aperfeiçoamento importante dessa metodologia. A inclusão das mesmas ajudou a identificar valores atribuídos aos espaços externos da instituição e revelou uma influência maior das idosas sobre a configuração dessas áreas do que se imaginava inicialmente, através da comparação dos resultados das entrevistas com os levantamentos físicos realizados. Da mesma forma, pôde-se concluir que o emprego de mapas comportamentais, em auxílio às observações, constituiu um incremento sobre a metodologia anteriormente utilizada, permitindo identificar, com maior precisão, locais preferidos pelas idosas, bem como locais com potencial de utilização para as mesmas.

As atividades desenvolvidas com a participação das idosas no segundo ciclo resultaram numa série de aprendizados que podem balizar uma metodologia para a adaptação da fase de

envolvimento dos usuários ao contexto das ILPIs. Esses aprendizados podem ser assim resumidos: (a) um maior período de convívio com as idosas permite a criação de laços de afeto com os pesquisadores que podem facilitar o envolvimento das mesmas nas atividades propostas; (b) as atividades propostas não devem estar associadas a uma idéia de compromisso, assim, recomenda-se deixar a participação aberta para todas as residentes durante as mesmas, evitando-se tentativas de organização de grupos de trabalho; (c) reuniões formais devem ser evitadas, privilegiando-se o envolvimento das idosas através de atividades descontraídas e incorporando sugestões ou interesses manifestados por elas sempre que possível; (d) as atividades devem ser desenvolvidas, preferencialmente *in loco*, ou seja, diretamente nos locais para onde as intervenções são propostas; (e) o uso de recursos visuais como fotografias em grande formato, livros e revistas e maquetes foram considerados eficientes para diversas funções, tais como: - a evocação de memórias e o estímulo a conversações entre as residentes, a sensibilização para o tema proposto (no caso, a qualificação dos espaços abertos da instituição), e a comunicação de soluções de projeto entre os pesquisadores e as idosas. Quanto às formas de registro das atividades, considerou-se inadequado o uso de gravações de voz, de filmagens ou a presença de um observador. Embora não se tenha testado esses dois últimos métodos, considerou-se que, dificilmente, seria possível a presença de uma pessoa nas atividades que não estivesse diretamente envolvida com as idosas, dada a grande demanda de atenção apresentada pelas mesmas em relação a todos os pesquisadores participantes. O uso de registro fotográfico das atividades foi considerado um recurso eficiente para facilitar a evocação de lembranças posteriores dos pesquisadores sobre esses eventos, facilitando a análise de seus resultados.

Através das ações desenvolvidas no segundo ciclo, relacionadas às etapas de estudo de necessidades e envolvimento dos usuários, foram identificados os seguintes requisitos de projeto para as áreas externas da instituição estudada: (a) observar elementos e significados do jardim e da vegetação em geral associados a lembranças das idosas (como, por exemplo, a idéia do jardim produtivo); (b) atender as características associadas ao uso das externas pelas idosas, ou seja, acessibilidade e segurança, conforto, presença de elementos de interesses (plantas, animais e pessoas), infra-estrutura para o desenvolvimento de atividades e a possibilidade de encontrar locais de privacidade; (c) priorizar o atendimento de necessidades e desejos expressos pelas idosas, tal qual a presença de flores e os cuidados com a manutenção (limpeza e organização); (d)

prever elementos e espécies com exigências de conservação compatíveis com os recursos da casa, de maneira que as tarefas nesse sentido não dependessem necessariamente das idosas, evitando-se, assim, a associação do jardim com a idéia de “compromisso”; (e) prever soluções de baixo custo, na medida do possível, utilizando a mão-de-obra e os materiais disponíveis na instituição. Baseando-se no êxito da experiência da participação das idosas na eleição de área que foi trabalhada no último ciclo da pesquisa, poder-se-ia, ainda acrescentar: (f) quando não houver disponibilidade de recursos para o desenvolvimento de um projeto para todas as áreas externas da instituição, ou ainda, quando as mesmas exigem projetos muito complexos em função de sua amplitude, recomenda-se a escolha e a delimitação de uma área menor, preferencialmente com a participação dos residentes.

O terceiro ciclo da pesquisa foi composto por um último conjunto de atividades envolvendo as idosas, com o objetivo de desenvolver um projeto de paisagismo para a área escolhida pelas mesmas no segundo ciclo da investigação. Na experiência dessa pesquisa, observou-se que o envolvimento das idosas na fase de elaboração de projeto não foi capaz de revelar novos requisitos de projeto em relação àqueles identificados na fase de programação, principalmente, na etapa de estudo de necessidades, através da aplicação de entrevistas e da realização de observações. Tampouco, foi possível avançar na definição de soluções de projeto com a participação das idosas, o que levou à conclusão de que o seu envolvimento no processo de planejamento, através da aplicação do conceito de *design* social, possui um limite que precisa ser observado.

Por outro lado, observou-se que o envolvimento das idosas nas atividades, em si mesmo, parece possuir um valor maior para elas do que possíveis intervenções no espaço. Além disso, observou-se uma série de efeitos positivos da participação das idosas nas atividades sobre o seu comportamento, tais como, a recuperação de lembranças, estímulo às relações sociais, o desenvolvimento de um senso de identidade e propriedade pela área trabalhada e o estímulo à aprendizagem de novos conhecimentos. Esses resultados levaram à confirmação da proposição teórica formulada no último ciclo da pesquisa, na qual se propôs que o conceito de *design* social, aplicado ao planejamento dos espaços abertos de ILPIs, poderia agir beneficentemente não somente

sobre a dimensão ambiental, mas também na dimensão pessoal das relações das idosas com o ambiente institucional.

No entanto, foram identificados pontos críticos da aplicação do conceito de *design* social ao planejamento de ambientes institucionais, principalmente relacionados a possíveis sentimentos de perda entre os idosos após o encerramento dos trabalhos, tanto em relação à ausência das atividades como ao afastamento dos pesquisadores (ou equipe de projeto). Esses pontos críticos permitiram concluir que a aplicação do conceito de *design* social ao planejamento de espaços abertos em ILPIs deve estar vinculada a uma perspectiva de continuidade após a conclusão e implantação do projeto e, de preferência deve estar articulada com programas mais amplos de atividades oferecidos pelas instituições.

Uma primeira recomendação para o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre o tema da qualificação de espaços abertos em ILPIs estaria associada às limitações dos resultados desta tese em função do gênero das participantes da pesquisa-ação desenvolvida. Como foi discutido no segundo seminário interdisciplinar que apoiou a pesquisa, influências de gênero poderiam explicar a maior valorização, por parte das idosas, das relações sociais implícitas na participação nas atividades propostas do que o envolvimento na definição de planos e soluções para intervenções no espaço físico. Assim, uma proposta interessante de investigação seria a realização de pesquisas semelhantes em instituições mistas, e, mais, especificamente envolvendo homens como participantes.

Outra recomendação para investigações futuras, ainda no nível da proposição de intervenções, seria o desenvolvimento de uma pesquisa-ação voltada à implantação de um programa de atividades em ILPIs relacionado a práticas de hortiterapia. A hortiterapia associa práticas de cultivo de plantas a atividades terapêuticas (SIMSOM e STRAUS, 1998) e poderia constituir uma interessante alternativa para dar continuidade a processos de intervenção baseados no conceito de *design* social, suprimindo as necessidades de continuidade anteriormente mencionadas.

Por fim, uma última recomendação seria a realização de um estudo de caso múltiplo, envolvendo um universo maior de ILPIs onde, através de entrevistas, observações e levantamentos físicos,

procurar-se-ia investigar possíveis relações entre as memórias das idosas sobre relações passadas com jardins e plantas, de forma geral, e a configuração das áreas externas dessas instituições. Tal investigação poderia aprofundar a compreensão de como os idosos residentes em instituições influenciam na construção desses espaços, contradizendo sua aparente postura passiva nesse sentido, tal como foi observado pela presente pesquisa.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, D. **Contributing to Learning to Change: Developing an action learning peer support group of professionals to investigate ways of improving their own professional practice.** 2004. Thesis (Master of Education). University of Wollongong, Wollongong, 2003. Disponível em: <<http://www.library.uow.edu.au/adt-NWU/public/adt-NWU20050901.105532/index.html>>. Acesso em: 19/03/2008.

ALVES, S.M.; GULWADI, G.B.; COHEN, U. Accommodating Culturally Meaningful Activities in Outdoor Settings for Older Adults. In: RODIEK, S.; SCHWARZ, B. (Eds.) **The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging.** Haworth Press: New York, 2005. p.109-140.

BASTIAN, E.M. **Estudo sobre acreditação de internatos para pessoas idosas na área metropolitana de Porto Alegre –RS.** 1979. Tese (Livre Docência em Saúde Pública), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

BONNES, M.; SECCHIAROLI, G. **Environmental psychology: a psycho-social introduction.** London: SAGE, 1995.

BORN, T.; BOECHAT, N.S. A Qualidade dos Cuidados ao Idoso Institucionalizado. In: FREITAS, E.V. et al (orgs.) **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1131-1141.

BRASIL. Portaria MS-810/89 – Normas para o Funcionamento de Casas de Repouso, Clínicas Geriátricas e Outras Instituições Destinadas ao Atendimento do Idoso.

BRASIL. Lei 8842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso.

BRASIL. Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 96 de 10 de outubro de 1996. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

BRASIL. Portaria SAS-073 de 10 de maio de 2001. Estabelece Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso no Brasil.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

BRASIL. Resolução da Diretoria Colegiada-RDC/ANVISA nº 283, de 26 de setembro de 2005. Aprova o Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial.

BRAWLEY, E.C. **Raising the bar in designing for older adults: a quality of life issue.** Disponível em: <<http://www.merchandisemart/neocon/pros/hcd02.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2001.

BRYDON-MILLER, M.; GREENWOOD, D.; MAGUIRE, P. Why Action Research? **Action Research**.v.1(1):9-28. 2003.

CALSYN, R.J.; WINTER, J.P. Understanding and Controlling Response Bias in Needs Assessment Studies. **Evaluation Review**. v.23(4):399-417. 1999.

CAMARANO, A.A. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E.V. et al (orgs.) **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 88-105.

CANTUARIA, G.A.C. **Microclimatic impact of vegetation on building surfaces.** Dissertation (Master) - Architectural Association Graduate School, London, 1995.

CARP, F.M., CARP, A. A complementary congruence model of well-being for the community elderly. In: ALTMAN, I.; LAWTON, M.P.; WOHLWILL, J.F. (Eds.) **Elderly people and the environment**. New York: Plenum Press, 1984

CARSTENS, D.Y. **Site Planning and Design for the Elderly: Issues, Guidelines, and Alternatives.** New York: Van Nostrand Reinhold, 1993.

COOPER-MARCUS, C., BARNES, M. (Eds.). **Healing gardens: Therapeutic benefits and design recommendations.** New York: John Wiley & Sons, 1999.

CUPERTINO, A.P. **Avaliação pós-ocupação de instituições para idosos no Distrito Federal.** 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

DAVIS, J.M. Rethinking the architecture: An action researcher's resolution to writing and presenting their thesis. **Action Research**.v.5(2):181-198. 2007.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. The Discipline and Practice of Qualitative Research. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Eds.) **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 2000. p.5-28.

DETARDO-BORA, K.A. Action Research in a World of Positivist-Oriented Review Boards. **Action Research**.v.2(3):237-253. 2004.

DICK, B. **You want to do an action research thesis?** How to conduct and report action research (including a beginner's guide to the literature). Disponível em: <<http://www.scu.edu.au/schools/gcm/ar/art/arthesis.html>>. Acessado em: 29/02/2008

DOLL, J. O campo interdisciplinar da Gerontologia. In: PY, L. et al. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.



DOMINGUES, M.A.; QUEIROZ, Z.P.V. Atitudes, mitos e estereótipos relacionados ao envelhecimento e a sua influência no atendimento domiciliar. In: DUARTE, Y.A.O. **Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico**. São Paulo, Atheneu, 2000.

DUARTE, L.R.S. Idade cronológica: mera questão referencial no processo de envelhecimento. **Cadernos de Envelhecimento**, v.2. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 35-47.

DUENWALD, S. Bridges across the generation gap. **Applied Sociology**. April 15, 1999. Disponível em: <<http://learn.sdstate.edu/prevention/sduenwald.html>>. Acessado em: 07 jan. 2001.

EASTERBY-SMITH, M.; THORPER, R.; LOWE.A. **Management Research: an introduction**. London: Sage, 1991.

EPSTEIN, M. The garden as healer. **The Seattle Daily Journal of Commerce**, 31 mar., 1998. Disponível em: <<http://dcj.com/special/landscape98/10037844.thm>> Acessado em: 16 dez. 2001.

FEDRIZZI, B. Psicologia Ambiental: vegetação e diminuição do estresse. In: PETRY, C. & QUADROS, C., org. **Seminário Regional sobre Paisagismo Urbano**. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 31-35.

FISHER, K.; PHELPS, R. Recipe or Performing Art: challenging conventions for writing action research theses. **Action Research**.v.4(2):143-164. 2006.

FLAGLER, J. Horticultural therapy. Disponível em:  
< <http://www.princetonol.com/groups/mg/hortherinfo.html>> Acessado em: 21 fev. 2002.

FREITAS, E.V. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, L. et al. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.

GIBBON, M. Doing a Doctorate Using a Participatory Action Research Framework in the Context of Community Health. **Qualitative Health Research**. v.12(4):546-558. 2002.

GIFFORD, R. **Environmental Psychology: principles and practices**. 2nd ed. Needham Heights: Allyn and Bacon, 1997.

GIORGI, A. Sketch of a Psychological Phenomenological Method. In: GIORGI, A. (Ed.) **Phenomenological and Psychological Research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985. p.8-22.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GRAHN, P. The importance of green urban areas for people's well-being. **European Regional Planning**, n.56, p. 89-112. 1994.

GÜNTHER, H. & ROZENSTRATEN, R.J. **Conceito, origem e desenvolvimento da psicologia ambiental**. Manuscrito não publicado. 1992.

HART, L.A. The Role of Pets in Enhancing Human Well-being: Effects for Older People. Disponível em: <<http://www.deltasociety.org/dsx300.htm>> Acessado em: 21/05/2002.

HERÉDIA, V.B.M.; CORTELLETTI, I.; CASARA, M.B. Institucionalização do Idoso: identidade e realidade. In: CORTELLETTI, I.; CASARA, M.B.; HERÉDIA, V.B.M. **Idoso Asilado: um estudo gerontológico**. Caxias do Sul: Educs/Edipucrs, 2004. p. 13-60

HERR, K.; ANDERSON, G.L. **The Action Research Dissertation: A Guide for Students and Faculty**. Thousand Oaks: Sage, 2005.

HIROTA, E.H. **Desenvolvimento de Competências para a Introdução de Inovações Gerenciais na Construção através da Aprendizagem na Ação**. 2001. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

IMAMOGLU, E.O.; KILIÇ, N. A social psychological comparison of the turkish elderly residing at high or low quality institutions. **Journal of Environmental Psychology**. (1999) 19, p.231-242.

INTERNACIONAL ASSOCIATION OF GERONTOLOGY. The 18<sup>th</sup> Congress of the International Association of Gerontology: Final Program. Rio de Janeiro: ISA, 2005.

JOHNSON, P.; DUBERLEY, J. **Understanding Management Research: an introduction to epistemology**. Thousand Oaks: Sage, 2000.

KEMMIS, S; McTAGGART, R. Participatory Action Research. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Eds.) **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 2000. p.567-605.

KERRIGAN, J. Gardening with the elderly. **Ohio State University Extension Fact Sheet**. HYG-1642-94. Disponível em <<http://www.ag.ohio-state.edu/~ohioline/hyg-fact/1000/1642.html>> Acessado em: 02 jan. 2001.

KÜLLER, M.; KÜLLER, R.; IMAMOGLU, E.O. & IMAMOGLU, V. Health and outdoor environment for the elderly. In: PAMIR, H., IMAMOGLU, V. & TEYMUR, N. (Eds.) **Culture Space History**. Proceedings of IAPS 11, JULY 8-12, 1990 (vol.3). Ankara.: METU Faculty of Architecture Press, 1990 p. 236-245.

KUMAR, M.R **Total Quality Management as the basis for organizational transformation of Indian Railways: a study in action research**. 2005. Thesis (Doctor of Business Administration), Southern Cross University, Lismore, 2005. Disponível em: < <http://epubs.scu.edu.au/theses/28/>>. Acesso em: 01/04/2008.

KVALE, S. **InterViews: an introduction to qualitative research interviewing**. Thousand Oaks: Sage, 1996.

LADKIN, D. The Enigma of Subjectivity: How might phenomenology help action researches negotiate the relationship between “self”, “other” and “truth”? **Action Research**.v.3(1):108-126. 2005.

LAFIN, S.H.F. Asilos: Algumas Reflexões. In: CORTELLETTI, I.; CASARA, M.B.; HERÉDIA, V.B.M. **Idoso Asilado**: um estudo gerontológico. Caxias do Sul: Educ/Edipucrs, 2004, p.111-113.

LANE, P. Raised bed gardening. **Ohio State University Extension Fact Sheet**. HYG-1641-92. Disponível em <<http://www.ag.ohio-state.edu/~ohioline/hyg-fact/1000/1641.html>> Acessado em: 02 jan. 2001.

LAWTON, M.P.; NAHEMOW, L. Ecology and the aging process. In EISDORFER, C.; LAWTON, M.P (Eds.). **Psychology of adult development and aging**. Washington, DC: American Psychological Association, 1973, p. 619-674.

LAWTON, M.P. **Environment and Aging**. (Classics in Aging Reprinted. Series I; v.1). New York: The Center for the Study of Aging, 1986. Second Edition.

LAWTON, M.P. Methods in Environmental Research with Older People. In: BECHTEL, R.B. et al. **Methods in Environmental and Behavioral Research**. New York: Van Nostrand, 1987. p.337-360.

LEHR, U. A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo. **Cadernos de Envelhecimento**, v.1. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 7-35.

LUCK, R. Dialogue in participatory design. **Design Studies**. 24 (2003)523-535

MACHADO, L.M.C.P. Paisagem, Ação, Percepção e Cognição. In: OLIVEIRA, L. & MACHADO, L.M.C.P., org. **Cadernos Paisagem Paisagens 3**. Rio Claro:UNESP, 1998, p.1-4.

MASTERS, J. The History of Action Research. IN: HUGHES, I.(ed) **Action Research Electronic Reader**. The University of Sydney, 1995. Disponível em: <<http://www.behs.cchs.usyd.edu.au/arow/Reader/rmasters.htm>> Acesso em: 19/03/2008

MATTHIES, E.; KRÖMKER, D. Participatory Planning: a heuristic for adjusting interventions to the context. **Journal of Environmental Psychology**. (2000) 20, p.65-74.

MC NIFF, J.; LOMAX, P.; WHITEHEAD, J. **You and Your Action Research Project**. New York: Routledge, 2001.

MELLO, A.L.S.F.; PADILHA, D.M.P.; ROSA, M.A.C. **Casas geriátricas de Porto Alegre**: manual de orientação aos usuários. Porto Alegre: UFGRS, 2000.

MELO, R.G.C. Psicologia Ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia- USP**. São Paulo: USP, 1991, 2 (1/2): 85-103.

- MELROSE, M.J. Maximizing the Rigor of Action Research: why would you want to? How could you? **Field Methods**. Vol.13, N°2, May 2001. 160-180.
- MILANO, M. S. Arborização Urbana. In: **Curso sobre Arborização Urbana**. Curitiba: Universidade Livre do Meio Ambiente, 1994. p. 01-52.
- MILES, M.B.; HUBERMAN. A.M. **Qualitative Data Analyses**: an expanded source book. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2 ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1993.
- MOORE, K.D. et al. A pragmatic environmental psychology: a metatheoretical inquiry into the work of M. Powell Lawton. **Journal of Environmental Psychology**. (2003) 23, p.471-482.
- MOOS, R.H.; LEMKE, S. Supportive Residential Settings for Older People. In: ALTMAN, I.; LAWTON, M.P.; WOHLWILL, J.F. (Eds.) **Elderly people and the environment**. New York: Plenum Press, 1984. p.159-190.
- MOSER, G. Psicologia Ambiental e Estudos Pessoas-Ambiente: que tipo de colaboração multidisciplinar? **Psicologia USP**. (2005), 16(1/2), 131-140
- NERI, A.L. Qualidade de vida na velhice e atendimento domiciliário. In: DUARTE, Y.A.O. **Atendimento domiciliar**: um enfoque gerontológico. São Paulo: Atheneu, 2000.
- NEVES, R.M. **Desenvolvimento de Competências de Gerentes Intermediários na Construção Civil através da Adaptação da Aprendizagem Baseada em Problemas-ABP**. 2006. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- OMBRETA, R. Conhecimento, Interdisciplinaridade e Psicologia Ambiental. **Psicologia USP**, 2005, 16(1/2), 167-178
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Planificación y organización de los servicios geriátricos**. Informe técnico n° 48. Genebra: OMS, 1974.
- OTTOSSON, S. Participation action research: a key to improved knowledge of management. **Technovation** 23 (2003) 87–94
- PÁDUA, E.M.M. **Metodologia da Pesquisa**: abordagem teórico-prática. Papirus: São Paulo, 1997.
- REGNIER, V. Powell Lawton's Contributions to Purpose-Built Housing Design for the Elderly. In: SCHEIDT, R.J.; WINDLEY, P.G. (Eds.). **Physical Environments and Aging**: critical contributions of M. Powell Lawton to theory and practice. New York: The Haworth Press, 2003. p.39-53.

REICH, Y.; KONDA, S.; LEVY, S. Varieties and issues of participation and design. **Design Studies**. 17 (1996)165-180

RELF, D. **Gardening in raised beds e containers for older gardeners and individuals with physical disabilities**. Virginia Polytechnic Institute, 1995. Publication 426-020. Obtido via internet: <<http://www.hort.vt.edu/human/pub426020d.html>> Acessado em:07 jan. 2001.

RITZEL, D.O.; BEASLEY,D.; FLYNN, J.; LIEFER, M. Injuries to elderly women in the home environment: a research review. **The International Eletronic Journal of Health Education**, 2001; 4:64-66. Disponível em: <[www.iejhe.org/paid/2001/pdf/ritzel2.pdf](http://www.iejhe.org/paid/2001/pdf/ritzel2.pdf)> Acessado em:16 dez. 2001.

RIVERO, R. **Arquitetura e clima**: acondicionamento térmico natural. Porto Alegre: D.C. Luzzato, 1986.

ROBSON, D.; NICHOLSON, A.; BARKER, N. **Homes for the third age**: a design guide for extra care sheltered housing. London: E & FN spon, 1997.

ROWSON, N; THODAY, P. **Accessible gardening: a guide to raised planters and modified growing techniques**. 1983. Disponível em: <[http://ourworld.compuserve.com/homepages/Jane\\_Stoneham/raised.htm](http://ourworld.compuserve.com/homepages/Jane_Stoneham/raised.htm)> Acessado em: 12/02/2001.

SATTLER, M.A. **Computer-based design techniques for the thermal analysis of low cost housing in Brazil, incorporating the use of shading by trees**. 1987. Thesis (Doctor in Building Science) - Department of Building Science, University of Sheffield, Sheffield, 1987.

SCHWARZ, B. M. Powell Lawton's Three Dilemmas in the Field of Environment and Aging. In: SCHEIDT, R.J.; WINDLEY, P.G. **Physical Environments and Aging**: critical contributions of M. Powell Lawton to Theory and Practice. The Haworth Press, 2003. p. 5-22.

SIEGEL, J.M. Stressful life events and use of physician services among the elderly: the moderating role of pet ownership. **Journal of Personality and Social Psychology**, 58, 1081-1086 (1990). Disponível em: <http://www.deltasociety.org/dsx300.htm> Acesso em: 21/05/2002.

SIMSON, P.S.; STRAUS, M.C. (Eds.). **Horticulture as therapy**: principles and practice. New York: The Haworth Press, 1998.

SOMMER R. **Social design**: creating buildings with people in mind. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1983.

STONEHAM, J. & THODAY, P. **Landscape design for elderly and disabled people**. Suffolk: Garden Art Press, 1994.

STIGSDOTTER, U.; GRAHN, P. 2002. What Makes a Garden a Healing Garden? **Journal of Therapeutic Horticulture** Vol.13, pp 60-69.

STRAUSS, A.L.; CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research: Techniques and procedures for developing grounded theory.** Thousand Oaks: Sage. 1998.

STRINGER, E.T. **Action Research.** Thousand Oaks: Sage. 2007.

TATIAN, P.A. **Indispensable Information: Data Collection and Information Management for Healthier Communities.** National Neighborhood Indicators Partnership. The Urban Institut, 2000. p.60-63. Obtido via internet em: <http://www.urban.org/nnip/pdf/indispen.pdf>  
Acesso em: 25/03/2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 2003.

TOMASINI, S.L.V. **Contribuições para o planejamento de espaços abertos junto a edificações de instituições para idosos.** 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

TOMASINI, S.L.V. Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano.** v.2, n.1, p.76-88. 2005.

TOMASINI, S.L.V.; ALVES, S. Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano.** v.4, n.1, p.88-102. 2007.

TOMASINI, S.L.V; FEDRIZZI, B.; DOLL, J.; ALVES, S.; ROJAS, V. Social Design of Outdoor Spaces at Institutions for the Elderly: an application proposal in environmental gerontology. **Journal of Applied Gerontology.** No prelo. 2008.

ULRICH, R.S. View through a window may influence recovery from surgery. **Science.** April 27, v224 p.420(2). 1984.

ULRICH, R.S. Effects of Healthcare interior design on wellness: theory and recent scientific research. In: MARBERY, S.O. (Ed.) **Inovations in healthcare design: establishing a new paradigm.** New York: Van Nostrand Reinhold, 1995.

ULRICH, R.S.. Effects of gardens on health outcomes: theory and research. In: COOPER-MARCUS, C.; BARNES, M. (Eds.). **Healing gardens: therapeutic benefits and design recommendations.** New York: John Wiley & Sons, 1999. p. 27-86.

UNITED NATIONS OFFICE ON AGEING; INTERNATIONAL ASSOCIATION OF GERONTOLOGY. Research Agenda on Ageing for the 21st Century. Obtido via internet: <http://www.un.org/esa/socdev/ageing/ageraa.htm>. Acessado em: 09/04/2004

VELARDI, M. **Pesquisa-ação em Educação Física para Idosos.** 2003. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

VÍCTORA, C.G; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M.N.A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WAHL, H.W.; WEISMAN, G.D. Environmental Gerontology at the Beginning of New Millennium: Reflections on Its Historical, Empirical, and Theoretical Development. **The Gerontologist.** Vol. 43, Nº 5, 612-627. 2003.

WAHL, H.-W. Entwicklung und Perspektiven der gerontologischen Forschung: Das Beispiel Wohnforschung. **Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie** 38(2):128-138. 2005.

WEISMAN, G.D.; MOORE, K.D. Vision and Values: M. Powell Lawton and the Philosophical Foundations of Environment-Aging Studies. In: SCHEIDT, R.J.; WINDLEY, P.G. **Physical Environments and Aging: critical contributions of M. Powell Lawton to Theory and Practice.** The Haworth Press, 2003. p. 23-37.

WINDLEY, P.G.; WEISMAN, G.D. Environmental Gerontology Research and Practice: The Challenge of Application. In: WAHL, H.W.; SCHEIDT, R.J.; WINDLEY, P.G. (Eds.); **Annual Review of Gerontology and Geriatrics** , Vol. 23, pp.334-365. New York: Springer, 2003.

YIN, R.K. **Case study research-design and methods.** Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

ZEISEL, J. **Inquiry by Design: tools for environment-behavior research.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

## 6 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALTMAN, I et al. **Elderly People and the Environment** (Human Behavior and Environment, Vol. 7). Hardcover, 1984.

ALTMAN, I.; WOHWILL, J.F. **Behavior and the Natural Environment** (Human Behaviour and Environment, Vol. 6). Hardcover, 1983.

BAUER, M.W. e GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAMARANO, A. A. ; ANDRADE, A. O. ; MELLO, J. L. E. ; CHRISTOPHE, M. ; EPIFANIO, S. ; KANSO, S. ; LEMOS, V. R . **Características das Instituições de Longa Permanência para Idosos.** Rio de Janeiro: IPEA, 2007. 222 p.

BENGTSSON, A.; CARLSSON, G.. Outdoor Environments at Three Nursing Homes: focus groups with staff. In: RODIEK, S.; SCHWARZ, B. (Eds.) **The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging.** Haworth Press: New York, 2005. p.49-69.

BRANDÃO, C.R. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FELDMAN-BIANCO, B. **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998

FLAGER, J.; RAYMOND, P.P. **People-Plant Relationships**: Setting Research Priorities. Hardcover, 1994.

FOZARD, J.L. et al. Sensory and perceptual considerations in designing environments for the elderly. Obtido via internet: <[http:// www.homemods.org/library/life-span/sensory.html](http://www.homemods.org/library/life-span/sensory.html)>

GEDDIS, B.L. The quest for privacy in the design of living environments for the aging. Obtido via internet:<<http://www.homemods.org/library/life-span/quest.html>>

GIBBS, A. Focus Group. **Social Research Update**. University of Surrey. Issue 19, winter 1997. Obtido via internet: <http://www.soc.surrey.ac.uk/sru/SRU19.html>. Acesso em: 26/08/2005.

GRAEFF, L. Os Tempos no Asilo: uma reflexão sobre uma experiência de estágio em psicologia social. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v.5, p.137-149, 2003.

GRAEFF, L. Instituições Totais e a Questão Asilar: uma abordagem compreensiva. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v.11, p. 7-25, 2007.

GRAHN, P.; STIGSDOTTER, U. Landscape Planning and Stress. **Urban Forestry & Urban Greening** Vol. 2, pp 1-18 (2003).

HALL, E. T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

HARTMAN, C.; HOROVITZ, J. & HERMAN, R. Involving older persons in designing housing for the elderly. In.: REGNIER, V. & PYNOOS, J. (Eds.), **Housing the aged: Design directives and policy considerations** (pp. 153-176). New York: Elsevier, 1987.

HILL, C.O.; RELF, D. Gardening as an outdoor activity in geriatric institutions. **Activities, adaptations and aging**. (1996) 3(1):47-54. Obtido via internet: <<http://www.hort.vt.edu/human/ht2.html>> Acessado em:07 jan. 2001.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S.; RYAN, R. **With people in mind**: Design and management of everyday nature. Washington, DC: Island Press, 1998.

LAWTON, M.P. Environment and Other Determinants of Well-Being in Older People. **The Gerontologist**. Vol. 23, nº 4. p.349-357. 1983.

MARCUS, C.C; BARNES, M. **Gardens in Healthcare Facilities**: uses, therapeutic benefits, and design recommendations. Berkeley: University of California/The Center for Health Design, 1995.



NETTO, M.P. O Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: FREITAS, E.V. et al (orgs.) **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1-12.

PINHEIRO, J.Q. (Um pouco da) Psicologia Ambiental no Brasil: identidades, incertezas, perspectivas. In: TASSARA, E (org.). **Panoramas Interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano**. EDUC: São Paulo, 2001. p.12-26.

SOMMER, R. **Espaço pessoal**: as bases comportamentais de projetos e planejamentos. São Paulo: EPU, 1973.

STIGSDOTTER, U A. **Landscape architecture and health**. Doctoral diss. Dept. of Landscape Planning, Alnarp, SLU. Acta Universitatis agriculturae Sueciae vol. 2005:55. 2005.

THWAITES, K. Safe Territory. **Landscape Design**. november, 1994.

ULRICH, R.S. Biophilia, biophobia and natural landscapes. In: KELLERT, S.R. and WILSON. E.D. (Eds.). **The Biofilia Hypothesis**. Washington: Island Press/Shearwater Books, 1993.

## **APÊNDICES**

**Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**



**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**  
**Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil**

Núcleo Orientado para a Inovação da Edificação - NORIE / UFRGS  
Av. Osvaldo Aranha, 99 – 3º andar, CEP 90035-190 - Porto Alegre -RS  
Tel.: (51) 3316 3353; Fax: (51) 3316 4054;

Título da pesquisa: *Design Social e Paisagismo em Instituições de Longa Permanência*  
Pesquisador responsável: Eng. Agr. Sérgio Luiz Valente Tomasini  
Telefone para contato: (51) 3316 3353

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado de forma clara sobre a justificativa, os objetivos e os métodos a serem utilizados nesta pesquisa, bem como a respeito de minha participação no desenvolvimento da mesma.

Tenho conhecimento que terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento que me é dispensado nesta instituição.

Entendo que terei minha privacidade respeitada e que todas as informações que eu vier a fornecer à pesquisa serão registradas de forma a assegurar que minha identidade será mantida em confidencial.

Eu, \_\_\_\_\_,  
concordo em participar deste estudo, bem como autorizo a utilização de imagens (fotografias) produzidas durante os trabalhos, em que eu esteja

presente, para fins exclusivos da pesquisa, desde que as mesmas me sejam anteriormente apresentadas e contem com minha aprovação.

Data:

---

Assinatura do participante

---

Assinatura da testemunha

caso o(a) participante não tenha condições de assinar

---

Assinatura do pesquisador responsável

**Apêndice 2 – Roteiro de entrevista com residentes no segundo ciclo da pesquisa**

**Roteiro para entrevista com os residentes**

Nome: \_\_\_\_\_

Entrevista N°: \_\_\_\_\_ Data da entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Há quanto tempo mora aqui? \_\_\_\_\_

Onde morava antes de vir morar aqui (qual a cidade; em casa ou apartamento)?

**I) RELAÇÕES PASSADAS COM O JARDIM E COM AS PLANTAS**

- 1) Fale de suas memórias, das lembranças que você tem de jardins, praças ou parques que fizeram parte da sua vida, ou da experiência de cultivar plantas.

**II) COMPORTAMENTO EM RELAÇÃO ÀS ÁREAS EXTERNAS DA INSTITUIÇÃO**

- 2) Você costuma sair para fora de casa, para o pátio (ou as áreas externas), durante o dia? Sim? Não (Por que)?
- 3) Quando você sai para fora de casa, qual é a parte do pátio que você costuma utilizar mais? Por que você utiliza mais este lugar?
- 4) E a parte do pátio que você costuma utilizar menos, qual é? Por que?
- 5) Quando foi a última vez que você usou o pátio? O que você fez lá nesta ocasião? (caso não lembre a última vez, o que faz geralmente quando vai ao pátio?)

**III) NECESSIDADES E PREFERÊNCIAS EM RELAÇÃO ÀS ÁREAS EXTERNAS DA INSTITUIÇÃO**

Geral:

- 6) Se você pudesse decidir como seria o pátio da casa, como seria o pátio ideal para você? (ou o que falta no pátio da casa para que ele seja um pátio perfeito?)

**IV) SENSIBILIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO**

- 7) Resumo da entrevista pelo entrevistador, reapresentação dos objetivos, métodos e resultados esperados da pesquisa. Espaço para tirar dúvidas.
- 8) Após esclarecer as dúvidas, lançar a seguinte questão: -Você acha que nós podemos mudar o pátio para melhor? Você gostaria de participar?

### **Apêndice 3 – Sistematização dos conteúdos dos seminários interdisciplinares**



**Sistematização das discussões do primeiro seminário interdisciplinar, com base nas interações entre os participantes.**

<b>Tipo</b>	<b>Sentido</b>	<b>Posicionamento</b>	<b>Conteúdo</b>
Informação	Pesquisador-grupo	Neutro	Apresentação do projeto de pesquisa.
Reflexão	Pesquisador-grupo	Neutro	Papel do grupo no enriquecimento das reflexões e na qualificação das ações da pesquisa.
Dúvida ou questionamento	Participante-pesquisador	Divergência	Qual a colaboração específica que posso dar ao grupo?
Reflexão	Participante-pesquisador	Convergência	A instituição representa uma ameaça para o idoso. Posso colaborar a compreender o que o idoso pensa sobre isso.
Observação	Participante-pesquisador	Neutro	Caráter da instituição que vai ser estudada precisa ser definido. Diferenças entre instituições quanto ao público atendido (tipo de dependência). Legislação.
Informação	Pesquisador-grupo	Convergência	Intenção inicial de pesquisar casa que atende pessoas com mais autonomia e com baixo poder aquisitivo.
Informação	Participante-pesquisador	Convergência	Neste caso, está mais para uma instituição de assistência social do que para uma instituição de saúde.
Reflexão	Participante-grupo	Divergência	Pessoas demenciadas também podem perceber melhoras de qualidade como mudanças no espaço. Existem formas de interagir e perceber isso, mas envolve um trabalho mais complexo.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Pesquisa envolve participação ativa das pessoas, então deve ser uma instituição onde elas tenham capacidade de participação e exista espaço para poderem participar das atividades.
Opinião	Pesquisador-grupo	Convergência	Além disso, áreas externas disponíveis devem ter características adequadas: - área, topografia e vegetação (presença de árvores adultas).
Informação	Pesquisador-grupo	Convergência	Já se conhece instituição com características desejadas.
Dúvida ou questionamento	Pesquisador-grupo	Neutro	Instituição só trabalha com mulheres. Restrição dos resultados.
Observação	Participante-pesquisador	Divergência	Difícil encontrar instituição com todas características desejáveis.
Reflexão	Participante-pesquisador	Neutro	Poderia estudar centro de convivências para idosos ao invés de lar para idosos, pois haveria abertura e pessoas estariam mais motivadas, mas esse possui área restrita e não possui vegetação arbórea.
Opinião	Participante-grupo	Divergência	Idosos envolvidos não podem ter planos de longo prazo. Área tem que possuir árvores.
Reflexão	Participante-grupo	Neutro	Fato de atender somente mulheres não seria limitador para os resultados se pensar que mesmo em instituições mistas existe uma a separação clara entre gêneros.
Observação	Participante-grupo	Divergência	Porém, diferenças entre gêneros existem e devem ser consideradas.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Homens e mulheres experimentam envelhecimento de forma muito diferente.
Informação	Pesquisador-grupo	Convergência	Muitas instituições em Porto Alegre não aceitam homens.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Instituições não sabem o que fazer com os homens. Homens desmobilizam as estruturas das instituições.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Homens só vão para as instituições em último caso.
Opinião	Grupo-pesquisador	Convergência	Concordância em se estudar a instituição previamente identificada pelo pesquisador. Ter consciência que se trata de um recorte e de que o gênero feminino se trata de uma especificidade da pesquisa que precisa ser mencionada.

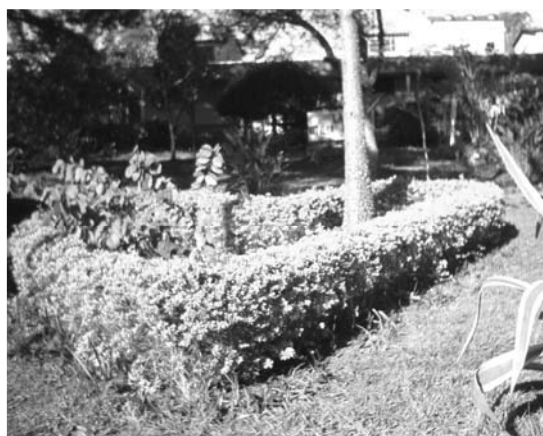
\*\*\*\*\*CONTINUA\*\*\*\*\*

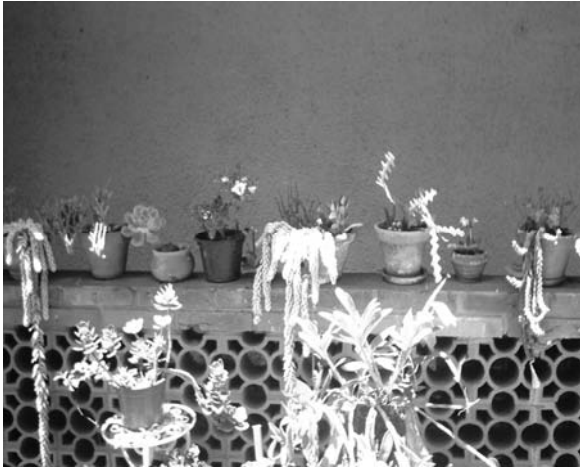
<b>Tipo</b>	<b>Sentido</b>	<b>Posicionamento</b>	<b>Conteúdo</b>
Observação	Participante-grupo	Neutro	Deve se deixar claro com administração da instituição o que vai ser feito e também com idosos que aquilo que vai ser sugerido vai depender da aprovação da administração.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Pesquisa pode mexer nas relações de poder dentro da instituição, o que pode ser indesejável para a administração.
Opinião	Participante-participante	Divergência	Pesquisador está sugerindo uma intervenção que trará benefícios para os idosos, então administração não irá se opor.
Opinião	Participante-participante	Divergência	Nem sempre o bom para o idoso é bom para a instituição. Para muitas instituições, o bom é que o idoso fique acomodado.
Opinião	Participante-participante	Divergência	A filosofia religiosa da instituição não concorda com essa postura. Obs.: a instituição identificada pelo pesquisador é conhecida pelo participante.
Observação	Participante-grupo	Divergência	A orientação religiosa é diferente das práticas, pois instituições fechadas como asilos têm mecanismos próprios de funcionamento para os quais se precisa estar atento.
Opinião	Participante-grupo	Divergência	Percepção da instituição sobre a pesquisa depende da postura do pesquisador. É preciso convencer que o aquilo que é proposto é bom para o idoso e também para a instituição.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Pesquisa precisa deixar algo de concreto para a instituição, e o projeto de paisagismo pode representar isso.
Reflexão	Participante-grupo	Divergência	Somente o projeto, talvez seja pouco para a administração.
Reflexão	Participante-grupo	Divergência	Mas a elaboração do projeto de paisagismo também pode representar um programa de ocupação para os idosos, que é do interesse da instituição.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Seria interessante executar ao menos algumas intervenções baseadas no projeto que não precisassem de muitos recursos para idosos terem um retorno mais concreto.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Seria interessante explorar primeiro o que já tem nos espaços abertos da instituição. Obs.: participante cita pesquisa de mestrado do pesquisador, onde se observa que espaços existentes em instituições são mal aproveitados e pouco utilizados.
Reflexão	Participante-grupo	Convergência	Atividades poderiam incentivar idosos a experimentarem espaços existentes que não utilizam.

*Pesquisador:* Pesquisador autor da tese; *Participante:* Um dos pesquisadores convidados que participaram do seminário interdisciplinar; *Grupo:* O conjunto dos participantes do seminário.

**Apêndice 4** – Imagens feitas a partir das áreas externas da instituição (usadas em atividade com idosos)

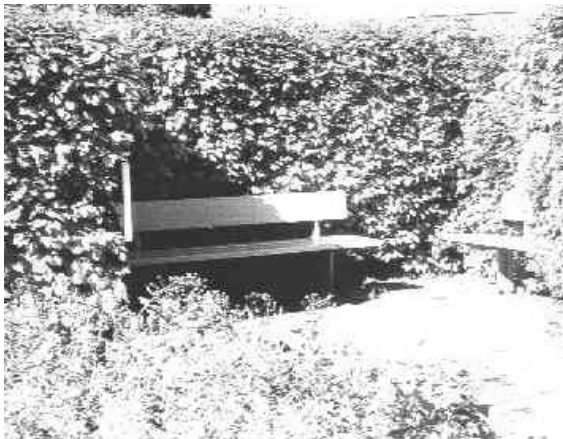
**I) IMAGENS DE “RECONHECIMENTO”(fotos do Lar Otília Chaves)**





**Apêndice 5** – Imagens relacionadas às características que definem a utilização das áreas externas (usadas em atividade com idosos)

TEMAS: Privacidade e Conforto



TEMA: Atividades





TEMA: Acessibilidade e segurança



TEMA: Elementos de interesse



**Apêndice 6 – Solicitação de autorização para realização de atividade externa**

Ao Conselho Diretor do Lar Otília Chaves

Porto Alegre, 10 de abril de 2006.

Prezadas Senhoras,

Vimos, por meio desta, propor o desenvolvimento de uma atividade com as residentes do Lar Otília Chaves, bem como solicitar o apoio e consentimento desse Conselho para a sua realização.

A atividade proposta consiste de uma visita à Floricultura Winge, localizada na zona sul de Porto Alegre. Essa visita, além da constituir uma atividade de lazer para as residentes, faz parte dos trabalhos relacionados à pesquisa “*Design Social e Paisagismo em Instituições de Longa Permanência*”, atualmente em andamento junto ao Lar Otília Chaves. Apenas para relembrar, essa pesquisa tem por objetivo estudar um método de planejamento das áreas externas de instituições para idosos envolvendo a participação de seus residentes.

A visita seria realizada no mês de abril (em data a ser definida), durante um período em torno de 2 horas e meia, incluindo o tempo de deslocamento. O transporte seria realizado por ônibus, por uma empresa de turismo de Porto Alegre com experiência no trabalho com idosos. O custo da locação do ônibus seria de R\$ 150,00. O passeio seria acompanhado pelos três pesquisadores que estão desenvolvendo o trabalho no Lar Otília Chaves, havendo a necessidade ainda de, pelo menos, um funcionário para auxiliar as idosas com maiores dificuldades de locomoção.

Certos de vossa atenção e sem mais para o momento, despedimo-nos.

Atenciosamente,

---


Sérgio Luiz V. Tomasini

**Apêndice 7** – Cédula de votação para escolha do espaço aberto a ser trabalhado e localização dos espaços

QUAL ESPAÇO DO JARDIM VOCÊ ESCOLHE PARA SER TRABALHADO?

(marque com um "x" sua resposta)

	<b>ESPAÇO 1 (FRENTE)</b>	( )
---	--------------------------	-----

	<b>ESPAÇO 2 (LADO)</b>	( )
---	------------------------	-----

	<b>ESPAÇO 3 (FUNDOS)</b>	( )
--	--------------------------	-----

	<b>ESPAÇO 4 (JARDIM DE INVERNO)</b>	( )
---	-------------------------------------	-----

**Apêndice 8** – Texto utilizado para solicitar doações para o projeto

## **UM JARDIM PARA O LAR OTÍLIA CHAVES!!!**

Muitas pesquisas comprovam que o contato com jardins tem muitos efeitos benéficos para a saúde. Tanto que, em muitos países da Europa e da América do Norte, um movimento chamado “Jardins para a Cura” vem se tornando cada vez mais popular.

O Lar Otília Chaves conta com um espaço verde privilegiado, coberto de árvores por todos os lados. Porém, para que tenhamos um verdadeiro “Jardim para a Cura” em nosso Lar, que possa ser utilizado por todas moradoras, precisamos criar um espaço que contemple algumas necessidades específicas da terceira idade. Por exemplo: - este espaço precisa ter acesso fácil para as moradoras (através de calçadas bem niveladas); equipamentos de apoio que aumentem a segurança na caminhada (como corrimãos); canteiros altos (como floreiras), para permitir que as residentes possam cultivar suas plantas sem precisar curvar as costas; bancos confortáveis, com encosto e apoio para os braços; e, sim, plantas que tenham significados importantes na história de vida das moradoras.

Por isso, estamos desenvolvendo um projeto para criar um jardim como este no Lar Otília Chaves. Este projeto conta com a participação direta das moradoras. Através de uma eleição, as residentes escolheram um local específico do pátio para receber o jardim e vem participando de reuniões onde está sendo decidido como será este jardim. Como o projeto está vinculado ao desenvolvimento de uma tese de doutorado junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, poderá ainda ser uma referência para ajudar muitas outras instituições que atendem pessoas idosas.

Porém, para que este nosso sonho se torne realidade, precisamos da ajuda da comunidade. Você pode nos ajudar, doando qualquer valor em dinheiro ou ainda doando materiais de construção como tijolos, cimento, pedras, areia, etc.

**Participe, e ajude a tornar este sonho realidade!!!**



**ANEXOS**

**Anexo 1** – Artigo publicado: “Envelhecimento e planejamento do ambiente  
construído: em busca de um enfoque interdisciplinar”

# Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar

Aging and the design of the built environment: an interdisciplinary approach

Sérgio Luiz Valente Tomasini\*

## Resumo

A população de idosos tem crescido rapidamente em todo o mundo. Esse fenômeno é particularmente preocupante junto aos países em desenvolvimento, uma vez que a velocidade de crescimento dessa população é bastante alta se comparada à que ocorreu nos países desenvolvidos, que tiveram mais tempo para se preparar para o envelhecimento de sua população. Dentre as inúmeras preocupações relacionadas ao desafio de proporcionar qualidade de vida adequada a essa população, destaca-se aqui o oferecimento de ambientes mais adequados às reais necessidades dos idosos. Nesse sentido, o presente artigo procura apresentar reflexões sobre possíveis bases teóricas capazes de suportar intervenções para melhor adequar esse ambiente às suas necessidades. Para isso, reporta-se, inicialmente, à colaboração da gerontologia ambiental como campo de pesquisa dentro do enfoque gerontológico a se dedicar à compreensão das interações dos idosos com seus cenários físicos e sociais. Sobre essas reflexões,

o artigo procura discutir o potencial do método de planejamento denominado "design social" para produzir ambientes mais adequados às reais necessidades de usuários idosos.

*Palavras-chave:* envelhecimento, idosos, gerontologia ambiental, ambiente construído, design social.

\* Engenheiro-agrônomo, mestre em Engenharia Civil, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Recebido em nov. 2004 e avaliado em dez. 2004

Envelhecimento e planejamento do ambiente construído...

## Introdução

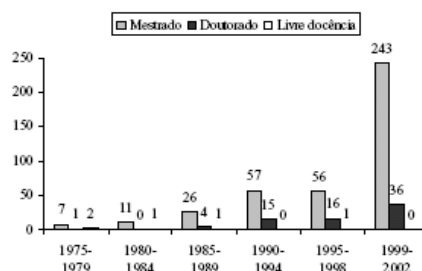
O envelhecimento populacional é hoje um fenômeno observado mundialmente e que teve início nos países desenvolvidos ainda no começo do século XX. Nos países em desenvolvimento, pode ser observado somente a partir de 1950, porém num ritmo bem mais acelerado. De acordo com Freitas (2004, p. 20), atualmente cerca de 60% das pessoas com sessenta anos ou mais vivem em países em desenvolvimento, devendo atingir 75% em 2025.

Essa situação é bastante preocupante quando se pensa no despreparo das estruturas econômicas, sociais e políticas desses países para lidar com os impactos dessa transição demográfica, de forma a garantir uma qualidade de vida adequada à crescente população de idosos. Freitas (2004, p. 20) lembra que, nos países em desenvolvimento, os fatores mais determinantes para a mudança do perfil demográfico foram os avanços tecnológicos aplicados à medicina, não o aumento do nível de qualidade de vida da população.

O Brasil encontra-se entre os países da América Latina que têm experimentado um maior aumento na população de idosos. Atualmente, apresenta um percentual de 8,6% de sua população constituída por indivíduos com idade igual ou acima de sessenta anos, ou seja, 14,1 milhões de idosos, o que o posiciona em sétimo lugar entre os países que apresentam as maiores populações de idosos no planeta – devendo ainda passar para a sexta colocação em 2025, com 33,4 milhões de idosos (WHO, 2002, apud FREITAS, 2004, p. 23-24).

Associado ao envelhecimento da população brasileira e à difusão dessa

transição demográfica pelos meios de comunicação, observa-se uma crescente preocupação com a qualidade de vida do idoso também na pesquisa científica. A esse respeito é interessante citar o estudo realizado por Goldstein (2002) a respeito da produção de teses e dissertações sobre o processo de envelhecimento e a velhice com enfoque gerontológico entre 1975 e 2002. A autora levantou um total de 511 trabalhos realizados por pesquisadores brasileiros nesse período, dentre os quais 431 são dissertações de mestrado, 75, teses de doutorado e cinco, teses de livre docência. Observando a evolução dessa produção na Figura 1, pode-se verificar um aumento significativo no número de trabalhos realizados no início da década de 90 e, no final desta mesma década, um incremento extremamente brusco dessa produção.



Fonte: Goldstein, 2002.

Figura 1. Produção científica brasileira na área da gerontologia entre 1975 e 2002

A autora salienta ainda a grande ampliação no leque de áreas de conhecimento envolvidas nessa produção, principalmente no final do século 20. Assim, os primeiros trabalhos começaram nas áreas

da psicologia, sociologia, serviço social e enfermagem; dez anos depois, começaram a surgir nas áreas de educação e educação física. Em 89 apareceram pesquisas nas áreas de fonoaudiologia, comunicações e direito e, em 94, na área de administração. Por fim, no final da década de 90, o leque se abriu ainda mais, encontrando-se estudos nas áreas de farmácia, engenharia de produção, lingüística aplicada, história e turismo.

Se, por um lado, o trabalho de Goldstein (2002) revela um crescente interesse no âmbito das universidades e um considerável volume de resultados nacionais produzidos recentemente sobre os temas envelhecimento e velhice, por outro, permite questionar sobre o grau de integração entre as diferentes áreas envolvidas nesses estudos, no sentido de se buscar a interdisciplinaridade necessária ao enfoque gerontológico. Citando as palavras de Doll (2004, p. 98), “o aspecto da interdisciplinaridade não é uma questão periférica para a gerontologia, mas trata-se de um dos seus fundamentos principais”.

Essa preocupação é particularmente importante no que diz respeito às áreas emergentes relacionadas ao estudo da velhice e do envelhecimento com pouca tradição na investigação desses temas. Dentre essas destacam-se aqui aquelas ligadas ao planejamento do ambiente construído, foco do presente artigo. Nos últimos anos, a mídia tem veiculado, com bastante frequência, informações sobre adaptações no ambiente construído (especialmente nas edificações residenciais) para melhor atender às necessidades dos idosos. A veiculação de tais informações reflete o crescimento das preocupações com a produção

de ambientes mais inclusivos nas escolas de engenharia e arquitetura e, também, o despertar dos profissionais das áreas relacionadas para o grande potencial de mercado representado pelo usuário idoso. No entanto, a tarefa de projetar ambientes para usuários idosos ainda é tratada de forma bastante superficial, visto que as suas necessidades são quase sempre comparadas e reduzidas às necessidades dos portadores de deficiência. Urge, portanto, uma maior integração dessas áreas com outras mais tradicionais nos estudos do envelhecimento e da velhice, a fim de se atingir uma maior compreensão sobre esses fenômenos e suas implicações para o projeto do ambiente construído.

Este artigo parte, portanto, do pressuposto de que essa integração depende de uma maior participação das áreas relacionadas ao ambiente construído na construção do enfoque interdisciplinar da gerontologia. Por outro lado, acredita-se que a pesquisa e a aplicação voltadas à produção de ambientes mais adequados aos idosos podem ser profundamente enriquecidas pela contribuição teórica da gerontologia, particularmente de uma de suas linhas ainda pouco conhecida no Brasil: a gerontologia ambiental. Dessa forma, o artigo procura, em sua primeira parte, apresentar a gerontologia ambiental em seu histórico, abrangência, principais preocupações e alguns fundamentos teóricos. Na segunda parte, são feitas algumas discussões sobre as implicações das teorias em gerontologia ambiental para o planejamento do ambiente construído. Com base nessas discussões, o artigo procura refletir sobre como um método de planejamento, denominado “*design social*”, poderia vir

Envelhecimento e planejamento do ambiente construído...

ao encontro das teorias em gerontologia ambiental a fim de gerar ambientes mais adequados às reais necessidades dos idosos.

### Gerontologia ambiental

A gerontologia ambiental é a área da gerontologia que se concentra na descrição, explicação e modificação (ou otimização) das relações entre idosos e seus contextos socioespaciais. Dessa forma, desempenha um importante papel dentro do empreendimento gerontológico ao explicitar considerações do ambiente sociofísico<sup>1</sup> na teoria e pesquisa sobre envelhecimento (WAHL e WEISMAN, 2003).

Pode-se dizer que, dentro da evolução da gerontologia, a gerontologia ambiental teve seu nascimento em 1959, através da publicação do *Handbook of Aging and the Individual*, do qual um dos capítulos, escrito por Kleeimer (1959, apud WAHL e WEISMAN, 2003, p. 618), trata especificamente das questões que envolvem as relações entre o comportamento de idosos e os seus ambientes. Durante as décadas de 60 e 70 do século XX, a gerontologia ambiental passou por uma intensa atividade em termos de produção teórica. Assim, em 1973, Lawton e Nahemow apresentaram o modelo da “pressão competência”, que se tornou um marco para os trabalhos desenvolvidos na área. Essa atividade teórica atingiu seu auge na década de 80, quando Lawton, Windley e Byerts (1982, apud WAHL e WEISMAN, 2003) publicaram a obra *Aging and the environment: theoretical approaches*. Nesse mesmo período, Lawton (1980, apud WAHL e WEISMAN, 2003)

produziu uma série de traduções das principais descobertas da gerontologia para a aplicação ao planejamento e ao *design* do espaço construído.

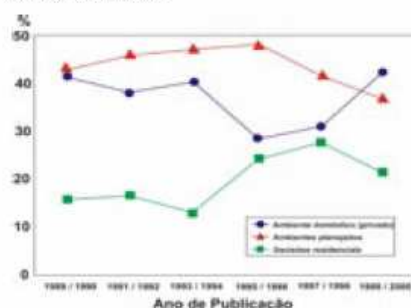
Ao procurar delimitar o campo de trabalho da gerontologia ambiental, Wahl e Weisman (2003, p. 617) apontam os seguintes tópicos de interesse da área:

- as possibilidades de moradia para idosos em termos de composição da habitação, propriedades, padrões de moradia, tempo de residência e satisfação residencial;
- a natureza e o impacto de modificações no lar, incluindo tanto modelos teóricos e diretrizes de planejamento necessários para reformular os lares como o escopo da institucionalização da velhice, desde aspectos como relocação até o *design* de unidades para idosos com demência ou outros cenários especializados;
- o papel das vizinhanças e sua influência nas oportunidades e limitações para seus residentes, e também o lugar do envelhecimento numa ampla perspectiva social e política.

Como consequência dessa diversidade de interesses, abordagens teóricas e estratégias de pesquisa empírica em gerontologia ambiental são desafiadas a trabalhar em níveis de análise muito diferentes, tanto em relação ao tipo de lugar e escala de agregação social – do lar à vizinhança, à cidade e à região rural, bem como do indivíduo ao grupo, à organização –, como ao tipo de processo envolvido, tais como perceptivo, afetivo ou cognitivo (WAHL e WEISMAN, 2003).

A partir de uma pesquisa quantitativa da produção de estudos empíricos

em gerontologia ambiental entre 1989 e 2000, Wahl e Weisman (2003) procuraram identificar tendências quanto aos temas estudados para a pesquisa na área no início deste novo milênio. Para tanto, os autores dividiram essa produção em três grandes temas que consideram clássicos para os estudos de gerontologia ambiental: – o ambiente doméstico ou privado, os ambientes planejados (instituições) e as decisões residenciais (referentes às opções de moradia, envolvendo mudanças de uma residência para outra, de uma residência para uma instituição, entre instituições, ou, ainda, de instituições para residências). A evolução da produção nesse período para os três grandes temas citados pode ser visualizada na Figura 2, observando-se que o interesse pelo tema “decisões residenciais” teve um crescimento a partir de 1993 e 1994. Verifica-se também uma redução dos estudos relacionados aos ambientes planejados, porém o interesse sobre o ambiente doméstico ou privado parece ter sido recuperado entre 1995 e 1998, após ter sofrido um decréscimo nos anos anteriores.



Fonte: adaptado de WAHL e WEISMAN, 2003.

Figura 2. Evolução da produção de estudos empíricos em gerontologia ambiental entre 1989 e 2000

Sobre a produção de estudos durante a década de 90, Wahl e Weisman (2003), referem ainda que, nesse período, houve uma tendência ao maior desenvolvimento de pesquisas em áreas mais aplicadas, como a arquitetura e o *design* de interiores. De acordo com os autores, se, por um lado, essa produção resultou de uma preocupação geral da gerontologia ambiental em transformar a teoria em prática, por outro, esteve muito pouco articulada à teoria já existente, utilizando-a muito pouco e contribuindo muito pouco para o seu incremento. A seguir, procura-se apresentar a essência dessa teoria a fim de facilitar as discussões que serão feitas no título seguinte, o qual procurará explorar possíveis relações entre a teoria existente com a tarefa de produzir ambientes mais adequados às necessidades dos idosos.

#### Teorias em gerontologia ambiental

Dentre os diversos modelos teóricos têm sido desenvolvidos com o intuito de explicar as relações dos idosos com o ambiente destacam-se o modelo ecológico e o modelo da congruência entre o idoso e o ambiente. Ambos partem do princípio comum de que, na idade avançada, o ambiente deve servir como facilitador, amortecedor e atenuador das dificuldades encontradas, propiciando as adaptações necessárias para a continuidade de uma vida independente e satisfatória.

O modelo ecológico da compreensão da interação ambiente/idoso, proposto por Lawton (1990, apud CUPERTINO, 1996, p. 13), resulta em duas proposições: a proposta da docilidade do ambiente e a proposta do ambiente pró-ativo. A primeira proposta é clara para idosos com déficits diversos, visto que o ambiente

## Envelhecimento e planejamento do ambiente construído...

equipado com auxílio protético estaria interferindo nos resultados adaptativos do idoso; a segunda proposta, do ambiente pró-ativo, defende que, conforme o idoso é fortalecido em sua capacidade de desempenho, a possibilidade de que o utilize para atender às suas necessidades pode igualmente aumentar, ou seja, o ambiente pró-ativo destaca, sobretudo, a possibilidade de que os idosos, apesar das perdas biológicas que lhes são inerentes, mantenham a capacidade de engajamento satisfatório com os ambientes físico e social. As duas propostas consideram a capacidade de funcionamento do idoso, indo de um extremo a outro, tendo em comum que o ambiente deve se adequar às características deste, ou seja, mesmo quando o idoso se encontra fragilizado e com a capacidade cognitiva e social atingida, experimentando uma redução do espaço de atuação, o ambiente pode favorecer uma continuidade na rede de relações com os outros e com o mundo, bem como a experiência de satisfação (LAWTON, 1990 apud CUPERTINO, 1996, p. 13).

Lawton (1990, apud CUPERTINO, 1996, p. 13) afirma que cada indivíduo tem um nível ou zona de demanda ambiental que, sendo atendida, poderia conduzir ao alcance de níveis ideais de ajustamento, conforto e desempenho. Em caso contrário, quando a demanda sai do ideal, seja para mais ou para menos, aconteceria o comportamento menos eficiente. Independentemente do nível de capacidade funcional restante, o idoso deve permanecer ativamente engajado e ser solicitado pelo meio, buscando oportunidade de alcançar a satisfação através deste. Na compreensão de Lawton, os idosos mais debilitados adaptar-se-iam a uma

menor variedade de ambientes, ao passo que o oposto aconteceria com aqueles com capacidade funcional mais intacta.

O modelo da congruência, proposto por Carp e Carp (1984, p. 279-336), está fortemente baseado no modelo ecológico de Lawton e é apresentado em duas partes, diferenciadas de acordo com o nível de necessidade ou o tipo de congruência entre o idoso e o ambiente.

A primeira parte do modelo concentra-se nas necessidades de ordem básica ou de manutenção da vida. Neste nível, as características da pessoa e do ambiente facilitam, permitem ou inibem a satisfação das necessidades básicas através do desempenho adequado ou não das atividades da vida diária necessárias para a continuidade de uma vida independente. Em outras palavras, constituem as competências pessoais e os recursos/barreiras do ambiente relevantes para o desempenho das atividades da vida diária. Neste caso, a congruência é o grau de complementaridade entre as competências pessoais e os recursos/barreiras do ambiente relevantes para o desempenho das atividades da vida diária. Por exemplo, quando as competências pessoais são muito limitadas, pode ser necessário auxílio protético para atingir um nível adequado de complementaridade com o ambiente.

Nesta parte do modelo, tanto pessoa como ambiente são variáveis que afetam diretamente os resultados de congruência esperados, isso é, algumas pessoas são capazes de se adaptar a uma grande variedade de ambientes diferentes, ao passo que outras somente se adaptam a poucos ambientes. Da mesma forma, alguns ambientes podem facilitar o desenvolvimento normal das atividades diárias para uma grande gama de pessoas



com necessidades diferentes, ao passo que outros incluem demandas ou barreiras que somente se adequam às capacidades de poucas pessoas (CARP e CARP, 1984, p. 281-282).

A segunda parte do modelo trata das necessidades pessoais de ordem mais elevada (*higher order needs*) e das características do ambiente que facilitam, permitem ou inibem a satisfação dessas necessidades. O conceito de congruência neste nível difere do nível anterior e corresponde à similaridade entre o grau de necessidade em relação a um fator ambiental e o suporte oferecido pelo ambiente. Aqui, as variáveis pessoa e ambiente não são positivas nem negativas do ponto de vista adaptativo. Por exemplo, não é melhor nem pior para uma pessoa ter maior ou menor necessidade de privacidade, ou para um ambiente proporcionar mais ou menos condições nesse sentido. O melhor encaixe entre pessoa e ambiente se dá pela similaridade entre uma necessidade e o suporte oferecido pelo ambiente – um ambiente que proporcione um alto grau de privacidade para uma pessoa que tenha uma alta necessidade nesse sentido (CARP e CARP, 1984, p. 281).

Em suma, o modelo da congruência assume que o bem-estar é influenciado pela extensão com que as competências pessoais encontram as demandas ambientais necessárias para a continuação de uma vida independente e, ainda, pela extensão com que os recursos do ambiente encontram as necessidades pessoais, não somente aquelas necessárias à sobrevivência, mas também aquelas mais subjetivas, como socialização, privacidade e experiência estética.

## Planejamento do ambiente construído e necessidades dos idosos

O planejamento do ambiente construído em função das necessidades dos usuários vem ganhando grande destaque no cenário da construção civil através da abordagem conhecida como “desempenho das edificações”. Essa abordagem, que hoje é o centro das discussões sobre tecnologia da construção em nível internacional, significa, em primeiro lugar, e acima de tudo, trabalhar pensando antes em fins do que em meios, isto é,

[...] preocupa-se com o que se exige de uma edificação ou produto e não em prescrever em como este será construído. Isto não significa que os meios – tipo particular de construção, produtos ou materiais – não sejam considerados; eles são, mas estritamente no sentido de que estes meios irão atingir os fins. Esta abordagem implica ainda dizer que a função ou fim de um determinado produto é satisfazer as exigências ou necessidades de seus usuários (CONSEIL, 1982).

Quando se pensa em projetar ambientes para idosos, essa abordagem apresenta-se particularmente pertinente, tendo em vista que o processo de envelhecimento modifica profundamente as relações do indivíduo com o seu ambiente. Essas novas relações implicam necessidades que dificilmente são contempladas pelos ambientes construídos das cidades, os quais são quase sempre projetados tendo-se em vista o usuário jovem.

De acordo com Cupertino (1996, p. 3), as transformações e modificações restritivas e limitadoras da velhice provocam

## Envelhecimento e planejamento do ambiente construído...

a emergência de algumas questões que assumem uma importância relativa bem maior do que em outras fases do desenvolvimento humano. Um aspecto que ganha relevância no período do envelhecimento refere-se à questão do local de moradia. É na velhice que o local de moradia atua como uma dimensão que intervém e que pode atender, ou não, às novas necessidades emergentes. Na realidade do idoso, o ambiente, nos seus aspectos físico e social, surge como um ponto decisivo para o desenvolvimento e a manutenção de um estilo de vida adequado, que promova a satisfação com a vida, a preservação da capacidade funcional e a autonomia (CUPERTINO, 1996, p. 3).

Para Lehr (1999, p. 24), com a diminuição do preparo físico, o meio ambiente passa a determinar o comportamento dos indivíduos. O meio ambiente físico pode contribuir para a dependência e a restrição do espaço de vida ou pode ser favorável e adaptável, estimulando atividades e aumentando as competências existentes, assim como os recursos pessoais.

A compreensão dessas novas relações que os indivíduos passam a desenvolver com os seus ambientes à medida que envelhecem é, portanto, de fundamental importância para a tarefa de identificar as necessidades dos idosos em relação ao ambiente construído. Conforme afirmado anteriormente, este artigo parte do pressuposto de que a contribuição dos estudos em gerontologia ambiental pode representar um referencial valioso no sentido de estimular e fundamentar teoricamente a pesquisa e a aplicação preocupadas com a produção de ambientes físicos mais adequados aos idosos e suas necessidades específicas.

Sabe-se que o processo de envelhecimento é um fenômeno bastante complexo e que ocorre de forma multidimensional. Toda e qualquer intervenção que vise aumentar a qualidade de vida dos idosos deve ter em vista essa complexidade, o que exige, necessariamente, uma visão interdisciplinar. Como pode ser visto no capítulo anterior, a gerontologia ambiental, pela diversidade de pontos de vista abrangidos por suas preocupações, apresenta a necessária interdisciplinaridade no estudo das relações dos idosos com seus ambientes. Por outro lado, como também foi discutido anteriormente, os estudos desenvolvidos em áreas aplicadas, como engenharia e arquitetura, utilizam muito pouco o referencial teórico disponível nessa área, o que gera uma lamentável lacuna entre teoria e aplicação.

Essa lacuna leva a sérias limitações no planejamento de ambientes que pretendem satisfazer às necessidades dos idosos. Uma das limitações mais comuns resulta de imagens preconceituosas sobre a velhice, como a associação imediata e simplista das necessidades dos idosos com as necessidades dos portadores de deficiência. Essa associação reflete uma visão precipitada e incompleta sobre a velhice e o processo de envelhecimento, que leva, com muita frequência, o projetista a concentrar-se excessivamente em preocupações com acessibilidade e segurança, negligenciando outros aspectos importantes.

Analisando o modelo ecológico de Lawton (1990, apud CUPERTINO, 1996), compreende-se que, embora o ambiente deva compensar as perdas advindas do envelhecimento, um ambiente que “faz

tudo por ele”, que pressupõe sua dependência, pode ser igualmente prejudicial. O ambiente deve ser também estimulante, incentivando o idoso a manter sua capacidade funcional.

Também o modelo de Carp e Carp (1984) traz implicações de grande relevância para o trabalho do projetista. Assim, preocupações com o caráter dos ambientes são importantes no sentido de produzir ambientes que complementem as necessidades de uma maior gama de idosos possível – dessa forma, quanto mais suporte esse ambiente oferecer, mais inclusivo ele será. Por outro lado, o projetista deve estar atento para a multidimensionalidade do processo de envelhecimento e, conseqüentemente, para a diversidade da velhice, o que implica necessidades mais subjetivas (*higher order needs*) e muito variáveis de indivíduo para indivíduo. A compreensão dessas necessidades deve guiar o projetista na concepção de ambientes personalizados.

Feitas essas considerações, procura-se, a seguir, apresentar um método de planejamento participativo do ambiente construído, denominado “*design social*”, bem como algumas reflexões sobre o seu potencial para a aplicação ao planejamento de ambientes para idosos.

### *Design social*

Sommer (1983) defende que o ambiente construído deveria ser projetado com uma maior participação do usuário a fim de melhor atender às suas necessidades. Dessa forma, propõe uma forma participativa de projetar, à qual denomina “*design social*”, que resultaria da ligação entre as

ciências comportamentais a arquitetura e urbanismo. Sommer procura caracterizar o *design social* da seguinte forma:

*Design social* significa trabalhar com as pessoas ao invés de trabalhar para elas; envolver as pessoas no planejamento e manejo dos espaços nos quais estão inseridas; educá-las para utilizar o ambiente de forma sensata e criativa para atingir um balanço harmonioso entre ambiente social, físico e natural; desenvolver uma consciência de beleza e um senso de responsabilidade para com o ambiente do planeta e para com outras criaturas vivas; gerar, compilar e tornar disponíveis informações sobre os efeitos de atividades humanas sobre o ambiente físico e natural, incluindo os efeitos do ambiente construído sobre seres humanos. *Designers* sociais não podem atingir estes objetivos sozinhos e sim com a participação de estruturas de organizações maiores, que incluem as pessoas para quem o projeto está sendo desenvolvido (p. 7).

O processo de *design social* envolve as seguintes fases: programação, *design*, construção, uso e adaptação e avaliação pós-ocupação. A programação ainda consiste de três etapas: estudo das necessidades dos usuários, envolvimento dos usuários nas possibilidades de *design* e tradução de suas necessidades em orientações de *design* (GIFFORD, 1997).

A primeira etapa da programação envolve o discernimento das necessidades dos usuários através de levantamentos e entrevistas, de observações de seus comportamentos e estudo de traços físicos deixados pelas pessoas. A segunda etapa envolve a participação direta do usuário no processo de *design*, incluindo a motivação, o acionamento e a educação dos usuários. A terceira etapa envolve o estabelecimento

## Envelhecimento e planejamento do ambiente construído...

de diretrizes específicas para o *design* da edificação. Transformar essas diretrizes em planos e em realidade é o trabalho de arquitetos e construtores (GIFFORD, 1997).

Na fase de *design* propriamente dita, as orientações de *design* serão transformadas em projetos para as edificações, ou para o ambiente construído em questão. Após a construção e a ocupação das edificações, o projetista retorna para monitorar o comportamento do usuário e as possíveis alterações que estes possam ter realizado nas novas edificações, levadas a cabo na fase de uso e adaptação. A avaliação pós-ocupação será realizada, então, a fim de examinar a eficácia da programação e do *design*, utilizando, para isso, uma série de ferramentas ligadas às ciências sociais. A avaliação pós-ocupação é a investigação, ou exame, da eficácia de ambientes ocupados para com seus usuários. Esse tipo de avaliação difere daquela baseada apenas na leitura do *design* e na visão estética do arquiteto. Em contraste, na avaliação pós-ocupação, as edificações são julgadas com base nas impressões e no comportamento do usuário no ambiente avaliado (GIFFORD, 1997).

Refletindo-se sobre a aplicação do método de *design* social para o planejamento de ambientes destinados a idosos, pode-se pressupor uma série de resultados positivos no sentido de produzir ambientes mais congruentes com as necessidades desse grupo de usuários.

A participação dos usuários em todas as fases do processo, especialmente durante o seu envolvimento na determinação

das possibilidades de *design*, representa uma oportunidade de educar os idosos para as novas relações com os espaços físicos que ocorrem em função do envelhecimento. Esse trabalho, necessariamente interdisciplinar,<sup>2</sup> pode auxiliar o idoso a compreender como pode utilizar e adaptar o espaço para suas novas necessidades, possibilitando-lhe aumentar suas competências pessoais em relação aos seus ambientes.

A participação do idoso no processo de planejamento dos espaços a ele destinados exige uma mudança de postura do projetista, que está relacionada à própria imagem estereotipada que a sociedade faz da velhice, a qual pressupõe a dependência e a incapacidade do idoso de se autodeterminar. A esse respeito, é interessante citar as discussões apresentadas no trabalho de Domingues e Queiroz (2000) sobre a tendência dos profissionais da área da saúde de adotar uma postura semelhante nesse sentido. Assim, as autoras procuram refletir sobre como deveria ser a atitude desses profissionais, em contraste com a atitude estereotipada comumente adotada no trabalho com idosos, baseando-se no modelo proposto por Brower (1996, apud DOMINGUES e QUEIROZ, 2000) (Tabela 1). Esse modelo poderia ser transferido também para o trabalho do projetista, quando pensa no projeto do ambiente construído como uma intervenção que visa aumentar a qualidade de vida do idoso – especialmente daquele que reside numa instituição de longa permanência ou se encontra em situação de maior fragilidade.

Tabela 1. Modelo sobre o estereótipo do atendimento do profissional frente ao idoso contrapondo-se com a atitude mais desejável

Atitude estereotipada		Atitude desejável	
Idoso	Profissional	Idoso	Profissional, família e apoio comunitário
O profissional age por mim	Sou responsável pelo idoso	O profissional age comigo, com minha família e apoio comunitário	Somos co-responsáveis pelo tratamento e intervenção
O profissional acha que sou incapaz de agir sozinho	É triste vê-lo tão desprotegido; vou ajudá-lo	O profissional avalia minhas capacidades, e juntos veremos o que sozinho posso fazer	Sensibiliza, agrega familiares, dá apoio comunitário e, juntos, constroem uma relação de ajuda
Sinto-me impotente e incapaz	O cliente é incapaz e impotente em face da situação	Sinto-me respeitado pelo que sou e valorizo meu potencial	O cliente conta com o respaldo familiar e, juntos, são potentes para resolver situações-problema

Fonte: BROWER (1996, apud DOMINGUES e QUEIROZ, 2000).

Um novo olhar sobre o idoso aplicado ao processo de planejamento pode também produzir importantes resultados sobre a geração e o acúmulo do conhecimento destinado a orientar futuros projetos para este mesmo tipo de público. Seguindo esse raciocínio, os idosos são quem melhor conhece o processo de envelhecimento e como este tem impacto nas suas relações com o ambiente construído. Portanto, são eles que orientam o trabalho do projetista, podendo lhe fornecer importantes *insights* e, até mesmo, apresentar-lhe soluções de projeto que lhe seriam impossíveis de conceber sozinho. Por fim, o método de *design* social, através da avaliação pós-ocupação (a última etapa do processo), permite ainda avaliar o projeto em seu funcionamento, constatando soluções bem-sucedidas e identificando falhas a serem corrigidas em outros projetos.

### Considerações finais

Ao apresentar informações sobre o campo da gerontologia ambiental e discutir o potencial de sua contribuição teórica a fim de orientar o planejamento de ambientes mais voltados às necessidades dos idosos, o artigo procurou salientar a necessidade de uma maior integração das disciplinas de engenharia e arquitetura com o enfoque gerontológico. Acredita-se que dessa integração possam decorrer importantes benefícios para o fortalecimento do *status* científico da gerontologia, especialmente no Brasil, onde as disciplinas ligadas ao ambiente construído não têm tradição nos estudos sobre a velhice e o envelhecimento (e, por isso, apresentam uma colaboração ainda muito restrita para essa ciência). Porém, como afirma Both (2001, apud DOLL, 2004, p. 99), a maior integração e colaboração entre ciências dependem, sobretudo, da disposição dos parceiros para o diálogo e para a aprendizagem.

Envelhecimento e planejamento do ambiente construído...

Sobre essa integração é importante salientar ainda que, se, por um lado, as áreas aplicadas necessitam de maior embasamento teórico para a sua atuação tanto em pesquisa quanto em projeto, por outro, verifica-se uma necessidade de que as áreas mais relacionadas à produção de conhecimento teórico apresentem esse conhecimento de forma mais legível para os profissionais responsáveis pela aplicação desse conhecimento. Uma tarefa urgente para a pesquisa no Brasil seria, portanto, além da tradução de obras relacionadas às teorias da gerontologia ambiental para a língua portuguesa, a apresentação dessas teorias numa forma mais compreensiva aos profissionais ligados ao ambiente construído.

O artigo procurou apresentar ainda o método de *design* social como uma alternativa para o planejamento de ambientes voltados a usuários idosos. Com base nas reflexões apresentadas, esse método teria um grande potencial de integração entre disciplinas e, também, de articulação com os principais fundamentos teóricos da gerontologia ambiental. Antes, porém, de se pensar na aplicação desse método pelo projetista, o seu potencial integrador e teórico, e os seus efeitos sobre a qualidade de vida dos idosos (especialmente institucionalizados) devem ser investigados pela pesquisa científica.

### Abstract

The elderly population has been growing fast all over the world. This phenomenon raises special concerns in developing countries because the increase of this age group is much faster in developing

countries if compared to what happened in developed countries, which had more time to prepared for the aging of their populations. Among several concerns related to the challenge of providing appropriate quality of life to the elderly, the offer of more adequate environment adapted to older adults' needs must be highlighted. Therefore, the objective of this article is to present an analysis of possible theoretical principles that may be the basis for practical actions to improve the adequacy of built environments according to the population's needs. In order to reach this goal, environmental gerontology is presented as a research field of the gerontological approach that aims at understanding the interactions of the elderly with their physical and social settings. Based on this analysis, the author intends to discuss the possibility of the planning method, the so-called social design, of producing built environments better adapted to the needs of elderly users.

*Key words:* aging, elderly, environmental gerontology, built environment, social design.

### Referências

- CARP, F. M.; CARP, A. A complementary congruence model of well-being for the community elderly. In: ALTMAN, I.; LAWTON, M. P.; WOHLWILL, J. F. (Ed.) *Elderly people and the environment*. New York: Plenum Press, 1984.
- CONSEIL INTERNATIONAL DU BÂTIMENT. *Working with the Performance Approach in Building*. Rotterdam: CIB, 1982, Publication 64.
- CUPERTINO, A. P. F. B. *Avaliação pós-ocupação de instituições para idosos no Distrito Federal*. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto

de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

DOLL, J. O campo interdisciplinar da gerontologia. In: PY, L. et al. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU, 2004.

DOMINGUES, M. A.; QUEIROZ, Z. P. V. Atitudes, mitos e estereótipos relacionados ao envelhecimento e a sua influência no atendimento domiciliar. In: DUARTE, Y. A. O. *Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico*. São Paulo: Atheneu, 2000.

FREITAS, E. V. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, L. et al. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU, 2004.

GIFFORD, R. *Environmental Psychology: principles and practices*. 2. ed. Allyn and Bacon, 1997.

GOLDSTEIN, L. L. *A produção científica brasileira na área da gerontologia*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env17.htm>>. Acesso em: 18 maio 2004.

LEHR, U. A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo. *Cadernos de Envelhecimento*, Porto Alegre: Ufrgs, v. 1, p. 7-35, 1999.

SOMMER, R. *Social design*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1983.

WHALE, H. W.; WEISMAN, G. D. environmental gerontology at the beginning of new millennium: Reflections on Its historical, empirical, and theoretical development. *The Gerontologist*, v. 43, n. 5, p. 612-627, 2003.

## Notas

<sup>1</sup> "Ambiente sociofísico" trata-se de um termo sugerido pela psicologia ambiental a fim de procurar abranger toda a complexidade envolvida nas inter-relações entre os ambientes físico, social, organizacional e cultural (WAHL e WEISMAN, 2003).

<sup>2</sup> Nesta etapa do trabalho, abrem-se oportunidades para a participação e integração de profissionais de formações bastante diversas relacionadas ao estudo do envelhecimento, especialmente daqueles de áreas ligadas à saúde e à educação.

## Endereço

Sérgio Luiz Valente Tomasini  
Núcleo Orientado para a Inovação da  
Edificação - Norie  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul  
Av. Osvaldo Aranha, 99, 3ª andar  
CEP 90035-190  
Porto Alegre - RS  
Tel.: (51)3316 3518; Fax: (51) 316 4054  
E-mail: sergiovtomasini@yahoo.com.br

**Anexo 2** – Artigo publicado: “Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência”



## Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência

Sérgio Luiz Valente Tomasini\*  
Simone Alves\*\*

### Resumo

O presente artigo procura discutir como as instituições de longa permanência, enquanto ambientes de moradia, podem ser articuladas com o atual paradigma do envelhecimento bem-sucedido. Inicialmente, apresenta-se uma revisão sobre o conceito do envelhecimento bem-sucedido, seu histórico e principais críticas. Num segundo momento, apresenta-se um dos modelos teóricos mais reconhecidos atualmente pela comunidade científica e que se baseia no balanço entre perdas e ganhos na velhice: o modelo da otimização seletiva com compensação. Na sequência, discutem-se a problemática das instituições de longa permanência no Brasil e os efeitos negativos da institucionalização sobre os idosos. Por fim, aborda-se o ambiente físico dessas instituições como o cenário onde os resultados adaptativos previstos pelo conceito do envelhecimento bem-sucedido devem ocorrer. São apresentadas algumas re-

flexões que pretendem auxiliar na compreensão do modo como esses cenários podem levar a resultados adaptativos mais satisfatórios para os idosos institucionalizados, colaborando para tornar essas instituições mais adequadas ao paradigma da velhice bem-sucedida.

*Palavras-chave:* Envelhecimento bem-sucedido. Instituições de longa permanência. Gerontologia ambiental.

\* Engenheiro agrônomo, MSc, doutorando em Engenharia Civil pela UFRGS.

\*\* Pedagoga, pós-graduada em Gerontologia Social pela UFRGS.

Recebido em jul. 2006 e avaliado em set. 2006

## Introdução

Atualmente, não se dispõe de um levantamento detalhado sobre o idoso institucionalizado no país, porém, a se julgar pelas projeções estatísticas, que apontam para o envelhecimento da população brasileira e, principalmente, para o grande aumento da população de idosos acima de oitenta anos de idade, pode-se prever um considerável aumento na demanda por instituições de longa permanência nas próximas décadas. Por outro lado, sabe-se que a institucionalização costuma trazer consigo uma série de prejuízos aos idosos, tais como perdas de autonomia e identidade e a segregação geracional. Essa realidade traz consigo a necessidade de se refletir sobre os novos papéis a serem desenvolvidos pelas instituições de longa permanência, não apenas no sentido de reduzir esses prejuízos, mas, também, de promover a qualidade de vida e o crescimento pessoal de seus residentes.

Partindo do pressuposto da necessidade de serem repensados esses locais no sentido de garantir resultados mais favoráveis à velhice institucionalizada, este artigo procura analisar o modo como as instituições de longa permanência, enquanto ambientes de moradia, podem ser articuladas com o atual paradigma do envelhecimento bem-sucedido. Como será abordado, o conceito do envelhecimento bem-sucedido vem assumindo uma posição muito importante na literatura gerontológica, embora seu significado, bem como suas implicações teóricas e práticas, estejam longe de alcançar um consenso entre os pesquisadores. Além das críticas à própria natureza do termo que o denomina, por sua associação à idéia de um sucesso econômico

não acessível a todos, questiona-se o caráter prescritivo e, muitas vezes, restritivo que o conceito implica ao não incluir arranjos de envelhecimento bem-sucedido para idosos em situações de fragilidade (incluindo a institucionalização).

Por outro lado, teorias recentes sobre o envelhecimento bem-sucedido têm apontado para novas abordagens, que consideram tanto os ganhos quanto as perdas inerentes ao processo de envelhecimento. Dessa forma, tais teorias trazem novas possibilidades de conciliação para a aparente contradição entre o conceito do envelhecimento bem-sucedido e a institucionalização da velhice.

Num primeiro momento, portanto, o artigo apresenta uma revisão sobre o conceito do envelhecimento bem-sucedido, seu histórico e principais críticas. Num segundo momento, apresenta-se um dos modelos teóricos mais reconhecidos atualmente pela comunidade científica e que se baseia no balanço entre perdas e ganhos na velhice: o modelo da otimização seletiva com compensação (BALTES e CARTENSEN, 2000). Na seqüência, discutem-se a problemática das instituições de longa permanência no Brasil e os efeitos negativos da institucionalização sobre os idosos. Por fim, aborda-se o ambiente físico dessas instituições como o cenário onde os resultados adaptativos previstos pelo conceito do envelhecimento bem-sucedido devem ocorrer. São apresentadas algumas reflexões que pretendem auxiliar na compreensão do modo como esses cenários podem levar a resultados adaptativos mais satisfatórios para os idosos institucionalizados, colaborando para tornar essas instituições mais adequadas ao paradigma da velhice bem-sucedida.

## Envelhecimento bem-sucedido

De acordo com Bearon (1996), desde 1960, ou talvez ainda antes, os gerontologistas têm desenvolvido estruturas ou arranjos conceituais para descrever resultados ideais do processo de envelhecimento. Um dos termos mais comumente usados para descrever uma boa velhice é “envelhecimento bem-sucedido”. Este termo é freqüentemente atribuído a R. J. Havighurst (apud BEARON, 1996), através de seu artigo publicado na primeira edição da revista *The Gerontologist*, uma das principais publicações no campo da gerontologia.

O interesse no envelhecimento bem-sucedido permaneceu alto durante as décadas posteriores e culminou novamente com o artigo de Rowe e Kahn's (apud BEARON, 1996) na revista *Science*, no qual eles recomendavam que a pesquisa em envelhecimento bem-sucedido deveria ser focada sobre pessoas acima da média quanto a características fisiológicas e psicológicas na idade madura. De acordo com Bearon (1996), ainda no início da década de 1990 um conjunto maior de estudos sobre os aspectos que predizem o envelhecimento bem-sucedido foi levado a cabo pela MacArthur Foundation sob a coordenação de Rowe.

A definição de envelhecimento bem-sucedido, para Rowe e Kahn (apud HOOYMAN e KIYAK, 2001, p. 191), implica que pessoas que envelhecem de forma bem-sucedida são aquelas que apresentam um baixo risco de doença e incapacidades (que apresentam, por exemplo, fatores de estilo de vida saudáveis, tais como dieta adequada, ausência do hábito de fumar e prática de atividades físicas); que estão utilizando ativamente

habilidades de resolução de problemas, conceitualização e linguagem; que estão mantendo contatos sociais e estão participando em atividades produtivas (voluntariado; trabalho remunerado ou não remunerado). A integração desses componentes é apresentada no modelo que pode ser visualizado na Figura 1.

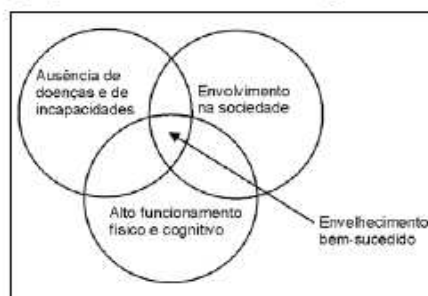


Figura 1 - Modelo de envelhecimento bem-sucedido de Rowe e Kahn (1997 apud HOOYMAN e KIYAK, 2001, p. 191).

Embora o termo “envelhecimento bem-sucedido” tenha se tornado central na literatura gerontológica internacional, ainda existe bastante polêmica em torno da sua utilização. De acordo com Neri (1995, p. 34), o termo suscita a polêmica “quando se entende que em *bem-sucedido* existe uma conotação de bem-estar econômico associado a uma exacerbação do individualismo”.

O uso moderno do termo “sucesso” refere-se a feitos favoráveis consequentes do comportamento e das ações do indivíduo e, freqüentemente, é medido pelas realizações econômicas. Por causa desses usos materialistas do termo, sucesso é considerado por alguns uma escolha infeliz para descrever os resultados da velhice (BALTES; CARTENSEN, 2000).

Para Baltes e Cartensen (2000), entretanto, sucesso não está explicitamente limitado a resultados utilitários. Sucesso pode se referir à conquista de objetivos pessoais de todos os tipos, variando da manutenção do funcionamento físico e boa saúde à generatividade, integridade do ego, auto-atualização e relacionamento social. Também Neri (1995) coloca que, embora a crítica chame a atenção para a necessidade de utilizar um nome menos discutível, a idéia básica do conceito é de velhice com manutenção dos níveis habituais de adaptação do indivíduo.

Não se pode negar nem minimizar a importância da pesquisa sobre os declínios relacionados ao avanço da idade. As dificuldades do envelhecimento são muito reais, envolvendo perdas nos domínios físico, cognitivo e social. As dificuldades do envelhecimento, entretanto, não são o “único lado da moeda”. O outro lado envolve crescimento, vitalidade, esforço e contentamento (BALTES e CARTENSEN, 2000, p. 67).

Scheidt et al. (1999), ao criticarem o modelo proposto por Rowe e Kahn, afirmam que em seu entusiasmo em identificar fatores e modificações que prometem reduzir as perdas relacionadas ao avanço da idade, a iniciativa da MacArthur Foundation parece ter ignorado os múltiplos significados das perdas para o envelhecimento bem-sucedido. Para o autor, existe pouca discussão sobre o papel co-determinante das perdas irreversíveis, em particular, como elas interagem com ganhos para aqueles que envelhecem de forma bem-sucedida ou aqueles que não conseguem ou não podem. No entanto, salienta que a iniciativa da MacArthur Foundation tem o

crédito de ter servido como um catalisador para outros modelos de adaptação bem-sucedida na idade avançada. A maior parte desses modelos reconhece a importância de se balancearem os significados das perdas e dos ganhos.

De acordo com Bearon (1996), uma tendência que vem surgindo na gerontologia envolve o desenvolvimento de arranjos para o envelhecimento bem-sucedido para aquelas pessoas que experienciam privações significativas na idade avançada. Embora a discussão sobre essas questões tenha ocorrido por décadas entre muitos provedores de cuidados que trabalham para garantir o bem-estar de idosos institucionalizados ou incapacitados, a maioria dos gerontologistas tem negligenciado essas populações em suas teorias e modelos de envelhecimento bem-sucedido. Sobretudo, num provocante e importante artigo sobre “envelhecer bem”, Austin (apud BEARON, 1996) chama a atenção para que a comunidade gerontológica não esqueça aqueles que não podem envelhecer bem em virtude de fatores que ocorrem ao longo do curso de vida (tais como pobreza, má nutrição, condições de sub-habitação, limites de educação e de oportunidades, abuso ou perdas devidas a catástrofes), reduzindo as chances de vida e limitando o acesso ao estilo de vida do “envelhecer bem”.

Para Bearon (1996), então, tendências emergentes sugerem que uma abordagem que inclua tanto idosos saudáveis como aqueles em situação de fragilidade encaixa-se de forma mais precisa nas realidades empíricas do envelhecimento. Dessa forma, à medida que a população torna-se cada vez mais diversa, o conceito de envelhecimento bem-sucedido fica

mais difícil de ser definido sem que também seja expandido o número de modelos que procuram explicá-lo.

Dentre os modelos de envelhecimento bem-sucedido que procuram incluir os potenciais e os limites, bem como as perdas e os ganhos inerentes à idade avançada, destaca-se o “modelo da otimização seletiva com compensação”. Este modelo, que será apresentado na seqüência, por sua flexibilidade e abrangência, pode ser de grande valor para a compreensão dos elementos e mecanismos que podem levar a uma velhice bem-sucedida mesmo no cenário das instituições de longa permanência.

### Modelo da otimização seletiva com compensação

Segundo Baltes e Cartensen (2000), o metamodelo da otimização seletiva com compensação define “sucesso” como o encontro de objetivos e “envelhecimento bem-sucedido” como a minimização de perdas com a maximização de ganhos.

As autoras citadas argumentam que a busca por resultados normativos de sucesso na velhice (tais como longevidade, integridade do ego e satisfação de vida) abrange benefícios limitados, em razão da vasta heterogeneidade inerente ao envelhecimento humano. Assim, apontam três vantagens de se buscar uma abordagem baseada em processos ao invés de fins: primeiro, ao se aceitarem os objetivos como resultados de sucesso, não importa quais sejam, evita-se o problema da imposição de valores universais e padronizados; segundo, uma abordagem baseada em processos dirige a atenção para as estratégias que as pessoas

utilizam para controlar objetivos pessoais específicos; por fim, em terceiro, considera-se a inter-relação entre ganhos e perdas inerentes à velhice.

O metamodelo da otimização seletiva com compensação específica três processos que atuam como facilitadores no controle das perdas ocorridas na velhice: seleção, otimização e compensação. Se implementados juntos, o uso dos processos permite às pessoas controlarem seus objetivos apesar, ou talvez mesmo por causa, de perdas e vulnerabilidades crescentes. Os três processos abrangem um grande número de mecanismos e estratégias. Por exemplo, a otimização da saúde de alguém pode significar para uma pessoa exercitar-se mais frequentemente; para outra, fazer dieta e, para uma terceira, reduzir o estresse. De acordo com o modelo, os mesmos processos estão em funcionamento mesmo quando os objetivos variam com os indivíduos, com o tempo ou com o contexto (BALTES e CARTENSEN, 2000, p. 70).

Um exemplo da vida real que poderia ilustrar bem os três processos seria o de um corredor de maratona em idade avançada que pode manter a meta de vencer ao competir dentro de grupos de sua faixa etária e correndo percursos menores e mais fáceis (exemplos de seleção); trocando o tipo de calçado e aumentando o período de aquecimento (compensação) e usando dieta especial e vitaminas para melhorar o seu desempenho (otimização).

A seleção pode ser ativa ou passiva, interna ou externa, intencional ou automática. Refere-se às crescentes restrições nos domínios de vida como consequência ou antecipação de mudanças nos recursos pessoais e ambientais. Na velhice, essas

mudanças são freqüentemente perdas. A seleção pode implicar evitar totalmente um domínio ou pode significar uma restrição em tarefas e objetivos dentro de um ou mais domínios. Um idoso cuja esposa esteja sofrendo de uma doença terminal, por exemplo, pode renunciar totalmente ao domínio da sexualidade, ou pode restringir alguns objetivos e envolvimento na rede social, mas aumentar esforços no domínio das atividades de lazer e da família. A tarefa adaptativa do indivíduo é selecionar domínios de alta prioridade, tarefas e objetivos que envolvem a convergência entre as demandas ambientais, as motivações individuais, habilidades e capacidade biológica (BALTES e CARTENSEN, 2000).

Embora a seleção implique uma redução no número de domínios de alta eficácia, tarefas e objetivos, não está necessariamente limitada à continuação de objetivos e domínio prévios, podendo também envolver domínios e objetivos novos ou transformados. A seleção, porém, sempre envolve o reajuste dos objetivos individuais; pode ser proativa ou reativa; pode envolver mudanças ambientais (mudando o local de moradia, por exemplo), mudanças comportamentais ativas (reduzindo o número de compromissos, por exemplo), ou ajustamento passivo (evitando subir escadas, por exemplo, ou permitindo que alguém assuma responsabilidades, por exemplo). Proativamente, pelo monitoramento do funcionamento corrente, as pessoas prevêem mudanças e perdas (por exemplo, a morte do cônjuge) e movem esforços para buscar tarefas e domínios que podem permanecer intactos depois das perdas. A seleção é reativa quando mudanças imprevistas ou repentinas forçam as

pessoas a fazerem uma seleção (BALTES e CARTENSEN, 2000).

A compensação, o segundo componente, torna-se operativo quando existem mudanças associadas com a pessoa ou com o ambiente nos recursos meios-fins. Por exemplo, quando capacidades comportamentais ou habilidades são perdidas ou reduzidas abaixo do nível requerido para seu adequado funcionamento. A compensação pode também se tornar necessária em função de uma seleção. O organismo pode ter de compensar em domínios que não são selecionados como prioridades e que, portanto, recebem menos atenção e energia. Um exemplo é a delegação de atividades a outras pessoas. A compensação, que pode ser automática ou planejada, refere-se ao uso de meios alternativos para alcançar os mesmos objetivos (BALTES e CARTENSEN, 2000).

A compensação pode envolver comportamentos existentes, a aquisição de novas habilidades ou a construção de novos significados que ainda não estão no repertório de um indivíduo. A compensação difere, pois, da seleção pelo fato de o objetivo ser mantido, mas novos meios serem elencados para compensar uma deficiência comportamental para manter ou otimizar o funcionamento anterior. O elemento da compensação envolve tanto aspectos da mente como o uso de tecnologias. Os esforços compensatórios incluem, por exemplo, o uso de estratégias mnemônicas ou auxílios externos de memória quando os mecanismos internos de memória provam serem insuficientes. O uso de um aparelho auditivo é um exemplo de compensação por meio da tecnologia (BALTES e CARTENSEN, 2000).

A otimização refere-se ao enriquecimento ou aumento das reservas ou recursos e, então, ao alcance do funcionamento ou desempenho em domínios de vida selecionados. A otimização pode ocorrer em domínios existentes ou envolver investimento em novos domínios e objetivos consoantes com tarefas de desenvolvimento do processo de envelhecimento, tais como a aceitação de nossa própria mortalidade. Quanto de seleção e compensação devem ser investidos para garantir a manutenção e estimular a otimização é uma questão de pesquisa. A literatura recente em gerontologia sugere que muitos idosos, em princípio, têm os recursos e as reservas necessárias para otimizar funções, mas encontram ambientes restritivos ou superprotetores que inibem a otimização. Não existe dúvida de que o processo de otimização será contingente em grande extensão para estimular e melhorar condições ambientais. Então, a sociedade desempenha um papel central em oferecer ambientes que facilitem a otimização (BALTES e CARTENSEN, 2000).

Baltes e Cartensen (2000) acreditam que, embora os três processos da otimização seletiva com compensação sejam ativados mais facilmente e mais prontamente quando existe um arranjo de recursos disponíveis com o qual podem contar, mesmo pessoas em condições de fragilidade podem selecionar, compensar e otimizar para atender seus objetivos. As autoras referem também que, em virtude das crescentes perdas inerentes ao processo de envelhecimento, a seleção e a otimização são, necessariamente, precursoras da otimização.

## Os efeitos da institucionalização

Embora as portarias MS nº 810/89 (BRASIL, 1989) e SAS nº 73/01 (BRASIL, 2001) tenham representado um grande avanço ao normatizar o funcionamento de instituições de longa permanência no Brasil, infelizmente o que se observa ainda é um panorama predominantemente negativo, freqüentemente associado ao tão criticado modelo asilar de atendimento ao idoso. Como afirmam Born e Boechat (2002, p. 768), “não se pode falar de idosos institucionalizados sem antes fazer referências a imagens negativas freqüentemente associadas a entidades que o abrigam, para as quais a denominação popular *asilo* continua a prevalecer”.

Conforme Lafin (2004), o primeiro tipo de instituição conhecido foi o asilo, que se preocupava com a alimentação e a habitação no atendimento aos idosos. Seus fundadores eram pessoas carismáticas, em sua maioria religiosas, que se alicerçavam na filosofia do fazer para os idosos, não com os idosos. Os recursos eram fornecidos pela comunidade, motivados por seus organizadores, mas sem a participação da comunidade, que não conhecia a realidade dos internos. Em sua maioria advindas de famílias carentes, algumas pessoas asiladas eram abandonadas por seus familiares ou não tinham parentes, recursos ou qualquer apoio da sociedade.

Atualmente, observa-se que algumas instituições têm passado por modificações expressivas, começando a se organizar por equipes nas quais profissionais de diferentes áreas do conhecimento interagem de forma interdisciplinar, tais como

médicos, assistentes sociais, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais entre outros. No entanto, essas mudanças têm sido muito lentas, enquanto casas clandestinas, conhecidas como “depósito de velhos”, aumentam significativamente (LAFIN, 2004).

Além da situação ainda bastante precária observada no país, de maneira geral, a institucionalização é reconhecida pela literatura em diversas áreas (médica, psicológica, social, entre outras) por sua associação a resultados negativos do processo de envelhecimento. Em estudo publicado em 1974, a Organização Mundial da Saúde já afirmava que, entre os grupos de idosos mais expostos a riscos quanto a sua saúde ou sua situação econômica e social encontram-se em lugar de destaque os idosos residentes em instituições.

De acordo com Stevens-Long (apud CUPERTINO, 1996), instituições para idosos apresentam três características distintas que se combinam de diferentes maneiras: a segregação (isolamento físico e uma política segregadora), tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes (política congregadora) e um grau acentuado de controle (limitação do grau de autonomia permitido). A institucionalização implica um processo de adaptação a um novo ambiente, no qual existem regras e normas a serem cumpridas, além da limitação física implícita.

Para Goffman (1996), o comportamento passivo de indivíduos institucionalizados é comum em instituições que denomina de “totais”. De acordo com o autor, toda instituição tem tendências de “fechamento”; algumas, no entanto, são muito mais “fechadas” do que as demais.

O caráter de “fechamento” dessas instituições, que denomina de “instituições totais” (e dentre as quais situa, inclusive, as instituições para idosos), é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo. Em resumo, um dos preceitos básicos da existência e manutenção de uma instituição total é a substituição das regras do indivíduo pelas regras da instituição. Isso ocorre em maior ou menor grau dependendo da natureza da instituição, mas o resultado é sempre nocivo para a preservação da individualidade e da autodeterminação dos indivíduos do grupo dos internados.

Segundo Gomes (apud CUPERTINO, 1996), a entrada do idoso na instituição pode constituir um trauma e pode resultar em maiores sentimentos de infelicidade, dificuldades de adaptação e maiores dificuldades de comunicação com os outros, fatores que aceleram ainda mais o processo patológico do envelhecimento. Numa pesquisa comparativa envolvendo idosos residentes em instituições e idosos não institucionalizados, o autor verificou ainda que estes primeiros se queixavam mais de solidão, apesar de a maioria entre eles possuir a família residindo próximo à instituição.

Baltes e Silverberg (apud CUPERTINO, 1996) destacam o quanto os arranjos do ambiente físico e político podem conduzir a resultados adaptativos mais satisfatórios para um envelhecimento bem-sucedido. No entanto, compreendem a instituição de idosos como fomentadora e, sobretudo, mantenedora da dependência entre seus residentes, dado o tipo de planejamento que suas estruturas conformam. O ambiente é planejado com a pre-



missa de que o idoso é incompetente em todas as áreas de seu funcionamento. Em razão da concepção da superproteção, os ambientes de idosos pouco exigem destes e vêem a incapacidade do idoso como comportamento esperado, como consequência imediata do envelhecimento.

De acordo com Kalish (apud CUPER-  
TINO, 1996), a inflexibilidade do arranjo do ambiente da instituição, a exemplo de quando o idoso é impedido de trazer sua própria mobília, intensifica o senso de desamparo e impotência dos residentes, ou seja, a impossibilidade de demarcar e personalizar o território mais imediato do idoso diminui o seu controle sobre a sua privacidade e identidade, assim como reduz o seu domínio do espaço.

A preocupação com os prejuízos que a institucionalização pode acarretar aos idosos reflete-se nas políticas públicas recentes, que procuram, cada vez mais, estimular a permanência dessas pessoas junto à família. Essa postura está claramente explícita na Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) e, mais recentemente, no Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003). Este último, ao tratar dos deveres da sociedade e do poder público com o idoso, no 3º parágrafo determina a “priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência”.

A permanência do idoso em sua própria casa ou apartamento, ou junto à família, sem dúvida, corresponde à melhor alternativa de moradia no sentido de se estimular a continuação de uma vida saudável, ativa e independente na tercei-

ra idade. Medidas que visem estimular essa condição, no entanto, não anulam a necessidade da existência de instituições capazes de acolher aqueles idosos que não atendem aos requisitos necessários à permanência em seus próprios lares. Ao contrário, tomando por base as projeções estatísticas quanto ao envelhecimento e aumento da longevidade da população brasileira (FREITAS, 2004), acredita-se que a demanda por instituições para idosos só tende a aumentar nas próximas décadas.

Mediante essa realidade, Born e Boechat (2002) fazem as seguintes considerações quanto à necessidade de serem qualificadas as instituições de longa permanência no Brasil:

Até hoje não se conhecem dados exatos sobre o número de idosos institucionalizados, nem estudos prospectivos sobre a demanda futura, mas não há nenhum indício de que irão diminuir os pedidos de institucionalização. Portanto, é preciso repensar essa entidade como parte de um plano global de atenção ao contingente populacional de mais idade, garantindo-lhe à família padrões de qualidade no atendimento. Somente assim, quando a institucionalização for indicada, poderão encontrar, o idoso e seus familiares, serviços confiáveis. Faz-se premente a recusa à perpetuação do quadro atual, que torna a busca de uma instituição uma tarefa extremamente penosa (p. 769).

### A influência do ambiente físico

Entre as providências que a sociedade deveria tomar para que os idosos pudessem atingir uma velhice mais satisfatória Neri (2000) aponta o oferecimento de condições ambientais adaptadas às condições

dos idosos, tanto para os que envelhecem sem doenças quanto para os que, por qualquer motivo, tornam-se frágeis e dependentes, para que possam funcionar no ambiente físico e social. Como salienta a autora: "Permitir que os idosos interajam com o ambiente, dentro dos limites de suas potencialidades, permite que desenvolvam um senso de eficácia pessoal e que se sintam envolvidos, condições essas que têm efeitos positivos sobre sua adaptação global" (p. 44).

Existem evidências empíricas de que a qualidade do ambiente físico pode influenciar nos resultados adaptativos dos idosos nas instituições. Uma pesquisa muito interessante nesse sentido foi realizada por Imamoglu e Kiliç (1999), envolvendo o estudo de instituições de baixa e alta qualidade na Turquia. Para diferenciar instituições de alta qualidade de instituições de baixa qualidade, os autores basearam-se em critérios ligados a características físicas dos ambientes que proporcionam independência, autonomia e privacidade aos residentes. Os resultados da pesquisa demonstraram que em instituições de maior qualidade os idosos apresentavam maior satisfação em relação à instituição, maior satisfação de vida e maior controle pessoal, além de uma maior relocação voluntária (ou seja, um maior número de idosos afirmou ter escolhido viver na instituição por sua própria vontade).

Lawton (apud WEISMAN e MOORE, 2003) propôs um modelo teórico bastante elucidativo no sentido de explicar os resultados adaptativos dos idosos em relação aos seus ambientes, o qual pode ser observado na forma gráfica na Figura 2.

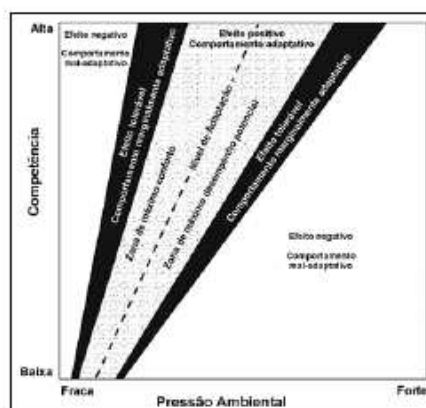


Figura 2 - Modelo da pressão-competência (Lawton apud WEISMAN e MOORE, 2003).

O modelo da pressão-competência (ou modelo ecológico) leva em conta a competência de um indivíduo para lidar com a pressão ambiental. Apresenta, portanto, o problema do funcionamento como o encaixe entre o desempenho do indivíduo e o cenário mais adequado às suas competências. O conceito central da teoria é o nível de adaptação, mediado entre a competência do indivíduo e a pressão exercida pelo ambiente sobre ele (SCHWARZ, 2003, p. 13). Assim, para um indivíduo com um dado nível de competência, o ambiente pode provocar um comportamento mal-adaptativo, marginalmente adaptativo ou adaptativo. O ambiente poderia, ainda, garantir o desempenho de um indivíduo ao atuar como um auxílio protético (MOORE et al., 2003).

De acordo com o modelo, à medida que as pessoas envelhecem e têm suas competências reduzidas, os ambientes passam a exercer uma pressão maior sobre seu comportamento. Segundo o modelo,

ainda, cada indivíduo tem um nível ou zona de demanda ambiental, que, sendo atendida, poderia conduzir ao alcance de níveis ideais de ajustamento, conforto e desempenho. Caso contrário, quando a demanda sai do ideal, seja para mais ou para menos, aconteceria o comportamento menos eficiente. Dessa forma, os idosos mais debilitados se adaptariam a uma menor variedade de ambientes, ao passo que o oposto aconteceria com aqueles com capacidade funcional mais intacta (LAWTON apud CUPERTINO, 1996).

Duas implicações importantes dessa teoria seriam a docilidade ambiental e a proatividade do ambiente. A docilidade do ambiente diz respeito aos benefícios que idosos com *deficits* diversos podem ter em seus resultados adaptativos na medida em que o ambiente atua como auxílio protético. Porém, embora o ambiente deva compensar as perdas advindas do envelhecimento, pode ser igualmente prejudicial quando ignora as capacidades do indivíduo e oferece mais auxílio do que o necessário, simplesmente partindo do pressuposto da dependência. A proatividade do ambiente, portanto, significa que deve ser também estimulante, incentivando o idoso a manter sua capacidade funcional tanto quanto possível. Isso também implica que, à medida que o idoso é fortalecido em sua capacidade de desempenho, a possibilidade de que o utilize para atender às suas necessidades pode igualmente aumentar.

O modelo da pressão-competência de Lawton parece bastante útil no sentido de se procurar compreender como o ambiente físico poderia levar a resultados adaptativos capazes de colaborar ou não

para o envelhecimento bem-sucedido em uma instituição de longa permanência. A este respeito, Baltes e Baltes (apud CUPERTINO, 1996, p. 14) compreendem a instituição como um ambiente específico para idosos, que deveria atuar como facilitador do processo de envelhecimento. Os ambientes para idosos deveriam, assim, emitir menos demandas físicas e sociais (menor pressão ambiental), facilitando os processos de seleção e otimização pelo oferecimento de oportunidades que auxiliem a adaptação. Também a compensação deveria ser encontrada nas instituições para idosos, pela existência de suporte médico e tecnológico adequado às suas necessidades.

O que se observa na prática, no entanto, especialmente para as condições brasileiras, é que as instituições não oferecem, de maneira geral, condições ambientais adequadas para que se possam maximizar os ganhos e minimizar as perdas, como é preconizado pelo modelo da otimização seletiva com compensação. Para alguns, a mudança para uma instituição pode até mesmo representar mais ganhos do que perdas (especialmente quando se pensa na realidade brasileira, na qual uma parte considerável da população de idosos tem um histórico de vida associado a condições miseráveis de moradia, expostos a todo tipo de risco ambiental e social); para a maioria, no entanto, as perdas predominam.

A mudança do local anterior de moradia para a instituição em si representa um processo de seleção que implica, normalmente, uma drástica redução dos ambientes físico e social. Tal mudança deveria ser compensada por condições que permitissem o máximo encaixe entre as competências restantes do

idoso e os ambientes que lhes são oferecidos, possibilitando a otimização da utilização de seus recursos para o atendimento de seus objetivos pessoais. Portanto, uma importante questão a ser explorada, tanto do ponto de vista teórico como do prático, é: Como otimizar os ambientes selecionados das instituições de longa permanência de forma a compensar as perdas decorrentes da velhice e do próprio processo de institucionalização? Embora não se tenha aqui a pretensão de propor uma solução para a questão, algumas contribuições encontradas na literatura sobre o tema são apresentadas com o intuito de auxiliar nesta reflexão.

Para Ouslander (apud CUPERTINO, 1996), instituições para idosos devem providenciar, entre outras coisas, um ambiente seguro e suportivo a idosos com *deficits*, manter o alto nível de funcionamento independente e preservar a autonomia individual.

Lawton (apud WAHL e WEISMAN, 2003) aponta três funções básicas de ambientes destinados a idosos: manutenção, estimulação e suporte. A função de manutenção diz respeito ao papel de constância e previsibilidade que o ambiente deve cumprir (por exemplo, conferindo identidade aos ambientes e preservando os significados cognitivos e afetivos do lar). A função de estimulação significa sair do usual para trazer novos arranjos de estímulos, que possam levar a novos comportamentos de lazer e relações sociais. Por fim, a função de suporte significa compensar a redução ou a perda de competências (através da eliminação de barreiras físicas, por exemplo, ou da garantia de acessibilidade nos ambientes).

Regnier e Pynoos (apud NERI, 2000) fazem as seguintes recomendações sobre a adaptação do ambiente físico para o idoso, incluindo as instituições: assegurar a privacidade; dar oportunidade para a interação social; dar oportunidades para o exercício de controle pessoal, liberdade de escolha e autonomia; facilitar a orientação espacial; assegurar a segurança física; facilitar o acesso a equipamentos da vida do dia-a-dia; propiciar um ambiente estimulador e desafiador; facilitar a discriminação de estímulos visuais, táteis e olfativos, permitindo às pessoas orientar-se; incluir objetos e referências da história passada dos idosos, de modo a aumentar a sua familiaridade com ele; planejar ambientes na medida do possível bonitos, que não tenham a aparência de asilos; dar oportunidades para a personalização de objetos e locais; tornar o ambiente flexível para o atendimento de novas necessidades.

Tomasini (2005) chama atenção para a importância do processo de planejamento em si no sentido de aumentar a congruência dos idosos com seus ambientes. Assim, sugere que a aplicação de um método participativo de planejamento, proposto pelo psicólogo ambiental Robert Sommer (1983) e conhecido como "*design social*", poderia trazer resultados bastante positivos nesse sentido. De acordo com o autor:

A participação dos usuários em todas as fases do processo de planejamento, especialmente durante o envolvimento dos mesmos na determinação das possibilidades de *design*, representa uma oportunidade de educar os idosos para as novas relações com os espaços físicos que ocorrem em função do envelhecimento. Este trabalho,

necessariamente interdisciplinar, pode auxiliar o idoso a compreender como pode utilizar e adaptar o espaço para suas novas necessidades, possibilitando-lhe aumentar suas competências pessoais em relação aos seus ambientes (p. 85).

A proposta de utilizar o processo de planejamento de ambientes para idosos com o duplo propósito de gerar espaços mais adequados às suas competências e de desenvolver um trabalho educativo com eles parece bastante interessante quando se pensa nas instituições de longa permanência. Além de apresentar uma potencial contribuição no sentido de auxiliar os idosos institucionalizados a otimizarem seus recursos para uma velhice mais bem-sucedida, esta proposta levanta uma importante questão: a possibilidade de desenvolvimento de trabalhos pedagógicos nas instituições de longa permanência.

A falta de trabalhos dessa natureza nas instituições talvez seja um dos fatores mais limitantes para a possibilidade de um envelhecimento bem-sucedido nesses ambientes segregadores de moradia. Como diz Petrus (2003, p. 89), importante defensor da pedagogia social, “se a educação é sinônimo de socialização, se somos resultados de diferentes fatores sociais e a pessoa se socializa e se modela através do grupo, as pessoas idosas não podem, nem devem ser uma exceção a esse processo socializador”.

### Considerações finais

Apesar das críticas em torno do conceito do envelhecimento bem-sucedido, as pesquisas em torno do tema têm gerado uma contribuição inquestionável no sentido de se compreender como as pessoas podem experienciar o processo

de envelhecimento de forma mais satisfatória e digna. Também inquestionável é a influência (para bem ou para mal) que o conceito tem exercido sobre as políticas públicas relacionadas ao idoso, principalmente nos Estados Unidos e nos países europeus (e que começa a permear as políticas públicas nacionais à medida que o conceito começa a ser difundido pelos pesquisadores brasileiros).

A realidade precária das instituições de longa permanência no Brasil está muito aquém dos preceitos do envelhecimento bem-sucedido. Isso não significa, contudo, que não devam ser incluídas no debate gerontológico em torno do tema. Pelo contrário, acredita-se que a investigação de arranjos de envelhecimento bem-sucedido para a realidade das instituições de longa permanência brasileiras deve ser priorizada como pauta para a pesquisa, a fim de suportar e, mesmo, estimular práticas e políticas públicas futuras que visem aumentar a qualidade de vida nestes locais. Nesse sentido, o modelo da otimização seletiva com compensação parece ser uma importante contribuição teórica capaz de orientar estudos com este fim.

As questões ambientais abordadas neste artigo são de grande valor para a compreensão do modo como os idosos podem desenvolver resultados adaptativos mais adequados nas instituições de longa permanência. No entanto, observa-se que, embora cuidados com os aspectos ambientais sejam prescritos pelas normas legais que regulamentam o funcionamento desses estabelecimentos no país, existe muito pouca pesquisa voltada para a compreensão das relações entre os idosos e os ambientes das instituições de longa permanência. Dessa

forma, sugere-se que esta seja uma outra pauta importante de pesquisa para estudos nacionais com enfoque no conceito do envelhecimento bem-sucedido.

Embora seja ressaltada aqui a necessidade de pesquisas e práticas com enfoque neste importante conceito gerontológico, deve-se estar alerta para as conseqüências negativas que podem resultar de sua simplificação e má interpretação. Há que se ter cuidado, portanto, com aquilo que Neri (1995, p. 37) chama de "ideologia de velhice" vigente atualmente no Brasil, segundo a qual envelhecer bem só depende do indivíduo. Conforme as palavras da autora:

Envelhecer bem depende das chances do indivíduo quanto a usufruir de condições adequadas de educação, urbanização, habitação, saúde e trabalho durante todo o seu curso de vida. Estes são elementos cruciais à determinação da saúde (a real e a percebida) e da longevidade; da atividade, da produtividade e da satisfação; da eficácia cognitiva e da competência social; da capacidade de manter papéis familiares e uma rede de relações informais; das capacidades de auto-regulação da personalidade, do nível de motivação individual para a busca de informação e para a interação social, dentre outros indicadores comumente apontados pela literatura como associados a uma velhice bem-sucedida (p. 38).

### Abstract

## Successful aging and the environment of long-term care institutions

In this article the authors analyze how long-stay institutions, which are housing environments, can interact with the current paradigm of successful aging. First, a review

on the concept of successful aging, its history and the main criticisms to this concept are presented. Next, one of the theoretical models greatly valued by the scientific community nowadays is presented. This model is based on the balance between losses and gains of aging: the model of selective optimization with compensation. Then, the issue regarding the Brazilian long-stay institutions and the negative effects of institutionalization on the elderly are discussed. Finally, the authors analyze the physical environment of these institutions as the place where the adaptive results forecasted by the concept of successful aging should take place. Some considerations intended to improve the understanding of how these places can produce better adaptive results for the institutionalized elderly and contribute to make these institutions more adequate for the paradigm of successful aging are presented.

*Key words:* Successful aging. Long-stay institutions. Environmental gerontology.

### Referências

- BALTES, M. M.; CARTENSEN, L. L. The process of successful aging. In: MARKSON, E. W.; HOLLIS-SAWYER, L. A. *Intersections of aging: readings in social gerontology*. Los Angeles: Roxbury, 2000. p. 65-81.
- BEARON, L. B. Successful aging: what does the "good life" look like? *The Forum for Family and Consumers Issues*, v. 1, n. 3, Summer 1996. Disponível em: <<http://www.ces.ncsu.edu/depts/fcs/pub/aging.html>>. Acesso em: 11 ago. 2005.
- BORN, T.; BOECHAT, N. S. A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: FREITAS, E.V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 768-777.

- BRASIL. Portaria MS-810/89 – Normas para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento do idoso.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 8842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso.
- \_\_\_\_\_. Portaria SAS-073 de 10 de maio de 2001. Estabelece Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso no Brasil.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.
- CUPERTINO, A. P. *Avaliação pós-ocupação de instituições para idosos no Distrito Federal*. Dissertação (Mestrado) - UNB, Brasília, 1996.
- FREITAS, E. V. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, L. et al. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, 2004.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HOOYMAN, N. R.; KIYAK, H. A. *Social gerontology: a multidisciplinary perspective*. 6. ed. Allyn and Bacon, 2001.
- IMAMOGLU, E. O.; KILIÇ, N. A social psychological comparison of the turkish elderly residing at high or low quality institutions. *Journal of Environmental Psychology*, v. 19, p. 231-242, 1999.
- LAFIN, S. H. F. Asilos: algumas reflexões. In: CORTELLETTI, I.; CASARA, M.; HERÉDIA, V. *Idoso asilado: um estudo gerontológico*. Caxias do Sul: Educs, 2004. p. 111-113.
- MOORE, K. D. et al. A pragmatic environmental psychology: a metatheoretical inquiry into the work of M. Powell Lawton. *Journal of Environmental Psychology*, v. 23, p. 471-482, 2003.
- NERI, A. L. Psicologia do Envelhecimento: uma área emergente. In: NERI, A. L. (Org.). *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papirus, 1995. p. 13-40.
- NERI, A. L. Qualidade de vida na velhice e atendimento domiciliário. In: DUARTE, Y. A. O. *Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico*. São Paulo: Atheneu, 2000.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Planificación y organización de los servicios geriátricos*. Informe técnico nº 48. Genebra: OMS, 1974.
- PETRUS, A. Novos âmbitos em educação social. In: ROMANS, M.; PETRUS, A.; TRILLA, J. *Profissão: educador social*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 51-111.
- SCHEIDT, R. J.; HUMPHERYS, D. R.; YORGANSON, J. B. Successful aging: what's not to like? *The Journal of Applied Gerontology*, v. 18, n. 3, p. 277-282, sep. 1999.
- SCHWARZ, B. M. Powell Lawton's three dilemmas in the field of environment and aging. In: SCHEIDT, R. J.; WINDLEY, P. G. *Physical environments and aging: critical contributions of M. Powell Lawton to theory and practice*. The Haworth Press, 2003. p. 5-22.
- SOMMER, R. *Social Design: creating buildings with people in mind*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1983.
- TOMASINI, S. L. V. Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 2, n. 1, p. 76-88, 2005.
- WHAL, H. W.; WEISMAN, G. D. Environmental gerontology at the beginning of new millennium: reflections on its historical, empirical, and theoretical development. *The Gerontologist*, v. 43, n. 5, p. 612-627, 2003.
- WEISMAN, G. D.; MOORE, K. D. Vision and values: M. Powell Lawton and the philosophical foundations of environment-aging studies. In: SCHEIDT, R. J.; WINDLEY, P. G. *Physical environments and aging: critical contributions of M. Powell Lawton to theory and practice*. The Haworth Press, 2003. p. 23-37.

#### Endereço:

Sérgio Luiz Valente Tomasini  
 Rua Ramiro Barcellos 1915/303  
 CEP 90035-006  
 Porto Alegre - RS  
 E-mail: sergiovtomasini@yahoo.com.br

**Anexo 3** – Artigo submetido à avaliação para publicação: “*Design social de áreas externas em instituições para idosos: uma proposta de aplicação em gerontologia ambiental*”



## **Design social de áreas externas em instituições para idosos: uma proposta de aplicação em gerontologia ambiental\***

**Sérgio Luiz Valente Tomasini  
Beatriz Fedrizzi  
Johannes Doll  
Simone Alves  
Vera Beatriz Rojas**

### **RESUMO**

A crescente valorização das áreas externas no planejamento de ambientes para idosos tem sido acompanhada por valorosas publicações dedicadas a esse tema específico. Muitas dessas publicações resultam em recomendações de design e podem ser consideradas contribuições importantes para a transferência da pesquisa para a prática, tanto em gerontologia ambiental como nos estudos das relações pessoas-natureza. Nenhuma dessas contribuições, no entanto, está focada sobre o processo de design em movimento, a partir de abordagens participativas, tais como estratégias de pesquisa-ação. Discute-se, no artigo, portanto, como a própria atividade de design de áreas externas em instituições para idosos poderia representar uma promissora alternativa de aplicação em gerontologia ambiental. Sugere-se a utilização do conceito de design social como uma possibilidade de articular o planejamento desses espaços com os referenciais da gerontologia ambiental e dos estudos das relações pessoas-natureza.

**Palavras-chave: instituições para idosos, gerontologia ambiental, relações pessoas-natureza, design social.**

*\* Artigo submetido à publicação no “Journal of Applied Gerontology”, em 06 de setembro de 2008, com o título original em inglês: “Social Design of Outdoor Spaces at Institutions for the Elderly: an application proposal in environmental gerontology”*

### **Introdução**

A valorização das áreas externas vem se apresentando como um tema de crescente interesse no âmbito do planejamento de ambientes para idosos. Esse interesse tem sido acompanhado por consistentes publicações dedicadas tanto à apresentação de reflexões teóricas e resultados de estudos empíricos como de recomendações práticas de design relacionadas a esse tema específico (Carstens, 1998; Stoneham & Thoday, 1994; Wells, 1997; Rodiek & Schwarz, 2005).

O referencial teórico apresentado por essas publicações, de forma geral, está centrado nas contribuições de dois campos de investigação relacionados ao domínio maior dos estudos do ambiente-comportamento: - os estudos das relações pessoas-natureza e a gerontologia ambiental. Esses dois campos apresentam trajetórias distintas e interesses de pesquisa bem específicos, porém possuem objetivos convergentes quando se pensa na aplicação prática do conhecimento empírico e teórico disponível para melhorar as relações das pessoas com seus ambientes. Assim,

enquanto os estudos das relações pessoas-natureza fundamentalmente se baseiam nos efeitos benéficos do contato com cenários naturais sobre o bem-estar e a saúde humana (Ulrich, 1999; Grahn, 1994; Kaplan & Talbot, 1983), para a gerontologia ambiental, a qualidade de vida na velhice depende, entre outros fatores, do oferecimento de ambientes mais suportivos às pessoas à medida em que elas envelhecem (Lawton, 1973).

Windley e Weisman (2003) apresentam uma interessante revisão sobre exemplos de aplicação de resultados de pesquisa em gerontologia ambiental encontrados na literatura relacionada a esse campo de investigação. Eles organizam as contribuições encontradas em quatro escalas: a) regional, comunidade e vizinhança; b) lugar e paisagem; c) edificações; e d) design de interiores. As contribuições identificadas pelos autores para a escala lugar e paisagem são principalmente direcionadas ao design de áreas externas em ambientes planejados especificamente para idosos, tais como instituições de longa permanência. Uma das principais contribuições revisadas pelos autores nessa escala consiste na obra de Cooper Marcus e Barnes (1999) que se baseia no conceito de *healing gardens*. Este conceito também representa umas das principais aplicações práticas dos estudos das relações pessoas-natureza, ao partir da premissa que os jardins podem ter efeitos curativos e restaurativos sobre as pessoas (Stigsdotter & Grahn, 2002; Ulrich, 1999).

No seu artigo, os autores procuram ainda classificar as principais contribuições para a aplicação de pesquisas em gerontologia ambiental de acordo com categorias relacionadas ao tipo de estratégia utilizada para promover a transferência de resultados de pesquisa para a prática. Essas categorias são apresentadas ao longo de um continuum que abrange desde estratégias mais passivas e genéricas (abordagens do tipo *trickle down* e comunicação/disseminação) até aquelas mais ativas e altamente focadas em projetos específicos (pesquisa aplicada e pesquisa-ação) (Windley e Weisman, 2003). No extremo mais ativo deste continuum, eles situam a estratégia da pesquisa-ação e apresentam uma proposta de revitalização do modelo proposto por Kurt Lewin (1946) como uma prioridade para promover a conexão entre pesquisa e prática em gerontologia ambiental. Na escala do lugar e paisagem, no entanto, nenhum dos exemplos apresentados em sua revisão se encaixa na estratégia da pesquisa-ação. Todas as contribuições para essa escala estão concentradas na categoria de orientações de design, que ocupa uma posição intermediária no continuum proposto pelos autores.

Posterior a esse artigo, outra importante contribuição para o design de áreas externas em ambientes planejados para idosos pode ser encontrada no livro “*The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging*”, editado por Rodiek e Schwarz (2005). Essa obra reúne estudos realizados por diferentes autores sobre esse tema específico, sendo que vários entre eles resultam em recomendações de design (Kearny e Winterbottom, 2005; Bengtsson e Carlsson, 2005; Cranz e Young, 2005; Alves et al, 2005). Assim como nas contribuições revisadas por Windley e Weisman (2003), esses estudos estão preocupados em gerar recomendações que possam ser utilizadas no desenvolvimento de futuros projetos ou na condução de melhorias em áreas já existentes. Porém, embora essas recomendações resultem de avaliações realizadas a partir de cenários reais em uso e estejam centradas em estudos de necessidades e preferências dos usuários, nenhuma contribuição está focada sobre o processo de design em movimento, a partir de uma abordagem participativa, como é preconizado pela estratégia da pesquisa-ação.

Esta lacuna existente na literatura relacionada a esse tema consistiu na principal motivação para a elaboração do presente artigo. Discute-se, no artigo, como a atividade de design de áreas externas em instituições para idosos em si poderia representar uma promissora alternativa de aplicação em gerontologia ambiental no extremo mais ativo do continuum proposto por Windley e Weisman (2003). Sugere-se a utilização do conceito de design social como uma

possibilidade de articular o planejamento desses espaços com os referenciais da gerontologia ambiental e dos estudos das relações pessoas-natureza. O conceito de design social, como será discutido a seguir, difere do conceito tradicional de design ao utilizar métodos participativos de planejamento e conceitos próprios das ciências sociais (Sommer, 1983) e está profundamente associado à metodologia da pesquisa-ação.

Inicialmente, portanto, será abordado o conceito de design social, bem como serão realizados alguns comentários sobre a relação desse conceito com a metodologia da pesquisa-ação. Na sequência, procura-se estabelecer uma relação entre a gerontologia ambiental e os estudos das relações pessoas-natureza através de duas teorias frequentemente referidas na literatura sobre o planejamento de áreas externas em instituições para idosos: - o modelo da pressão-competência (Lawton & Nahemow, 1973) e a teoria dos jardins suportivos ou healing gardens (Cooper Marcus & Barnes, 1999). Por fim, propõe-se uma reflexão sobre como a utilização do conceito de design social para o planejamento de áreas externas em instituições para idosos pode ser articulado com essas duas teorias.

## **Design Social**

O design social é caracterizado por Robert Sommer (1983 p.7), um dos pesquisadores pioneiros na investigação desse conceito, da seguinte forma:

Design social significa trabalhar com as pessoas ao invés de trabalhar para elas; envolver as pessoas no planejamento e manejo dos espaços nos quais estão inseridas; educá-las para utilizar o ambiente de forma sensata e criativa para atingir um balanço harmonioso entre ambiente social, físico e natural; desenvolver uma consciência de beleza e um senso de responsabilidade para com o ambiente do planeta e para com outras criaturas vivas; gerar, compilar e tornar disponíveis informações sobre os efeitos de atividades humanas sobre o ambiente físico e natural, incluindo os efeitos do ambiente construído sobre seres humanos. Designers sociais não podem atingir estes objetivos sozinhos e sim com a participação de estruturas de organizações maiores, que incluem as pessoas para quem o projeto está sendo desenvolvido.

Ao prever o envolvimento dos usuários no processo de planejamento, o conceito de design social revela sua origem comum com a metodologia da pesquisa-ação. Assim, reconhece-se que métodos de design participativo têm suas origens metodológicas no trabalho de Kurt Lewin (Sommer, 1983; Luck, 2003), que pela primeira vez utilizou o termo pesquisa-ação em textos modernos para se referir a métodos que integravam pesquisa e prática (Melrose, 2001).

Abordagens de design participativo têm sido discutidas desde a década de 60 (Reich et al, 1996, Sommer, 1983). Tais abordagens são reconhecidas por admitirem o design como um processo social, ilustrando que a esfera da atividade de design se estende além do projetista. As pessoas, conhecidas comumente como usuários, são participantes no processo de design, o que torna menos definidos os limites entre projetistas e usuários (Luck, 2003). De acordo com Sommer (1983), porém, o design social difere de outras abordagens de design participativo ao estar baseado não somente na participação dos usuários, mas também na utilização de métodos e conceitos próprios das ciências sociais.

Zeisel (1997) descreve o design como um processo composto de quatro fases: programação, design, construção, uso e adaptação, e avaliação. Para Gifford (1997), seguindo uma abordagem baseada no conceito de design social, o pesquisador social pode desempenhar

um papel importante em cada um dos estágios deste processo, principalmente nas fases de programação e avaliação.

Em um processo de design baseado nesse conceito, a fase de programação consistiria de três etapas: estudo das necessidades dos usuários, envolvimento dos usuários nas possibilidades de design, e tradução de suas necessidades em orientações de design. A primeira etapa envolveria o discernimento das necessidades dos usuários através de instrumentos como levantamentos e entrevistas, observações de seus comportamentos e estudo de traços físicos deixados pelas pessoas. A segunda etapa envolveria a participação direta do usuário no processo de design, incluindo a motivação, o acionamento e a educação desses usuários. Por fim, a terceira etapa consistiria do estabelecimento de diretrizes específicas para o design de ambientes (Gifford, 1997).

Na fase de design propriamente dita, as orientações de design são transformadas em projetos de ambientes. Após a construção e a ocupação desses ambientes, o pesquisador social retorna ao local para avaliar o comportamento dos usuários e as possíveis alterações que esses possam ter realizado sobre os ambientes construídos (levadas a cabo na fase de uso e adaptação). Nesta fase, conhecida como avaliação pós-ocupação, examina-se a eficácia da programação e do design, usando, para isso, uma série de ferramentas ligadas às ciências sociais (Gifford, 1997).

O processo de design social, conduzido desta forma, permitiria constantes evoluções sobre os projetos, com a avaliação pós-ocupação funcionando como um mecanismo de realimentação da fase de programação de projetos futuros. O movimento cíclico formado por este processo de progressivas melhorias sobre os projetos produzidos, visualizado ao longo de uma linha de tempo, poderia ser comparado a uma espiral, tal como na “metáfora da espiral” proposta por Zeisel (1997). Esta espiral de evolução do processo de design estaria baseada na dinâmica de cooperação entre design e pesquisa. Assim, enquanto a atividade de design utiliza o conhecimento disponibilizado pela pesquisa em ambiente-comportamento para produzir soluções de projeto para determinados tipos de ambiente, a atividade de pesquisa utiliza a aplicação dessas soluções para testar teorias e formular novas hipóteses a partir do estudo de cenários e situações reais.

## **Gerontologia ambiental e estudos das relações pessoas-natureza**

Gerontologia ambiental é a área da gerontologia que se concentra sobre a descrição, explicação e modificação (ou otimização) das relações entre idosos e seus contextos sócio-espaciais. Desta forma, desempenha um importante papel dentro do empreendimento gerontológico, ao explicitar considerações do ambiente sócio-físico na teoria e pesquisa sobre envelhecimento (Wahl & Weisman, 2003).

Uma personalidade de importância seminal para o desenvolvimento dos estudos das relações ambiente-envelhecimento pode ser encontrada na figura de M. Powell Lawton, cujo trabalho influenciou praticamente todas as facetas desta linha de pesquisa. Entre suas muitas contribuições, Lawton ajudou a formar os fundamentos filosóficos que embasam esse campo, e deu direção a objetivos, teorias, métodos e estratégias de pesquisa (Weisman & More, 2003). De acordo com Regnier (2003), a gerontologia ambiental deve muito ao trabalho pioneiro de Lawton e sua habilidade de ver a pesquisa a partir de uma perspectiva teórica e prática. Com seu livro *Planning and Managing Housing for the Elderly*, publicado em 1975, estabeleceu a base para muitos guias de design e manuais de habitação para idosos publicados nas décadas de setenta e oitenta.

Juntamente com Nahemow, Lawton propôs em 1973 um modelo teórico para explicar os resultados adaptativos dos idosos em relação aos seus ambientes que permanece até hoje como umas das referências mais importantes para os estudos em gerontologia ambiental (Lawton & Nahemow, 1973). De acordo com este modelo, conhecido como modelo da pressão-competência, à medida que as pessoas envelhecem e têm suas competências reduzidas, os ambientes passam a exercer uma pressão maior sobre seu comportamento. Segundo o modelo, ainda, cada indivíduo tem um nível ou zona de demanda ambiental, que sendo atendida, poderia conduzir ao alcance de níveis ideais de ajustamento, conforto e desempenho. Caso contrário, quando a demanda sai do ideal, seja para mais ou para menos, aconteceria o comportamento menos eficiente. Desta forma, os idosos mais debilitados se adaptariam a uma menor variedade de ambientes, enquanto o oposto aconteceria com aqueles com as competências mais preservadas.

Partindo desse modelo, Lawton e Nahemow (1973) sugerem que resultados adaptativos insatisfatórios na relação de um idoso com o ambiente podem ser modificados através de manobras adaptativas tanto no nível do ambiente como no nível do indivíduo. Em ambos os níveis, ainda, o sujeito pode exercer um papel passivo ou ativo (Fig.1). Assim, tanto abordagens passivas como ativas poderiam ser utilizadas para reduzir o stress ambiental e auxiliar no reestabelecimento de um nível de adaptação dentro de um gama de resultados positivos.

Ponto de aplicação	O indivíduo desenvolve um papel passivo	O indivíduo desenvolve um papel ativo
Ambiente	Engenharia ambiental e social	O indivíduo define seu ambiente
Indivíduo	Reabilitação, prótese	Auto-terapia, descoberta de oportunidades de crescimento pessoal

**Figura1: Manobras adaptativas com os indivíduos desenvolvendo papéis ativos ou passivos e pontos de aplicação sobre a ambiente ou sobre o indivíduo (adaptado de Lawton, 1973).**

Uma das maneiras pela qual a literatura sobre áreas externas em ambientes planejados para idosos pode ser relacionada ao modelo proposto por Lawton e Nahemow (1973) é através do conceito de healing gardens (Cooper Marcus & Barnes, 1999; Stigsdotter & Grahn, 2002). Partindo do pressuposto de que os jardins podem ter efeitos terapêuticos sobre seus usuários, o design adequado dessas áreas é então apresentado como um recurso capaz de atuar positivamente tanto sobre os níveis ambiental como pessoal da relação idoso-ambiente.

Com base no conceito de healing gardens, Ulrich (1999) propôs a teoria dos jardins suportivos, através da qual sugere que a capacidade dos jardins de exercerem influências terapêuticas sobre as pessoas está principalmente relacionada a sua eficiência em facilitar a recuperação e o desenvolvimento de estratégias de coping para lidar com o stress. Estes efeitos estariam relacionados aos seguintes recursos restaurativos proporcionados pelos jardins: a) senso de controle: ao representar possibilidades de escape temporário de situações estressantes da vida diária, bem como de encontrar privacidade quando essa não é possível no interior das edificações;

b) suporte social: ao proporcionar local e oportunidades para o desenvolvimento de atividades que permitem a interação social; c) movimento físico e exercícios: possibilitando a realização de exercícios físicos ao ar-livre e reduzindo sintomas de depressão e d) acesso à natureza e outras distrações positivas: ao permitir a visão e a experiência do contato com elementos presentes nos espaços abertos, que estariam associados à recuperação do stress de acordo com resultados de pesquisas (Ulrich, 1984; Kaplan, 1973; Grahn, 1994; Grahn & Stigsdotter, 2003).

Os efeitos terapêuticos dos jardins estão, porém, estreitamente associados a um design adequado desses espaços. Um design inadequado, por outro lado, pode levar a uma baixa utilização dessas áreas (Rodiek, 2005; Cranz & Young, 2005) e até mesmo aumentar o nível de stress ao invés de produzir efeitos restaurativos (Ulrich, 1999). Então, uma considerável parte da pesquisa sobre este tópico tem sido voltada para a investigação de princípios capazes de orientar o design de espaços mais congruentes com as necessidades de seus usuários, de forma a estimular a sua utilização e garantir os efeitos terapêuticos esperados. Para isso, os estudos são realizados a partir de cenários já existentes e frequentemente envolvem o uso de entrevistas e de observações das pessoas no uso de áreas externas, numa abordagem que se aproxima da fase de avaliação pós-ocupação (Barnes & Cooper Marcus, 1999) do processo de design.

Jardins projetados com base em recomendações produzidas a partir deste tipo de avaliação tendem ao melhor atendimento de necessidades e preferências dos idosos e, com isso, a uma maior garantia do oferecimento dos recursos restaurativos preconizados pela teoria dos jardins suportivos (Ulrich, 1999). Seguindo este raciocínio, o acesso a jardins bem planejados poderia ser considerado uma eficiente manobra adaptativa para melhorar os resultados adaptativos de idosos a seus ambientes, de acordo com o modelo da pressão-competência de Lawton e Nahemow (1973). De acordo com a classificação apresentada na Figura 1, tal manobra estaria situada no nível ambiental quanto ao ponto de aplicação com o sujeito exercendo um papel passivo no processo de intervenção.

### **O processo de design como proposta de aplicação**

A avaliação pós-ocupação, como já foi comentado, constitui uma fase importante do processo de design, avaliando resultados de projetos em uso e produzindo recomendações para futuros projetos. A partir de uma abordagem de design social, no entanto, as possibilidades de uma participação mais ativa dos usuários residem nas fases anteriores do processo de design.

Assim, neste artigo, convida-se o leitor a transferir o foco das reflexões para as fases de programação e design propriamente dito do processo de design social, ou seja, as fases que antecedem a construção e utilização dos projetos. O que se propõe, basicamente, é a mudança do papel passivo dos idosos para um papel ativo no design de espaços abertos em ambientes planejados para este grupo de usuários. Mais do que isso, sugere-se que o emprego de métodos participativos nas fases iniciais do processo de planejamento, pode tornar o design desses espaços uma manobra adaptativa capaz de extrapolar o nível ambiental de aplicação para abranger também o nível do indivíduo.

Para explicar essa afirmativa, é necessário que se retome inicialmente as duas primeiras fases do processo de design social que interessam aos objetivos deste artigo, ou seja, a programação (composta por análise de necessidades, envolvimento dos usuários nas possibilidades de design, e estabelecimento de diretrizes para o design) e a atividade de design propriamente dita, bem como as possibilidades de participação dos usuários em cada uma delas.

A primeira etapa da programação, que corresponde ao estudo ou análise de necessidades, se assemelha à avaliação pós-ocupação, já que os dois procedimentos lançam mão dos mesmos

tipos de métodos para identificar necessidades e preferências das pessoas em relação aos seus ambientes (levantamentos e entrevistas, observações comportamentais, estudo de traços físicos, etc.). A diferença chave entre ambos é a orientação temporal, ou seja, enquanto a análise de necessidades ocorre no início de um projeto e se refere ao que as pessoas querem, a avaliação pós-ocupação é realizada depois que um projeto está pronto e se refere ao que as pessoas já possuem (Sommer, 1983). Visualizados ao longo da espiral de design, ambos procedimentos desempenham funções igualmente importantes na geração de ambientes mais congruentes com as necessidades dos usuários. Para os usuários, no entanto, existe uma grande diferença entre serem consultados antes de um projeto ser elaborado ou depois que a obra já foi executada e pouco pode ser feito para mudar a realidade existente. A consulta aos usuários antes do projeto ser elaborado, portanto, já consiste de uma forma de participação das pessoas na definição de como seus ambientes serão construídos.

O design social, no entanto, reserva um papel ainda mais ativo para os usuários durante o estudo de possibilidades de design e definição de requisitos, ainda na fase de programação e, mais tarde, na própria atividade de design. O envolvimento no estudo das possibilidades de design inclui a motivação e a educação dos usuários. Através de atividades como reuniões e workshops, os projetistas e pesquisadores procuram dividir com os usuários informações específicas sobre o projeto a ser desenvolvido (tais como limites de orçamento e tempo e os papéis a serem desempenhados por eles e pela equipe técnica), bem como expandir os horizontes dos usuários ao apresentar a eles diferentes soluções funcionais de design (Sommer, 1983; Gifford, 1997). Objetiva-se com isso preparar os usuários para a participação na elaboração das diretrizes de design e na etapa posterior de design propriamente dito. Neste trabalho educativo, os usuários também poderão receber informações importantes sobre como utilizar as soluções de design propostas para melhor atender as suas necessidades. Durante a etapa de design, as diretrizes estabelecidas na etapa anterior serão transformadas em planos e desenhos. Normalmente, esta tarefa compete apenas às equipes de profissionais das áreas de projeto (arquitetos, decoradores ou paisagistas), mas numa abordagem de design social pode haver uma grande interação com os usuários, através de apresentações de desenhos, maquetes ou simulações computadorizadas, acompanhadas de discussões em grupo sobre possíveis modificações a serem realizadas antes de se finalizar o projeto.

Refletindo-se sobre essa dinâmica que compõe as primeiras fases do design social, pode-se pressupor alguns benefícios importantes para os usuários à medida que desenvolvem papéis mais ativos na definição de seus ambientes. Citando mais uma vez as palavras de Robert Sommer:

A participação no design ajuda a satisfazer as necessidades de criação e controle, e é uma forma de produzir ambientes responsivos às necessidades dos ocupantes. Ela reúne as pessoas para falarem sobre problemas comuns, o que pode ser extremamente benéfico em uma comunidade dividida ou em uma grande organização burocrática onde as pessoas não se conhecem. A participação no design estabelece conexões entre as pessoas e seus entornos físicos e criam um senso de comunidade entre aqueles engajados no processo de planejamento (Sommer, 1983 p.122).

Tais benefícios são particularmente importantes quando se pensa nos cenários específicos das instituições para idosos, onde se sabe que a influência do ambiente sobre o comportamento das pessoas é particularmente crítica. Cenários institucionais representam exemplos de pressões ambientais que são independentes das preferências e escolhas pessoais (Kahana, 2003) e constituem ambientes que diferem radicalmente daqueles experimentados pela maioria dos idosos antes de sua admissão (Lawton, 1986). As instituições abrigam o segmento mais vulnerável da

população de idosos e são ambientes normalmente caracterizados por oferecerem demandas muito altas e demandas muito baixas, gerando resultados adaptativos negativos para os indivíduos (Lawton, 1986).

Uma das maiores dimensões do ambiente institucional é a sua dimensão de controle, que está relacionada à extensão com que administração e *staff* determinam o comportamento dos residentes, em contraste com a sua auto-determinação (Robert Kleemeier, 1959 apud Lawton, 1986, p. 114). Em um conhecido estudo realizado por Langer e Rodin (1976), verificou-se que mesmo pequenas intervenções planejadas para oportunizar escolhas e sentimentos de controle e responsabilidade sobre eventos da vida diária podem melhorar os resultados adaptativos de idosos aos ambientes institucionais. Através de um experimento de campo, os autores estimularam sentimentos de controle em um grupo de residentes de uma instituição dando a eles oportunidades para decidirem quando assistir filmes e para escolherem plantas para seus quartos. Três semanas após, verificou-se que, comparado ao grupo de controle, ao qual oportunidades de escolhas não foram oferecidas, o grupo que participou da intervenção teve melhorias significativas sobre resultados de alerta, participação ativa, e senso geral de bem-estar. Uma nova avaliação realizada pelos pesquisadores com os mesmos sujeitos demonstrou que esses benefícios se mantiveram em relação ao grupo de controle mesmo tendo transcorrido 18 meses após a intervenção (Rodin e Langer, 1977).

Como foi comentado anteriormente, o acesso a jardins bem planejados em instituições para idosos por si mesmo já pode auxiliar na geração de sentimentos de controle ao proporcionar possibilidades de escape temporário de situações de stress. O que se sugere, no entanto, é que, em um processo de design social, sentimentos de controle podem ser estimulados de maneira mais profunda, já que as escolhas reservadas aos sujeitos não se dão apenas sobre a utilização das áreas externas, mas também sobre a definição das características físicas desses espaços. Além disso, a mudança de um papel passivo do sujeito para um papel ativo no processo de design, implica não só na produção de ambientes mais congruentes com suas necessidades e desejos, mas também na consciência de sua colaboração para desenvolvimento de soluções para estes ambientes.

À luz da teoria dos jardins suportivos de Ulrich (1999) apresentada anteriormente, áreas externas bem planejadas também poderiam melhorar os resultados adaptativos de idosos aos ambientes institucionais ao constituírem locais que podem estimular o estabelecimento de contatos sociais (entre residentes, entre esses e os staffs ou entre esses e visitantes). A utilização de procedimentos participativos no planejamento desses espaços, no entanto, poderia ter uma função catalisadora na formação e consolidação das redes sociais dos sujeitos. Cabe lembrar que, em um processo de design social, a participação direta dos usuários nas fases de programação e design normalmente ocorre através de atividades de grupos, que consistem em excelentes oportunidades para se trabalhar a socialização dos indivíduos. De acordo com Lawton (1983), o comportamento social constitui uma das categorias que definem a competência comportamental de um indivíduo. Então, pensando-se que atividades educativas de cunho socializador podem estar embutidas em um processo de design social, o planejamento de áreas externas em ambientes para idosos poderia ser visto como uma manobra adaptativa também no nível do indivíduo e não apenas no nível do ambiente (Figura 1).

As possibilidades educativas que podem ser desenvolvidas especialmente na fase de programação estão entre as maiores forças do conceito de design social e poderiam ser utilizadas para potencializar ainda outros dois importantes recursos restaurativos dos jardins previstos pela teoria dos jardins suportivos (Ulrich, 1999): - o estímulo à movimentação física e à realização de exercícios e o acesso aos elementos naturais e outras distrações positivas disponíveis nos jardins. Assim, atividades educativas, levadas à cabo nessa fase do design, poderiam atuar como



mediadoras para a efetivação desses recursos ao servirem de estímulo à utilização das áreas externas. A baixa utilização de áreas externas em instituições para idosos é relatada em diversos estudos, sendo normalmente atribuída a um design pobre dessas áreas (Stoneham & Jones, 1997; Tomasini & Fedrizzi, 2003; Rodiek, 2005; Cranz & Young, 2005). Porém, projetos desenvolvidos sem nenhum tipo de envolvimento dos usuários também podem resultar em espaços pouco utilizados devido à pouca consciência dos residentes sobre os recursos disponíveis nesses locais. Por outro lado, quando participam das decisões relacionadas ao design desses espaços, as pessoas não só tomam conhecimento antecipadamente sobre a existência desses recursos como compartilham de informações privilegiadas sobre os mesmos. Então, em um processo de design social, os idosos poderiam ser estimulados a utilizarem essas áreas através de atividades educativas que abordassem os benefícios para a sua saúde relacionados ao contato com os elementos naturais dos jardins e à realização de exercícios físicos nesses locais. Essas atividades ainda poderiam estar associadas a um treinamento para capacitar os residentes a usufruírem desses benefícios, através da utilização adequada das soluções de design adotadas no projeto. Com isso, mais uma vez, o design social pode se apresentar como uma manobra adaptativa no nível do indivíduo, ao promover uma maior competência dos idosos para lidarem com os recursos ambientais disponíveis.

Provavelmente, participações nos projetos de edificações e espaços interiores em ambientes institucionais também poderiam constituir atividades capazes de desenvolver sentimentos de controle, estimular e fortalecer as redes sociais e educar os idosos para o uso mais efetivo dos recursos ambientais disponíveis. Mas a aplicação do conceito de design social às áreas externas pode ter algumas vantagens práticas que merecem ser consideradas. Em primeiro lugar, a possibilidade de se trabalhar com poucos recursos financeiros, já que os idosos podem participar do planejamento de pequenas intervenções nessas áreas, como a construção de canteiros para o cultivo de flores e plantas medicinais, o plantio de arbustos ornamentais ou ainda a construção de uma pequena fonte (evitando que os projetos sejam barrados por procedimentos burocráticos no estudo e avaliação de orçamentos). Em segundo lugar, o caráter efêmero de muitos de seus elementos e a maior flexibilidade dos arranjos espaciais nessas áreas, o que permite a realização de sucessivas adaptações para absorver a participação de novos residentes que vão ingressando na instituição ao longo do tempo. Por fim, a possibilidade de integrar as atividades de design a programas de terapia horticultural (Wells, 1997; Simson & Straus, 1998), garantindo uma continuidade das ações e criando oportunidades para que os idosos também participem da fase de execução e manutenção dos projetos implantados.

### **Considerações finais**

Com base nos argumentos discutidos neste artigo, conclui-se que o conceito de design social pode constituir uma alternativa promissora e coerente, dos pontos de vista teórico e metodológico, para elevar a pesquisa sobre o planejamento de áreas externas em ambientes para idosos ao extremo mais ativo do continuum estratégico de aplicação proposto por Windley e Weisman (2003).

Do ponto de vista teórico, a utilização do conceito no planejamento dessas áreas pode aprofundar e expandir as relações entre os referenciais da gerontologia ambiental e dos estudos das relações pessoas-ambiente, comumente exploradas na literatura dedicada a este tópico (através de possíveis benefícios sobre sentimentos de controle, formação e fortalecimento de redes sociais e da educação dos usuários para uma utilização mais efetiva das áreas externas). Do

ponto de vista metodológico, o design social está estreitamente associado à pesquisa-ação, estratégia essencialmente embasada na integração entre pesquisa e prática e na utilização de métodos participativos.

A aplicação do conceito de design social ao planejamento de espaços abertos em ambientes para idosos, implica, portanto, numa mudança no foco das aplicações de pesquisas apresentadas até o momento sobre este tema. Isto significa transferir a atual e mais comum busca por requisitos ou recomendações de design, a partir de estudos de projetos já implantados, para a investigação do próprio processo de design em movimento, incluindo o desenvolvimento de métodos adequados para envolver os idosos nas fases do design anteriores à execução e utilização dos projetos. Significa também a geração de um grande número de novas possibilidades e problemas de pesquisa, enfim uma importante oportunidade de expansão das investigações relacionadas a esse tema.

### Referências bibliográficas

- Alves, S.M, Gulwadi, G.B., & Cohen, U. (2005). Accommodating Culturally Meaningful Activities in Outdoor Settings for Older Adults. In S. Rodiek & B. Schwarz (Eds.), *The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging* (pp. 109-140). New York: The Haworth Press.
- Barnes, M. & Cooper-Marcus, C., Design philosophy. In C. Cooper-Marcus. & M. Barnes (Eds.), *Healing gardens: Therapeutic benefits and design recommendations* (pp. 87-114). New York: John Wiley & Sons.
- Bengtsson, A., & Carlsson, G. (2005). Outdoor Environments at Three Nursing Homes: Focus Group Interviews with Staff. In S. Rodiek & B. Schwarz (Eds.), *The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging* (pp. 49-69). New York: The Haworth Press.
- Carstens, D. (1993). *Site planning and design for the elderly: Issues, guidelines, and alternatives*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Gifford, R. (1997) *Environmental Psychology: principles and practices*. 2nd ed. Needham Heights: Allyn and Bacon.
- Cooper-Marcus, C., & Barnes, M. (Eds.) (1999) *Healing Gardens: Therapeutic benefits and design recommendations*. New York: John Wiley & Sons.
- Cranz, G., & Young, L. (2005) The Role of Design in Inhibiting or Promoting Use of Common Open Space: the case of Redwood Gardens, Berkeley, CA. In S. Rodiek & B. Schwarz (Eds.), *The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging* (pp. 71-93). New York: The Haworth Press.
- Grahn, P. (1994). The importance of green urban areas for people's well-being. *European Regional Planning*, 56, 89-112.
- Grahn, P., & Stigsdotter, U. (2003). Landscape planning and stress. *Urban Forestry & Urban Greening*, 2, 1-18.
- Kahana, E., Lovegreen, L., Kahana, B., Kahana, M. (2003) Person, environment, and person-environment fit as influences on residential satisfaction of elders. *Environment and Behavior*, 35(3), 434-453.
- Kaplan, R. (1973) Some psychological benefits of gardening. *Environment and Behavior*, 5, 145-162.

- Kaplan, R., & Talbot, J.F. (1983). Psychological benefits of a Wilderness Experience. In I. Altman & J.F. Wohlwill (Eds.), *Human Behavior and the Environment, Vol.6: Behavior and the Natural Environment* (pp. 163-203). New York: Plenum.
- Kearny, A.R., & Winterbottom, D. (2005) Nearby Nature and Long-Term Care Facility Residents: benefits and design recommendations. In S. Rodiek & B. Schwarz (Eds.), *The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging* (pp. 7-28). New York: The Haworth Press.
- Langer, E.J., & Rodin, J. (1976) The effects of choice and enhanced personal responsibility for the aged: A field experiment in an institutional setting. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34(2), 191-198.
- Lawton, M.P., & Nahemow, L. (1973) Ecology and the aging process. In C. Eisdorfer & M.P. Lawton (Eds.), *Psychology of adult development and aging* (pp. 619-674). Washington, DC: American Psychological Association.
- Lawton, M.P. (1983) Environmental and other determinants of well-being in older people. *The Gerontologist*, 23(4), 349-357.
- Lawton, M.P. (1986). *Environment and Aging*. (Classics in Aging Reprinted. Series I; v.1). New York: The Center for the Study of Aging, Second Edition.
- Lewin, K. (1946) Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, 1, 34-46.
- Luck, R. (2003) Dialogue in participatory design. *Design Studies*, 24, 523-535
- Melrose, M.J. (2001, May) Maximizing the Rigor of Action Research: why would you want to? How could you? *Field Methods*, 43 (2), 160-180.
- Regnier, V. (2003) Powell Lawton's Contributions to Purpose-Built Housing Design for the Elderly. In R.J. Scheidt, P.G. Windley (Eds.), *Physical Environments and Aging: critical contributions of M. Powell Lawton to Theory and Practice* (pp. 39-53). New York: The Haworth Press.
- Reich, Y.; Konda, S.; Levy, S. (1996) Varieties and issues of participation and design. *Design Studies*, 17, 165-180.
- Rodiek, S. (2005). Resident perceptions of physical environment features that influence outdoor usage at assisted living facilities. In S. Rodiek & B. Schwarz (Eds.), *The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging* (pp. 95-107). New York: The Haworth Press.
- Rodiek, S. & Schwarz, B. (Eds.) (2005) *The Role of the Outdoors in Residential Environments for Aging*. New York: The Haworth Press.
- Rodin, J., & Langer, E.J. (1977) Long-term effects of a control-relevant intervention with the institutionalized aged. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35(12), 897-902.
- Simson, P.S. & Straus, M.C. (Eds.) (1998). *Horticulture as therapy: principles and practice*. New York: The Haworth Press.
- Sommer, R. (1983). *Social design: Creating buildings with people in mind*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Stigsdotter, U.; Grahn, P. (2002). What Makes a Garden a Healing Garden? *Journal of Therapeutic Horticulture*, 13, 60-69.
- Stoneham, J. & Jones, R. (1997). Residential Landscapes: their contribution to the quality of older people's lives. In S.E. Wells, (Ed.) *Horticultural Therapy and the Older Adult Population*. New York: The Haworth Press.
- Stoneham, J. & Thoday, P. (1994) *Landscape design for elderly and disabled people*. Suffolk: Garden Art Press.

- Tomasini, S.L.V. & Fedrizzi, B. (2003) Espaços abertos em instituições para idosos [Outdoor spaces in institutions for the elderly]. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 5, 101-117.
- Ulrich, R.S. (1984). View through a window may influence recovery from surgery. *Science*, 224, 420-421.
- Ulrich, R.S. (1999). Effects of Gardens on Health Outcomes: theory and research. In C. Cooper-Marcus. & M. Barnes (Eds.), *Healing gardens: Therapeutic benefits and design recommendations* (pp. 27-86). New York: John Wiley & Sons.
- Wahl, H.W.; Weisman, G.D. (2003). Environmental Gerontology at the Beginning of New Millennium: Reflections on Its Historical, Empirical, and Theoretical Development. *The Gerontologist*, 43(5), 612-627.
- Weisman, G.D.; Moore, K.D. (2003). Vision and Values: M. Powell Lawton and the Philosophical Foundations of Environment-Aging Studies. In R.J Scheidt, P.G. Windley (Eds.), *Physical Environments and Aging: critical contributions of M. Powell Lawton to Theory and Practice* (pp. 23-37). New York: The Haworth Press.
- Wells, S.E. (Ed.) (1997). *Horticultural Therapy and the Older Adult Population*. New York: The Haworth Press.
- Windley, P.G.; Weisman, G.D. (2003). Environmental Gerontology Research and Practice: The Challenge of Application. In H.W Wahl, R.J., Scheidt & P.G. Windley (Eds.), *Annual Review of Gerontology and Geriatrics* (Vol. 23, pp.334-365). New York: Springer.
- Zeisel, J. (1997). *Inquiry by design: Tools for environment-behavior research*. Cambridge: Cambridge University Press.